

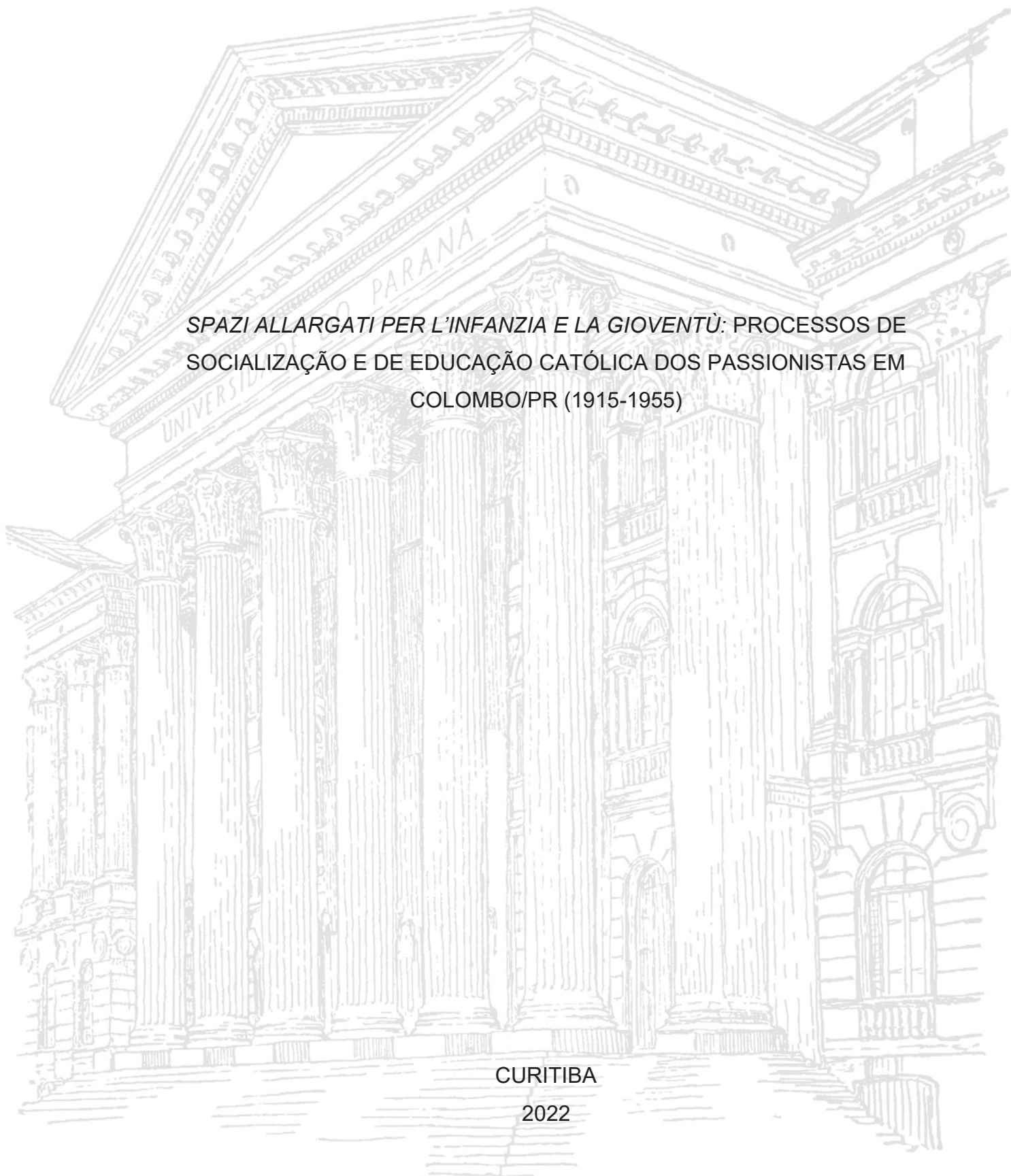
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARA FRANCIELI MOTIN

SPAZI ALLARGATI PER L'INFANZIA E LA GIOVENTÙ: PROCESSOS DE
SOCIALIZAÇÃO E DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DOS PASSIONISTAS EM
COLOMBO/PR (1915-1955)

CURITIBA

2022



MARA FRANCIELI MOTIN

SPAZI ALLARGATI PER L'INFANZIA E LA GIOVENTÙ: PROCESSOS DE
SOCIALIZAÇÃO E DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DOS PASSIONISTAS EM
COLOMBO/PR (1915-1955)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação, Linha de Pesquisa História e
Historiografia da Educação, Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do título de Doutora em
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Gizele de Souza

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Motin, Mara Francieli.

Spazi allagarti per l'infanzia e la gioventù : processos de socialização e de educação católica dos passionistas em Colombo/PR (1915-1955) / Mara Francieli Motin – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profª Drª Gisele de Souza

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Infância e juventude. 3. Escolas católicas – História. 4. Catolicismo – Brasil. 5. Católicos italianos. 6. Educação – História. I. Souza, Gisele de. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **MARA FRANCIELI MOTIN** intitulada: **Spazi allargati per l'infanzia e la gioventù: processos de socialização e de educação católica dos passionistas em Colombo/Pr (1915-1955)**, sob orientação da Profa. Dra. GIZELE DE SOUZA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 07 de Dezembro de 2022.

Assinatura Eletrônica

16/12/2022 21:37:14.0

GIZELE DE SOUZA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

21/12/2022 16:08:01.0

CLARICIA OTTO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

16/12/2022 15:17:00.0

MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

21/12/2022 13:29:30.0

TERCIANE ÂNGELA LUCHESE

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL)

Assinatura Eletrônica

16/12/2022 12:01:55.0

JUAREZ JOSE TUCHINSKI DOS ANJOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

A todos que contribuíram com esta pesquisa
e acreditam na educação

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, vida esta que permitiu que o meu caminho cruzasse com tantas pessoas especiais que contribuíram para a minha formação e a escrita desta pesquisa.

À minha orientadora, professora Gizele de Souza, pela confiança e oportunidade, leituras, indicações e por todas as conversas que me ajudaram a ter um olhar diferente.

Aos professores Clarícia Otto, Juarez José Tuchinski dos Anjos, Marcus Levy Bencostta, Terciane Ângela Luchese e Elaine Cátia Falcade Maschio, pela leitura atenta e respeitosa na qualificação; e agradeço novamente pelo aceite em continuar contribuindo com esta pesquisa nesta fase final do trabalho.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, pela seriedade e comprometimento com que trabalham na educação.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR, que foi a minha primeira casa, em especial à professora Evelyn de Almeida Orlando, por me mostrar os primeiros passos na pesquisa em história da educação.

Ao grupo de pesquisa e experiências, “Cultura Material Escolar”, pelas constantes reflexões.

Aos padres Passionistas, Leudes, Arlindo, Rogério e Alcides (*in memoriam*), ao padre scalabriniano, Claudio, à irmã Passionista, Terezinha, e à irmã do Sagrado Coração, Irene, por me permitirem entrar nos arquivos das congregações, preocupados em contribuir com essa pesquisa.

Às meninas, colegas da linha de pesquisa, que caminharam comigo neste processo, Alessandra, Edilene, Graci e Vanessa. À Joana, pela partilha desde o mestrado e processo de seleção.

À Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia, em especial à Rosangela e à Dona Bernadete, pelo trabalho incansável com o acervo iconográfico.

Aos amigos de pesquisas e produções de materiais da cultura dos imigrantes e descendentes de italianos de Colombo, Karine, Maristela, Marta, Fábio e Fran Lopes.

À minha família, por ser meu alicerce, mostrando que a vida passa por outros caminhos.

Ao Diego, meu companheiro de vida e maior incentivador, ajudando-me sempre e em todas as fases deste trabalho.

À Universidade Federal do Paraná.

*Esta é a história. Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo
desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem,
desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente.
Ela reitera um regime diferente, os mitos que se constroem sobre um
assassinato ou uma morte originária, e que fazem da linguagem o vestígio
sempre remanescente de um começo tão impossível de reencontrar quanto
de esquecer. (CERTEAU, 2017, p. 42)*

RESUMO

A presente pesquisa tem como temática a história da infância e da juventude, privilegiando os espaços ampliados e as ações que religiosos católicos, principalmente os Padres Passionistas, direcionaram para essas crianças e jovens entre os anos de 1915 a 1955, na cidade de Colombo/PR. Essa porta de entrada compõe um *locus* no tecido social que permite a discussão ampliada dessa infância e juventude para além da delimitação espacial proposta. A pergunta norteadora é: quais foram as ações postas por esses religiosos e como essas se constituíram como base para a formação educacional, cultural e social desta infância e juventude? Uma hipótese formulada é que tivemos ações desses religiosos não somente dentro de instituições de ensino, como também em outros locais, envolvendo a formação de crianças e jovens por meio de práticas educativas e sociais na comunidade, assim como um debate mais amplo em impressos sobre a concepção de infância, juventude e sua educabilidade, em que estas ações se desdobraram em uma formação educacional, cultural e social marcada por características étnicas italianas e católicas. Para isso, objetiva-se examinar as instruções e as ações voltadas para a infância e a juventude, descendentes de italianos, postas em circulação por congregações católicas e seus sujeitos, analisando como elas se relacionaram para a formação educacional, cultural e social dessas crianças e jovens. Um conceito utilizado como lente para análise e discussão é o de representações (CHARTIER, 1990), em que essas são instrumentos para a construção de um mundo social, com intencionalidades, amparadas em estratégias e práticas sociais. Além disso, essa produção com o outro se dará em um lugar (CERTEAU, 2017) onde, mais do que tornar possível conjunturas e problemáticas do historiador, se olha e se produz, no qual participam as congregações italianas e descendentes italianos pensando em uma infância e juventude. Nessas articulações, propostas e ações, os religiosos, a depender da posição, utilizaram-se de táticas e estratégias. Na concepção de Certeau (2014), em alguns momentos estão em um lugar de poder, com o cálculo das relações de forças, ditando regras para a formação da infância e da juventude; e, em outros, precisam se utilizar de astúcias para conseguir uma articulação política com vários polos e ideias. As fontes levantadas recaíram em materiais já utilizados pela história da educação, como fotografias e impressos, e outras fontes não tão usuais neste campo de pesquisa, como documentos de congregações católicas, cartas e diários, muitos inclusive em outra língua. A tese divide-se em três capítulos, para responder à questão e à hipótese, sendo que no primeiro privilegia nomes próprios de congregações católicas, relações Brasil e Itália e propostas de educabilidade da infância e da juventude em impressos. No segundo capítulo ressaltam-se as ações das congregações para a formação de vocações religiosas, tendo como público privilegiado as crianças e os jovens. Por fim, no último capítulo é ampliada a discussão das ações e das propostas para esses sujeitos, destacando a construção de uma identidade ítalo-brasileira.

Palavras-chave: 1. História da Infância 2. História da Juventude 3. Educação Católica 4. Italianidade 5. Padres Passionistas

ABSTRACT

The present research theme is the history of childhood and youth, privileging the expanded spaces and the actions that Catholic religious, especially the Passionist Fathers, directed to these children and young people from 1915 to 1955, in the city of Colombo/PR. This gateway forms a locus in the social space that allows for an expanded discussion of childhood and youth beyond the proposed spatial delimitation. The guiding question is: what were the actions taken by these religious and how were these constituted as a basis for the educational, cultural and social formation of this childhood and youth? A hypothesis formulated is that we had actions by these religious not only within educational institutions, but also in other places, involving the formation of children and young people through educational and social practices in the community, as well as a broader debate in printed papers about the conception of childhood, youth and their educability, in which these actions unfolded in an educational, cultural and social formation marked by Italian and Catholic ethnic characteristics. This study is intended to examine the instructions and actions aimed at children and youth of Italian descent, put into circulation by Catholic congregations and their subjects, analyzing how they were related to the educational, cultural and social formation of these children and young people. A concept used as a lenses for analyzing and discussing this project, is the concept of representations (CHARTIER, 1990), in which instruments are used for building a social world, with intentions, supported by social strategies and practices. In addition, this production with the other will take place in a space (CERTEAU, 2017) where, more than making possible historian's conjunctures and problems, it is given a look at it and produced on it, in which Italian congregations and Italians descendants participate, thinking about a childhood and youth. From these articulations, proposals and actions, the religious, depending on their position, used tactics and strategies. In the conception of Certeau (2014), at times they are in a place of power, with the calculation of power relations, dictating rules for the formation of childhood and youth; and, in others, they need to use cunning to achieve political articulation with various poles and ideas. The sources raised on this research fell on materials already used by the history of education, such as photographs and printed papers, and other sources not so usual in this field of research, such as documents from Catholic congregations, letters and diaries, many of them even in written in another language. The thesis is divided into three chapters to answer the question and the hypothesis. The first, privileges proper names of Catholic congregations, Brazil and Italy relations and proposals for educating children and youth in printed papers. The second chapter, the actions of the congregations for the formation of religious vocations are highlighted, having children and young people as a privileged public. Finally, the last chapter expands the discussion of actions and proposals for the subjects, highlighting the construction of an Italian-Brazilian identity.

Keywords: 1. Childhood History 2. Youth History 3. Catholic Education 4. Italianity
5. Passionist Fathers

RIASSUNTO

La presente ricerca ha come tema la storia dell'infanzia e della gioventù, in particolare gli spazi allargati e le azioni che i religiosi cattolici, soprattutto i Padri Passionisti, hanno dedicato a bambini e giovani, dal 1915 al 1955, nella città di Colombo (PR). Questa porta d'ingresso costituisce un locus nel tessuto sociale che consente una discussione allargata dell'infanzia e della gioventù che va oltre la delimitazione spaziale proposta. La domanda guida è: quali sono state le azioni intraprese da questi religiosi e in che modo esse hanno costituito la base per la formazione educativa, culturale e sociale di questa infanzia e gioventù? Un'ipotesi formulata è che questi religiosi non abbiano agito soltanto all'interno delle istituzioni educative, ma anche in altri luoghi, contribuendo così alla formazione di bambini e di giovani attraverso pratiche educative e sociali nella comunità. Queste 'buone pratiche' hanno altresì aperto ad un più ampio dibattito sulla stampa riguardo la concezione dell'infanzia, della gioventù e della loro educabilità, tenendo conto che molte di queste azioni hanno condotto ad una formazione educativa, culturale e sociale segnata da caratteri etnici italiani e cattolici. Per questo, l'obiettivo è esaminare le istruzioni e le azioni rivolte ai bambini e ai giovani di origine italiana, messe in circolazione dalle congregazioni cattoliche e dai loro soggetti, ed analizzarne il rapporto con la formazione educativa, culturale e sociale di questi bambini e giovani. Un concetto utilizzato come lente di analisi e discussione è quello delle rappresentazioni (CHARTIER, 1990) in quanto strumenti per la costruzione di un mondo sociale, con intenzioni supportate da strategie e pratiche sociali. Inoltre, questa produzione con l'altro avverrà in un luogo (CERTEAU, 2017) dove si guarda, si produce e vengono rese possibili congiunture e problemi dello storico. Questo luogo è luogo di congregazioni italiane e discendenti di italiani, in cui si pensa all'infanzia e alla gioventù. In tutte queste articolazioni, proposte ed azioni, i religiosi, a seconda della loro posizione, utilizzavano tattiche e strategie diverse. Nella concezione di Certeau (2014), a volte si trovano in un luogo di potere, con il calcolo dei rapporti di forza, e possono dettare regole per la formazione dell'infanzia e della gioventù; altre volte, invece, sono costretti ad usare l'astuzia per raggiungere un'articolazione politica con altri poli e idee differenti. Le fonti raccolte sono materiali già utilizzati dalla storia dell'educazione, come fotografie e stampe, ma anche fonti non così usuali in questo campo di ricerca, come documenti di congregazioni cattoliche, lettere e diari, molti anche in un'altra lingua. La tesi si articola in tre capitoli, per rispondere alla domanda e all'ipotesi: il primo privilegia i nomi propri delle congregazioni cattoliche, i rapporti tra Brasile e Italia e le proposte di educazione dei bambini e dei giovani sulla stampa. Nel secondo capitolo, vengono evidenziate le azioni delle congregazioni per la formazione delle vocazioni religiose, che hanno come pubblico privilegiato i bambini e i giovani. Infine, nell'ultimo capitolo, viene ampliata la discussione delle azioni e proposte a queste persone, evidenziando la costruzione di un'identità italo-brasiliana.

Parole chiave: 1. Storia dell'infanzia 2. Storia della Gioventù 3. Educazione Cattolica
4. Italianità 5. Padri Passionisti

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DESENHADO POR PE. PIETRO COLBACCHINI, EM 1888.....	23
FIGURA 2 – MAPA DO MUNICÍPIO DE COLOMBO, 1929	25
FIGURA 3 – PADRES CANDIDO E EDOARDO NA CIDADE DE ANTONINA, 1913	61
FIGURA 4 – EXTRATO DE UMA PÁGINA DE UM DOS DIÁRIOS DE PE. CANDIDO	66
FIGURA 5 – ANÚNCIO DA “ALITALIA” NA REVISTA CALVÁRIO	80
FIGURA 6 – BILHETE DE ANTONIO PUPPI, 1927	81
FIGURA 7 – PADRE ALBERTO, EM PADOVA, NO FINAL DA DÉCADA DE 1920 .	84
FIGURA 8 – CARTÃO-POSTAL ENVIADO POR PADRE ALBERTO, DE NOVE, EM 1929	86
FIGURA 9 – PE. ALBERTO EM VENEZA, 1950	88
FIGURA 10 – PE. ALBERTO NA 1ª GUERRA MUNDIAL	89
FIGURA 11 – PE. ANGELO NA 2ª GUERRA MUNDIAL.....	91
FIGURA 12 – PE. ALBERTO NA CASA CANÔNICA, COLOMBO.....	93
FIGURA 13 – HOMENAGEM A GETÚLIO VARGAS, 1942	97
FIGURA 14 – PE. ALBERTO COM AUTORIDADES POLÍTICAS, ENTRE 1944 E 1945	98
FIGURA 15 – ALTAR LATERAL DA IGREJA DE COLOMBO, 1920/1930	101
FIGURA 16 – 1ª COMUNHÃO EM COLOMBO, 1922.....	102
FIGURA 17 – PRESBITÉRIO DA IGREJA MATRIZ DE COLOMBO, ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1930.....	103
FIGURA 18 – MISSÃO NO CAPIVARI, DÉCADA DE 1920	107
FIGURA 19 – PÁGINA DO LIVRO “LEZIONI DI CATECHISMO ALLE BAMBINE FINO AI DIECI ANNI”	112
FIGURA 20 – ABERTURA DA PÁGINA INFANTIL, REVISTA <i>CALVÁRIO</i>	120
FIGURA 21 – ATIVIDADES DA PÁGINA INFANTIL	122
FIGURA 22 – PÁGINA “MESA REDONDA”	123
FIGURA 23 – CRIANÇA REPRESENTADA COMO MISSIONÁRIO PASSIONISTA NA REVISTA “CALVÁRIO”	137
FIGURA 24 – CRIANÇAS COM O SÍMBOLO PASSIONISTA NA REVISTA <i>CALVÁRIO</i>	139
FIGURA 25 – GRUPO DE ALUNOS DO SEMINÁRIO PASSIONISTA.....	141

FIGURA 26 – GRUPO DE ALUNOS DO SEMINÁRIO PASSIONISTA.....	142
FIGURA 27 – ENXOVAL PARA INGRESSO NO COLÉGIO.....	145
FIGURA 28 – FIGURA QUE APARECEU JUNTO AO APELO DA REVISTA PARA AS VOCAÇÕES	146
FIGURA 29 – SEMINARISTAS NA CIDADE DE COLOMBO, DÉCADA DE 1950..	150
FIGURA 30 – SEMINARISTAS EM COLOMBO, 1948.....	154
FIGURA 31 – ESTUDANTES PASSIONISTAS, DÉCADA DE 1960.....	155
FIGURA 32 – DESPESAS IGREJA DE COLOMBO, 1950	156
FIGURA 33 – JUVENISTAS NA CIDADE DE COLOMBO, ENTRE 1927 E 1933...	161
FIGURA 34 – NEY COSTA E MADALENA BONATO JUNTO COM OS SEUS FILHOS	168
FIGURA 35 – SEMINARISTAS JUNTO AOS RELIGIOSOS, 1925.....	172
FIGURA 36 – SEMINÁRIO EM OSASCO/SP	176
FIGURA 37 – SEMINARISTAS JOGANDO BOCHA, EM CURITIBA, 1930.....	177
FIGURA 38 – BODAS DE OURO DE PE. ALBERTO, CURITIBA, 1950.....	179
FIGURA 39 – COMEMORAÇÃO DO JUBILEU DE PRATA DAS IR. HELENA MARIOTTO, IR. ANTONIETTA FARANI E IR. LUIZA GRASSI, CURITIBA, DÉCADA DE 1950.....	180
FIGURA 40 – BODAS DE OURO DE GIOVANNI (NEY) COSTA E MADALENA BONATO, 1950	181
FIGURA 41 – BODAS DE OURO DE GIOVANNI (NEY) COSTA E MADALENA BONATO, 1950	182
FIGURA 42 – CONTRATO ENTRE A FABRICERIA DE COLOMBO E AS IRMÃS DE S. JOSÉ	184
FIGURA 43 – FAMÍLIA NEGRÃO, DÉCADA DE 1940.....	186
FIGURA 44 – TRECHO DE UMA CARTA DE MARIA APARECIDA SCHLEDER NEGRÃO, 1931.....	189
FIGURA 45 – TRECHO DE UMA CARTA DE MARIA APARECIDA SCHLEDER NEGRÃO, 1934.....	190
FIGURA 46 – TRECHO DE UMA CARTA DE MARIA APARECIDA SCHLEDER NEGRÃO, 1938.....	191
FIGURA 47 – CELEBRAÇÃO COM O BISPO DOM ATTICO, EM COLOMBO, 1938	199
FIGURA 48 – VISITA DE NOSSA SENHORA A CASA DE ROSA FIORESE.....	200

FIGURA 49 – PE. CANDIDO, IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E FILHAS DE MARIA, COLÉGIO SANTO ANTONIO, 1917	203
FIGURA 50 – EVENTO MARIANO EM SÃO PAULO, 1937.....	206
FIGURA 51 – CONGREGAÇÃO MARIANA, COLOMBO.....	208
FIGURA 52 – CRUZADA EUCARÍSTICA INFANTIL, OSASCO, 1944	214
FIGURA 53 – CRUZADA EUCARÍSTICA INFANTIL, DÉCADA DE 1950	215
FIGURA 54 – MISSÕES EM COLOMBO, 1935	217
FIGURA 55 – RECADO DA REVISTA <i>CALVÁRIO</i> AOS PAIS.....	219
FIGURA 56 – DESPESAS IGREJA DE COLOMBO, 1940	220
FIGURA 57 – PROCISSÃO COM O ANDOR, COLOMBO, DÉCADA DE 1950.....	222
FIGURA 58 – LEMBRANÇA DA 1º COMUNHÃO, 1951	224
FIGURA 59 – PE. BONATO NO BAIRRO DO CAPIVARI, COLOMBO, ENTRE 1900 E 1913.....	227
FIGURA 60 – LEMBRANÇA DA PRIMEIRA COMUNHÃO – ELVIRA D’AGOSTIN	233
FIGURA 61 – PRIMEIRA COMUNHÃO, SANTA FELICIDADE, 1930	234
FIGURA 62 – 1º COMUNHÃO EM COLOMBO, INÍCIO DA DÉCADA DE 1920	239
FIGURA 63 – CRIANÇAS NO COLÉGIO CATÓLICO, COLOMBO, 1951	240
FIGURA 64 – PRIMEIRA COMUNHÃO, COLOMBO, ENTRE 1947 E 1955.....	242
FIGURA 65 – PRIMEIRA COMUNHÃO EM COLOMBO, PRIMEIRA METADE DE DÉCADA DE 1950	243
FIGURA 66 – ESCOLA EM SANTA FELICIDADE, 1900	246
FIGURA 67 – COLÉGIO SANTO ANTONIO, 1917	250
FIGURA 68 – MISSA REALIZADA NO COLÉGIO SANTO ANTONIO, 1917.....	251
FIGURA 69 – CASA DE ALFEO PUPPI, DÉCADA DE 1920	256
FIGURA 70 – CHEGADA DAS PASSIONISTAS EM COLOMBO, EM 1927	258
FIGURA 71 – IRMÃS PASSIONISTAS COM PE. ALBERTO E ALUNOS EM COMEMORAÇÃO CÍVICA – 1928	261
FIGURA 72 – IRMÃS DE SÃO JOSÉ, EM COLOMBO, 1935	263
FIGURA 73 – IRMÃS DE SÃO JOSÉ, EM COLOMBO, 1935	264
FIGURA 74 – PARTE DO ACERVO DO PE. ALBERTO, COM A FOTOGRAFIA DE 1935	265
FIGURA 75 – CIDADE DO VATICANO COM AS IMAGENS DO PAPA PIO XI, CARD. GASPARRI, REI VITOR EMANUEL E MUSSOLINI – 1929	268

FIGURA 76 – COMEMORAÇÃO DA GRANDE VITÓRIA, 15 DE OUTUBRO DE 1945	
.....	270

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – RELIGIÕES DECLARADAS PELA POPULAÇÃO DE COLOMBO, 1950	27
QUADRO 2 – PERCENTUAL DE PESSOAS DE 5 A 14 ANOS, COM INDICAÇÃO DAS QUE SABEM LER E ESCREVER	27
QUADRO 3 – PÁROCOS DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, COLOMBO.....	35
QUADRO 4 – ENTRADA DE ORDENS E CONGREGAÇÕES NO PARANÁ, ATÉ O ANO DE 1955	53
QUADRO 5 – RELIGIOSOS PASSIONISTAS ITALIANOS QUE TRABALHARAM NA PROVÍNCIA DO CALVÁRIO	74
QUADRO 6 – PRIMEIRAS RELIGIOSAS PASSIONISTAS ITALIANAS QUE CHEGARAM AO BRASIL	75
QUADRO 7 – LIÇÕES DO LIVRO DE CATEQUESE	113
QUADRO 8 – QUANTIDADE DE VOCAÇÕES POR SOBRENOME, EM COLOMBO	170
QUADRO 9 – PRIMEIRAS FILHAS DE MARIA EM COLOMBO.....	203

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO DE COLOMBO.....	26
GRÁFICO 2 – QUANTITATIVO DA ENTRADA DAS VOCAÇÕES NO PERÍODO DE CADA PÁROCO EM COLOMBO	164
GRÁFICO 3 – ANO DE ENTRADA DAS VOCAÇÕES COLOMBENSES	165

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEVEP	- Centro de Estudos Vênnetos no Paraná
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPGE	- Programa de Pós-Graduação em Educação
PR	- Paraná
PUCPR	- Pontifícia Universidade Católica do Paraná
RBHE	- Revista Brasileira de História da Educação
RHE	- Revista História da Educação
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
 1 OS SUJEITOS E AS SUAS PROPOSTAS PARA A INFÂNCIA E A JUVENTUDE DESCENDENTES ITALIANOS.....	45
1.1 A IGREJA NO BRASIL E A CHEGADA PASSIONISTA A COLOMBO, NO PARANÁ.....	46
1.2 OS PASSIONISTAS: ENTRE ITÁLIA E BRASIL	72
1.3 OS PASSIONISTAS E AS PROJEÇÕES PARA A INFÂNCIA: ESCRITOS E IMPRESSOS	105
1.3.1 – As missões Passionistas	105
1.3.2 – Lezioni di catechismo alle bambine	111
1.3.3 – Revista “Calvário”	118
 2 VOCAÇÕES, UM EXÉRCITO DE MINICATÓLICOS?	131
2.1 AÇÕES PARA CONVOCAR	132
2.2 COLOMBO E SUAS (CON)VOCAÇÕES	149
2.3 POR DENTRO DO SEMINÁRIO E DO CONVENTO	173
 3 SPAZI ALLARGATI PER L’INFANZIA E LA GIOVENTÙ	195
3.1 FAMÍLIA, FESTAS E MOVIMENTOS VOLTADOS À INFÂNCIA	197
3.2 A CATEQUESE E A PRIMEIRA COMUNHÃO.....	218
3.3 ITALIANIDADES FORA DA ITÁLIA.....	244
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	273
 REFERÊNCIAS.....	280
 FONTES.....	293
 ANEXOS	300

INTRODUÇÃO

O grande Leibniz, ele próprio nos deixou uma confissão a respeito: quando das abstraías especulações matemáticas ou da teodicéia passava para o deciframento dos velhos documentos ou das velhas crônicas da Alemanha imperial, experimentava, como todos nós, essa "volúpia de aprender coisas singulares".
(BLOCH, 2001, p. 44)

Ao ler o nome de Leibniz é impossível não associar ao Cálculo, disciplina que leciono na universidade desde 2013. Pelas palavras de Bloch (2001) a respeito do ofício do historiador, não deixo de pensar, assim como o autor, em certa relação entre a Matemática e a História, como o fato de que em ambas é preciso encontrar os fragmentos de informações, organizar as ideias e utilizar uma metodologia para obter uma resposta. A Matemática também tem seus encantos: às vezes, no cálculo de limites, consigo por meio de artifícios matemáticos transformar as indeterminações, como $\infty \div \infty$, em um valor numérico. Os encantos da História são um pouco diferentes (mas da mesma forma interessantes). Nela nem sempre os resultados são tão exatos, pois, como pontua o próprio Bloch, a história se faz no problematizar ao se voltar para as ações do homem. Isso denota que “os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam à medida matemática” (BLOCH, 2001, p. 54). Mas a Matemática, mesmo sendo dita como exata, também dá indícios de resultados que escapam às medidas, por exemplo, pensar que num espaço finito, como no intervalo dos números reais de 1 a 2, existem infinitos números nele. Voltando para a História, esse infinito também aparece nas abordagens que posso fazer na escrita de uma tese sobre a História da Infância e da Juventude na linha de História da Educação, na qual não tenho como fugir das escolhas das infinitas possibilidades no trato com fontes e discussões e, ao final, apresentar um texto finito. Mas talvez o mais importante seja que todas essas articulações estão amparadas em questões que me são importantes hoje, e que permitem colocar a pesquisa em movimento, já que

se existe, pois, uma função histórica, que especifica a incessante confrontação entre um passado e um presente, quer dizer, entre aquilo que organizou a vida ou o pensamento e aquilo que hoje permite pensá-los, existe uma série indefinida de “sentimentos históricos” (CERTEAU, 2017, p. 25).

A construção de uma tese e o pensar no meu objeto passam por um caminho de questões e aproximações ao tema, que, na afirmativa de Certeau (2017), remete a uma série indefinida de “sentimentos históricos”. Estudar a história da infância e da juventude descendentes de imigrantes italianos, em antigas colônias do Paraná, que compuseram à cidade de Colombo – principalmente pela via de instituições religiosas e práticas educativas e sociais dentro e fora de ambientes escolares, entre 1915 e 1955 – remete a pensar na infância e na juventude dos meus (mas também de outros) *nonos* e *nonas*¹, e em como isso reverberou e reverbera na cultura da comunidade, já que “[...] a história não para de encontrar o presente no seu objeto e o passado nas suas práticas” (CERTEAU, 2017, p. 27).

Cresci, em parte, dentro da temática deste trabalho, mas isso não chega nem perto de ser suficiente para a escrita de uma tese. Este modo de fazer história dentro dos moldes da pesquisa acadêmica se iniciou com a trajetória do meu mestrado em Educação², no qual tive como objeto uma congregação feminina italiana, as Irmãs Passionistas, e sua atuação em uma instituição de ensino católica, na cidade de Colombo/PR. A ênfase na dissertação estava nas práticas escolares e nos livros didáticos utilizados por essas religiosas, porém, mesmo de forma sutil, percebi traços da atuação da congregação e da Igreja na infância e na juventude de descendentes de imigrantes italianos, em outros locais, como para fora dos muros escolares. Esse contato me instigou a ter um horizonte inicial para adentrar na aventura do doutorado pela temática da infância e da juventude étnica italiana. De família de origem vêneta, participando da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e Veneti nel Mondo, e do CEVEP³, tive contato com alguns dos descendentes de italianos nascidos na primeira metade do século XX, com suas lembranças e histórias, que suscitaram em mim algumas questões: como a Igreja se fez tão presente na formação desses sujeitos

¹ Optei por utilizar um neologismo comum, na cidade de Colombo, para designar avôs e avós, resultado do contato linguístico entre o dialeto vêneta (*nono* e *nona*) e o português (flexão de plural).

² MOTIN, Mara Francieli. *Entre Igreja, escola e sociedade: as Irmãs Passionistas na construção de uma representação identitária em Colombo/PR, (1927 – 1978)*. 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.

³ CEVEP – Centro de Estudos Vênetos no Paraná. É um grupo de pesquisa, mas principalmente de trabalho, em que os integrantes buscam a salvaguarda da língua e da cultura Talian, por meio de diversas atividades, como: i) entrevistas com detentores; ii) produção de material didático para o ensino da língua; iii) produção de dicionário; iv) interação com a comunidade por meio de mídias sociais; v) mapeamento dos falantes e pessoas que se identificam com a língua e cultura Talian; vi) organização de acervo e produções históricas. Link na plataforma do CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4102849645045565

quando muitos nem frequentaram a escola católica da cidade? A Igreja, pelas congregações, emitia discursos voltados para as crianças e os jovens? Que práticas foram pensadas, as quais marcaram tão enfaticamente a formação deles, e que reverberam em suas ações até hoje?

A origem desses sujeitos remete a uma imigração italiana que teve diferentes características no território brasileiro e representou, segundo Alvim (2000), 40% dos imigrantes que chegaram ao país, entre 1870 e 1920. Esse contingente passou por uma oscilação entre políticas de branqueamento, procura de mão de obra em larga escala para o trabalho no campo e oferta de pequenas propriedades aos camponeses. Mas tudo isso contou com o contexto italiano, no qual se procurava resolver os problemas econômicos depois de 1850, tendo na emigração um equilíbrio e um grande alívio.

No Sul do Brasil, os imigrantes tinham a possibilidade de se tornar donos de pequenas e médias propriedades. Quando se fala da imigração italiana nessa região, o peso numérico está ao lado do Rio Grande do Sul. No Paraná esses números não são tão significativos nesse comparativo; Alvim (2000) ressalta que, entre 1829 e 1911, do total de imigrantes que adentraram às terras paranaenses, o contingente italiano representou 8,9%.

Apesar desse pequeno percentual, uma característica importante da imigração italiana paranaense é que essa é bastante homogênea. Balhana (1958, p. 33) ressalta: “a quase totalidade, cêrca de 90%, dos agricultores e pequenos artesões italianos que colonizaram terras paranaenses, veio do Vêneto”. Consequentemente esse atributo traz marcas de uma identidade que reverberou na comunidade e no seu desenvolvimento.

Os primeiros imigrantes italianos que desembarcaram no Paraná tinham o incentivo do governo brasileiro e eram agenciados pelo italiano Savino Tripoti, na primeira metade da década de 1870. Foi uma primeira experiência não profícua na colônia Alexandra, na qual Cenni (1975) ressalta que nessa localidade, sem os lotes demarcados, nem os encargos da entrega de casas para moradia o governo da província assumiu, passando a André Braz Chalhreu Júnior o papel de instalar os colonos italianos numa grande colônia formada por diversos núcleos, chamada Nova Itália, nos municípios de Morretes e Antonina.

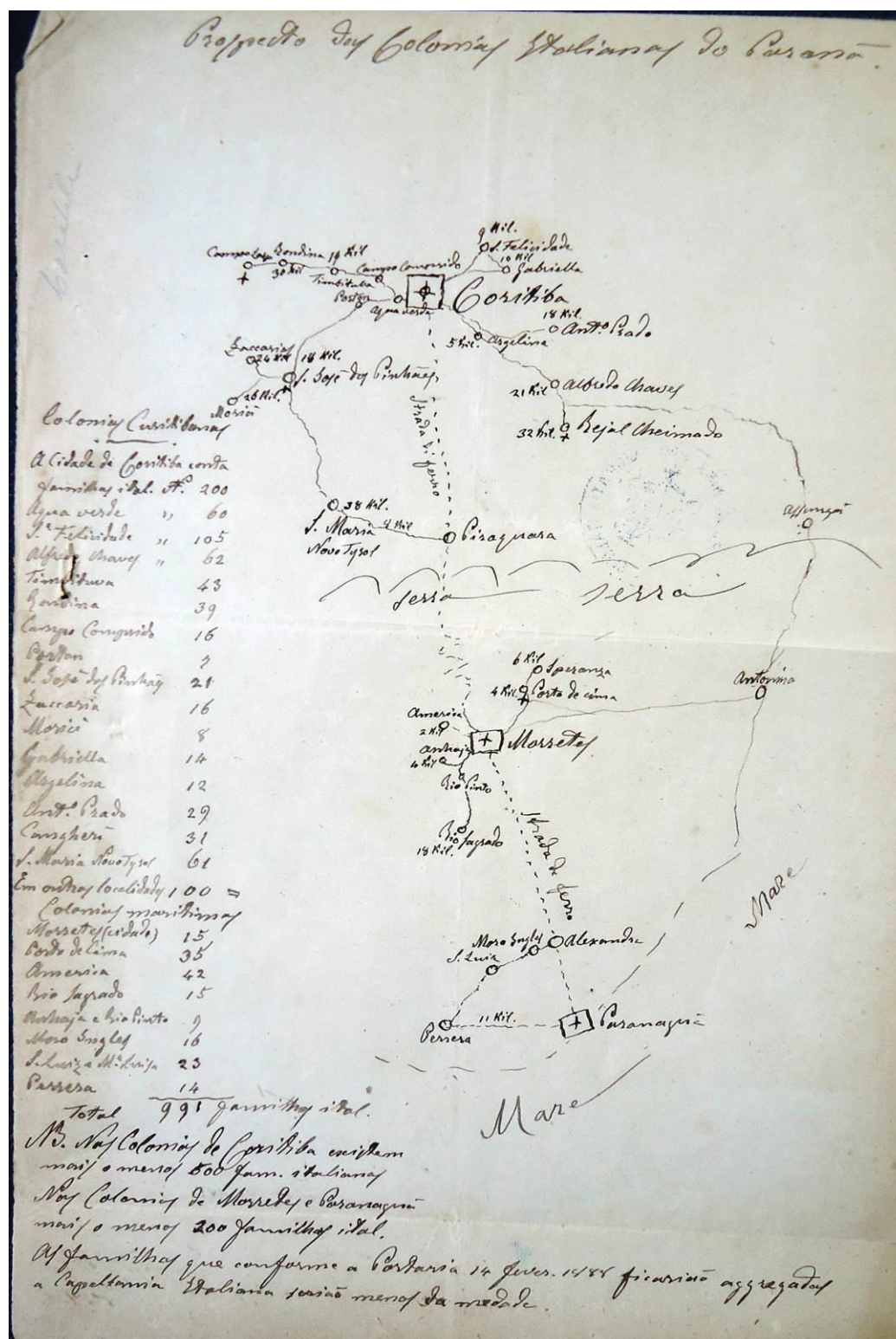
Foi nessa Colônia que chegou uma grande leva de imigrantes oriundos principalmente da província de Vicenza, liderados pelo Pe. Angelo Cavalli. A vinda

desses imigrantes por intermédio de um sacerdote é ressaltada na literatura sobre a imigração, na qual Trento (1988) demarca que o êxodo em massa da Itália se deu porque aqueles que agenciavam tinham um mínimo de credibilidade para com a sociedade em que se apresentavam; e, segundo Franzina (2006, p. 271), “[...] em muitos lugares, eram os prefeitos e os padres ou, bem mais frequente, os secretários municipais e os professores de escolas primárias que desempenhavam essa função”.

Os imigrantes italianos que adentraram as terras paranaenses, no final da década de 1870, tiveram inicialmente uma breve estadia no litoral paranaense, onde não se adaptaram, mudando-se para o planalto de Curitiba pouco tempo após a sua chegada ao Paraná, formando colônias italianas nos arredores da capital. As questões iniciais que me instigaram nasceram do contato, majoritário, de sujeitos de um lugar específico dessa imigração, uma antiga colônia italiana de Colombo⁴, a Alfredo Chaves.

Desde o final do século XIX, essa colônia reuniu um contingente expressivo de imigrantes italianos, conforme se observa na linha 4 dos dados organizados pelo padre Pietro Colbacchini, na Figura 1, a seguir.

⁴ Ressalto que entre os anos de 1932 e 1938, Colombo passou a se chamar Capivari. Todavia no texto desta tese não farei distinção dos nomes, uma vez que as entidades estavam localizadas na Villa Colombo.

FIGURA 1⁵ – MAPA DESENHADO POR PE. PIETRO COLBACCHINI, EM 1888

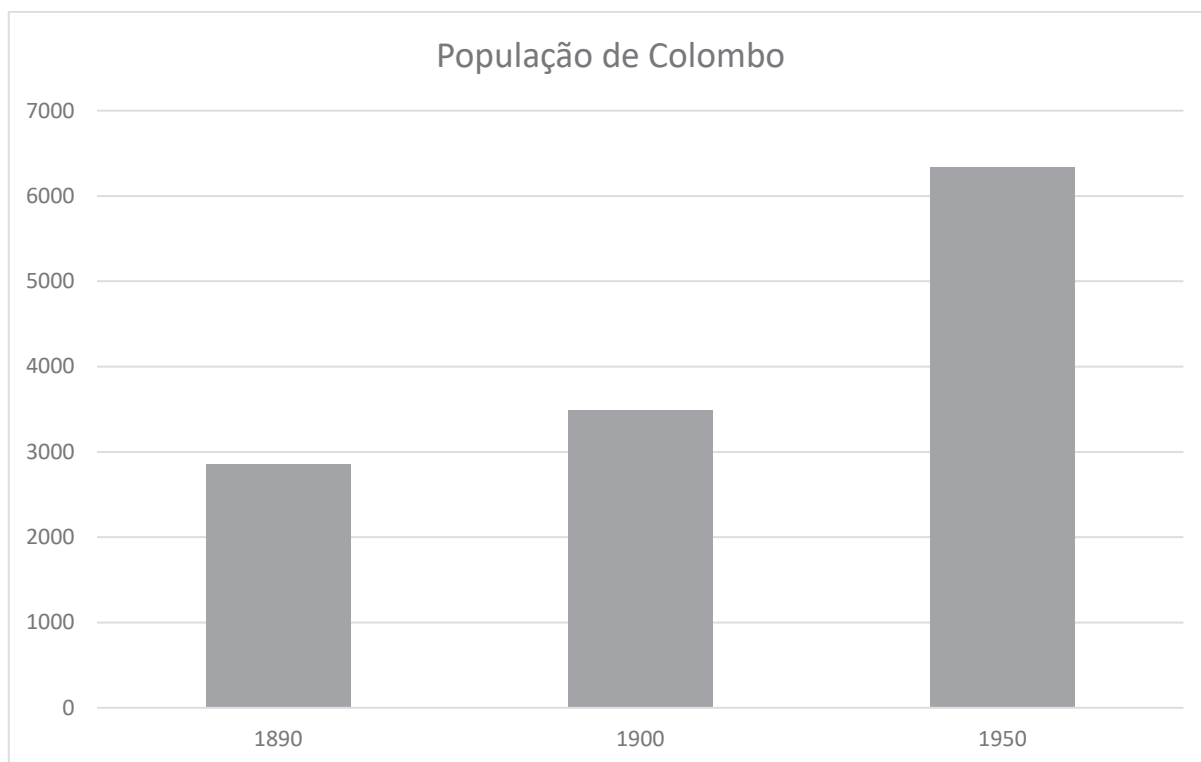
Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de São Paulo.

⁵ O mapa desenhado por Pe. Colbacchini, em 1888, encontra-se no acervo da Cúria Diocesana de São Paulo. Esse material possivelmente está arquivado em São Paulo, pois a Diocese de Curitiba foi criada apenas em 27 de abril de 1892, pela Bula "Ad Universas Orbis Ecclesias", por Leão XIII. A partir desta data foi possível desmembrar-se do Bispado de São Paulo, e a Diocese de Curitiba abrangeu inicialmente os estados do Paraná e Santa Catarina (ARQUIDIOCESE, 1958).

Nesse mapa também é possível observar que a Colônia Alfredo Chaves estava a 21 km do centro de Curitiba. Dentro do recorte temporal desta tese, não havia mais a colônia Alfredo Chaves, mas sim a cidade de Colombo, resultado da emancipação das colônias italianas Alfredo Chaves, Eufrásio Correia, Presidente Faria e a colônia mista Antonio Prado, e mais alguns bairros que já compunham a localidade. Na Figura 2 a seguir, datada em 1929, é possível observar a localização geográfica de Colombo e as principais cidades que a circundavam.

Em consulta aos censos demográficos⁶, identifiquei que Colombo, alguns anos após a chegada da grande leva de imigrantes italianos, em 1890, tinha quase 3 mil habitantes. Ao final do recorte temporal desta tese, meados da década de 1950, o número de habitantes mais que dobrou, chegando a 6.331 pessoas.

GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO DE COLOMBO



Fonte: Directoria Geral de Estatistica (1898), Directoria Geral de Estatistica (1905), IBGE (1955).

No censo de 1950 localizei mais informações sobre a cidade, que trazem um panorama da população que compõe meu *locus* de pesquisa. Um dado interessante é que o quadro urbano e suburbano agrupava 6,7% da população, já o quadro rural equivalia a 93,3%.

Em relação às religiões, a Católica era prevalente, uma vez que 99% da população se declarava assim. No Quadro 1 é possível observar as religiões às quais os habitantes pertenciam.

⁶ Foi possível consultar os documentos referentes ao censo brasileiros de 1890, 1900 e 1950. No Censo de 1940 não foi possível distinguir os dados de Colombo, pois na época esta localidade estava passando por transições. Segundo Ferrarini (1992), em 20 de outubro de 1938, pelo decreto-lei estadual n. 7573, o município de Colombo foi desfeito e anexado à Curitiba. No ano de 1939, o município é restaurado e, em 28 de janeiro de 1944, recebe o foro de cidade, sendo elevado à categoria de Comarca (FERRARINI, 1992).

QUADRO 1 – RELIGIÕES DECLARADAS PELA POPULAÇÃO DE COLOMBO, 1950

Religião	Declarantes
Católicos Romanos	6270
Protestantes	33
Espíritas	2
Ortodoxos	14
Outras Religiões	4
Sem Religião	1
Sem Declaração	7

Fonte: Directoria Geral de Estatística (1898),
Directoria Geral de Estatística (1905), IBGE (1955).

Ainda sobre os dados do censo de 1950, da população acima de 5 anos, 3.180 sabiam ler e escrever e 2.170 não sabiam ler e escrever. A indicação por idade das que sabiam ler e escrever pode ser analisada no Quadro 2 a seguir.

QUADRO 2 – PERCENTUAL DE PESSOAS DE 5 A 14 ANOS, COM INDICAÇÃO DAS QUE SABEM LER E ESCRIVER

Pessoas presentes, de 5 a 14 anos, com indicação das que sabem ler e escrever			
Idade	Total	Sabem ler e escrever	%
5 anos	181	1	0,55%
6 anos	218	18	8,26%
7 anos	183	23	12,57%
8 anos	142	51	35,92%
9 anos	194	105	54,12%
10 anos	195	127	65,13%
11 anos	170	132	77,65%
12 anos	150	115	76,67%
13 anos	145	115	79,31%
14 anos	177	139	78,53%

Fonte: Directoria Geral de Estatística (1898), Directoria Geral de Estatística (1905), IBGE (1955).

Das pessoas acima de 10 anos que possuíam algum curso completo, 400 tinham “grau elementar”, 27 “grau médio” e 12 “grau superior”.

Para o processo educacional da infância e da juventude, as antigas colônias italianas que compuseram a cidade de Colombo e outras da região de Curitiba contaram com a presença de congregações católicas também dessa etnia, tanto masculinas quanto femininas. Em Colombo, dentro do recorte temporal de 1915 a 1955, teve-se a presença dos Padres e das Irmãs Passionistas, as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e as Irmãs de São José.

Importante ressaltar que o catolicismo é uma das principais marcas da identificação cultural do povo vêneto, conforme enfatizado em uma publicação da “*Italica Gens – Federazione per l’Assistenza degli emigranti transoceanici*”, de Ranieri Venerosi Pesciolini, no ano de 1914, quando este fez um apanhado histórico e descreveu também a atual situação, na época, das colônias italianas dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A publicação tem um subtítulo que remete à influência da Igreja nas colônias: “O espírito religioso e a sua influência na vida social das colônias⁷”, em que Pesciolini (1914, p. 265, tradução minha) comenta sobre a origem italiana desses sujeitos quando cita que, nas festas religiosas, “[...] se tem a ilusão de no domingo encontrar-se em uma cidadezinha do veneto⁸”. Este regionalismo vêneto indicado no relatório, por Pesciolini, será uma marca no processo de identificação inicial desses grupos, pois, como Trento (1988, p. 161) chama a atenção, “era difícil falar de italianidade com pessoas para as quais a Sicília estava tão distante quanto o Brasil, em termos culturais e linguísticos”.

A consciência de pertencimento à etnia italiana virá, ainda segundo Trento (1988), num processo a duras penas a partir do século XX pela uniformidade nacional que era dada aos imigrantes, principalmente pelas opiniões públicas brasileiras. Com isso, “[...] por um bom tempo, o traço distintivo será o regionalismo, alimentado, num processo cumulativo, por mecanismos de homogeneidade e solidariedade restrita [...]” (TRENTO, 1988, p. 62).

Nas discussões sobre grupos étnicos, Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 111) colocam a etnicidade como forma de interação social, “[...] longe de ser uma qualidade inerente à pertença, adquirida uma vez por todas desde o nascimento, a etnicidade é um processo contínuo de dicotomização entre membros e outsiders, requerendo ser

⁷ “Lo spirito religioso e la sua influenza nella vita sociale delle colonie”.

Para todos os textos em italiano apresentados nesta pesquisa, fez-se a livre tradução, mantendo os originais em nota de rodapé.

⁸ “Si ha l’illusione alla domenica di trovarsi in paesetti del veneto”.

expressa e validade na interação social”. O contato com o outro é essencial para o avivamento das identidades, no entanto “a especificidade da organização social étnica decorre do papel que nela desempenham os contrastes culturais, mas esse papel não pode ser dissociado dos processos de manifestações de identidade” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p. 112).

Esse apego ao religioso, característica de uma identidade étnica destacada para a temática desta tese, fará com que, assim que cheguem às colônias italianas, os imigrantes construam uma igreja e peçam a presença de um padre, de preferência da sua etnia. No caso de Colombo, essa prática culminou mais tarde com o estabelecimento das congregações, que procuraram atender aos imigrantes e a seus descendentes, incluindo crianças e jovens, como veremos no desenvolvimento deste trabalho.

A partir desse panorama de contexto entre imigração e catolicismo, a tese é constituída pelo entrecruzamento da história da infância e da juventude pelas vias educacionais com a história da imigração e a história das congregações religiosas e suas práticas nos grupos atendidos. Esses aspectos iniciais levantados são importantes para pensar a revisão de literatura⁹, que é um alicerce para a proposta de pesquisa desta tese, principalmente pelas lacunas e pelos caminhos metodológicos – o que já foi feito e o que se pode aprofundar.

A primeira contribuição na leitura desses trabalhos foi a reflexão de como a infância pode estar diluída em uma pluralidade de práticas e locais. Uma das

⁹ Para isso, no levantamento de trabalhos já escritos sobre essas temáticas, utilizei como palavras-chave nos campos de busca as seguintes expressões: “história da infância”, “congregações católicas”, “Irmãs Passionistas”, “Padres Passionistas”, “Irmãs do Sagrado Coração”, “Scalabrinianos”, “educação étnica”, “educação italiana” e “escolas italianas”. Este último termo foi incluído quando a pesquisa por “educação italiana” não encontrou nenhuma correspondência no banco de teses e dissertações da CAPES. Primeiramente, neste banco de pesquisas, redefini as buscas pela área de avaliação em educação, resultando em 94 trabalhos pela busca “história da infância”, 5 teses e dissertações por “congregações católicas”, 1 dissertação com a busca “Irmãs Passionistas”, 3 teses e dissertações que não são da área de educação, com a busca por “Irmãs do Sagrado Coração”, 0 trabalhos por “Padres Passionistas” e “Scalabrinianos”, 2 trabalhos com a pesquisa “educação étnica”, 0 por “educação italiana” e 9 pesquisas por “escolas italianas”. Já as revistas elencadas para o levantamento bibliográfico foram: Revista Brasileira de História da Educação – RBHE, Revista de História da Educação – RHE, Cadernos de História da Educação e Revista HISTEDBR. Utilizei as mesmas palavras-chave no campo de busca, totalizando 72 artigos sobre a “história da infância”, 2 trabalhos com a busca sobre “congregações católicas”, 5 por “educação étnica”, 14 trabalhos em “educação italiana”, 9 por “escolas italianas” e 0 artigos com a busca pelos nomes das congregações “Irmãs Passionistas”, “Padres Passionistas”, “Irmãs do Sagrado Coração” e “Scalabrinianos”. A disciplina “História e Historiografia da Infância”, cursada no ano de 2019, no PPGE da UFPR também foi importante para apresentação e discussão de obras clássicas, além de capítulos de livros sobre a temática para esse levantamento bibliográfico.

pesquisas-chave para pensar a história da infância é o trabalho de Philippe Ariès (1978), da segunda metade do século XX, em que é demonstrada a trajetória de uma consciência social sobre a criança e a família, na percepção e construção de um sentimento de infância. Retornando às observações da pluralidade da infância, Becchi (1994), citando o trabalho de De Mause (1982), ressalta que a história da criança não se dá somente na família, mas também nos orfanatos, nos conventos, na escola e na socialização com outras crianças fora da escola. Quando se opta pela educação, Veiga (2017, p. 35) alerta em não submeter esta criança apenas à categoria de aluno, mesmo escolhendo por estudar a criança e a educação, numa categoria de escolarização, devemos estar atentos de que é possível que “nesse imaginário não estiveram presentes as tensões de classe e a origem étnico-racial”. Isso me permite pensar que, mesmo na escolarização, outras instituições sociais¹⁰ se fazem presentes. Na reflexão da História da Educação, de não apenas considerar a criança e o jovem como aluno, amplia-se o leque para perceber que a educação desses sujeitos passa por outros caminhos, como a infância, a juventude e a educação são mais amplas do que a escola, ou seja, a história da infância e da juventude descendentes de italianos pode ser vista para dentro, e para além dos muros das instituições de ensino, por diversos vetores, como o religioso e a Igreja.

Perceber a história da infância para além das escolas foi o que Silva (2015) destacou em seu trabalho sobre os menores abandonados e o olhar para aqueles que “cuidavam” dessas crianças. Por outra perspectiva, pensando nos sujeitos que discutiam a infância, Cordeiro (2015) enfatiza uma tensão sobre a relação entre infância, educação e trabalho, na dicotomia de discussões e propostas para uma infância idealizada como futuro da nação, quando se tinham crianças pobres e órfãs e a preocupação com a sua educação escolar era praticamente inexistente.

Os outros caminhos, para além das escolas, podem passar pelas vozes que discutiam a infância por impressos. Pinheiro (2013) analisou os discursos vinculados aos jornais *A Província do Pará* e *Folha Norte*, tendo como base a teoria de Bakhtin. Na mesma linha, com os periódicos, Oliveira (2018) analisou a *Revista Oficial de*

¹⁰ Para Durkheim “[...] a instituição social é um mecanismo de proteção da sociedade, é o conjunto de regras e procedimentos padronizados socialmente, reconhecidos, aceitos e sancionados pela sociedade, cuja importância estratégica é manter a organização do grupo e satisfazer as necessidades dos indivíduos que dele participam. As instituições são, portanto, conservadoras por natureza, quer seja família, escola, governo ou qualquer outra, elas agem fazendo força contra as mudanças e pela manutenção da ordem” (OLIVEIRA; SANTO, 2016, p. 3-4).

Ensino do Pará, entre 1900 e 1905, subdividindo a discussão em quatro categorias, sendo elas: infância e papéis sociais; infância, patriotismo e formação cidadã; infância e família; e, infância e escola.

Ainda no campo da história da infância, Anjos (2015), na tese *Pais e filhos na Província do Paraná: uma história da educação da criança pela família*, além da discussão teórica, permitiu pensar nas possibilidades metodológicas da utilização de fontes de diversas naturezas para escrever sobre a infância, demonstrando uma multiplicidade e complexidade de modelos familiares na sociedade paranaense oitocentista. No trato com fontes diferenciadas, Neves e Galvão (2016) tomam as memórias e as autobiografias de adultos como fontes para discutir a infância como pertencimento social e étnico, pelo contexto em que cada personagem estava inserido.

Na seara da filantropia e religião, Callou (2016) destacou as finalidades políticas, educacionais e religiosas dessa instituição, assim como suas práticas, marcando as diversas redes entre secretaria de educação, políticos, empresários, entre outros, que findava na instituição em que muitas famílias a viam como solução para que crianças pobres recebessem uma forma de educação.

Ainda na interseção entre infância e religião, o artigo de Rabelo e Stephanou (2010) coloca em discussão a relação entre religiosas e a formação de crianças pelo trabalho em um jardim de infância, mas que também atendia de forma social esses sujeitos. Mesmo enfatizando a questão escolar e não as práticas para além dos seus muros, o trabalho é interessante por trazer a visão a partir de um documento produzido pelas freiras, no qual são elencadas as suas práticas pedagógicas, por vestígios da cultura escolar, e as táticas e estratégias para modelar e planejar o cotidiano do educandário. Sobre as congregações femininas, a tese de Leonardi (2008) teve como objetivo compreender a estrutura e funcionamento de duas congregações de origem francesa (Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux e Irmãs de Nossa Senhora do Calvário) que adentraram em São Paulo na primeira metade do século XX, tendo como um dos seus trabalhos o atendimento escolar. Além de tratar da constituição e do desenvolvimento dessas instituições religiosas, Leonardi (2008) demonstra em sua pesquisa como trabalhar com fontes produzidas por essas congregações, para um olhar interno – “além dos espelhos” – que reflita as imagens dessas instituições católicas no Brasil.

Retornando à interseção citada anteriormente, porém, com as características étnicas italianas, Faggion e Luchese (2011) destacam que as práticas do catolicismo foram muito evidentes nos ambientes rurais. A discussão sobre as diferenças e os distanciamentos do campo e da cidade foram enfatizadas pela análise do bilinguismo, na qual se ressalta que, nos anos de 1930 e talvez depois, a língua portuguesa não era domínio dessa infância rural, mas, nas áreas urbanas, ela já havia consolidado seu espaço, relegando o dialeto italiano a outras instâncias, muitas vezes ligado mais ao ambiente doméstico. Luchese (2015) também adentra na temática da educação italiana em diversas outras publicações, como na sua tese transformada em livro, no qual demarca a instituição das escolas e a importância delas para esses imigrantes. Um dos desdobramentos abarca o âmbito católico por intermédio das congregações religiosas e das escolas paroquiais.

Na especificidade de educação e etnicidade, Probst (2017) defende que a escola alemã foi uma instituição fundamental para a manutenção da identidade étnica alemã, em Blumenau, no campo da história das instituições escolares e da cultura escolar. No âmbito do Paraná, Renk (2004) disserta sobre a educação católica dos imigrantes alemães, a partir do Colégio Bom Jesus (caracterizado como uma escola étnica alemã), em uma relação entre religiosidade e etnicidade, demonstrando algumas possibilidades pelo caminho metodológico de análise da imprensa étnica.

A tese de Otto (2005) traz a pluralidade para os termos catolicidades e italianidades, demarcando as disputas e os jogos de poder entre vários grupos, como os padres alemães, os padres italianos e os cônsules e agentes consulares, em Santa Catarina, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Para essa pluralidade, as construções foram constantes, segundo as representações dos diferentes grupos e os conflitos.

Pela etnia japonesa, o livro *Retratos da Infância na Imigração Japonesa ao Brasil*, de Mônica e Roney Cytrynowicz (2016), sai um pouco dos padrões acadêmicos, pois traz como fio condutor na sua organização o evidenciar de alguns traços da história da infância, utilizando como fontes as imagens do acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. O livro é uma inspiração no trato com a iconografia, que perpassa todas as páginas da obra, construindo e compondo a narrativa.

Em outro trabalho abarcando a região Sul e Sudeste do Brasil e a etnicidade italiana, o livro *Bambini brasiliani* (MIMESSE, 2013) enfatiza como bases para essa

infância, a família e o trabalho, em conjunto com instituições porta-vozes de um ideário de educação e condução desses sujeitos que passam pela Igreja Católica e escola. Em outra obra, Mimesse (2010) discute especificamente a escola para os imigrantes italianos do núcleo colonial de São Caetano, em conjunto com uma organização social que se baseava também em reivindicações.

O mesmo livro (*Bambini brasiliani*) ainda traz um capítulo de Maschio (2013) sobre o Paraná. Essa pesquisadora, já na sua dissertação publicada no formato de livro, no ano de 2014, discutiu o processo escolar de algumas colônias até a constituição do município de Colombo, destacando principalmente as escolas públicas e algumas iniciativas particulares. Já em sua tese, Maschio (2012) aprofunda e amplia o estudo do processo escolar em Curitiba e região, destacando as instituições públicas, étnico-comunitárias, italianas laicas e confessionais católicas. Em um dos tópicos dessa pesquisa, Maschio (2012) esquadrinhou a atuação das religiosas do Sagrado Coração de Jesus em instituições de ensino.

Desses vários entendimentos e caminhos que a pesquisa em história da infância pode tomar, Becchi (1994, p. VI, tradução minha) traz a reflexão de que:

dessa natureza, por assim dizer-se transitória da idade da criança, dependem as avaliações que cada época, cada sociedade e cada ideologia fizeram da infância; significados nunca unívocos, herdeiros de significado e apreciação sedimentados nos processos de construção cultural, resultando também – e em maior extensão – das condições materiais nas quais a criança é gerada, teve origem, criada, orientada e sustentada em seu crescimento pelas estruturas da vida que existem no meio em que ela vem ao mundo e onde cresce.¹¹

Podemos pensar nessas reflexões para o conceito de infância e juventude, corroborando o que já foi citado anteriormente, a respeito da pluralidade, longe de apreciações sedimentadas, mas com as características de cada época e cada sociedade. É nessa direção que Levi e Schmitt (1996, p. 7-8) refletem sobre a juventude:

¹¹ *Da questa natura per così dire transizionale dell'età bambina dipendono le valutazioni che ogni epoca, ogni società e ogni ideologia hanno dato dell'infanzia; significazioni mai univoche, eredi di accezioni e apprezzamenti sedimentati nei processi di costruzione culturale, conseguenti anche – e in misura sempre più ingente – dalle condizioni materiali in cui il bambino viene generato, fatto nascere, allevato, guidato e sostenuto nella sua crescita, dalle strutture di vita che vigono nel milieu in cui viene al mondo e in cui si fa grande.*

Como as demais épocas da vida, quem sabe numa medida mais acentuada, também a juventude é uma construção social e cultural. Desse ponto de vista, a juventude se caracteriza por seu marcado caráter de limite. Com efeito, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder.

Os pesquisadores ainda discorrem que,

de um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes: da cidade ou do campo, do castelo feudal ou da fábrica do século XIX, da organização do *compagnonnage* no *ancien régime* ou na cidade antiga (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 14).

Assim, penso na construção social da juventude e da infância (descendentes de italianos, de antigas colônias, que hoje abarcam a cidade de Colombo) analisando-a pela via de congregações católicas, inseridas em um contexto cultural. As perguntas que me moveram inicialmente foram pelo contato com histórias de descendentes de italianos nascidos na primeira metade do século XX. Como essas crianças e jovens estiveram às voltas de uma cultura étnica italiana ligada aos princípios do catolicismo, o **recorte temporal** está relacionado à realidade e ao atendimento das congregações que estiveram em Colombo, baseado enfaticamente na atuação dos Padres Passionistas. Por esses parâmetros, o recorte inicia com o ano de 1915, quando se tem a chegada oficial desses religiosos a Colombo, assumindo a Igreja e propondo ações para a comunidade. Desde então essa congregação masculina se faz presente nessa Paróquia, tendo o apoio de três congregações femininas, em diferentes momentos. No Quadro 3, elenco os párocos responsáveis pela Igreja em Colombo, de 1915 até hoje. Durante esse período, além deles, os párocos, outros religiosos passionistas transitaram e até mesmo residiram na comunidade.

QUADRO 3 – PÁROCOS DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, COLOMBO

Padre	Nacionalidade	Período como pároco
Sigismundo de São Miguel Arcanjo	Italiano	1915 – 1916
Candido das Cinco Chagas	Italiano	1917 – 1920
Dionísio da Mãe de Deus	Italiano	1920
Ignacio dos Sagrados Corações	Italiano	1920 – 1923
Alberto (Casavecchia) da Santa Cruz	Italiano	1923 – 1939
Damião de São Miguel Arcanjo	Italiano	1939
Manoel da Virgem Maria das Dores	Italiano	1939 – 1942
Alberto (Casavecchia) da Santa Cruz	Italiano	1943 – 1947
Angelo da Sagrada Família	Italiano	1947 – 1955
Mario Antonio de Santa Gema	Brasileiro	1956 – 1958
Geraldo da Imaculada Conceição*	Brasileiro	1958 – 1961
Camilo de Nossa Senhora da Saúde*	Brasileiro	1961 – 1966
Lucas Costa*	Brasileiro	1966 – 1972
Atanásio Vidolin*	Brasileiro	1972 – 1977
Antonio Roberto Gusso*	Brasileiro	1977 – 1978
Carlos Schleder Negrão	Brasileiro	1978 – 1980
Gabriel Paulo Gasparin*	Brasileiro	1980 – 1987
Vicente Dandalo*	Brasileiro	1987 – 1990
Pedro Gabriel Gusso*	Brasileiro	1990 – 1996
Marcos Leite Azevedo	Brasileiro	1997 – 2005
Leudes Aparecido de Paula	Brasileiro	2006 – 2013
Arlindo Vieira	Brasileiro	2014 – 2021
Luiz Antonio Mascarello*	Brasileiro	2022 – atual

Fonte: Livro Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário – Colombo.

Chama a atenção no quadro o fato de que até o ano de 1955 foram somente padres italianos os responsáveis pela Igreja. Como as questões iniciais e os recortes

* Párocos Passionistas descendentes de italianos.

pela localidade desta pesquisa abarcam a etnia italiana, optei por finalizar o recorte temporal neste mesmo ano de 1955.

Sendo assim, os critérios de delimitação temporal nesta tese residem em pensar nos fenômenos históricos indicados (a chegada dos Padres Passionistas na cidade até a presença do último religioso italiano) como marcações que anunciam configurações específicas, tanto na organização da Igreja Católica local, como em ações educativo-religiosas dessa e de outras congregações, que irão reverberar na forma de atendimento à infância e à juventude da comunidade e na construção de uma cultura ítalo-brasileira.

Cabe ressaltar que a delimitação espacial desta tese é uma porta de entrada para acessar a história de uma infância e juventude católicas, mas que nas discussões serão feitas articulações também com o contexto nacional e internacional. Colombo é um *locus* no tecido social que permite a discussão da história da infância e da juventude.

A partir dos recortes temporais e espaciais postos, tenho como problema de pesquisa a seguinte questão: **como as ações e instruções voltadas para a infância e a juventude descendentes de italianos em Colombo-Paraná, postas em circulação pelos Padres Passionistas, em conjunto com outras congregações femininas, por meio de práticas educativas, constituíram-se como base para a formação educacional, cultural e social desta infância?** Uma hipótese formulada é que tivemos ações desses grupos religiosos não só dentro de instituições de ensino, mas também para além dos muros escolares, envolvendo a formação de crianças e jovens por meio de práticas educativas e sociais na comunidade. Além disso há um debate mais amplo em impressos sobre a concepção de infância, juventude e sua educabilidade, em que essas ações se desdobraram em uma formação educacional, cultural e social, marcada por características étnicas italianas e religiosas.

Com essa indagação, proponho como **objetivo geral**: examinar as instruções e ações voltadas para a infância e a juventude, descendentes de italianos, postas em circulação por congregações católicas e seus sujeitos, analisando como essas se relacionaram para a formação educacional, cultural e social de crianças e jovens. Deste ponto, desdubro em três **objetivos específicos**: i) identificar as propostas e ações das instituições que atenderam a esta infância e juventude, por meio de sujeitos que ditaram orientações, e padres e freiras que as colocaram em prática; ii) analisar os impressos relacionados a essas instituições, elencando os debates e

representações postos em circulação sobre a educabilidade da infância e da juventude; iii) discutir as propostas, no conjunto com todas as instituições identificadas, suas relações e desdobramentos na formação educacional, cultural e social das crianças e dos jovens, descendentes de italianos, em Colombo.

Para fazer esse percurso, respondendo às questões e aos objetivos, na escrita da história se faz necessário buscar os registros do passado. Bacellar (2018, p. 41), em um panorama sobre as fontes e os arquivos para as pesquisas históricas, assevera que “as ordens religiosas regulares também produziram, ao longo de cinco séculos, documentação bastante rica, mas, novamente, de acesso nem sempre fácil”.

Na seara das fontes, desde a escrita da dissertação e agora com esta tese, consultei acervos de congregações religiosas, dentre eles o arquivo histórico dos Padres Passionistas, em São Paulo e em Colombo, dos Padres Scalabrinianos, em Curitiba, das Irmãs Passionistas, em Curitiba e em São Paulo, e das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, em Curitiba. Os arquivos das congregações religiosas não são públicos e dependem da aprovação dos responsáveis para liberação da entrada e da consulta aos documentos. Em alguns você tem o livre acesso no manuseio das fontes, em outros o manuseio é feito de maneira supervisionada. Geralmente esses locais possuem correspondências recebidas pelas congregações, documentos e publicações organizados pelos institutos, registros diários de ações que aconteceram nas igrejas, como livros tombos e outros registros em atas, além de fotografias. De maneira pontual, às vezes também é possível encontrar nesses locais documentos pessoais, como diários e cartas.

Além da consulta aos arquivos das congregações, tive acesso também a alguns acervos pessoais de famílias da cidade de Colombo, às entrevistas realizadas pelo grupo de estudo CEVEP, ao acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e ao acervo de fotos de Luiz Franceschi, disponível no Arquivo Público do Paraná. Com exceção do Arquivo Público do Paraná, todos os outros documentos pertencem a sujeitos ou instituições particulares e o seu acesso também depende da aprovação dos responsáveis.

Na peregrinação de busca de fontes, ao transformar uma folha de papel guardada no armário de uma casa paroquial em um documento, para que eu pudesse com ele constituir peças importantes, relembro a assertiva de Certeau (2017) de que “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 2017, p. 69).

“Esse gesto consiste em ‘isolar’ um corpo, como se faz em física, e em ‘desfigurar’ as coisas para constituí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto proposto *a priori*” (CERTEAU, 2017, p. 69). Parafraseando essa operação com a matemática, seria isolar o X da questão para responder sobre a história da infância e da juventude.

Pensar na história desses sujeitos, não é somente pensar em fontes produzidas por crianças e jovens. Um conjunto importante de documentos que levantei se coloca como produções adultas que se relacionam com a infância, como relatórios e recomendações italianas, destinadas às congregações, relatório das ações e atendimentos nas paróquias, Livro Tombo e escritos dos fundadores e outros religiosos. Mesmo sendo documentos escritos, pelo prisma dos adultos, eles serão importantes para os objetivos da tese, pois “[...] é através de tais traços indiretos, que devemos tentar reconstruir o que poderiam ter sido as infâncias das épocas passadas¹³” (BECCHI; JULIA, 1997, p. XII, tradução minha).

Alguns desses materiais são de produção híbrida, escritos tanto em português como em italiano, corroborando a ideia de um espaço de interconexões em que um local está para além das suas fronteiras (LAWN, 2014). Isso pode exigir mais do que a tradução de textos, também a sua tradução cultural (PALLARES-BURKE, 2009), transformados em práticas condizentes com a realidade da comunidade.

Citando Das Gupta, Subrahmanyam (2012, p. 16) coloca que “sem se sair da Índia, não se pode explicar a Índia”. Refletindo a colocação e a explanação de Subrahmanyam, penso que, em determinadas situações, a história precisa estar aberta às trajetórias de outras sociedades para compreender seu próprio contexto. Com documentos em italiano e com um recorte espacial em antigas colônias, um caminho é levantar indícios da relação Brasil e Itália entre as comunidades, as congregações e a formação da infância e da juventude.

Outras fontes, com as quais me deparei nos últimos anos e que me auxiliaram na escrita da tese, vêm por um grande apreço que, principalmente, as congregações, associações e famílias têm – que é a guarda de fotografias. Burke (2004, p. 17) sustenta que as “[...] imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho

¹³ “[...] *attraverso tali tracce indirette che dobbiamo tentare di ricostruire quelle che hanno potuto essere le infanzie delle età passate*”.

ocular”. Nos arquivos examinados, deparei-me com algumas fotos que registraram momentos festivos ou situações importantes para esses institutos junto às crianças e à juventude. Penso nessas fontes não como ilustrações do que já foi dito, mas fotos que me permitem “‘imaginar’ o passado de forma mais vívida” (BURKE, 2004, p. 17), compondo o quebra-cabeça das ações e instruções que se fizeram presentes na formação educacional das crianças e dos jovens, descendentes de imigrantes italianos.

A respeito das imagens:

as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou (KOSSOY, 2014, p. 36).

Boris Kossoy (2014) comenta que esses registros têm suas origens a partir de um desejo. Por isso, é preciso questionar os sentidos que foram propostos e divulgados no material, apresentando questões para a decifração dos conteúdos trazidos pelas fotografias. Como Kossoy (2014) demarca, as fotografias são testemunhas de uma criação, mas que por trás de si existe uma história. Os elementos essenciais para a produção desse material passam pelo assunto, pelo fotógrafo e pela tecnologia, trazendo o produto que é a fotografia, coordenada pela situação espaço e tempo, representando a interrupção de um momento em um material bidimensional, por isso “[...] a imagem não pode ser entendida apenas como registro mecânico da realidade dita factual” (KOSSOY, 2014, p. 53).

Sobre as outras fontes que utilizo nesta tese, no processo de separar, reunir e transformar os documentos, a leitura de outros trabalhos serviu como inspiração e, na revisão bibliográfica, deparei-me com algumas pesquisas que fizeram usos de impressos para pensar a história da infância.

Em 2014, por conta do mestrado, já tive contato com a revista produzida pelos Padres Passionistas, chamada *Calvário*, no entanto, na época não foi utilizada para a dissertação. Essa revista foi produzida pelos Padres Passionistas, na cidade de São Paulo, com a primeira publicação no mês de janeiro de 1922. Ela se manteve de forma ininterrupta até o mês de fevereiro de 1964, quando os Padres encerraram a atividade. A maior parte de suas edições era mensal e circulava em diversos estados do Brasil. Há indícios de que esse impresso também chegou a Colombo, por trazer algumas

(mesmo que de maneira escassa) reportagens que vincularam notícias da cidade ou notas escritas por pessoas da comunidade. Possivelmente era uma revista organizada majoritariamente pelos religiosos, porém, nas matérias escritas, não havia a assinatura de quem era o responsável por ela.

Ainda refletindo sobre a categoria de fonte para a História da Educação, em outros moldes, Bastos (2005, p. 246), na análise da *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*, coloca que,

no intuito de auxiliar o professor no desempenho de suas tarefas, além de divulgar as orientações emanadas da Sesp/RS, a revista publicaria uma série de artigos, trazendo sugestões metodológicas e traduzindo os novos enfoques teóricos.

Ou seja, as revistas podem ser fontes na indicação de sugestões metodológicas, ou até mesmo educacionais. Dessa forma, pensando no meu objeto, percebo que a revista *Calvário* tinha como propósito divulgar para as famílias católicas não apenas textos religiosos, mas também escritos com indicações para a formação, alguns dedicados à infância e/ou à juventude. Mesmo não encontrando traços de como era o consumo desse impresso na cidade de Colombo, entendo que este é uma fonte importante por colocar em relevância a externalização das discussões dessas instituições religiosas para a educabilidade da infância e da juventude. Como Certeau (2014, p. 204) assevera: “designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado. Neste nível elementar há três elementos decisivos”. Desses elementos, a página em branco possibilita um lugar para a produção marcada por interesses próprios. Já o texto produz uma ordem para as palavras e ideias, que no caso desta tese se atenta às reflexões dos Padres Passionistas. Por fim, o jogo escriturístico, que é um espaço de formalização, atuando na exterioridade, como era a revista *Calvário*, tem como objetivo uma eficácia social, vinculando representações e discutindo uma educabilidade para a infância e a juventude.

No trato dessas fontes escritas, iconográficas e algumas memórias, busco elencar as orientações e algumas práticas do cotidiano, envolvendo a infância, a juventude e a sua educação, pelos rastros de sujeitos que deixaram registros, como religiosos das congregações, por exemplo, por meio de diários, cartões-postais e o

cotidiano no Livro Tombo. Por esse panorama e pensando nos fios e rastros dos representantes religiosos para com a infância e a juventude descendentes de imigrantes italianos, um caminho interessante são as ponderações do historiador italiano Carlo Ginzburg, principalmente no que tange às observações dos detalhes e do particular, sem esquecer do contexto, trazendo à tona “mitos, emblemas, sinais”, numa investigação por indícios possibilitando um jeito de olhar e produzir história (GINZBURG, 1989, 2007).

Ressalto que, mais do que procurar e reunir essas fontes, é preciso um trabalho de decodificação, de um conjunto de tipologia de materiais que já foram bastante utilizados pela História da Educação, como as fotografias e os impressos. Além dessas fontes, faz-se necessárias outras que não são tão usuais nesse campo de pesquisa e que exigem conhecimento em outras línguas. Esse foi um dos casos, ao ter acesso a diários/memórias de um religioso Passionista, Pe. Candido Ghiandoni. Seus escritos, em letra cursiva e em italiano, rememoram a década de 1910, em sua passagem por Colombo, trazendo indícios das práticas dessa congregação, que incluíam também o atendimento às crianças e aos jovens.

Nessa direção, no trabalho com os escritos ordinários de uma jovem, entre 1967 e 1969, sobre o curso para ser professora primária, utilizando-se de cadernetas e diários, Cunha ressalta:

Esses registros escritos, de caráter ainda exploratórios, buscam colocar em cena materiais considerados ego-documentos, que aqui serão trabalhados como textos em que um autor ou autora escreve, por si mesmo ou por intermédio de outro, sobre suas vivências (diretas ou conhecidas), sentimentos pensamentos. Eles guardam e constroem memórias de um tempo pessoal e escolar, e comportam narrativas escritas daquele cotidiano expressas sob forma de descrições de atividades realizadas na escola (CUNHA, 2019, p. 135).

A partir da problemática de pesquisa posta e esse conjunto de fontes, os principais conceitos que serão lentes para interpretações e reflexões, seguindo os rastros e as recomendações, envolvem, primeiramente, as representações dessas instituições católicas para a comunidade étnica e a infância e juventude pesquisadas. Entendo, pela assertiva de Chartier (1990), que essas representações, que podem aspirar a universalidades, não são discursos neutros da Igreja para esses sujeitos, já que toda produção é com o outro, em uma constante troca e readequação ao momento, contexto e interesses. Essas representações são instrumentos para a

construção de um mundo social, com intencionalidades, amparadas em estratégias e práticas sociais que, no caso dessa tese, se atenta para discursos e práticas, principalmente, de congregações religiosas, na construção de espaços ampliados ao atendimento da infância e da juventude, na educabilidade e em processos de sociabilização desses sujeitos.

Sobre as práticas sociais, Chartier (1990, p. 135-136), tendo como base os textos, impressos e leituras, defende que “a história das práticas culturais deve considerar necessariamente essas intricações e reconstituir trajetórias complexas, da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora”. Ou seja, as práticas culturais nem sempre estão explícitas nos textos, mas nas mais diversas reverberações da sua circulação em uma sociedade. Das práticas culturais, penso nas práticas educativas para a infância e a juventude¹⁴, de descendentes de italianos, visando uma formação, dada por diversos planos entre Igreja, congregações, descendentes, crianças, jovens, catequese, seminários, conventos, entre outros. Tomando as ponderações de Lopes e Galvão (2010), é possível ter essas práticas educativas em outros locais voltados às crianças e aos jovens e não apenas na escola, já que

¹⁴ Anjos (2015), na discussão sobre o que se entendia por educação na sociedade do Paraná oitocentista, ressaltou, após uma análise dos dicionaristas do período, que a educação, como fenômeno histórico, remonta a práticas sociais e culturais. A prática social “[...] punha diferentes atores em relação e desempenho de diferentes papéis sociais [...]”, em relação com a sociedade, com consequências amplas, voltando-se também para a dimensão pública (ANJOS, 2015, p. 138). A prática cultural estava relacionada às diferentes apropriações dos seus praticantes (ANJOS, 2015, p. 139). Em outro período e contexto, Otto (2005) trata sobre a moral católica. Em uma discussão sobre as estratégias contra as escolas, *Dante Alighieri* que os franciscanos desenvolveram, para continuar com o monopólio religioso, a pesquisadora traz uma carta de Frei Lucínio Korte ao cônsul Pio di Savóia, em 2/2/1902, que proibia o uso dos materiais do governo italiano nas escolas católicas, pois esses eram ofensivos à Igreja Católica, com uma educação sem moral. Na sequência, é destacado que “A moral consistia em um sistema de normas de conduta que prescreviam como a pessoa deveria conduzir-se” (OTTO, 2005, p. 130). A partir desses entendimentos, mesmo sabendo das diferenças de deslocar essas reflexões para outro período histórico e lugar, penso que as ações que serão destacadas nesta tese, pela figura de religiosos italianos (e da comunidade), trazem em suas discussões a moralização católica sobre as formas de ser e agir, entretanto são melhores entendidas na amplitude das práticas educativas, pois essas ocorrem em diversos locais: nas escolas e conventos, nas famílias, na catequese e nas ruas, com práticas de sociabilização entre infância, juventude, família, comunidade e congregações. Além disso, essa educação remonta as práticas culturais que ressaltam mais do que a apropriação das congregações sobre os preceitos do catolicismo que eram passados para a infância e a juventude, como uma apropriação do que era ser e se identificar com uma etnicidade, construindo, no período de análise, modos de ser um ítalo-brasileiro católico.

[...] a educação nunca se restringiu à escola. Práticas educativas ocorrem também fora dessa instituição, às vezes com maior força do que se considera. A cidade, o trabalho, o lazer, os movimentos sociais, a família e as igrejas tinham – e continuam tendo – um enorme poder de inserir as pessoas em mundos culturais específicos (LOPES; GALVÃO, 2010, p. 19).

Toda essa produção se dará em um lugar, sendo esse conceito uma outra lente para análises e reflexões desta tese, em que Certeau (2017, p. 63) comenta que “apesar de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela”. A função do lugar em que a pesquisa se coloca é na conexão de tornar possível conjunturas e problemáticas do historiador, ou tornar impossível algumas dessas, mas Certeau (2017, p. 56) ressalta: “[...] substitui a essas pretensões subjetivas ou a essas generalidades edificantes a positividade de um lugar onde o discurso se articula sem, entretanto, reduzir-se a ele”. As perguntas iniciais que moveram esta pesquisa se deram pela relação da minha posição em um lugar, mas é importante ressaltar que, mais do que a minha relação, o cenário desta pesquisa é um lugar onde se olha e se produz, no qual participam as congregações italianas e os descendentes de italianos, que pensam da sua maneira em uma infância e juventude, que se comunicam com a Itália, que alimentam representações e produzem práticas educativas por meio de sujeitos particulares ligados a instituições e ideias.

Esses sujeitos, principalmente padres e freiras, ao proporem e produzirem práticas educativas junto à infância de descendentes de italianos, na cidade de Colombo, precisam articular um mundo que atravessa os escritos e as ideias para tornar as ações possíveis. Para isso, a depender da posição, eles se utilizaram de táticas e estratégias. Na concepção de Certeau (2014), em alguns momentos estão em um lugar de poder, com o cálculo das relações de força, ditando regras para a formação da infância e da juventude; e, em outros, precisam se utilizar de astúcia para conseguir uma articulação política com vários polos e ideias.

E é preciso lembrar também que esses imigrantes, e mais tarde seus descendentes, não serão um grupo isolado, fazendo parte de uma sociedade plural, principalmente nas terras paranaenses, habitadas por diversas etnias. No local da heterogeneidade, as diferenças serão fontes de mobilização para fortalecer os iguais; já que “a etnicidade contemporânea não deve, portanto, ser analisada como a marca de uma herança tradicional, mas, ao contrário, como uma resposta a necessidades de organização nascidas da situação atual dos imigrantes na sociedade americana” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p. 79).

Com isso, esta tese se insere no campo da História da Educação, tanto pela sua temática como pelas fontes e particularidades. Primeiramente a tese contribui para entender os processos educativos da infância e da juventude por outras vertentes, trazendo um olhar para múltiplas interfaces, como religião e etnicidade. Para isso, mobilizo um conjunto de fontes variadas, algumas bastante utilizadas já em trabalhos da área, mas outras, principalmente os documentos das congregações e da Igreja, são pouco exploradas para pensar a História da Educação. Diante do panorama apresentado, a pesquisa se debruça em algumas categorias, dentre elas: infância, juventude, práticas educativas, movimentos católicos e vocações religiosas.

Assim, a presente tese irá se estruturar além da introdução, em mais três capítulos, sendo o primeiro intitulado “Os sujeitos e as suas propostas para a infância e a juventude descendentes de italianos”, buscando identificar a chegada das congregações na cidade de Colombo, as relações com a Itália e as recomendações das instituições religiosas para a infância e a juventude dos descendentes, seja pelos impressos ou outros documentos das congregações. Já no segundo capítulo, “Vocações, um exército de minicatólicos?”, procuro discutir como as ações dos grupos religiosos foram pensadas na formação das vocações¹⁵ e alguns indícios das práticas dentro dos seminários e conventos. Por fim, no terceiro e último capítulo, “Spazi allargati per l’infanzia e la gioventù”, busco trazer as práticas desses grupos religiosos no cotidiano da infância de descendentes e a construção de uma italianidade (ou italianidades).

A construção deste trabalho foi feita por escolhas que acredito que possam contribuir para dar sentido às histórias passadas, tendo como plano principal a infância e a juventude descendentes de italianos e sua relação com o catolicismo na cidade de Colombo/PR.

¹⁵ Entendo que vocação na Igreja Católica pode se referir àquela sacerdotal, matrimonial, religiosa ou leiga. No entanto, nesta tese adoto o termo vocação apenas no sentido de sacerdotal e/ou religiosa.

1 OS SUJEITOS E AS SUAS PROPOSTAS PARA A INFÂNCIA E A JUVENTUDE DESCENDENTES DE ITALIANOS

Fiz meus primeiros estudos da Pré-Escola a 4ª série no Educandário Nossa Senhora do Rosário, em Colombo, dirigido pelas irmãs Passionistas. Também por elas fui preparada para a primeira eucaristia e em seguida ingressei nas fileiras da Cruzada Eucarística, para algum tempo depois receber o Crisma das mãos de Dom Manuel da Silveira D'Elboux. Minha madrinha foi Júlia Cavassin. Recebi sempre uma formação embasada em sólidos princípios, o que me fez desejar desde cedo, algo que me aproximasse mais de Deus. Queria ser religiosa e religiosa passionista. Fui crescendo na fé, no aconchego e união de minha família, que rezava muito pelas vocações religiosas.
(TOSIN apud AZEVEDO, D'AGOSTIN, FIORESE, 2006, p. 113)

Crescer na fé... A memória romantizada, em epígrafe, é reveladora de algumas práticas da Igreja Católica para as crianças e os jovens, que remonta à Congregação Passionista, na cidade de Colombo, entre as décadas de 1940 a 1950. Como já descrito, a imigração italiana em Curitiba e região trouxe consigo alguns traços culturais, dentre eles os atrelados aos preceitos católicos, que são reverberados (mesmo que de modos distintos) até hoje nos descendentes dessas localidades. No relatório de 1914, sobre as colônias da região Sul, Pesciolini (1914, p. 264, tradução minha) marca que a Igreja era um símbolo para esses sujeitos e para o seu grupo social, observando que “O colono leva uma vida fechada no círculo da família; a única manifestação de vida social, o único encontro é a igreja¹⁶”.

Menções nessa direção podem levar a pensar em uma representação da Igreja como principal instituição social para os descendentes, sendo tomada de forma simplificada como um axioma¹⁷. Mas, pela assertiva de Chartier (1990, p. 17), embora essa representação aspire uma universalidade, ela é baseada nos interesses do grupo que a forja, em discursos que não são neutros e “[...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros

¹⁶ “Il colono conduce vita chiusa nel cerchio della famiglia; l'unica manifestazione di vita sociale, l'unico ritrovo è la chiesa”.

¹⁷ Na lógica matemática, um axioma é uma proposição ou sentença tomada como ponto de partida para um raciocínio, assumido como verdadeiro e que não precisa de demonstração ou prova.

[...]”. Mesmo com o seu status, a Igreja organizava e discutia propostas e projetava práticas, algumas dessas para a formação da infância dos descendentes.

Para trazer à tona os sujeitos e suas propostas para a infância e a juventude descendentes de italianos, neste primeiro capítulo ressaltarei algumas das ideias que partiram como viajantes com as congregações, por meio dos religiosos que adentraram a América, com novas ações e propostas, bem como pelos escritos e postulados de fundadores/superiores que atravessaram o Atlântico e foram encontrados nos acervos desses institutos. Ainda na seara dos escritos, adentro em textos direcionados às famílias, às crianças e aos jovens, como um livro de catequese manuscrito e colunas da revista *Calvário*, escrita pelos Padres Passionistas. A organização desses materiais escritos perpassa uma economia escriturística, sendo uma atividade concreta, em um espaço de formalização, atuando na exterioridade e visando uma eficácia social (CERTEAU, 2014).

Mesmo com um recorte específico para antigas colônias italianas paranaenses, pela assertiva de Lawn (2014), é importante analisar que existe uma articulação moldada pelo ambiente, mas este local vai para além das suas fronteiras espaciais, sendo um espaço determinado por interconexões, que, no caso desta pesquisa, relaciona Brasil e Itália.

Como as orientações projetavam práticas, seus indícios começarão a ser examinados neste capítulo, na tradução cultural de escritos italianos (ou não) para práticas educativas postas em ação nas terras paranaenses, pelos rastros deixados por alguns sujeitos particulares que estiveram à frente dessas ações e visavam à infância e à juventude. Nessa direção, Pallares-Burke (2009) demarca a tradução cultural como a adaptação de um texto a novos contextos. A tradução é, acima de tudo, a comunicação muito mais ampla do que letras desenhadas, sendo acompanhada por ideias postas em circulação.

1.1 A IGREJA NO BRASIL E A CHEGADA PASSIONISTA A COLOMBO, NO PARANÁ

A imigração italiana, no século XIX, foi uma transposição pelo oceano não só de famílias e crianças, mas também de costumes e projeções de uma nova vida. Sobre esse processo, Franzina (2006, p. 322) traz alguns aspectos dos camponeses vênets e a imagem que eles materializavam do Novo Mundo:

A perspectiva da expatriação e o próprio ato, com o qual rompem os vínculos materiais de subordinação aos patrões e à terra natal, podem ser interpretados pelos camponeses (e, de fato, frequentemente o são) como um acontecimento sonhado há séculos pelas plebes rurais e do qual cada um dos que partem pode ter-se deliciado previamente nas longas e fantasiosas vigílias dos *filò* no inverno. A imigração torna-se libertação. A libertação da necessidade e, se não do trabalho, da exploração, elementos essenciais em que se resume a “vida campestre”.

Com a entrada de mais pessoas, em terras pouco exploradas e que exigiam a ação do homem, os imigrantes ofereciam sua mão de obra e reivindicavam o atendimento escolar aos seus filhos¹⁸, o atendimento religioso, dentre outras coisas.

Para esses sujeitos provindos dos campos vênets, a figura do padre representava a hierarquia e a igreja era um lugar físico para a celebração do culto, constituindo o social na vida deles. Com uma citação de Maresio Bazolle, Zannini e Grazzi (2003) destacam que

A pessoa mais importante no campo é o pároco, porque ele é o chefe da paróquia. As relações entre o pároco e os paroquianos são diárias, contínuas e, como em todas as relações humanas, ora cordiais, ora duras. O pároco é o pastor espiritual, o confidente, o conselheiro dos camponeses, e às vezes ainda seu advogado e seu protetor. É por isso que o pároco detém e exerce influência sobre os paroquianos¹⁹ (BAZOLLE, 1868 – 1890, p. 332 apud ZANNINI; GAZZI, 2003, p. 300, tradução minha).

Nessa direção, Franzina (2006) também traz uma citação de Bazolle e discute que:

¹⁸ Maschio (2014), no livro *Escolarização pública e imigração italiana: a constituição do ensino elementar das colônias ao município (1882 – 1912)*, estudou o processo escolar, desde a fundação de algumas colônias até a constituição do município de Colombo, destacando a educação por meio das escolas públicas, das quais muitas se deram pelas reivindicações dos imigrantes e iniciativas particulares.

¹⁹ *La persona più importante nelle campagne è il parroco perché è il capo della parrocchia. I rapporti tra parroco e parrocchiani sono di ogni giorno, continui, e, come è di tutti i rapporti umani, ora sono cordiali ed ora aspri. Il parroco è il pastore spirituale, il confidente, il consigliere dei contadini, e talvolta puranco il loro avvocato ed il loro protettore. È perciò che il parroco tiene ed esercita influenza sui parrocchiani.*

A religião dos camponeses (ele observava) resume-se ao cumprimento das práticas religiosas. Eles não deixam de ir à missa e, podendo, nem mesmo às outras cerimônias religiosas, frequentando as pregações, as “Exposições” com bênçãos, e os rosários públicos nas Igrejas. Entenda-se que fazem tudo isso materialmente, sem penetrar nos mistérios religiosos recordados ou celebrados; e durante as pregações não poucos adormecem. Comparecem com grande prazer às Procissões, especialmente se elas os levam para fora da paróquia. Elas são para os camponeses uma ocasião de festa, de alívio, de diversão, como as celebrações religiosas são para eles, no máximo, uma ocasião de distração, de encontros e de divertimento. Elas constituem para os camponeses o que o teatro, os bordéis e outras reuniões públicas significam para os habitantes das cidades [...] (BAZOLLE apud FRANZINA, 2006, p. 331).

Essas celebrações religiosas, mesmo sendo consideradas uma distração para os camponeses vênnetos, ainda assim são uma forma de materialização da religião. Keane (2008, p. 124, tradução minha) discorre que:

As religiões podem nem sempre exigir crenças, mas sempre envolverão formas materiais. É nessa materialidade que eles fazem parte da experiência e provocam respostas, que têm vida pública e entram em cadeias contínuas de causas e consequências²⁰.

Berger (1985) ressalta que a religião ocupa um lugar de destaque no empreendimento de construção do mundo e que isto advém da sociedade humana. “O mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição. É um mundo aberto. Ou seja, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade do homem” (BERGER, 1985, p. 18). Por isso, a religião compõe essa empresa humana que constrói um mundo, dando significados humanos. “A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada” (BERGER, 1985, p. 38).

Assim, o cosmos postulado pela religião transcende, e ao mesmo tempo inclui, o homem. O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado (BERGER, 1985, p. 39).

O cosmos sagrado fornece bases para o homem contra a anomia, o caos. Nessa atividade humana de exteriorização, os homens dão significado à realidade.

²⁰ *Religions may not always demand beliefs, but they will always involve material forms. It is in that materiality that they are part of experience and provoke responses, that they have public lives and enter into ongoing chains of causes and consequences.*

Assim, “[...] a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (BERGER, 1985, p. 41).

Neste sentido, as ações dos padres e freiras, com as congregações, são uma forma de materialização da fé católica dos imigrantes. Na chegada ao novo continente, com as rogativas desses imigrantes para um atendimento religioso, tem-se também um crescimento na entrada de ordens e congregações estrangeiras no Paraná durante a segunda metade do século XIX e início do século XX.

Porém, mesmo que a imigração tenha impulsionado a vinda de congregações estrangeiras ao Brasil, é importante ressaltar que, quando se amplia o olhar para o contexto nacional e internacional, se pode observar que esse fato não foi o único mobilizador.

Na esfera nacional, o contexto traz um local marcado pelas religiões indígenas, pelas crenças trazidas pelos negros africanos e por um governo português que reconhecia como oficial sua relação com a Igreja e a fé católica. Azzi (1993, p. 65-66) ressalta que:

as novas gerações portuguesas nascidas no Brasil passaram a adaptar-se cada vez mais à vida colonial, onde foram se formando tradições e costumes típicos, cuja influência se fez sentir também na esfera religiosa. Daí a origem do catolicismo luso-brasileiro, cujo domínio se estendeu incontestemente pelos três séculos de dominação colonial.

No Brasil, ainda no final do século XIX se tinha a vigência do padroado, intocado desde a proclamação da Independência, em que a união entre Igreja e Estado fazia

[...] dos bispos funcionários estatais encarregados do culto religioso, dependentes do Estado tanto para o próprio sustento quanto para a manutenção das atividades eclesiais. Até mesmo as leis originadas da Santa Sé careciam do placet imperial para adquirirem validade [...] (MESQUIDA, 2001, p. 7).

Expandindo o olhar para além das fronteiras nacionais, o contexto internacional da segunda metade do século XIX demarca algumas movimentações da Igreja procurando mudanças mundiais. No final do ano de 1864, a encíclica *Quanta Cura*, do Papa Pio IX, trouxe um adendo chamado *Sillabo*, em que são ressaltados alguns erros modernos da sociedade. Mesquida (2001) discute que a Igreja brasileira, alertada por esta encíclica, percebeu que estavam ocorrendo mudanças a nível

mundial, enquanto as suas relações com o governo brasileiro começavam a se deteriorar. Com isso, a Igreja brasileira,

fazendo eco às condenações do syllabus, volta as suas baterias contra as confrarias e irmandades, onde se praticava um catolicismo popular, laico, sincrético, sendo essas associações a seu ver, locais prediletos da maçonaria a qual, na opinião dos bispos, incorporava os “ismos” que haviam sido alvo da condenação da Santa Sé (MESQUIDA, 2001, p. 9).

Diante desse quadro, Beozzo (1993a) ressalta que essa instituição passou a ter relações mais estreitas com Roma no bojo das modificações políticas e sociais do final do século XIX, tanto a Igreja mundial quanto a do Brasil (incluindo a abolição da escravidão e a Proclamação da República, com a separação do Estado e da Igreja).

Quando se volta o olhar aos imigrantes europeus que intensificaram as suas entradas nesse período de modificações, tem-se a indicação de que esses sujeitos também não se reconheciam nos costumes e nas celebrações do catolicismo brasileiro, unindo forças para as novas diretrizes que estavam sendo traçadas. Assim,

a imigração coincidiu com um projeto de mudanças mais global do catolicismo e da Igreja do Brasil, ou seja, o projeto de romanização²¹ deste catolicismo. A estratégia dessa mudança concentrou-se no esforço de criar um novo corpo hierárquico. [...] A formação dos seminários passou a ser confiada a religiosos europeus. O crescimento do clero apoiava-se numa importação maciça de religiosos estrangeiros (BEOZZO, 1993a, p. 63).

²¹ Na literatura sobre a história da Igreja, alguns pesquisadores problematizam o uso do termo romanização no Brasil. Na tese de Dutra Neto (2006, p. 28), o pesquisador coloca que “O Concílio Vaticano Iº, a proclamação do dogma da infalibilidade papal, a publicação do Syllabus, a fundação em 1854 do Colégio Pio-Latino-Americano em Roma, a formação de clérigos embalados em tais marcos, dentre os quais serão indicados os novos bispos do Brasil e, por fim, a extinção do padroado e conseqüente separação entre a Igreja e o Estado com a proclamação da República, proporcionaram um movimento de reforma do catolicismo no Brasil ao qual, sob o condão de Roges Bastide, Ralph Della Cava, José Oscar Beozzo, Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Riolando Azzi e outros, convencionou-se chamar de ‘romanização’”. Dutra Neto (2006) e Santirocchi (2010) ressaltam alguns aspectos históricos de que esse termo já foi utilizado de maneira depreciativa para com a Igreja Católica e colocam questões como: “Por que não denominar tal esforço de *reforma da Igreja*? Por que esta estranha simpatia por um gentílico de origem contestatória, restrigente e até mesmo pejorativa?” (DUTRA NETO, 2006, p. 37). Essas questões são postas, principalmente por parte de Dutra Neto (2006), no cuidado em apontar, por exemplo, que a vinda de missionários estrangeiros para o Brasil, quando esses são caracterizados como agentes de romanização, acaba minimizando e desfigurando o trabalho desses institutos religiosos, por desconhecimento dos projetos internos e a história de cada um deles, sendo que na época estas ordens e congregações tiveram uma expansão por diversos países. Assim, a entrada desses institutos no Brasil está alocada dentro de um modelo de reforma da Igreja, que, de certa forma, tem amplitude mundial. Quando utilizo nesta tese pesquisas dos autores citados por Dutra Neto (2006), o termo “romanização” se fará presente, principalmente no indicativo de um período brasileiro marcado por mudanças e reformas do seu catolicismo, que tomaram parte desta ação as congregações e ordens estrangeiras que aqui adentraram. Mas para

Documentos oficiais da Igreja impulsionaram os bispos brasileiros a se engajarem em um duplo movimento, como cita Mesquida (2001), que era para reorganizar e fortalecer a organização eclesiástica brasileira e lutar contra os ataques dos “ismos” postos e condenados pela *Quanta Cura* e *Sillabo*. Essa reorganização tinha como horizonte os seguintes itens:

1708) um retorno ao centro de irradiação da hegemonia religiosa e política da Igreja, a Santa Sé, em Roma (não se trata ainda da “romanização”, mas de um movimento que levará ao processo de romanização); b) uma campanha cerrada contra a maçonaria, o liberalismo, o positivismo, o comunismo, e as associações de expressão popular da fé, como as confrarias e irmandades [...] (MESQUIDA, 2001, p. 10-11).

Diante desse quadro, com diversas variáveis nacionais e internacionais, Azzi (1993) demarca que, com a imigração europeia no Brasil, se estabeleceu aqui também um estreitamento de vínculos com a Santa Sé. Tinha-se como um dos objetivos reformar o catolicismo luso-brasileiro, imprimindo as características do catolicismo romano, sendo estas, parte de uma reforma. Assim, “[...] o episcopado brasileiro contou com a colaboração importante de agentes europeus, ou seja, membros de diversos institutos religiosos que passaram a se estabelecer no território brasileiro” (AZZI, 1993, p. 66).

Sobre a chegada mais expressiva dos estrangeiros para a Igreja no Brasil, Mesquida (2001, p. 14) aponta que:

o próprio Papa, em uma carta enviada aos arcebispos e bispos do Brasil, em 1899, exulta com a presença de novas ordens religiosas que se fazem presentes no Brasil, e que “fundarão e dirigirão colégios”, com a finalidade de combater em duas frentes: a elite e o povo. Para a elite uma missão educativa; para o povo uma educação missionária. O combate não será empreendido por meio da violência, mas por meio da persuasão (Rerum Novarum, p. 24 e Pastoral Coletiva de 1890, p. 35).

No contexto local, o ultramontanismo já estava presente desde o período provincial no Paraná, como destaca Anjos (2014). Isso se dava por meio da atuação dos bispos de São Paulo, junto com os Padres que eram formados lá. O projeto

além da polêmica de utilização do termo, são tomados os cuidados do alerta de Dutra Neto (2006) de não descaracterizar estes institutos católicos, já que na pesquisa sobre infância e juventude católica ítalo-brasileira, em Colombo, são esmiuçadas as ações e as estratégias de algumas congregações, principalmente italianas, para com as crianças e os jovens descendentes desta etnia, não reduzindo a importância desses institutos em apenas agentes de “romanização”.

ultramontano tem suas características postas desde a segunda metade do século XIX, e é levado a pleno funcionamento, com a Diocese de Curitiba, em 1892.

As características do ultramontanismo remete à figura do papa e à Roma, e a algumas práticas devocionais, consideradas tipicamente ultramontanas, foram difundidas no Paraná, como solenidades da primeira comunhão, a catequese das crianças e a consagração ao Sagrado Coração. Um fato interessante é que esta última prática já estava presente no Paraná, mas, com a chegada dos padres escalabrinianos, italianos, estes a difundiram (ANJOS, 2014).

Para além, tinha-se também o choque entre anticlericais e clericais no Paraná, que abrange os debates da Igreja para com o Ultramontanismo e a criação da Diocese de Curitiba. Para esse combate, “os católicos deveriam assim, e sobretudo, fundar escolas primárias, ginásios, faculdades e universidades católicas, para a formação das hostes fiéis a Cristo” (BALHANA, 1980, p. 55).

Segundo Balhana (1980, p. 112), a entrada dos imigrantes na região de Curitiba, muitos desses de origem camponesa, reforçou a tradição católica, com isso a Igreja encontraria grande parte da sua força nessa situação:

A organização do Bispado de Curitiba, a introdução de Ordens religiosas, a criação do Seminário e de colégios religiosos, a ministração de ensino religioso, tudo objetivava a implantação e fortalecimento da burocracia interna da Igreja no Paraná, com vistas a sua colonização, romanizada.

Nesse contexto, “era preciso ao mesmo tempo conquistar e delimitar o território sagrado da Diocese, estabelecendo o controle católico romano da população, e reagir ante o ataque dos anti-clericais, contrários à presença histórica dos jesuítas no Paraná” (BALHANA, 1980, p. 113).

A partir desse quadro histórico, consulte os livros históricos da Arquidiocese de Curitiba (1958, 2002) para mapear a entrada das instituições religiosas que chegaram a Curitiba e região, até o ano de 1955. A organização dos dados revela um quadro composto por ordens e congregações de várias etnias, que foram espalhadas no período histórico, atuando em diversas áreas, conforme consta no Quadro 4 a seguir.

QUADRO 4 – ENTRADA DE ORDENS E CONGREGAÇÕES NO PARANÁ, ATÉ O ANO DE 1955

Ordens e Congregações ²²	País de Origem	Entrada	Gênero	Atuação ²³
Companhia de Jesus, Padres Jesuítas	França	1ª Fase (espanhóis): 1588-1631 2ª Fase (portugueses): 1708-1760 3ª Fase (brasileiros): 1951	Masculina	Educação
Ordem dos Irmãos da B. V. M. do Monte Carmelo, Carmelitas	Israel	1ª Fase: 1709 2ª Fase: 1915-1919 3ª Fase: 1954	Masculina	Educação
Ordem dos Frades Menores, Franciscanos	Itália	1ª Fase: 1746 2ª Fase: 1898	Masculina	Educação Saúde
Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, O.F.M.Cap	Itália	1ª Fase: 1854-1895 2ª Fase: 1920	Masculina	Educação (Teologia e Filosofia)
Congregação Scalabriniana, Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos	Itália	1888	Masculina	
Congregação dos Santos Anjos	França	1896	Feminina	Educação
Congregação das Irmãs de José de Chambery	França	1896	Feminina	Educação Orfanatos Asilos Saúde
Congregação da Missão – Província Sul (Padres Lazaristas)	França	1896	Masculina	Educação
Congregação do Verbo Divino	Holanda	1899	Masculina	
Congregação das Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus	Itália	1900	Feminina	Educação Saúde
Congregação das Irmãs da Divina Providência	Alemanha	1903	Feminina	Educação Saúde

²² Tenho ciência de que alguns dos nomes indicados no quadro não correspondem aos nomes oficiais das ordens e congregações, porém, como não foi possível ter acesso a todas estas informações em páginas institucionais, optei por manter os nomes adotados nos materiais consultados para a construção deste quadro, que são registros históricos da Arquidiocese de Curitiba. Também ressalto que o principal objetivo do quadro é em trazer um panorama do movimento de entrada das congregações e ordens no Paraná.

²³ Fica subentendido que todas as congregações tinham como objetivo um atendimento religioso. Na coluna intitulada “atuação”, coloquei em destaque os outros ramos em que as ordens e congregações se inseriram, que constam nas publicações da Arquidiocese.

Ordens e Congregações²²	País de Origem	Entrada	Gênero	Atuação²³
Congregação da Missão – Vice-Província Polonesa no Paraná (Padres Lazaristas)	Polônia	1903	Masculina	Educação
Missionárias Servas do Espírito Santo	Holanda	1904	Feminina	Educação
Companhia das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo	França (Polônia)	1904	Feminina	Educação Saúde Lar de Meninas
Congregação de Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Padres Claretianos)	Espanha	1905	Masculina	Educação
Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família	Polônia	1906	Feminina	Educação
Congregação de Notre Dame de Sion	França	1ª vez: 1906 2ª vez: 1937	Feminina	Educação
Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Padres Passionistas)	Itália	1911	Masculina	Missões
Congregação dos Padres Oblatos de São José, Josefinos	Itália	1919	Masculina	Educação Assistência Social
Congregação dos Irmãos Maristas	França	1924	Masculina	Educação
Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz	Itália	1926	Feminina	Assistência Social Educação
Irmãs Franciscanas de São José	Alemanha	1927	Feminina	Saúde
Sociedade do Apostolado Católico, Palotinos	Itália	1934	Masculina	
Sociedade das Irmãs de Maria do Apostolado Católico	Alemanha	1943	Feminina	Saúde
Irmãs Filhas do Coração de Maria	França	1944	Feminina	Assistência Social
Congregação Missionária do Santíssimo Redentor, Redentoristas	Itália	1945	Masculina	
Pia Sociedade Filhas de São Paulo, Irmãs Paulinas	Itália	1949	Feminina	Comunicação
Congregação dos Padres dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria	França	1949	Masculina	

Ordens e Congregações ²²	País de Origem	Entrada	Gênero	Atuação ²³
Ordem dos Pregadores, Padres Dominicanos	França	1952	Masculina	
Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia	Itália	1953	Feminina	Educação
Missionários da Consolata, I.M.C.	Itália	1953	Masculina	
Congregação dos Oblatos da Maria Virgem	Itália	1953	Masculina	
Pequena Obra da Divina Providência, Dom Orione	Itália	1953	Masculina	Assistência Social
Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor	Espanha	1954	Feminina	Educação
Pia Sociedade de São Francisco Xavier, Xaverianos	Itália	1954	Masculina	
Irmãs Servas do Santíssimo Sacramento	França	1955	Feminina	Contemplanção

Fonte: Quadro organizado pela autora com base nos registros históricos das congregações de Curitiba e região em “Arquidiocese de Curitiba na sua história” (1958, p. 219-280) e em “Arquidiocese de Curitiba” (2002, p. 195-227).

Com a organização do Quadro 4, percebo algumas particularidades, como: i) é possível ver dois grandes períodos de entrada, em Curitiba e região, com destaque para o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, e mais tarde a partir do final da década de 1940 em diante; ii) outro fato importante que o quadro ressalta é a quase totalidade dos institutos religiosos serem de origem europeia; iii) além disso, os principais nichos de atuação dessas ordens e congregações, além da orientação espiritual em paróquias e igrejas, foi a coordenação de instituições educacionais, de assistência social e de hospitais.

Das particularidades postas e considerando o contexto da história da Igreja Católica internacional, nacional e local, a característica europeia das congregações em Curitiba e região talvez tenha se dado também pela expansão desses institutos a fim de atender, para além do continente de origem, aos imigrantes que estavam em terras paranaenses. A ligação com um local de origem, atentando para os italianos, é uma das características dos Padres Passionistas, das Irmãs (Zeladoras) do Sagrado Coração de Jesus e das Irmãs Passionistas, que vieram atuar, por exemplo, em uma antiga colônia dessa etnia. Nesta pesquisa, essa colônia que se conhece hoje por Colombo foi um local onde houve um trabalho em conjunto entre o ramo feminino e o masculino de congregações católicas, italianas em sua maioria, tendo como

desdobramento o atendimento educacional, que consequentemente abarcava a infância e a juventude. O lugar, nas tratativas de Certeau (2017), remete ao ofício do historiador; contudo, a atuação dessas congregações nesses lugares também remete a discursos que se articularam, relações sociais, poder e escolhas que reverberaram em algumas ações para dois grupos específicos: as crianças e os jovens.

A entrada desses institutos católicos em Curitiba e região pôde ter se dado por diversos caminhos, como solicitações da Diocese/Arquidiocese para auxiliar no atendimento das comunidades em crescimento, pedidos da sociedade civil ou até mesmo de outras congregações que já estavam aqui. A relação entre pedidos para atendimento e atuação na comunidade pode ser pensada na afinidade entre a caridade e a Igreja Católica. Em sua pesquisa sobre a história da miséria e da caridade na Europa, Geremek (1995) discute que, por mais que no mundo contemporâneo esta miséria inspire em sua maioria movimentos filantrópicos com princípios laicos, as práticas confessionais, muito fortes em anos anteriores na Europa, também virão ao Brasil como atividades cristãs institucionais pelas ordens e congregações, pois “já no decurso do século XX, galgam-se as fronteiras continentais e assistimos a investidas filantrópicas, de caráter religioso ou laico, em direção a países extra-europeus” (GEREMEK, 1995, p. 282).

Ainda refletindo sobre as assertivas de Geremek (1995), entendo que a relação da assistência religiosa e a etnia demarcam os programas caritativos como apoio das instituições à comunidade por laços identitários, mesmo longe da terra natal. Penso nesses grupos étnicos para além de suas origens em um local fixo, já que a crença de unidade na nova terra se faz pela subjetividade, como pontuado por Poutignat e Streiff-Fenart (2011), alimentados pelos membros, que formam uma comunidade, partilhando um sentimento de honra social.

Essa identidade étnica se constrói pela diferença, ou seja, de um lado a atração entre aqueles que se sentem de uma mesma cultura; e, de outro, o sentimento de diferença para o outro indivíduo, quando estes são confrontados. É entre o “eu” e o “outro” que as especificidades culturais se tornam fontes de mobilização coletiva, trazendo, por exemplo, a presença consistente da comunidade em festas religiosas, a frequência e a escolha por escolas étnicas e/ou católicas, e, até mesmo, o pedido para que as atividades de assistência religiosa fossem assumidas por determinadas congregações italianas. Dessas mobilizações coletivas, algumas ações objetivavam também a formação educacional da infância e da juventude nesses lugares.

Das congregações que atuaram em Colombo, de origem italiana, os Padres Passionistas e as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus têm a característica de expansão para a América focando o atendimento social aos imigrantes. Já as Irmãs Passionistas chegam mais tarde, não com o objetivo de atender a esses sujeitos, mas acabam se envolvendo também nesses locais, principalmente quando chegam à cidade de Colombo²⁴. Nessa direção, a assistência étnico/católica pode ir ao encontro de que:

o movimento filantrópico escora-se na beneficência individual; a fundação de escolas e outras formas de ajuda aos pobres devem partir dos particulares: este princípio constitui como que a base ideológica da filantropia – atividade que se pretende inspirada por motivações mais elevadas do que as que movem a assistência pública – sobre a qual se visa lançar sólidos alicerces de coexistência social (GEREMEK, 1995, p. 279-280).

Em diversos momentos, a comunidade e as pessoas particulares estiveram à frente incentivando e oportunizando as ações dessas congregações, muitas das quais

²⁴ Sobre a origem destes institutos, destaco que uma das primeiras entidades de atendimento aos imigrantes italianos, na segunda metade do século XIX, teve origem com a Sociedade dos Missionários de São Carlos (Padres Scalabrinianos), fundada em 1887, pelo bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini. Como a sua criação foi justamente para o atendimento desses sujeitos pela via da Igreja Católica e assistência, logo a congregação começou a expansão, principalmente pelas Américas que recebiam nesse período um contingente expressivo dessa imigração. Em 1890, os Padres desembarcaram em Curitiba. Para colocar em prática um dos propósitos que era a educação dos imigrantes e seus descendentes, e ainda na seara do catolicismo, os Scalabrinianos trabalharam em conjunto com as Irmãs do Sagrado Coração. Essa congregação surge com o apoio de Scalabrini, quando a fundadora, Madre Clélia, “no dia 20 de setembro de 1899, recebeu a visita de D. Scalabrini que as abençoou e definiu o compromisso de darem assistência aos imigrantes italianos em terra estrangeira” (WERNET; SBRÍSSIA; SIMÕES, 1999, p. 48).

Já os Padres Passionistas desembarcaram no Paraná, em 1911, a pedido de Dom João Francisco Braga, iniciando o atendimento no litoral do estado. Atuaram em missões nas localidades do Umbará, Santa Felicidade, Rondinha, Colombo e Água Verde, além de dirigirem por um período paróquias em Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba, Bocaíuva, Piraquara e Campina Grande do Sul. Em Colombo, chegaram no ano de 1915 e estão presentes até hoje. A história da congregação não é marcada desde os seus primórdios para o atendimento aos imigrantes italianos, como foi o caso dos Scalabrinianos, mas o *Livro das Crônicas do Convento do Calvário (1911 – 1952)*, de São Paulo/SP, traz que a chegada deles a esta cidade se deu por um pedido do Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva para que “abrissem um Convento deles em São Paulo para a assistência religiosa da numerosa Colônia Italiana que ali reside” (PASSIONISTAS-CRÔNICAS, 1911).

As Irmãs Passionistas também têm sua origem na Itália, pelas ações sociais de Maria Madalena Frescobaldi Capponi, voltadas para a educação feminina, em uma assistência social às prostitutas, nas primeiras décadas de 1800. Mas foi somente nas primeiras décadas do século XX que temos a expansão do Instituto para outros países, iniciando com o Brasil, em 1919, a convite dos Padres Passionistas, para atender a um instituto de órfãos, no estado de São Paulo. Desde os primórdios o projeto das Passionistas tem relação com a caridade e a assistência religiosa, em um atendimento voltado para mulheres marginalizadas, e adentram ao Brasil ainda na seara da assistência social, incluindo Curitiba na lista, em 1926. Todavia, quando chegam a Colombo, em 1927, passam a atender à educação da infância da antiga colônia italiana.

visavam à infância e à juventude. E essas congregações, por sua vez, utilizavam-se das ações e dos desejos de particulares para amplificar a disseminação do catolicismo e dos ideais desses institutos, bem como o seu fortalecimento, buscando nas crianças e nos jovens a sua continuidade.

Sobre a região colonial italiana do Rio Grande do Sul, tomando como análise a atuação de religiosos na educação, as pesquisadoras Mocellin e Mincato (2007, p. 206) afirmam:

As primeiras ordens religiosas instalaram-se na região, no fim do século XIX e início do século XX, período de estruturação da instituição católica na região. É somente a partir da instalação das primeiras ordens religiosas na região, que a educação se tornou um dos principais mecanismos de influência da Igreja Católica.

Em Colombo, é possível observar alguns pontos desse contexto, em que as congregações vão trazer uma institucionalização do catolicismo e a constituição de uma escola confessional e ações pensando na infância e na juventude local. Porém, antes da chegada da primeira congregação na cidade, a dos Padres Passionistas, a comunidade já estava inserida num atendimento católico, com algumas atividades já instituídas, dentre elas a catequese para as crianças, além de já contar também com o ensino público para atender à infância.

Os primórdios desse atendimento religioso foram feitos por alguns padres seculares e/ou instituições ligadas à Capelania Italiana, sendo esses sujeitos: Pe. Pietro Colbacchini, Pe. Francesco Bonato, Pe. Giovanni Morelli e Pe. Angelo Macagnan.

Este último sacerdote não gerou muito contentamento entre imigrantes e descendentes na cidade, inclusive pelos modos como levava a educação católica da infância e da juventude. Uma carta escrita por João Batista Lovato, em nome dos paroquianos de Colombo, ao Bispo Dom João Francisco Braga, em 14 de março de 1914, é reveladora de alguns receios que estes tinham sobre como a educação das crianças e dos jovens estava sendo posta nas práticas do Pe. Angelo Macagnan. Lovato descreve:

o catecismo para os meninos, aos domingos, depois do meio dia, como no começo foi iniciado, em lugar de melhorar, devido ao pouco zelo que o nosso Cura demonstrou desde o princípio, é reduzido, quase a zero, por falta de catequista e meninos (LOVATO, 1914 apud FEDALTO, 2017, p. 25).

Como descrito anteriormente, o catolicismo era uma das marcas culturais dos vênets que chegaram a Colombo, e tanto a catequese como outras práticas eram formas de materializar essa religião. Sobre o Vale do Itajaí, Marilda Checcucci Gonçalves da Silva (2001, p. 73) traz algumas características dos imigrantes e demarca:

O abalo sofrido pelos grupos imigrantes em consequência da emigração atinge todo o seu mundo cultural, no qual se inclui também a religião. Ora, se para a sociedade camponesa do norte da Itália a religião funcionava como princípio regular central, seria certamente ela que viria a permitir a garantia da continuidade desse mundo para estes mesmos emigrantes, quando do lado de cá, através da sua vivência e recreação [...].

E, nesse contexto, “era a religião, com seus símbolos, espaços e tempos sagrados, os ritos e rituais cotidianos, que iria permitir-lhes a plausibilidade do seu mundo cultural” (SILVA, 2001, p. 73). Na carta, Lovato ressalta essa característica para enfatizar a precária atuação do padre:

Parece ao nosso ver um padre novo, saído há pouco do seminário, não aceitando nossas queixas e censuras a respeito de sua vida pública de acordo com os princípios de nossa fé, nossas piedosas práticas e costumes religiosos que herdamos de nossos avós pela graça de Deus, trazidos da Itália e aqui seguidos pelos esforços de nossos padres que nos recomendavam que conservássemos em nossos corações a fé viva, como filhos dignos da Vandeia Italiana, nossa província, quando de lá viemos para o Brasil (LOVATO, 1914 apud FEDALTO, 2017, p. 27).

Esse parecer aponta que os imigrantes não eram meros receptores das vontades e das ações da Igreja na cidade, eles também se envolviam na condução das práticas, fazendo queixas quando essas não estavam de acordo com as suas expectativas. Isso é um indicativo de que nem mesmo a representação privilegiada da Igreja e do catolicismo para os imigrantes e descendentes vênets conseguiu manter as crianças de Colombo na catequese, ou os fez acatar as práticas do novo padre, que, segundo eles, não condiziam com os seus princípios. Mesmo com o seu status, a reclamação posta na carta por Lovato demonstra que a Igreja necessitava se organizar e se adaptar à realidade local, pensando inclusive em ações para a formação da infância e da juventude desses descendentes para que mantivessem a participação e o apoio da comunidade. Além disso, a carta revela um traço importante que esses imigrantes e descendentes consideravam – a ligação com as práticas

italianas pelas memórias que esses sujeitos aparentemente mantinham vivas e cobravam para que os padres seguissem. Assim,

Do ponto de vista das relações entre memória e identidade, a maneira pela qual esse pensamento classificatório vai se aplicar à categoria do tempo será fundamental, [...] as representações da identidade são inseparáveis do sentimento de continuidade temporal (identidade narrativa, apelo à tradição, ilusão da permanência, fidelidade mais ou menos forte a seus próprios engajamentos, mobilização de traços historicamente enraizados no grupo de pertencimento etc.) (CANDAU, 2011, p. 84).

Uma colocação importante descrita por Lovato, que vai ao encontro de pensar estratégias e produzir práticas, com as representações que a comunidade tinha sobre ser padre, em que não era somente cumprir com alguns ritos: “não basta só dizer missa, batizar e abençoar os noivos, pregar o Evangelho ao domingo, (até agora esta pregação deu pouco fruto) para cumprir sua obrigação” (LOVATO, 1914 apud FEDALTO, 2017, p. 26). Talvez esse avançar com as obrigações devesse incluir as crianças e os jovens, já que ele relata que “a maior parte dos anciãos passa as noites sem dormir, chorando amargamente, imaginando as tristes consequências para seus filhos e netos” (LOVATO, 1914 apud FEDALTO, 2017, p. 27).

É destacado, nas queixas contra Macagnan, o fato de que os Padres Passionistas estavam na região: “foi um privilégio para muitos de Colombo irem até a Capela de Capivari, longe 11 quilômetros de Colombo, dos dias 7 e 8 de dezembro para ganharem as indulgências do Jubileu, avisados por um padre passionista que lá se encontrava” (LOVATO, 1914 apud FEDALTO, 2017, p. 25).

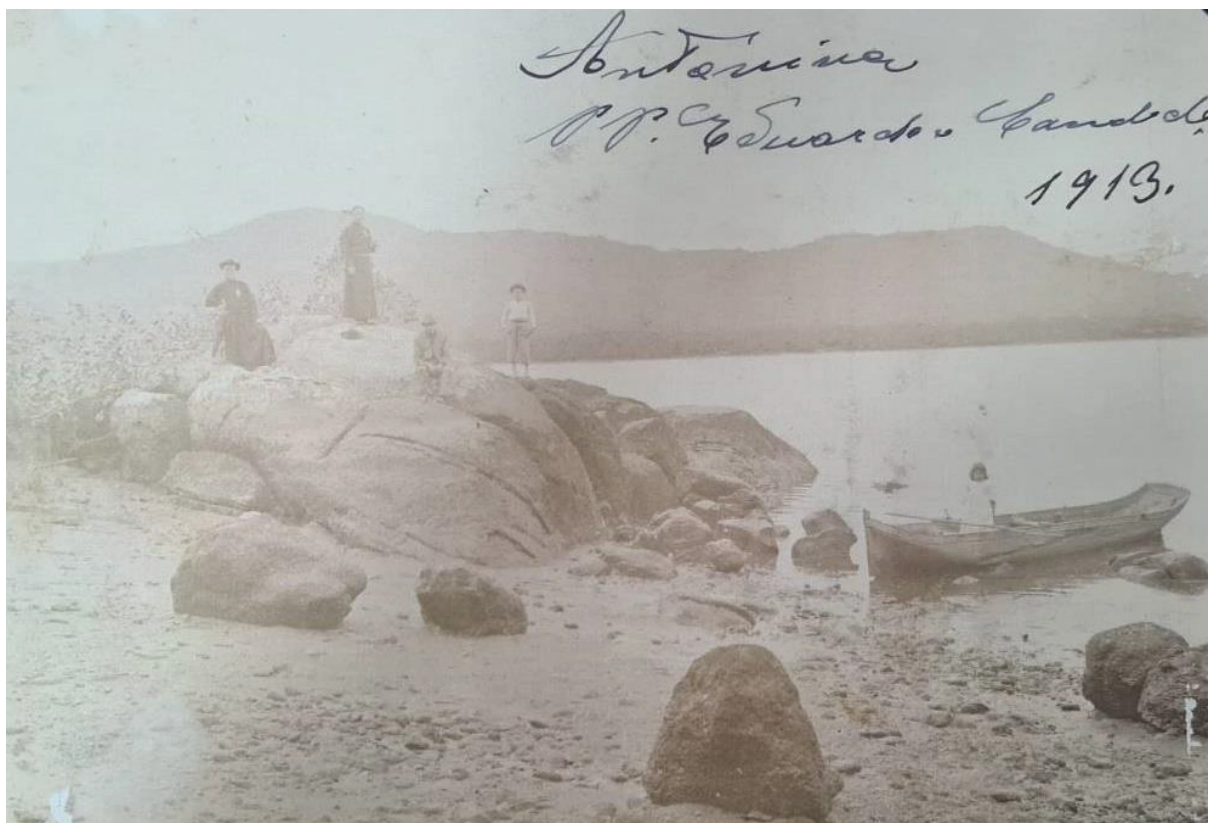
Possivelmente a união de alguns fatos, como as reclamações dos paroquianos e com os Passionistas percorrendo as redondezas da cidade com missões, propiciou a vinda dessa congregação para Colombo.

As reivindicações que a comunidade fez foram aceitas, pois, no ano seguinte, após a escrita da carta de repúdio, Pe. Macagnan foi retirado e os Padres Passionistas assumiram a Igreja de Colombo. Como já mencionado, esses religiosos chegaram ao Paraná ainda em 1911, a pedido de Dom João Francisco Braga, atendendo inicialmente ao litoral do estado.

A Figura 3 a seguir, que data do ano de 1913, mostra os Padres Passionistas, Candido e Edoardo, em Antonina, litoral do Paraná. É interessante lembrar que boa parte dos imigrantes italianos que chegaram inicialmente a Colombo tiveram antes uma estadia no litoral do estado, no final do século XIX. Outro fato que veremos

adiante é que esses dois religiosos também estarão envolvidos em muitas atividades no início do atendimento da congregação na cidade.

FIGURA 3 – PADRES CANDIDO E EDOARDO NA CIDADE DE ANTONINA, 1913



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Para além do que consta na descrição da imagem, não encontrei outras informações sobre o momento desse registro. Contudo, a foto posada não deixa de ser uma das primeiras imagens dos religiosos no Brasil, além de incluir com eles na fotografia a presença de duas crianças.

Com o aceite da congregação em relação ao pedido do bispo para o atendimento no litoral, os religiosos não se restringiram a essa localidade, mas, a partir de então, atuaram também em missões em algumas cidades e bairros de Curitiba, como: Umbará, Santa Felicidade, Rondinha, Colombo e Água Verde. Conforme lembrou Lovato, na carta mencionada anteriormente, já em 1914 eles estavam na

localidade de Colombo. Nessa cidade assumiram oficialmente a Paróquia no ano de 1915²⁵.

Entretanto, antes da chegada permanente a Colombo, quando ainda estavam em Antonina, Pe. Candido²⁶ escreveu em seu diário de memórias a seguinte reflexão sobre a cidade do litoral do estado:

Último ano em Antonina. Depois de uma visita ao Mato de Guaraqueçaba e celebrada a Festa do Bom Jesus na Igrejinha do Cemitério no mês de Agosto nos preparamos para nos transferir ao Cabral, Curitiba. Em Antonina, não se podia desenvolver a nossa obra²⁷ (GHIANDONI, 1952, p. 54, tradução minha).

A primeira indagação ao ler esse escrito é: por que em Antonina não poderiam desenvolver a obra deles? Na sequência das memórias de Pe. Candido, ele também conta que se opuseram em se estabelecer nos bairros Campo Comprido e Água Verde, na cidade de Curitiba. Isso me leva a refletir que a chegada da congregação a Colombo não foi de maneira aleatória. Possivelmente esses religiosos já tinham em mente as estratégias que utilizariam, e esse local iria propiciar e amplificar o desenvolvimento da sua obra.

Junto com os Padres Passionistas outras congregações católicas femininas passaram pela cidade e acabaram assumindo a coordenação do colégio católico, sendo elas: Irmãs Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus (1916 – 1927), Irmãs de São José de Chambéry (1935 – 1948) e Irmãs Passionistas (1927 – 1933; 1951 – até hoje); a última foi a mais atuante na instituição.

Sobre o trabalho das congregações junto à população e esse apego ao religioso, uma das características da identidade étnica da comunidade colombense, Trento (1988) ressalta um aspecto bastante importante:

²⁵ O Quadro 3, apresentado na introdução desta tese, traz a relação de todos os párocos Passionistas que atuaram em Colombo, a partir de 1915. Muitos destes nomes se farão presentes nas próximas páginas.

²⁶ Leandro Ghiandoni, conhecido como Pe. Candido (fotografia – anexo 1), nasceu em 26 de dezembro de 1881, em Fano, Pesaro, Itália. Foi um dos primeiros religiosos Passionistas a trabalhar na cidade de Colombo. Faleceu em 16 de janeiro de 1960, aos 79 anos de idade, deixando diversos manuscritos sobre seus primeiros anos na América, incluindo Brasil e Colombo. (MAZZAROTTO; BASSANI, 2000).

²⁷ *Ultimo anno in Antonina. Dopo una visita nel Mato di Guarakessaba e celebrata la Festa del Buon Gesù nella Chiesina del Cimitero nel mese di Agosto ci preparammo per trasferirci al Cabral, Curitiba. In Antonina, no si poteva svolgere l'opera nostra.*

Esse interesse das autoridades eclesiásticas encontrava resposta na ansiedade com que os colonos solicitavam, repetidas vezes e com insistência, a presença de um padre italiano, caso o núcleo não tivesse um. A procedência geográfica da maior parte dos emigrados – o Vêneto carola e patriarcal – justificava amplamente esse comportamento, que, porém, acabou por tornar a colônia ainda mais fechada e impermeável aos raros estímulos externos, pois seus habitantes ficavam mais satisfeitos à medida que mais se aproximavam do modelo deixado na pátria. De resto, a própria Igreja, por falta ou omissão absoluta dos representantes do governo italiano, cumpriu outra tarefa além da meramente religiosa, que foi a de assegurar as relações com a Itália (TRENTO, 1988, p. 97).

O primeiro Padre Passionista nomeado pelo bispo, em abril de 1915, como Cura da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Colombo, foi Pe. Sigismondo. No entanto, pelos manuscritos de Pe. Candido, parece ter sido ele o primeiro Passionista a assumir as funções religiosas em Colombo; logo, em 1917, tornou-se pároco.

Pe. Candido transcreveu alguns diários contando sobre a sua rotina, junto com reflexões póstumas de sua passagem pela cidade de Colombo e outros locais também. São quatro livros de memórias, cobrindo os anos de 1910 a 1919, da sua passagem pela Argentina até chegar ao Brasil e estabelecer-se em Colombo. Existe a indicação, em alguns desses materiais, de que foram passados a limpo na década de 1950; por isso, quando ele recorda sobre as atividades que fez em determinado dia, ao citar um nome, às vezes comenta outros fatos que aconteceram depois. Por exemplo, ao falar que realizou um casamento no Capivari, ele conta que mais tarde uma das filhas daquela família se tornou religiosa pela congregação das Irmãs de São José. Ou até mesmo, acrescenta no diário reflexões sobre as ações que colocava em prática, tendo como exemplo Pe. Bonato (primeiro pároco de Colombo, antecessor de Pe. Macagnan, que tinha sido objeto da carta de repúdio já mencionada anteriormente) e a catequese junto às crianças. Em alguns momentos também complementa na escrita sobre o trabalho Passionista que foi feito posterior a sua passagem pela cidade, citando outros párocos da congregação e suas ações na comunidade.

Todo o material produzido por Pe. Candido é escrito em italiano, sua língua materna, em letra cursiva e à caneta. A maior parte do conjunto dessas memórias foi sobre Colombo. Além desse tipo de fonte já chamar a atenção sobre as práticas ordinárias como padre na comunidade, com informações do cotidiano de alguns sujeitos da cidade, outras questões sobre a produção de seus escritos também incitam algumas perguntas e reflexões.

Uma das primeiras questões que me chamou a atenção nos documentos foi o registro em italiano das suas memórias sobre o Brasil. Principalmente por essas memórias terem sido passadas a limpo, quando ele já estava a mais de 40 anos em terras brasileiras. Inclusive, no Livro Tombo da Igreja Matriz, já em 1915, ele escreveu os registros em português, ou seja, ele sabia escrever nesta língua. Pensando em algumas respostas, conjecturo que talvez fosse mais fácil para ele escrever na sua língua materna. Mas, não deixo de imaginar para quem ele estava pensando deixar o acesso desses materiais enquanto escrevia suas reminiscências. Seria para os seus pares, padres italianos?

Enfim, “documentos do passado não foram elaborados para o historiador, mas sim para atender a necessidades específicas do momento” (BACELLAR, 2018, p. 69). Nas reflexões e hipóteses levantadas, talvez o diário fosse uma forma de marcar os primeiros anos dos Passionistas no Brasil, que, com Pe. Candido, abarcaram principalmente as ações em Colombo.

Outro ponto que reflito é que passar a limpo, na década de 1950, quando Pe. Candido já estava com mais de 70 anos, talvez fosse um desejo dele de que essas memórias não se perdessem, além de ser um novo momento para que os escritos fossem revistos ou alterados. Mas por que as memórias se estenderam apenas até o ano de 1919? E o restante de sua vida até o ano de 1960 (data de sua morte)? Os últimos registros datam que a reescrita aconteceu no ano de 1958. Será então que não deu tempo de passar a limpo os outros diários e estes se perderam e/ou não foram enviados para o Arquivo Histórico da Congregação?

O passar a limpo e o guardar pela instituição, constituiu um proteger e partilhar as folhas escritas amareladas, um material “ordinário”, que traz traços do cotidiano, e das construções da cidade, nomes e redes de sociabilidade desse religioso no início do trabalho dos Passionistas. Cunha (2019), baseada em Fabre, remonta a escrita ordinária, como aquela realizada por pessoas comuns, sem ter como objetivo específico o de produzir uma obra para ser impressa. “Os acervos pessoais, via de regra, contêm documentos de naturezas diversas que resultam de diferentes estações da vida, expressando tanto a vontade de forjar uma glória como um desejo de guardar os momentos mais significativos” (CUNHA, 2019, p. 28).

Como Cunha (2019) destaca, este tipo de documento permite não só dimensionar as ações e empreendimentos do autor, mas também dos seus contemporâneos.

Após estas primeiras reflexões, para compreender as práticas e fatos descritos pelo Padre, precisei adentrar na leitura em italiano e acostumar-me com algumas formas de escrita desse sujeito, como o ponto do “i” que não fica logo acima da letra ou o “f” que se assemelha a uma linha na vertical com uma pequena volta na parte inferior. Trago um exemplo desta escrita a Figura 4 a seguir, em que Pe. Candido conta sobre sua rotina entre os dias 13 e 16 de fevereiro de 1918, na cidade de Colombo, com algumas idas ao bairro Cabral, em Curitiba.

FIGURA 4 – EXTRATO DE UMA PÁGINA DE UM DOS DIÁRIOS DE PE. CANDIDO

23.

g. X. P. Fevereiro, 1918.

13 d.º Mercoledì - delle Genere.
 Levata ore 5¹². - Confessioni fino a 8. h.
 S. Messa e Predica in Portoghese e
 Distribuzioni delle Genere, ore 8¹² - 10.
 P. Sigismondo si reca a Capivary
 per la festa della Lingua Benedetta di
 S. Antonio di Padova.

14 d.º Giovedì S. Valentino. Levata, idem
 Confessioni. S. Messa, Predica e
 Benedizione colla Reliquia di S. Va-
 lentino ore 8¹² - 9¹². Molto popolo.
 Sera. Casa.

15 d.º Venerdì - Colombo, Cabral, Colombo.
 Levata, 4¹². S. Messa 5¹², h. Partenza
 con Beppe Tosin, 6¹⁴. Città. Visconte
 per Invito. Dal Libbraio per carta
 per scrivere la Platea del Cabral.
 Ritorno a Colombo la sera, ore 6.

16 d.º Sabato. Levata, idem. S. Messa
 al Collegio - ore 6¹² - 7¹². - La giornata
 in casa e la sera occupato spe-
 cialmente in ascoltare le confessioni.

11-5-58.
C. P.

Contudo, como alerta Bacellar (2018, p. 55), “[...] para o documento manuscrito é preciso, antes de tudo, acostumar-se com a caligrafia”. Depois deste exercício, comecei a perceber alguns indicativos de práticas e situações da época que me ajudaram a compor esta história da infância e da juventude católica de Colombo.

Na classificação que Viñao (2004) traz, apoiado em Manuel Alberca, é possível classificar os diários em dois tipos: i) os “dietários”, voltado mais aos acontecimentos externos, de caráter social, político e intelectual; ii) os “diários”, em um sentido mais estrito e íntimo, com aflições e inquietações pessoais. Nessa classificação, penso que a escrita de Pe. Candido recaia mais na primeira classificação, já que ele contará sobre sua rotina na paróquia. Suas inquietações pessoais também serão mais voltadas às ações para valorizar e expandir o catolicismo.

Voltando para os conteúdos que sua escrita trouxe, sobre o início dos Passionistas em Colombo, Pe. Candido comenta que a sua experiência no local significou o seu curso universitário – seria esse um dos indicativos de passar a limpo suas memórias até o ano em que esteve em Colombo? –, e nessa reflexão ele cita Lovato, aquele que assinou em nome da comunidade a carta de repúdio ao último padre (Macagnan) antes da chegada dos Passionistas. Nas memórias de Pe. Candido, Lovato foi posto como uma figura significativa para a igreja local, também como um guardião das práticas do Pe. Francesco Bonato, cujos exemplos cita em vários momentos, sendo que possivelmente não tenha convivido com ele, mas talvez Lovato e os moradores de Colombo o lembrassem a todo momento dessa figura religiosa.

Brincando, mas de verdade, costumo dizer que em Colombo fiz o meu Curso Superior. Aprendi ao menos um pouco a ser Pároco, sob a orientação e os exemplos do P. Francesco Bonato. E os mesmos colonos, especialmente o Senhor João Batista Lovato, ótimo cristão e de memória felicíssima, me lembravam o sistema do dito Pároco exemplar. Foi sempre meu sistema: nunca destruir, inclusive aumentar o bem feito pelos outros, sem pretender fazer novidades²⁸ (GHIANDONI, 1952, n.p., tradução minha).

²⁸ *Scherzando, ma davvero, costumo dire che a Colombo ho fatto il mio Corso Superiore. Ho imparato almeno un poco a fare da Parroco, sotto la guida e gli esempi del P. Francesco Bonato. E i coloni stessi, specialmente il Sig. Giambattista Lovato ottimo cristiano e di memoria felicissima, mi ricordavano il sistema di detto Parroco esemplare. È stato sempre mio sistema: mai distruggere, anzi aumentare il bene operato da altri, senza pretendere di fare delle novità.*

Essas ponderações e reflexões sobre o seu passado, quase de maneira ritualística, vão ao encontro das ponderações de Cunha (2013, p. 116):

cartas e diários pessoais são documentos que carregam traços ritualísticos, consagrando-se tanto como artefatos culturais quanto como documentos que têm, para o historiador, outros estatutos: abrir espaço a partir do qual a história pode ser investigada, isto é, buscada em vestígios e problematizada a partir de diferentes ritmos da vida social de uma época. Materializados em papel e tinta, eles eternizam, em folhas amareladas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações escritas em suporte papel de um outro tempo, produzindo sentidos e construindo significados à ordem do existente.

A caligrafia de Pe. Candido, nas folhas amareladas, mesmo sendo passadas a limpo, traz representações e acontecimentos que ajudam a pensar e a problematizar a vinda dos Passionistas para Colombo, suas ações na cidade e consequentemente a história da infância e da juventude católica no local. Os indícios de Pe. Candido dão a entender que Lovato e a comunidade o lembravam que os passos de Bonato seriam um bom caminho a seguir. Mas algumas questões podem ser colocadas também: i) Por que Colombo ganhou tanto destaque na fala de Pe. Candido, considerando este lugar como o *locus* no qual ele fez seu curso “superior”? ii) Lovato, um representante da comunidade, procurou ajustar o início dos Passionistas na cidade, com os exemplos do antigo Pe. Bonato, tentando evitar novos descontentamentos, como foi quando Macagnan assumiu a Igreja?

Sobre as práticas de Pe. Bonato, Pe. Candido ressalta a importante atuação desse sacerdote na cidade, principalmente pelo viés do seu trato com as crianças na catequese:

Ele deixou a Paróquia de Colombo perfeitamente organizada em tudo, e eu não fiz nada além de continuar a sua linha mestre, especialmente no ensinar o catecismo as Crianças e Adultos. Nisso ele era especialista, como pude constatar nos seus manuscritos²⁹ por mim encontrados e zelosamente guardados³⁰ (GHIANDONI, 1952, n.p., tradução minha).

²⁹ Inclusive, Pe. Candido comenta em seu diário que no dia 24 de dezembro de 1917, encontrou no sótão da casa algumas correspondências que Pe. Bonato recebeu de Pe. Colbacchini, e entregou essas aos Padres Scalabrinianos (GHIANDONI, 1952, p. 442). Possivelmente esse achado se tornou parte de um livro, com as cartas escritas por Colbacchini: TERRAGNI, Giovanni. P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901. Corrispondenza e scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016.

³⁰ *Egli lasciò la Parrocchia di Colombo perfettamente organizzata in tutto, ed io non feci altro che continuare la sua linea maestra, specialmente nell'insegnare il catechismo ai Fanciulli ed Adulti. In*

Enquanto destaca a todo momento em suas memórias o trato de Pe. Bonato com a infância e sua importância para a cidade, em uma grande escala, também aparecerão nos escritos a impopularidade que Pe. Macagnan tinha ganhado entre os colombenses:

o bispo foi obrigado a transferi-lo de novo a Castro, cidade muito mais importante que Colombo, porque não combinava com os Colonos. Esses se lamentavam que o Padre, pela manhã se levantava tarde, quase somente para a S. Missa, sem atender as confissões e não se preocupava, na verdade ele negligenciou o ensinamento da Doutrina Cristã às crianças³¹ (GHIANDONI, 1952, n.p., tradução minha).

Além dos escritos sobre Pe. Bonato e os descontentamentos que a comunidade tinha com Pe. Macagnan, Pe. Candido ressalta como os Passionistas foram ganhando terreno na conquista da confiança dos colonos: “Quando foi transferido o P. Macagnan de Colombo, havia alguns simpatizantes, uma meia dúzia, que depois se reconsideraram e se uniram ao resto da Colônia”³² (GHIANDONI, 1952, n.p., tradução minha). O religioso enfatiza a fé e a cultura da comunidade que remetem a uma identidade italiana e que “a grande preocupação de todos [párocos Passionistas que passaram por Colombo], foi aquela de conservar as boas tradições trazidas da Itália e junto com os Novos Irmãos Brasileiros viver o Cristianismo puro [...]”³³ (GHIANDONI, 1952, n.p., tradução minha).

Esses apontamentos feitos pelos sujeitos históricos que remetem às características culturais italianas da comunidade ajudam a compreender as práticas dessa Igreja na direção da infância, tendo como suporte a comunidade calcada no catolicismo. Teriam os Passionistas colaborado na construção de uma cultura ítalo-brasileira na cidade, por suas ações na comunidade e com a infância e a juventude?

Em outra reflexão, no texto intitulado “Observações póstumas sobre Colombo”³⁴, tem-se o histórico de atendimento e as características da população e do

questo era egli specializzato, come potei constatare dai suoi manoscritti da me trovati e custoditi gelosamente.

³¹ *Ma il vescovo fu obbligato a trasferirlo di nuovo a Castro, città molto piu importante di Colombo, perche anche non combinava coi Coloni. Questi si lamentavano che il Padre, la mattina si levava tardi, quasi solo per la S. Messa, senza attendere alle confessioni e non si preoccupava, anzi trascurava l'insegnamento della Dottrina Cristiana ai fanciulli.*

³² *“Quando fu trasferito il P. Macagnani da Colombo, vi furano alcuni simpatizzanti, una mezza dozzina, che poi si ricredettero e si unirono al resto della Colonia”.*

³³ *“la grande preoccupazione di tutti, fu quella di conservare le buone tradizioni portate dall'Italia ed insieme coi Nuovi Fratelli Brazileri vivere il Cristianismo puro [...]”.*

³⁴ *“Osservazioni postume sopra Colombo”.*

primeiro sacerdote que atendeu a comunidade, no qual Pe. Candido novamente remonta as características étnicas e consequentemente católicas de Colombo:

Em 1915 eram mais de 3 mil colonos todos vindos do Vêneto: Vicenza, Padova, Treviso etc. Divididos em 3 núcleos: O Centro Paróquia e Município e outros dois Grupos: Capivari e Faria ou Cangueri. A alma desses 3 grupos foi em 1º lugar: P. Pietro Colbacchini, homem erudito, de caráter, um verdadeiro Missionário Apostólico. Foi ele que deu o verdadeiro endereço consolidado da Fé e da Piedade, ao mesmo tempo que se estavam adaptando ou se ambientando na nova pátria. A preocupação principal tanto do P. Colbacchini como dos seus sucessores era que os colonos não perdessem a forma, ou mentalidade religiosa que tinham trazido da Itália e que também teria sido de grande benefício aos indígenas, isso é para o povo Brasileiro, que pela falta de Padres não haviam tido a cultura religiosa necessária³⁵ (GHIANDONI, 1952, n.p., tradução minha).

Nesse trecho em específico, as “observações póstumas” trazem já no seu título que esse religioso estava pensando em outro momento, sobre sua passagem pela cidade. Essas memórias podem trazer a ilusão biográfica, tomando de empréstimo o título da reflexão de Bourdieu (2006), de que tudo nos primeiros anos dos Passionistas, com o Pe. Candido em Colombo, foi projetado para o devido fim registrado. Acerca dos relatos – que mesmo não sendo explicitamente biográficos, mas sim de um cotidiano –, Bourdieu (2006, p. 184) alerta para o cuidado quando esses “tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis”. No entanto, mesmo com essa maneira de descrever, tendo um fim e marcado como essas ações reverberavam em “boas coisas” pela ótica do religioso, essas descrições ainda assim trazem indícios de alguns fatos, pois “[...] a aparente objetividade do relato não deve matizar a sua capacidade de construir representações sobre práticas cotidianas” (MAUAD; MUAZE, 2004, p. 198).

No campo dos registros e escritas pessoais, as pesquisadoras Mauad e Muaze, ao analisar o diário da viscondessa do Arcozelo, no comparativo com outras narrativas

³⁵ *Nel 1915 erano più di 3 mila coloni tutti venuti da Veneto: Vicenza, Padova, Treviso ecc. Divisi in 3 Nuclei: Il Centro Parrocchia e Municipio e altri due Gruppi: Capivary e Faria o Cangheri. L'anima di questi 3 gruppi fu in 1º luogo: P. Pietro Colbacchini, uomo dotto, di carettere, un vero Missionario Apostolico. Fu Lui che diede il vero indirizzo consolidando la Fede e la Pietà, nel tempo stesso che si venivano adattando o ambientandosi nella nuova patria. La preoccupazione principale tanto del P. Colbacchini come dei suoi successori si era che i coloni non perdessero la forma mentis, o mentalità religiosa che avevano portato dall'Italia e che sarebbe stata altresì di grande giovamenti agl'indigeni cio è al popolo Brasileiro che per mancanza di Sacerdoti non aveva potuto avere la cultura religiosa necessaria.*

de brasileiros da “boa sociedade” da época, percebem um descompasso entre estas, em que

de um lado, as narrativas dos viajantes, escritas para registrar, mas também para tornar pública a opinião postulada por alguém que se considerava um especialista, operam com a chave de leitura clássica do período — civilização versus barbárie. De outro, as escritas da intimidade, que revelam um cotidiano repleto de estratégias de sociabilidade e convivência num ambiente permeado pela diferença social, pela tensão de classe e pela luta continuada por manter a riqueza num mundo em transformação (MAUAD; MUAZE, 2004, p. 199).

Esse excerto me faz pensar na dicotomia do diário de memórias de Pe. Cândido, além das experiências particulares, as práticas ordinárias, traz um discurso que era para se tornar público, da ação dos Passionistas em Colombo.

Neste tornar público um discurso para a memória da cidade e/ou da congregação, Pe. Candido já deu indícios sobre sua atuação tendo como base as ações de Pe. Bonato, o descontentamento da comunidade com Macagnan, as características da origem vêneta e algumas práticas pensando no atendimento à infância e à juventude. Além disso, entre as articulações da Igreja e da comunidade, ele cita a formação das vocações:

Pelo que me consta, o povo de Colombo, Capivari e Faria foi sempre generoso com a Igreja e com o Ministro de Deus, o Sacerdote. Construíram a Matriz monumental de Colombo, para qual levaram 18 anos e depois ou, concomitantemente, as duas Capelas, primeiro em madeira e depois em alvenaria, sob a direção dos Passionistas. Sob a direção dos mesmos Padres, em 1916 inauguraram o Colégio das Irmãs para duzentos ou trezentos meninos e meninas. Finalmente culminaram a sua fé e generosidade, ajudando o P. Angelo da S. Família na construção do Seminário dos Passionistas.

As Irmãs Passionistas. Com essas a escola teve grande elogios e aprovação do Governo Brasileiro, abriram ainda no Colégio delas um aspirantato para as meninas com vocação religiosa³⁶ (GHIANDONI, 1952, n.p., tradução minha).

³⁶ *Per quanto mi consta, il popolo di Colombo e Capivari e Faria, fu sempre generoso colla Chiesa e col Ministro di Dio il Sacerdote. Costruirono la Matrice monumentale di Colombo, per cui impiegarono 18 anni e poi o contemporaneamente le due Capelle, prima in legno e in mattoni di seguito, sotto la direzione dei Passionisti. Sotto la direzione dei medesimi Padri, nel 1916 inaugurarono il Collegio delle Suore per due o trecento bambini e bambine. Finalmente culminarono la loro fede e generosità, aiutando il P. Angelo della S. Famiglia nella costruzione dell'Alunnato dei Passionisti [...]. Le Suore Passioniste. Queste altre la scuola che ebbe elogi altissimi e l'approvazione del Governo Brasileiro, aprirono pure nel loro Collegio un'aspirantato per le bambine con vocazione religiosa.*

Os arquivos pessoais, como lembra Mignot (2002, p. 51), são lugares de memória. Não podem funcionar como provas, “não são testemunhos incontestes. São pistas de formas de ver o mundo”. Algumas das características da comunidade enaltecidas por Pe. Cândido remontam à italianidade da comunidade colombense e às práticas para atender à infância e à juventude, bem como formas de materializar esse catolicismo idealizado pelos imigrantes e descendentes. Essas pistas iniciais são um prelúdio para as discussões dos próximos tópicos e capítulos.

A aproximação entre os Passionistas e Colombo e a posterior vinda deles para a cidade talvez tenham se dado justamente por padres e comunidade terem a afinidade de origem de um local (mesmo com os imigrantes e descendentes e a congregação terem referência de regiões distintas da Itália). A interlocução entre Brasil e Itália, por intermédio desse catolicismo, é uma característica lembrada e presente tanto por parte da comunidade, e constatada na carta escrita por Lovato e mencionada anteriormente, como pelas memórias Passionistas, do Padre Candido.

A partir dessas primeiras características levantadas, busco agora adentrar nas relações entre Brasil e Itália, por esses sujeitos.

1.2 OS PASSIONISTAS: ENTRE ITÁLIA E BRASIL

Muitas das congregações italianas que adentraram o Brasil, ainda mantiveram uma ligação com os seus locais de origem. Essa relação poderia ser subjetiva, como os traços culturais de uma formação realizada em terras italianas; ou concreta, com religiosos dessa etnia, que deviam obediência à casa geral, que ficava na Itália. De lá enviavam avisos e autorizavam (e recomendavam) as ações que seriam postas em prática no novo continente de atuação, como abertura de escolas, catequese para as crianças, entre outras orientações.

Pensando na relação transnacional, o texto de Lawn (2014), na pesquisa de um projeto “escocês”, demarca que alguns dos pesquisadores escoceses eram bem cosmopolitas, pertencendo a uma comunidade mais ampla que a imediata e física da Escócia, e que esse pertencimento contribuía nos seus trabalhos e pensamentos. Nessa linha, Lawn (2014) faz uma crítica de que a História da Educação, às vezes, trata os objetos de estudo como algo naturalmente nacional, com fronteiras impermeáveis. Esta pesquisa está inevitavelmente associada a um lugar que “[...] têm objetivos locais, com culturas e economias próprias, no entanto elas produzem e

existem em um espaço material e imaginativo [...]” (LAWN, 2014, p. 140). O autor, amparado em Livingstone, demarca esse espaço social como facilitador e condicionador para um espaço discurso, em que as ideias são produzidas e moldadas pelo ambiente, porém, determinado por interconexões. Para isso, sujeitos viajam com as congregações, levando ideias nascentes na Itália que sofrem reconfigurações postas pelo novo local. Isso ocorre numa via de mão dupla, já que “a circulação de bens e mercadorias, informações e dados significa que o local é persistentemente reconfigurado por influências distantes, por agentes, ferramentas e medidas padronizadas, e esclarecimentos conceituais” (LAWN, 2014, p. 141).

Os fundadores e/ou superiores gerais das congregações que atuaram em Colombo não vieram de forma permanente à nova localidade para trabalhar próximo à comunidade, com as crianças e os jovens; fizeram algumas visitas pontuais, deixando outros padres e freiras dos seus institutos responsáveis para o trabalho braçal, muitos desses também de origem italiana. Lembrando que essas comunidades também eram locais formados por sujeitos, em sua maioria, de um vêneto carola, que traziam características de identificação com determinadas práticas do catolicismo e esperavam que essas fossem reproduzidas pelo atendimento dos religiosos no novo continente.

Para fomentar a articulação entre normas e ideias, tanto italianas quanto da nova realidade brasileira, postas em prática no território paranaense, algumas habilidades eram necessárias aos sujeitos que aqui estavam, articulando as relações entre o português e a língua italiana, entre a realidade da península e as antigas colônias com suas florestas (como Pe. Candido se referia no seu diário a algumas localidades de Colombo).

Quando as orientações chegavam na língua diferente dos atendidos, eram os padres e freiras quem tinham que lê-las, interpretá-las e traduzi-las, literal e culturalmente, em práticas condizentes com o lugar em que estavam. Mesmo em períodos mais antigos, Eire (2009), na coletânea de Burke, com o texto “A piedade católica moderna em tradução”, ajuda-me a pensar no papel de padres e freiras e os textos católicos voltados para os fiéis, em que “textos desempenharam um papel-chave na transmissão de ideias, atitudes e padrões de conduta entre os católicos modernos, em dois níveis independentes: em meio ao clero que dava forma à fé, e em meio ao laicato que aquele pastoreava” (EIRE, 2009, p. 96).

Para administrar os níveis entre o clero e o laicato, vieram Passionistas de outros países, mas, a grande maioria, até a década de 1940, era de origem italiana, principalmente no ramo masculino. No Quadro 5, disponho os nomes, a chegada e o primeiro destino dos padres italianos que chegaram ao Brasil.

QUADRO 5 – RELIGIOSOS PASSIONISTAS ITALIANOS QUE TRABALHARAM NA PROVÍNCIA DO CALVÁRIO³⁷

Nome	Chegada	Primeiro Destino
01. Pe. Modesto Meschino	06/09/1911	Paraná
02. Pe. Candido Ghiandoni	10/12/1911	Paraná
03. Ir. Antônio Leopardi	10/12/1911	Paraná
04. Pe. Camilo Borgna	24/01/1912	São Paulo
05. Pe. Geraldo Cortese	24/01/1912	São Paulo
06. Pe. Sigismundo Palma	06/03/1913	Paraná
07. Pe. Inácio Constanzo	06/03/1913	São Paulo
08. Ir. Agostinho Properzi	06/03/1913	São Paulo
09. Pe. Eduardo Boldrini	06/03/1913	Paraná
10. Pe. Dâmaso Trani	06/03/1913	Paraná
11. Pe. Lourenço Serafini	14/11/1914	São Paulo
12. Pe. Basílio Morganti	14/11/1914	São Paulo
13. Pe. Faustino Mascagna	14/11/1914	São Paulo
14. Ir. Lourenço Marcelli	14/11/1914	São Paulo
15. Pe. Adalberto Mastelloni	08/07/1919	São Paulo
16. Pe. Rafael Costa	07/11/1919	São Paulo
17. Pe. João Batista Ruscito	22/11/1919	Rio Grande do Sul
18. Pe. Atanásio Miccoli	22/11/1919	Rio Grande do Sul
19. Pe. Cirilo Marotta	22/11/1919	Rio Grande do Sul
20. Ir. João Longo	22/11/1919	Rio Grande do Sul
21. Pe. Alberto Casavecchia	22/11/1919	Rio Grande do Sul
22. Pe. Dionisio Panfili	03/12/1919	Paraná
23. Cl. Manuel Sparagana	21/12/1921	Rio Grande do Sul
24. Pe. Damião Pascolieri	06/05/1923	São Paulo
25. Pe. Simão Giuliani	06/05/1923	São Paulo
26. Ir. Gregório Ciciarelli	06/05/1923	Paraná
27. Pe. Jorge Gianecchini	15/12/1923	São Paulo
28. Ir. Ângelo Marocchini	02/08/1925	São Paulo
29. Pe. Bernardo Belli	27/08/1926	São Paulo
30. Pe. Ludovico Bassi	13/08/1931	Paraná
31. Pe. Marcos Facchini	05/09/1932	Rio Grande do Sul
32. Ir. Modesto Tirino	05/09/1932	São Paulo
33. Pe. Amadeu Del Giudice	05/09/1932	Rio Grande do Sul
34. Pe. Julião Bellaviti	17/02/1947	São Paulo
35. Pe. Fausto Caffelli	17/02/1947	São Paulo
36. Pe. Fulgêncio Esposito	17/02/1947	São Paulo
37. Pe. Angelo Alegrini	17/02/1947	Paraná
38. Pe. Isidoro Bettineschi	17/02/1947	Paraná
39. Pe. José Tittoni	17/02/1947	São Paulo

Fonte: Bassani, 2001.

³⁷ Bassani (2001) fez um apanhado sobre a vinda dos religiosos estrangeiros que chegaram na Província do Calvário, que na época da organização dessas informações congregava algumas paróquias do Brasil, incluindo as do Paraná.

Já no ramo feminino, o número de religiosas Passionistas italianas foi bem menor. Até onde pude localizar nos registros, foram somente as três primeiras que deram início ao trabalho da congregação em São Paulo. Mais tarde houve a visita das superiores italianas, porém, de maneira esporádica e com ciclos limitados, abarcando poucos dias em algumas localidades. No Quadro 6, disponho os nomes, a chegada e o primeiro destino das religiosas Passionistas que chegaram ao Brasil.

QUADRO 6 – PRIMEIRAS RELIGIOSAS PASSIONISTAS ITALIANAS QUE CHEGARAM AO BRASIL

Nome	Chegada	Primeiro Destino
01. Ir. Boaventura Sabani	07/11/1919	São Paulo
02. Ir. Águeda Lopai	07/11/1919	São Paulo
03. Ir. Anunciata Innanzi	07/11/1919	São Paulo

Fonte: Passionistas, 1991.

Contudo, o número reduzido de religiosas que adentraram o Brasil para trabalhar foi compensado pela formação de várias vocações, iniciadas em menos de um ano após as suas chegadas. Muitas dessas vocações eram meninas da cidade de Colombo, como será aprofundado no capítulo 2 desta tese.

Sobre as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, a outra congregação italiana que trabalhou na cidade de Colombo, o rol de religiosas dessa origem étnica possivelmente foi mais significativo, no comparativo com as Passionistas. Prati e Melo (2002) descrevem que as irmãs que atuaram em Colombo foram: Madre Josefina d'Ingenheim, com as Irmãs Severina Paolin e Inocentina Gatti. A Ir. Josefina d'Ingenheim foi uma das quatro primeiras italianas que desembarcou no Paraná, junto com Pe. Francisco Brescianini. Já a Ir. Severina Paolin possivelmente foi uma vocação de Santa Felicidade (WERNET; SBRÍSSIA; SIMÕES, 1999, p. 199).

Neste primeiro levantamento, faço uma reflexão inicial de que a Itália pode ter se apresentado de diversas maneiras para a comunidade a partir desses religiosos, contribuindo para a construção das identidades locais, na união entre uma veneticidade, italianidade e brasilidade, que irá reverberar no atendimento à infância e à juventude.

Dos nomes organizados nos quadros, alguns vão se sobressair nos indícios desta relação entre Brasil e Itália, com as propostas e as práticas para a infância e a juventude na comunidade colombense. Seguir os fios e rastros desses sujeitos remete pensar que “[...] toda configuração social é o resultado da interação de incontáveis

estratégias individuais: um emaranhado que somente a observação próxima possibilita reconstituir” (GINZBURG, 2007, p. 277).

No entanto, uma questão interessante, e que merece atenção, é que não foram apenas documentos, orientações e sujeitos que viajaram da Itália para o Brasil. Esse não era um caminho de apenas uma via, em que somente se enviavam produtos e pessoas. É importante destacar que, por exemplo, uma religiosa Passionista, de origem colombense, Tomazina Costa Bontorin³⁸, foi superiora geral das Irmãs Passionistas, entre as décadas de 1960 a 1970, tendo residido na Itália.

Além disso, muitos religiosos daqui também viajaram à Itália para visitas, compras e participações em encontros das congregações. A Ir. Antonieta Farani³⁹, ícone na formação religiosa das Irmãs Passionistas no Brasil, também esteve na Itália e deixou registrado esse evento em diversas cartas. Em uma dessas, no dia 28 de novembro de 1950, mesmo não sendo endereçada às crianças colombenses, tem uma mensagem no final que pode ser um indicativo de como a congregação pensava a formação infantil:

Caríssimas crianças da Escola Paroquial
Estou na Itália mas lembro muito de vocês. [...]
Como é linda uma Escola Paroquial. Visitei diversas aqui, das nossas Irmãs, e quanto recordei essa querida Escola. [...]
Vi o Santo Padre, escutei cantos da Cruzada, assisti missa de crianças, tudo isso logo me lembrava essas alminhas que “Jesus Crucificado” pôs no caminho de nossa vida.
Crianças, sejam pequenos Passionistas! (FARANI apud PASSIONISTAS, 1996, p. 143-144).

A Itália também parecia estar de olho no que esses religiosos faziam no Brasil. Em visita ao acervo histórico das Irmãs Passionistas, em São Paulo, encontrei um documento do ano de 1958, em que Ir. Anunciata⁴⁰, a Superiora das Irmãs

Tomazina Costa Bontorin (fotografia – anexo 2), natural de Colombo/PR, nasceu no dia 3 de outubro de 1916. Ingressou no convento para os estudos da vida religiosa aos 12 anos de idade (AZEVEDO; D'AGOSTIN; FIORESE, 2006, p. 228).

³⁹ Antonieta Farani (fotografia – anexo 3), filha de italianos, nasceu em Curitiba, no ano de 1906. Antes de entrar para a Congregação das Irmãs Passionistas, lecionou em uma escola do Capivari, no município de Colombo. Como religiosa passou por diversas casas da congregação, inclusive em Curitiba. Em 1963, tornou-se a primeira brasileira Superiora Provincial das Passionistas no Brasil, mas no mesmo ano faleceu. Atualmente ela é considerada venerável (MAZZAROTTO, 1990; SANTA CRUZ, 1982).

⁴⁰ Irmã Anunciata Innanzi, junto com as Irmãs Boaventura Sabani e Águeda Lopai (fotografia – anexo 4), desembarcaram no Brasil, no ano de 1919. Inicialmente essas religiosas Passionistas atenderam um abrigo em São Paulo, voltado para meninas órfãs ou que, por outros motivos, necessitassem viver

Passionistas no Brasil, na época, recebeu um reconhecimento da Itália pelos trabalhos feitos aqui:

O Presidente da República Italiana
 Presidente da ordem da estrela da solidariedade italiana
 Sobre a proposta do Ministro Secretário de Estado para as Políticas Externas, ouvido o conselho da Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana, com Decreto em 20 de agosto de 1958, conferiu a Estrela da Solidariedade Italiana de 3ª classe com a escolha de ostentar o sinal estabelecido para esta grande honra.
 Para Rev. Madre Annunciata Innanzi.
 O Ministro Secretário de Estado para as Políticas Externas⁴¹ (ITÁLIA, 1958, tradução minha).

Entretanto, alguns anos antes, em 1954, Pe. Cândido Ghiandoni recebeu a mesma condecoração italiana. Tal feito foi noticiado na revista dirigida pelos Padres Passionistas chamada *Calvário*:

Condecoração
 O presidente da República Italiana, Presidente da “Ordem da Estrêla da Solidariedade Italiana”, sob proposta do Ministro das Relações Exteriores e ouvido o Conselho da “Ordem”, com Decreto em data de 1.o de junho de 1954, conferiu a “Estrêla da Solidariedade Italiana de 2.a Classe”, com faculdade de ornar-se com a insígnia estabelecida para tal grau honorífico, ao Senhor PADRE CÂNDIDO GHIANDONI, Passionista (CALVÁRIO, julho de 1955, p. 440).

Segundo o relato publicado na revista, a entrega foi no dia 6 de abril de 1955, na embaixada Italiana, pelas mãos do Embaixador Nobile Giovanni Fornari, além de outras autoridades, como o Cônsul da Itália no Rio de Janeiro. A notícia finaliza exaltando Pe. Cândido, como “[...] exemplo de uma vida dedicada à propagação da fé e inspirada nos mais profundos sentimentos de patriotismo” (CALVÁRIO, julho de 1955, p. 440). Possivelmente os profundos sentimentos de patriotismo indicados na revista fossem os italianos.

em regime de internato. No ano de 1926, Madre Anunciata foi eleita a responsável pela Casa Brasileira. Neste mesmo ano houve a expansão do atendimento das irmãs para Curitiba e em 1927 para Colombo. (MOTIN; ORLANDO, 2015).

⁴¹ *Il Presidente della Repubblica Italiana*

Presidente dell'ordine della stella della solidarietà italiana

Sulla proposta del Ministro Segretario di Stato per gli Affari Esteri, sentito il Consiglio dell'Ordine della Stella della Solidarietà Italiana, con Decreto in data 20 agosto 1958 ha conferito la Stella della Solidarietà Italiana di 3ª classe con facoltà di fregiarsi dell'insegna stabilita per tale grande onorifico. Alla Rev.da Madre Annunciata Innanzi.

IL MINISTRO SEGRETARIO DI STATO PER GLI AFFARI ESTERI.

É possível pensar que esse patriotismo italiano foi sendo construído nas antigas colônias, como em Colombo, onde os imigrantes haviam saído de uma Itália recém-unificada, muitas vezes sem o sentimento de pertencimento ao país, mas sim às pequenas cidades do Vêneto. Essa relação e o desenvolvimento de uma identidade ítalo-brasileira possivelmente aconteceram de várias formas, no entanto, acredito que os Passionistas, sujeitos italianos de diversas regiões, junto com as congregações femininas que aqui atuaram, foram moldando também uma italianidade nesse local e até mesmo apresentando novas visões sobre o país, para todas as gerações da comunidade, incluindo as crianças e os jovens.

Essa visão de uma Itália muito maior do que as pequenas cidades da região do Vêneto, deixadas em 1877, também circulou pela revista *Calvário*. Em setembro de 1952, Pe. Sílvio criou um quadro na revista *Calvário*, chamado “Impressões de viagem”, em que ele contou sobre sua passagem pela Itália, junto com outros religiosos, para participarem do XXXVI Capítulo Geral da Congregação. Os escritos sobre a Itália na revista circularam por um longo período, entre os anos de 1952, 1953 e 1954, mostrando fotos e comentando sobre diversas cidades, desde Roma até Veneza.

Na década de 1950, já se tinha a 2ª e a 3ª (e em determinados casos até a 4ª) geração de descendentes de italianos em Colombo. Alguns possivelmente ainda guardavam na memória as falas que os pais e nonos contavam sobre a Itália, o Vêneto. Contudo, no quadro da revista, sobre as impressões de viagem, são construídas as novas visões das cidades que os descendentes talvez guardassem em um imaginário. Por exemplo, sobre Veneza, Pe. Sílvio descreveu:

[...] de passagem fomos reparando nos palácios luxuosos e nos sobrados de pedra que ladeiam o canal, todos altos, oferecendo um espetáculo homogêneo e harmonioso. Os habitantes de Veneza saem de casa como de um navio. Descem uma escadinha onde, em pequeno patamar, esperam alguma condução, se não dispõem de tração própria. A água é límpida, de um verde escuro. (CALVÁRIO, agosto de 1954, p. 16).

Nos relatos dos padres na revista não localizei nenhuma menção sobre as pequenas cidades da região do Vêneto, como Marostica, Castello di Godego, Bassano del Grappa, Valstagna e Nove, locais da maioria dos imigrantes de Colombo. Logicamente a revista não era produzida somente para esses sujeitos, mas o contingente de imigrantes provindos dessa região para o Brasil é bastante

significativo. No entanto, mesmo não tendo explicitado essa atenção às pequenas cidades vênetas, as práticas da congregação vão ao encontro da construção de uma identidade italiana dos descendentes no Brasil. Falcão (2005, p. 66-67) destaca esse processo, principalmente na década de 1970, em comemoração ao centenário da imigração, já que:

de acordo com isto, torna-se imprescindível refletir sobre os percursos através dos quais um modo de formação e educação bastante singular favoreceu uma mentalidade que tornou possível e legítimo, para descendentes de imigrantes europeus do século XIX, descobrir-se italiano no Brasil passadas três ou quatro gerações, dando margem a tentativas de resgatar, o que se supõe a verdadeira cultura dos ancestrais [...]. Mais ainda, importa conhecer os motivos e os meios que induzem milhares de indivíduos, mobilizados por tais imagens, a transitarem de tirolezes, vênetos, lombardos etc., para italianos [...].

Essa construção identitária de ítalo-brasileiros é contínua, e os Padres Passionistas, italianos das várias regiões, traziam uma nova visão do país dos antepassados desses descendentes de italianos. A Itália do imaginário desses descendentes era aquela do século XIX, todavia, com as congregações, tem-se a oportunidade de conhecer uma nova versão, estando em um outro local e em contato com outras culturas também.

Interessante que a transnacionalidade não ficava somente para a figura dos religiosos e seus relatos. Na década de 1950 havia também propagandas na revista *Calvário*, da empresa “Alitalia”, conforme anúncio da Figura 5 a seguir.

FIGURA 5 – ANÚNCIO DA “ALITALIA” NA REVISTA CALVÁRIO

“ALITALIA”
AEROLINEE ITALIANE INTERNAZIONALI
“REGULARIDADE E SEGURANÇA”

Saída para a EUROPA e BUENOS AIRES diretamente do Aeroporto de Congonhas

Comunicamos ao Povo de São Paulo, que “ALITALIA” tem possibilidades:

- de emitir bilhetes de CHAMADA pre-pagos;
- de tratar diretamente da preparação e compilação dos documentos;
- de oferecer serviços aéreos em coincidência com todas as partes do Mundo na Organização “I. A. T. A.”;
- de manter um serviço “Transporte mercadoria aérea” insuperável;
- de fazer expedições “Pacotes-donativos” para qualquer destinação Europeia com a máxima celeridade e garantia.

“ALITALIA” -:- “ITALMAR”

Rua Dom José Gaspar, 22 — Fone 4-2020 — SÃO PAULO

Fonte: Calvário (janeiro de 1951, n.p.).

Mesmo com a propaganda na revista, as viagens da comunidade à península, na primeira metade do século XX, não eram uma constante entre os colombenses. Entretanto, ainda que escassos se têm alguns indícios, como o bilhete de navio de um sujeito da comunidade, do ano de 1927, conforme Figura 6 a seguir.

FIGURA 6 – BILHETE DE ANTONIO PUPPI, 1927

SOCIETÀ ANONIMA PER AZIONI
Sede in GENOVA
Capitale espresso e versato Lire il 150.000.000

Agenti Generali pel Brasile G. TOMASELLI & C.
SANTOS - S. PAULO

Ufficio Passeggeri di TERZA CLASSE di GENOVA

Biglietto d'imbarco in TERZA CLASSE N° 00633 F

sul "CONTE VERDE," di bandiera italiana
Vapore Stazza lorda tonnellata 18765,92, circa netta tonnellata 11523,70
velocità alle prove 20 miglia circa all'ora - Durata del viaggio: 11 giorni
per Rio Janeiro, 12 per Santos, 14 per Buenos Aires

che partirà da GENOVA il 26 AGO. 1927
per SANTOS
toccando di scalo i porti di BARCELLONA

PER I PASSEGGERI

COGNOME E NOME	ETÀ		POSTI E RAZIONI				Cuccette	
	Anni	Mesi	1	1/2	1/4	0	1	1/2
1. PUPPI								
2. Antonio	83	1						
3.								
4.								
5.								
6.								
7.								
TOTALE								

INCASSORATO
Espresso
nanza
7-9-26

N. da PASSAPORTO N.

Il presente biglietto dà diritto, per ogni posto intero, al trasporto gratuito di Kg. 100 di bagaglio, purchè questo non superi il volume di mezzo metro cubo.

PACIFICO

DISTINTA

N. / posti a L.it. Totale Lit. 2400 IL PROCURATORE

Acconto pagato al rappresentante

in ragione di L.it. per posto » »

Rimane a pagarsi a GENOVA L.it.

Genova, il 26 AGO. 1927

Totale 2.700
Cascato nella
Cassa Emigranti più 1000
(Trecento lire).

Fonte: Acervo da Família Puppi.

O dono do bilhete, Antonio Puppi, era brasileiro e colombense, filho de Alfeo Puppi, imigrante italiano. Segundo consta nas informações do documento, Antonio retornou de uma viagem da Itália, no ano de 1927, com o navio Conte Verde. Logicamente essa não era uma prática corriqueira entre imigrantes e descendentes. A família Puppi tinha alguns recursos diferenciados perante a comunidade, tanto econômica quanto politicamente. Alfeo Puppi, por exemplo, matinha relações com o consulado italiano, como aparecerá no capítulo 3, com destaque para os símbolos e as relações com a Itália que ele promoveu na cidade.

Já entre os religiosos, os registros de viagens à Itália são mais frequentes. Além da Ir. Antonieta Farani e Pe. Sílvio Mazzarotto, encontrei, no arquivo da Província do Calvário, alguns registros de outras passagens desses sujeitos pela Itália. No livro de registro dos hóspedes que passaram pela sede da Província de São Paulo, em uma das primeiras anotações de saídas desse material, é descrito que Pe. Damaso e Pe. Candido foram para a península itálica em 1925, a fim de participar do Capítulo Geral da Congregação. Ir. Angelo foi em 1926, mas não especificaram o motivo. Pe. Camillo foi também em 1926 para visitar seu pai doente (PASSIONISTAS, 1913 – 1981).

Pe. Alberto⁴², outro sujeito que deixou rastros significativos do seu trabalho com as crianças e os jovens, em Colombo, também viajou para a Itália, na cidade de Padova, no final da década de 1920, época em que estava à frente da Paróquia da cidade. No texto “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”, Gruzinski (2001, p. 177) destaca que

mesmo considerando as diferenças, a retórica da alteridade opõe outros obstáculos tão temíveis como o isolamento das historiografias nacionais. Para além das diferenças cultivadas pelos antropólogos, compete ao historiador fazer aparecer as continuidades, as conexões ou as simples passagens muitas vezes minimizadas (quando não são excluídas da análise).

A conexão com a Itália parece óbvia quando se tem um recorte pela etnicidade. Mas esses imigrantes e descendentes não iam passar férias na Itália e depois retornavam para cá. A maioria saiu de lá na década de 1870 e nunca mais pisou na

⁴² José Casavecchia (fotografia – anexo 5), Alberto da Santa Cruz, nasceu em 30 de outubro de 1884, em Ceprano, Itália. Em 1919 desembarcou no Brasil. Na cidade de Colombo, esteve em dois momentos distintos, sendo primeiramente entre os anos de 1923 e 1939, e depois entre 1943 e 1947. Este sacerdote era bastante articulado social e politicamente na comunidade, deixando diversos registros fotográficos, além do seu nome figurar nos jornais, com notícias de festas em Colombo, entre outros (MAZZAROTTO; BASSANI, 2000).

sua terra natal, nem seus filhos e netos a conheceram pessoalmente. A característica étnica era aquela origem de um lugar do século passado, que estava em constante transformação e adaptação na América. A nova geração era os novos degraus da formação de uma italianidade brasileira. As conexões apontadas até o momento, entre esses sujeitos e a Itália, pelos religiosos, possivelmente foram as conexões mais fortes das antigas colônias, a infância e a juventude, com o país de origem dos seus antepassados. Como Subrahmanyam (2012) retoma a frase de Das Gupta, penso aqui que é preciso sair de Colombo, para conhecer Colombo, ou melhor, para conhecer a infância e a juventude descendentes de italianos dessa localidade, nem que seja por apontamento de indícios, pois “[...] a comunidade e a sua história não se opõem à história nacional abrangente mas onde a história de certas comunidades ou mesmo de certos indivíduos pode transcender e abranger várias histórias nacionais ou regionais”, podendo ser até mesmo transnacionais (SUBRAHMANYAM, 2012, p. 29).

Nessa direção a fotografia (Figura 7) a seguir pode ser significativa, pois Burke (2004, p. 34-35) alerta que

sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais. Porém, exatamente por essa razão, eles fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação.

FIGURA 7 – PADRE ALBERTO, EM PADOVA, NO FINAL DA DÉCADA DE 1920



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

O sacerdote, Pe. Alberto, registrou sua passagem pela Itália, no Livro Tombo: “No mes de junho fui na Italia ficando um mes, e em dita circunstancia aproveitei de prover a Igreja matriz de paramentos sacros, casula branca, cappa [...] branca e roxa, ostensório cálix ecc... em dita circuntancia comprei o orolojo da torre” (LIVRO TOMBO, 1929, p. 33). É possível perceber em sua escrita influências da língua italiana, como as palavras “aproveitei”, “cappa”, “ecc” e “orolojo”. Infelizmente o padre não deu mais

detalhes de sua viagem⁴³, citando apenas as compras. Os registros no Livro Tombo, no período em que ele foi pároco, são resumidos e alguns anos descritos em poucas linhas, porém, nos registros fotográficos, isso é inversamente proporcional, constituindo um acervo bastante significativo de Colombo.

Voltando para a Figura 7, como bem pontua Kossoy (2014, p. 84): “[...] a imagem fotográfica é um meio de conhecimento pelo qual visualizamos microcenários do passado; contudo, ela não reúne em si o conhecimento do passado”. A reprodução da fotografia de Pe. Alberto na Itália deixa mais dúvidas do que certezas. Ressalto algumas questões, com respostas ainda em aberto: i) Pe. Alberto era italiano, que estava pároco na cidade de Colombo, mas que fez uma viagem para o seu país de origem, registrando algumas compras, porém, não identificou de onde eram os objetos, nem porque esteve na cidade de Padova; ii) será que a visita se deu por ser um local de memória, tanto para a Igreja Católica quanto para os descendentes de Colombo, já que o colégio católico da cidade se chamava na época “Santo Antonio”, e a igreja na qual ele visitou é local de peregrinação dos devotos desse santo? iii) por que ele escolheu esse local para ser feito o registro fotográfico? A quem ele queria mostrar essa sua visita? Que performance ele queria deixar registrado?

Mesmo nas dúvidas, as questões são reveladoras quando se tenta buscar respostas pelos detalhes observados, ainda que no plano das conjecturas, já que, “em um primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa. O ‘não importa o quê’ se torna então o ponto mais sofisticado do valor” (BARTHES, 1984, p. 57).

Talvez essa viagem não tenha reverberado diretamente para a infância e a juventude colombense, contudo, como já dito, esses sacerdotes eram talvez uma das poucas pontes com o país que os antepassados daquelas crianças e jovens deixaram no final do século XIX. Além de Padova, os registros iconográficos demonstram que a viagem de Pe. Alberto também contemplou outras cidades do Vêneto. Um exemplo é

⁴³ Mas não foi somente para a Itália que Pe. Alberto viajou enquanto foi pároco de Colombo. O jornal *Correio do Paraná* traz uma nota no dia 21 de dezembro de 1932, em que relata sobre o município: “Padre Alberto Passionista. Após uma longa e proveitosa excursão pelos estados de São Paulo e Minas, regressou a esta villa, o nosso querido e virtuoso pastor, padre Alberto Passionista. Inúmeras são as pessoas que lhe têm ido levar os seus votos de boas vindas. A ellas, juntamos os nossos” (CORREIO DO PARANÁ, 1932, p. 2). Registros como esses dão indícios do lugar desse sujeito e suas relações, que não se resumiam apenas ao local, pois também circulava no cenário nacional e italiano.

o cartão-postal da cidade de Nove, enviado para Giovanni Costa⁴⁴, que estava na Vila Colombo, conforme Figura 8 a seguir. Talvez o cartão tenha sido uma lembrança a um imigrante que participava das ações da Igreja, em Colombo, e tinha sua origem na cidade de Nove; ou era uma forma do Pe. Alberto registrar o que ele estava fazendo em sua viagem e por onde passou.

FIGURA 8 – CARTÃO-POSTAL⁴⁵ ENVIADO POR PADRE ALBERTO, DE NOVE, EM 1929



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

⁴⁴ Giovanni Costa nasceu em 20 de maio de 1875, na cidade de Nove. Veio para o Brasil em 1899, onde se casou com a também italiana de Nove, Maddalena Bonato, com quem teve 14 filhos, muitos dos quais foram responsáveis por tocar o sino da Matriz, sendo que 5 se tornaram freiras Passionistas e 1 Padre Passionista.

⁴⁵ No cartão-postal consta as seguintes informações: "Saluti dalle Nove – P. Alberto C.P. 28/07/1929. Brasile. Illmo Signore. Il Sig. Giovanni Costa (Nei). Villa Colombo (Stato del Paraná)".

Como lembra Kossoy (2020, p. 63), estes objetos, os cartões-postais, “[...] sempre propiciaram a possibilidade imaginária de viajar para qualquer parte do mundo sem sair de casa [...]”. A Itália na vida das crianças e dos jovens descendentes que esses religiosos atendiam era um signo ausente, presente nas histórias e lembranças dos mais antigos, mas ainda assim era uma ligação entre esses e os grupos religiosos. Essa ligação, de um lugar de origem, talvez fosse também um dos fatores que reforçava a representação da Igreja para esses sujeitos, já que “a relação de representação – entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme – modela toda a teoria do signo que comanda o pensamento clássico [...]” (CHARTIER, 1990, p. 21).

Ainda sobre o deslocamento dos religiosos do Brasil para a Itália, em 1950, encontrei outro registro do livro de hóspedes, em que Pe. Ignacio foi para a Itália, e novamente Pe. Alberto teve a oportunidade de rever sua terra natal. Dessa vez também foi registrada por meio de uma fotografia a sua passagem por Veneza. (PASSIONISTAS, 1913 – 1981), conforme ilustra a Figura 9 a seguir.

FIGURA 9 – PE. ALBERTO EM VENEZA, 1950



Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

Mesmo vindo ao Brasil, o laço com a Itália continuava, seja pelas viagens seja pelos símbolos que acompanhavam os religiosos na congregação, ou até mesmo pelas posições ocupadas nesse país, antes de imigrarem. Um fato interessante é que dois padres Passionistas que foram Párocos em Colombo serviram no exército italiano, em diferentes momentos. Foram eles Pe. Alberto (Figura 10) e Pe. Angelo.

FIGURA 10 – PE. ALBERTO NA 1ª GUERRA MUNDIAL



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Na Figura 10, o registro traz Pe. Alberto fardado. Sobre os seus serviços no exército italiano, a congregação descreveu que, “Tendo residido em diversas casas da Província das Dores, foi convocado para a Guerra de 1914. Nela prestou serviço hospitalar em Roma até o final, em 1918.” (MAZZAROTTO; BASSANI, 2000, p. 61). Após esse período, ele se transferiu para o Brasil.

Pela visão dos Padres Passionistas presentes no Brasil, a Primeira Guerra foi descrita com as seguintes palavras em um livro histórico da congregação:

A fundação passionista do Brasil lhe sentiu profundamente as tristes consequências. Como os demais Institutos religiosos, também a Congregação viu grande número de seus filhos, sobretudo na Itália, serem obrigados a trocar o sagrado hábito pela farda e partirem para a luta sangrenta. Os conventos ficaram desfalcados de seus elementos mais jovens. Os noviciados e seminários maiores tiveram que cerrar suas portas. As novas levas de religiosos, já preparados para reforçar a fundação brasileira, tiveram que marchar para a guerra. Só em 1919 foi possível virem outros reforços, inclusive diversos religiosos bastante abalados em sua saúde, triste fruto das privações e agruras da guerra (PASSIONISTAS, 1983, p. 51).

No Quadro 5 descrito anteriormente, é possível observar que vieram quatro religiosos Passionistas em 1914, depois disso houve uma pausa no envio de novos sacerdotes italianos para cá, retornando as entradas apenas em 1919, com oito padres, incluindo Pe. Alberto, além da chegada das primeiras Irmãs Passionistas no Brasil.

Sobre a participação dos Passionistas na 1ª Guerra Mundial, o Secretário Geral do Ministério da Guerra italiano escreveu, no dia 26 de setembro de 1918, ao Ministério de Relações Exteriores para confirmar a real necessidade de um pedido dos Passionistas, anexado como cópia de um telegrama recebido no dia 23 de agosto de 1918 (ITALIA, 1918a, n.p.). Os Passionistas requisitavam 4 religiosos que estavam servindo ao exército, para que fossem liberados para atuar no Rio de Janeiro. Eram eles: Gustavo Mignogna, Giuseppe Panfili, Mario Volpicelli, Giuseppe Fosconi (ITALIA, 1918a, n.p.).

Desses nomes, que possivelmente eram os nomes civis e não os religiosos, o único sobrenome que é encontrado no Quadro 5 é de Panfili. Infelizmente não foi possível encontrar a resposta desse pedido, porém, uma mensagem do consulado italiano do Brasil foi enviada, no dia 5 de novembro de 1918, cancelando a solicitação dos Passionistas:

Em resposta à requisição de Vossa Excelência N. 19335 de 26 de Setembro último passado, tenho a honra de informar que o pedido de dispensa dos soldados passionistas a serem enviados ao Brasil responde a uma necessidade real de afirmação da italianidade naquela República através do ensino. Serei grato a V. E. se desejar conceder a isenção solicitada⁴⁶ (ITALIA, 1918b, n.p.).

⁴⁶ *In risposta al foglio di Vostra Eccellenza N. 19335 del 26 settembre u. s., mi pregio informare che la richiesta di esonero dei militari passionisti da destinarsi al Brasile risponde a una reale necessità per*

Essa comunicação entre Itália, Brasil e Passionistas traz indícios de uma transnacionalidade e da importância que a Itália dava a esses religiosos para a atuação no Brasil, principalmente no que tange à construção de uma italianidade, aqui, pela vertente do ensino.

Além de Pe. Alberto, Pe. Angelo⁴⁷, outro religioso Passionista também serviu ao exército italiano antes de vir ao Brasil, porém, na 2ª Guerra Mundial (ver Figura 11).

FIGURA 11 – PE. ANGELO NA 2ª GUERRA MUNDIAL



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Pe. Angelo, que foi o último religioso de origem italiana que esteve à frente da Paróquia de Colombo, na década de 1950, foi responsável por algumas obras na cidade e pelo seminário, porém, não tinha um relacionamento fácil com as pessoas e logo foi transferido para Portugal. Segundo as memórias de Pe. Eugenio Mezzomo,

l'affermazione dell'italianità in quella Repubblica mediante l'insegnamento. Sarò grato a V.E. se vorrà accordare il chiesto esonero.

⁴⁷ Pe. Angelo Alegrini (fotografia – anexo 6), italiano, chegou ao Brasil em 1947, vindo atuar na Paróquia de Colombo. Em 1955 foi transferido para São Paulo e mais tarde se mudou para Portugal (MEZZOMO, 2016).

religioso Passionista, de quando ainda era uma criança e estava no seminário, Pe. Angelo: “era italiano e nem se quer se deu o trabalho de aprender corretamente o português” (MEZZONO, 2016, p. 27).

Na relação entre Brasil e Itália, esse fato contradiz uma orientação antiga da congregação, vinda do Superior Geral da Itália, Jeremias dos Sagrados Espinhos, que data do dia 10 de fevereiro 1913. Os seus escritos abarcaram recomendações desde a condução financeira das casas até os modos de se portar nas comunidades em que estavam atuando. Duas recomendações são bastante interessantes, principalmente pelo fato de alguns dos religiosos Passionistas no Brasil não as seguirem. Na orientação número 6 é dito que:

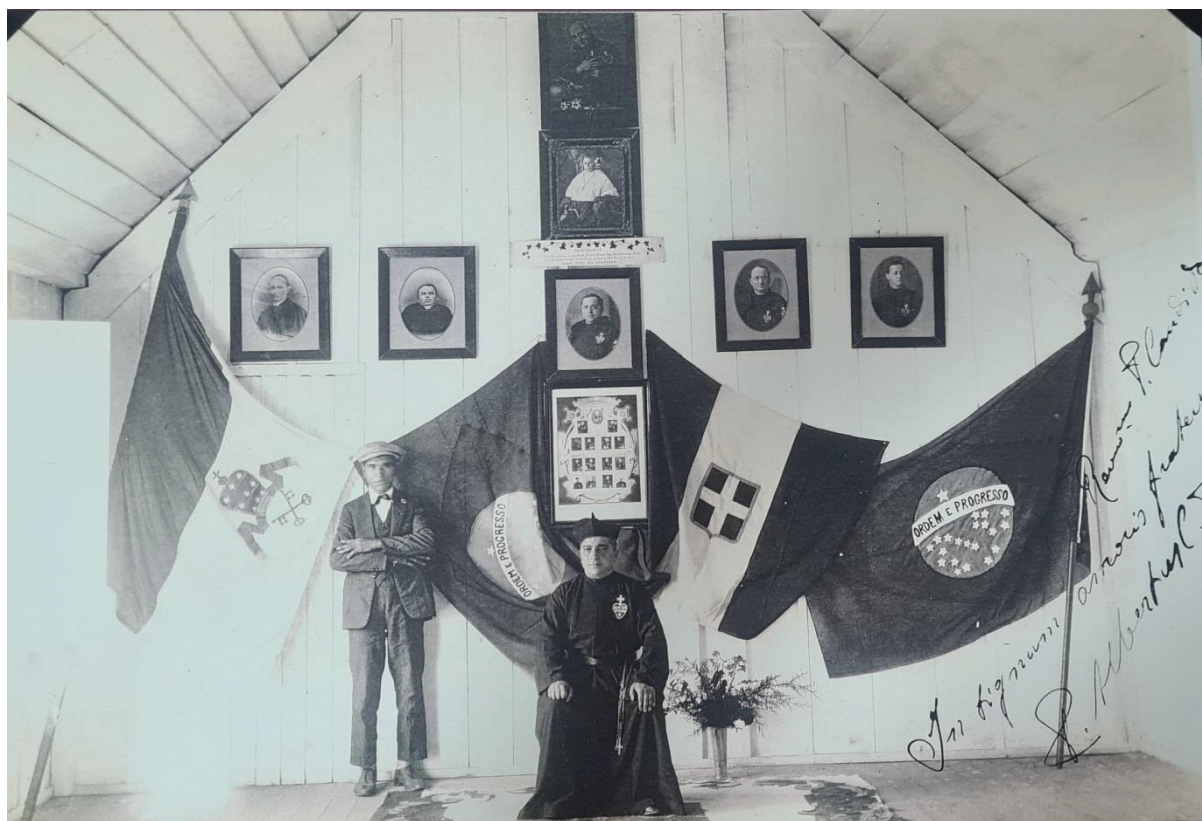
6. Recomendamos desde logo e queremos que os nossos do Brasil se empenhem o mais possível na aprendizagem da língua oficial para o bem das almas, embora, ao menos por enquanto, o sagrado ministério se destine principalmente em favor dos italianos (PASSIONISTAS, 1983, p. 46).

No entanto, é preciso destacar que, mesmo que esses religiosos atuassem em favor de comunidades de italianos, ainda assim existiriam problemas. No caso de Colombo e as várias colônias dos arredores de Curitiba, apenas alguns imigrantes eram letrados na língua italiana. Majoritariamente a comunidade foi composta por sujeitos que vieram falando os dialetos das suas regiões e que os perpetuaram nas comunidades, passando para as novas gerações sua língua de herança⁴⁸.

Pe. Alberto deixou indícios de seguir essa dicotomia entre a italianidade e a brasilidade, ora pendendo para um lado de uma das bandeiras e nacionalidade, ora para o outro. E talvez, na maior parte das vezes, posicionando-se no meio das duas bandeiras, conforme o momento fosse propício para tal ação. A Figura 12 a seguir é bastante representativa dessa reflexão e traz os seguintes símbolos: os nacionais brasileiros, o italiano, os Passionistas e o catolicismo.

⁴⁸ O conceito de língua de herança foi reinterpretado por Ortale (2016). Mesmo baseado em situações atuais, defendendo que uma língua é de todos aqueles que possuem identificação cultural, seja por laços sanguíneos ou por convivência no mesmo ambiente sociocultural, a pesquisadora relembra que “refletir sobre língua de herança significa tocar na complexidade de viver com mais de uma língua e de uma pátria, pois traz consigo sempre a ideia de um movimento migratório, marcado na memória por afetividades e emoções em relação a culturas e línguas diferentes, portanto, por identidades nacionais híbridas por excelência” (ORTALE, 2016, p. 17-18). Nessa direção, já na década de 1910, é possível perceber o contato entre os dialetos vênéticos, o italiano e o português nos registros do jornal *La Libertà*, em Caxias, no Rio Grande do Sul, dirigido por religiosos (CUNHA; MOTIN; GABARDO, 2021).

FIGURA 12 – PE. ALBERTO NA CASA CANÔNICA, COLOMBO



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Para além das bandeiras italiana e brasileira lado a lado, a fotografia passa uma imagem montada. Sobre o processo de criação do fotógrafo, Kossoy (2020, p. 28) ressalta que “Seja durante o processo em que é criada, seja após a sua materialização, conforme o destino ou uso que a aguarda, a representação está envolvida por uma verdadeira trama”. Uma trama, que nesse caso não foi apenas do fotógrafo, como também do fotografado, Pe. Alberto, com vários símbolos católicos e Passionistas. É possível perceber que os quadros junto com o Pe. Alberto formam uma cruz. Nos quadros, têm-se na horizontal os padres que passaram por Colombo (excluindo logicamente o Pe. Macagnan), sendo estes: Pe. Colbacchini, Pe. Bonato, ao meio Pe. Alberto, seguido por Pe. Cândido e Pe. Ignacio. Na vertical temos São Paulo da Cruz, fundador da congregação, junto com o Bispo Dom João Francisco Braga, os santos Passionistas, e o Pe. Alberto, em pessoa, finalizando o sinal da cruz, sentado e posando para a foto. As bandeiras do Brasil e da Itália são acompanhadas pela bandeira do Vaticano (possivelmente uma alusão à hierarquia de Roma). Entre as bandeiras do Vaticano e Brasil, entre o catolicismo e a brasilidade, têm-se José

Índio, um companheiro que seguiu Pe. Alberto em Colombo e apareceu em diversas outras fotografias desse pároco.

Uma questão interessante dessa imagem é que possivelmente foi enviada ao Pe. Candido, conforme o escrito da fotografia: “Rev.^{mo} P. Candido. In signum amoris fraterni. P. Alberto C. P.”. A mensagem “em sinal de fraternidade”, talvez fosse para mostrar a organização simbólica do espaço que foi iniciado por esse Passionista em Colombo.

Essa imagem foi um registro do fotógrafo Luiz Franceschi. Seu acervo encontra-se no Arquivo Público do Paraná, com 927 negativos de vidro que foram digitalizados. Sobre esses sujeitos, responsáveis pelos registros, Kossoy (2020, p. 42) traz um quadro bastante interessante sobre o processo de criação e a construção de realidades. O pesquisador demarca a 1ª realidade, como a fotografia/ocorrência, a produção, um processo de construção da representação; já a 2ª realidade, a representação, traz a recepção e o processo de construção da interpretação. Sobre a 1ª realidade, além dos componentes de ordem material, como os equipamentos, têm-se também os componentes de ordem imaterial, que remontam a alguns aspectos do fotógrafo, com seus filtros individuais e repertório pessoal para a concepção e a construção das imagens, amparados em bases culturais, estéticas e técnicas, em um jogo de opções e ações. A maior parte dos registros fotográficos de Colombo, tratados nesta tese, entre as décadas de 1920 a 1940, são de Franceschi, que nasceu no dia 11 de julho de 1882, em Pergine, Itália (mas que na época pertencia à Áustria). Esse imigrante chegou ao Brasil, com 6 anos de idade, no dia 22 de maio de 1888. Santos (2017, p. 14) demarca uma característica bastante interessante sobre Franceschi: “Muito religioso ele convivia de perto com os padres, fato que se faz notar pelas muitas imagens de feitos religiosos e de muitos párocos também”.

Franceschi possivelmente tinha uma formação na área e seguia os manuais das técnicas de fotografia da época. Segundo Santos (2017, p. 22):

foi então que pesquisando descobri um fato que explica pelo menos a parte da estética perfeita, renascentista, foi quando descobri que na época havia manuais de como fazer a fotografia perfeita. Fato que vem comprovar que o sr. Luiz, permita-me chamá-lo aqui pelo seu primeiro nome apenas, era um conhecedor dos manuais, era conhecedor das técnicas e linguagem do seu tempo, além de dominar a luz e o equipamento, o que o tornava um profissional da fotografia e não apenas um curioso.

Esse profissional da fotografia, além das técnicas, trazia o seu filtro cultural, que em parte somava com a comunidade, pois tinha as características de uma origem italiana-austríaca, além de ser católico, principalmente.

Mas além das bandeiras que aparecem no registro anterior, outros indícios de símbolos políticos, entre brasilidade e italianidade, também se fizeram presentes por outras formas entre os Passionistas no Brasil. Por exemplo, na revista *Calvário*, dirigida pelos Pe. Passionistas, houve menções sobre o Fascismo, em que, numa matéria de junho de 1930, disserta que:

o Fascismo e o Crucifixo

O fascismo não tem medo da Cruz, como sucede a muitos systemas governativos em declarada aliança com os espíritos infernaes.

O ministro fascista da justiça decidiu que o Crucifixo fosse reinstalado em todos os Tribunaes, porque, disse, o Crucifixo é o symbolo da justiça.

Esta decisão foi recebida com aplausos geraes e não podia ser mais oportuna para desfazer certas nuvens e certas intrigas que começaram a germinar no intuito de destruir as boas relações existentes entre o Estado e a Igreja.

O ministro fascista falou “com summa reverencia” sobre as reservas da Santa Sé, na Carta Pontificia do Cardeal Gasparri, atinentes á projectada reforma fascista sobre legislação ecclesiastica, declarando que o Estado tinha como dever de justiça jurídica ás legitimas aspirações catholicas (CALVARIO, junho de 1930, n.p.).

Antes do Brasil se opor à Itália na Segunda Grande Guerra, veremos no capítulo 3 que a italianidade, inclusive com indícios do fascismo, acompanhou a infância e a juventude colombense, junto, principalmente, com Pe. Alberto. É importante também lembrar que:

o fascismo tinha uma narrativa política que tinha sentido universal. Nessa narrativa, a ideologia fascista era apresentada como aquela que havia salvado a Itália, e depois o Ocidente, dos males do liberalismo e do comunismo e regenerado a raça e a Nação italianas (BERTONHA, 2021, p. 157).

Mas nessa dicotomia de ter relações com duas pátrias, a brasilidade andava lado a lado com a italianidade, inclusive com os padres se envolvendo no campo político. Voltando para as orientações do Superior Geral da Itália, Jeremias, do dia 10 de fevereiro 1913, foi orientado da seguinte forma: “7. Ao mesmo tempo, evitem comprometer-se com os diversos partidos políticos, bem como mostrar-se parciais com referência às diversas nacionalidades” (PASSIONISTAS, 1983, p. 46).

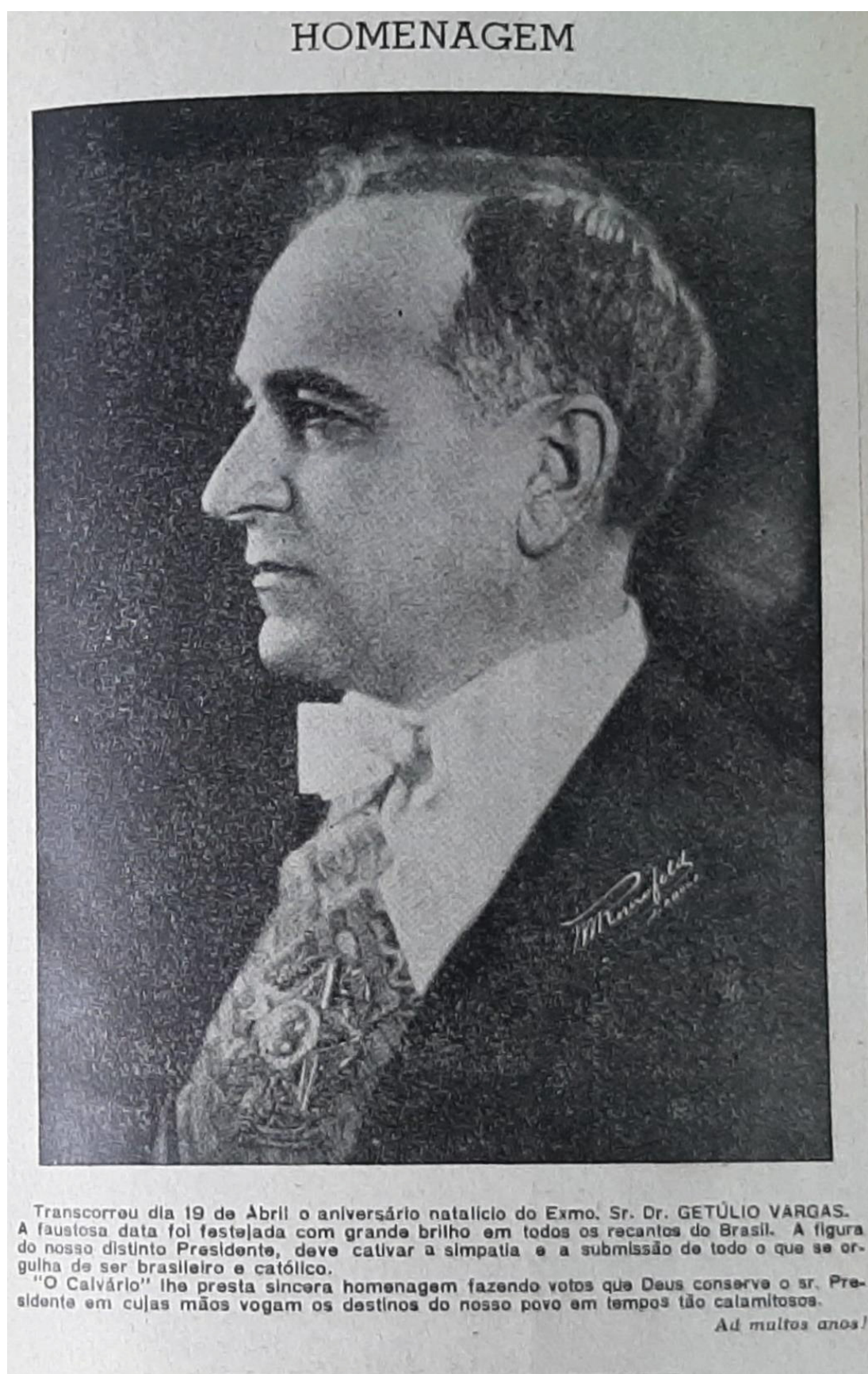
Pe. Candido, em seu diário, no dia 5 de dezembro de 1916, relembra a orientação de não se envolverem politicamente, entretanto, acrescenta que os

Passionistas tinham uma boa relação com as autoridades públicas: “Sem ter tido nós, primeiros Passionistas, pretensão de fazer política, como o Rev. P. Geremia tinha recomendado de não fazer, com a nossa habitual simplicidade, fomos sempre bem tratados e favoritos das Autoridades Públicas⁴⁹” (GHIANDONI, 1952-1953, p. 170, tradução minha).

Se a revista trouxe uma menção ao fascismo, em 1930, poucos anos depois, em maio de 1942, antes dos primeiros brasileiros chegarem à Itália, para lutar contra esse país, a revista *Calvário* fez uma homenagem a Getúlio Vargas (CALVÁRIO, maio de 1942, n.p.), conforme Figura 13 a seguir.

⁴⁹ “Senza avere noi primi Passionisti pretese di far politica, come il Rmo P. Geremia, ci aveva raccomandato di non farsse, colla nostra abituale semplicità, fummo sempre ben trattati e favoriti dalle Autorità Pubbliche”.

FIGURA 13 – HOMENAGEM A GETÚLIO VARGAS, 1942



Fonte: Calvário (maio de 1942, n.p.).

Na balança entre os símbolos nacionais e italianos, Pe. Alberto, em Colombo, fazia articulações para os dois lados. Não somente tirando foto com as duas bandeiras, como foi percebido na Figura 12, mas também se relacionando com políticos locais, conforme Figura 14 a seguir.

FIGURA 14 – PE. ALBERTO COM AUTORIDADES POLÍTICAS, ENTRE 1944 E 1945



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Em um registro entre 1944 e 1945⁵⁰, identifiquei como figura central o prefeito de Colombo, Carlos Fontoura Falavinha, ao seu lado direito o Pe. Alberto, com os

⁵⁰ A estimativa entre os anos de 1944 e 1945 se deu pela interseção dos anos que os principais sujeitos da foto estiveram à frente politicamente: i) Carlos Fontoura Falavinha foi prefeito de Colombo entre julho de 1944 e novembro de 1945, também entre março de 1946 e abril de 1947 e no período de 1947 a 1951; ii) o interventor do Paraná, Manuel Ribas, esteve neste cargo entre janeiro de 1932 e novembro de 1945; iii) Getúlio Vargas esteve à frente da política brasileira primeiramente entre novembro de 1930 e outubro de 1945, e mais tarde entre janeiro de 1951 e agosto de 1954; iv) Pe. Alberto foi pároco em Colombo em um primeiro momento entre 1923 e 1939, e em um segundo momento entre 1943 e 1947.

quadros representando Getúlio Vargas e Manuel Ribas⁵¹. Mesmo com a repressão⁵² que os descendentes de imigrantes italianos sofreram durante o Estado Novo, Pe. Alberto, italiano, estava junto e possivelmente articulado com políticos brasileiros. Neste ponto talvez a brasilidade tenha se sobreposto à italianidade, ou esse sujeito se utilizou de táticas para estar presente em todos os atos simbólicos, independentemente da nacionalidade:

A importação de ideias, práticas e técnicas não se dá de forma mecânica, mas na circulação desses religiosos em contato com a realidade local. O sucesso de seus empreendimentos depende de suas posições em seu país de origem, no interior da Igreja e das condições encontradas regionalmente no Brasil, conseguindo ou não estabelecer alianças com as autoridades e elites locais (LEONARDI, 2016, p. 14).

Entre conseguir ou não alianças com as autoridades e elites locais, Pe. Alberto, com suas astúcias, ficou ao lado dessas elites, nem que fosse para se colocar ao lado da nacionalidade brasileira, mesmo ele sendo italiano.

Sobre o Estado Novo e os estrangeiros, Corsetti (1987, p. 373) coloca que:

o novo contexto político, implementado no Brasil em 1937, inclui diversas leis sobre estrangeiros, leis específicas estas que não podem ser desvinculadas do espírito nacionalista do Estado Novo, que proíbe, aos estrangeiros, diversas atividades econômicas e políticas.

As medidas de caráter repressivo “[...]” vão afetar os mais variados aspectos da vida dessas comunidades, não apenas aqueles direta e claramente vinculados com o setor político-ideológico, como outros tantos ligados às outras instâncias sociais” (CORSETTI, 1987, p. 377).

A nacionalização promovida pelo Estado Novo “[...]” em verdade, acelera e intensifica algo que já estava em curso nas elites dominantes brasileiras há algum

⁵¹ Pe. Alberto, representando Colombo, enviou um telegrama de felicitações ao interventor do Paraná, Manoel Ribas, publicado no dia 30 de novembro de 1937 no jornal *O Estado*. “O Vigário e fieis da paróquia, entusiasticamente receberam com agrado a nomeação V. Excia. Alberto Passionista Vigário” (O ESTADO, 1937, n.p.).

⁵² Nas entrevistas sociolinguísticas feitas pelos pesquisadores do Centro de Estudos Vênetos no Paraná (CEVEP), existe uma questão que retoma as proibições de se falar o Talian, língua dos descendentes de italianos oriundos da Região do Vêneto: “*Setu se ga bio un tempo che no se podea parlar Talian? E come ze stâ?*” (Em algum momento foi proibido falar Talian? O que você sabe? Como era?). Cavassin (2019), nascido em 1930, cita a quinta-coluna: “*Ghe gera a quinta coluna che non podea palare nantra éngoa... eh... ghe gera a fiscalizasson [...] Conforme el posto non podea parlar nantra língua*” (Tinha a quinta coluna que não podia falar outra língua... é... e tinha a fiscalização [...]) Conforme o lugar não se podia falar outra língua).

tempo: a tentativa de formar uma noção de pertencimento nacional, uma identidade nacional” (ZANINI, 2005, p. 116). Entretanto, é nesse período que será imposta de maneira mais incisiva uma legislação e práticas que visavam impor esse objetivo nacional.

Zanini (2005, p. 120) ainda discute que o que ofendia os ideólogos do período do Estado Novo era o sentimento dos imigrantes de pertencimento à terra de origem de seus antepassados, porém, a pesquisadora reforça que na travessia desses imigrantes, na segunda metade do século XIX, a Itália, simbólica e politicamente, não estava ainda unificada. Com isso, o que era mais forte na noção de pertencimento desses sujeitos era “[...] um vínculo às localidades, seus dialetos, seus santos e costumes e, em especial, as redes de parentesco, vizinhança e afetiva que lá permaneceram. Ser italiano, para eles era ser católico e originário de *paeses* distintos [...]”. Essa noção de italianidade se deu aqui “[...] quando do enraizamento e do processo de elaboração de uma identidade de imigrantes e posteriormente de colono italiano (e proprietário) no sul do Brasil” (ZANINI, 2005, p. 121).

Concordo com o ponto de vista da Zanini (2005), porém, não se pode esquecer que esses religiosos, italianos ou não, sempre se reportavam às casas gerais na Itália, também contribuíram para trazer a visão deste país, diferente daquela que os primeiros imigrantes deixaram no século XIX. Ou seja, a identidade no Brasil não estava apenas às voltas das lembranças do *paese* que os imigrantes deixaram do outro lado do Atlântico, mas também com a visão de uma nova Itália, pelo olhar dos religiosos que estavam nas comunidades, atendiam à infância e à juventude descendentes de italianos e eram dessa etnia, além de relações com os consulados.

Seguindo para além das bandeiras e da política apresentada até este momento, essa italianidade, pensando nas crianças e nos jovens, poderia estar presente de outros modos, como pelos santos, como foi destacado acima por Zanini (2005). Na Figura 12 de Pe. Alberto, têm-se indícios de como a Igreja era ligada aos símbolos. Com isso, buscando resquícios de outros símbolos italianos presentes na comunidade e voltados para a infância e a juventude, destaco que o altar lateral da Igreja, por exemplo, trazia um santo Passionista, de origem italiana. A Figura 15 a seguir, do acervo de Luiz Francheschi, traz a representação de São Gabriel em um quadro.

FIGURA 15 – ALTAR LATERAL DA IGREJA DE COLOMBO, 1920/1930



Fonte: Arquivo Público do Paraná.

A edição da revista *Calvário* de 1923 trouxe o Santo Passionista italiano como protetor da juventude:

Hoje, o, uma vez vaidoso, volúvel e um tanto leviano, depois tão humilde e virtuoso heroico estudante l'aniônista – *Gabriel da Virgem Dolorosa* – e um Santo; dignamente colocado ao lado de S. Luiz Gonzaga, e S. Estandislau Kostka; apresentado como novo luminoso exemplo e poderoso protector a toda a juventude que nelle, mais talvez do que em outros Santos Jovens, encontra um exemplar muito fácil a imitar no caminho da virtude. (CALVARIO, fevereiro de 1923, n.p.).

São Gabriel, que era relacionado com a juventude pelas publicações dos Padres Passionistas, acompanhava também as fotos de 1ª comunhão da cidade, como a Figura 16 a seguir, que data do ano de 1922.

FIGURA 16 – 1ª COMUNHÃO EM COLOMBO, 1922



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Junto com São Gabriel, conforme citado na revista, a devoção a São Luiz Gonzaga também estava relacionada à infância e à juventude. Interessante que este também era um santo italiano e encontrava-se ao lado direito, no presbitério da Igreja Matriz de Colombo, conforme Figura 17 a seguir.

FIGURA 17 – PRESBITÉRIO DA IGREJA MATRIZ DE COLOMBO, ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1930.



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

É importante ressaltar que a tradição deste santo católico na Igreja, São Luiz Gonzaga, veio antes dos Passionistas administrarem a Paróquia de Colombo. Segundo conta no Livro Tombo da Igreja Matriz de Colombo, sobre a descrição da antiga Igreja dos colonos, na visita pastoral do Bispo José, em 10 de agosto de 1897, é descrito que:

a Igreja atual, embora pequena, é sólida e se acha bem conservada, é assoalhada e forrada, tem só o altar mor, onde existe um bom tabernaculo nas codições lithurgicas. Aos lados deste altar em duas colunetas estão duas bellas imagens, uma de São José, outra, de São Luiz. (LIVRO TOMBO, 1897, p. 24).

As imagens do altar, descritas no ano de 1897, continuaram presentes com a chegada das Passionistas a partir de 1915. Inclusive a tradição de devoção a São Luiz Gonzaga apareceu em um registro nos diários de Pe. Candido, no dia 21 de junho de 1917, sobre uma comemoração, ressaltando a participação das crianças e dos jovens.

Festa de S. Luiz Gonzaga. Alçada 5 horas e confissões, 1ª Missa 7 horas. P. Edoardo. Comunhão. Público de 300 pessoas, a maior parte crianças e jovens. Cantei a S. Messa com prédica, dando por fim a S. Benção com o Santíssimo Sacramento e terminando com o beijo na Relíquia de S. Luiz⁵³. (GHIANDONI, 1952-1953, p. 376-377, tradução minha).

Na trajetória entre Itália e Brasil, consegui identificar diversos elementos que compuseram o perfil das congregações que atenderam à infância e à juventude da cidade de Colombo, dentro do recorte estabelecido.

Nessa grande engrenagem, temos a vinda dessas congregações europeias, com um atendimento social e doutrinário. Os santos italianos, legitimados pelos religiosos italianos em Colombo, possivelmente também contribuíram para um projeto de ordenamento, baseado na Igreja de Roma.

Mas nem só de transnacionalidade, relações políticas e referências a imagens religiosas italianas ocupavam-se os Passionistas. Ao adentrarem em um novo país, possivelmente ideias eram projetadas para esses locais, que consequentemente geraram ações, das quais muitas tiveram como via a infância e a juventude. Na busca por elencar essas práticas, escolhas são feitas e permitidas pelos registros deixados, que busco destacar na sequência do texto, já que:

[...] todo “fato histórico” resulta de uma práxis, porque ela já é o signo de um ato e, portanto, a afirmação de um sentido. Mas esta práxis não é só minha, nas minhas escolhas e buscando na interpretação, trazer sentido, é também nas práticas dos meus sujeitos postos em cena, já que este percurso “[...] resulta dos procedimentos que permitiram articular um modo de compreensão num discurso de ‘fatos’ [...]” (CERTEAU, 2017, p. 19).

Desses fatos, adentro agora nas ações dos Passionistas que reverberaram em escritos, como impressos e outros materiais, que tomaram como sujeito principal nos seus direcionamentos as crianças e os jovens.

⁵³ Festa S. Luigi Gonzaga. Lev. 5 ore e confessioni, 1ª Messa or. 7. P. Edoardo. Comunione Gente di 300 persone la più parte bambini e giovani. Cantai la S. Messa con Predica, dando infine la S. Benedizione col SS. Sacramento e terminando col bacio della Reliquia di S. Luigi.

1.3 OS PASSIONISTAS E AS PROJEÇÕES PARA A INFÂNCIA: ESCRITOS E IMPRESSOS

A expansão Passionista, em Curitiba e região, deu-se também pela fixação na Paróquia de Colombo. No entanto, este território foi sendo demarcado aos poucos, pelo cerceamento da congregação na região, por meio das missões, muito antes da chegada dos Passionistas na cidade. Esse fato foi descrito por Lovato, na sua carta de repúdio ao antigo Pe. Macagnan, em 1914. Existem os registros, principalmente fotográficos, das práticas dessas missões na comunidade, mas essa ação também era discutida pela congregação dos Padres Passionistas, por exemplo, em um evento denominado o “Primeiro Congresso Missionário Passionista”, em 1953, que gerou um material escrito com as atas desse encontro.

Essa ação em registrar em documentos as projeções e as ideias para as missões, que, em um dos seus tópicos, abarcou as crianças, me levou a organizar e discutir neste tópico os materiais escritos que essa congregação fez e que compreendem discussões voltadas para a infância e a juventude. Além dos escritos dos fundadores e materiais internos das congregações, conforme já apontados nos tópicos anteriores desta tese, agora adentro em outras produções desses religiosos, materiais voltados para os leigos, de todas as idades, que os acompanhavam.

Uma produção bastante interessante voltada especificamente para a infância e a juventude foi um livro de catequese, todo manuscrito e provavelmente organizado por Pe. Candido. Além disso, os Padres Passionistas produziram uma revista que circulou pelo Brasil, denominada *Calvário*. Neste tópico procuro trazer as discussões sobre a formação projetada para as crianças e os jovens e que eram registradas nesses materiais. Esses escritos, “artes do fazer”, são práticas sociais em suas formas e sentidos. Como Certeau (2014) ressalta, neste espaço próprio, o texto tem poder sobre a exterioridade, articulando páginas em branco, a criação de sujeitos, o texto e o poder da escrita, que projetam representações e visam modificar a realidade.

1.3.1 As missões Passionistas

A prática das missões é uma característica da congregação dos Padres Passionistas, que se sucedeu durante todo o recorte desta pesquisa. Mesmo já estando em Colombo, os Passionistas atendiam também Curitiba e arredores,

principalmente quando essas eram localidades de imigrantes e descendentes italianos. No bairro de Santa Felicidade, antiga colônia italiana, que já contava, desde o final do século XIX, com o atendimento dos Padres Scalabrinianos e mais tarde das Irmãs do Sagrado Coração, existe um registro no livro de Crônicas dos Passionistas, sobre um evento em 1921, com as missões:

No final de Outubro deste ano, o P. Adalberto do Nome de Maria foi mandado a rezar uma Novena em forma de Missão na Paróquia de Santa Felicidade e um curso de exercício espiritual naquela de Colombo, ambas pertencentes a Diocese de Curitiba no Paraná⁵⁴ (PASSIONISTAS-CRÔNICAS, 1921, p. 74, tradução minha).

Em alguns registros dessas missões, vemos sempre a participação das crianças, conforme se pode observar na Figura 18 a seguir, uma missão realizada no bairro Capivari, cidade de Colombo, na década de 1920. Possivelmente a foto foi pensada e posada, com Pe. Alberto ao centro da imagem, deixando as mãos ao alto, simbolizando um momento de pregação. Na multidão que acompanha, é possível observar algumas crianças e as Filhas de Maria.

⁵⁴ *Verso la fine di Ottobre di quest'anno il P. Adalberto del Nome di Maria fu mandato a predicare una Novena in forma di Missione alla Parrocchia di S^a Felicidade e un corso di spirituali esercizi a quella di Colombo, appartenenti ambedue alla Diocesi di Corityba nel Paraná.*

FIGURA 18 – MISSÃO NO CAPIVARI, DÉCADA DE 1920



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Pe. Eugênio, sacerdote Passionista, contou no seu livro de memórias um pouco sobre uma experiência na infância, com as missões dos padres em terras gaúchas. Inclusive, uma das missões que ele participou, pregada por Pe. Gregório, deu origem ao nome do seu irmão. Ele relembrou que a sua irmã, Divina, depois das missões passou a ter medo do inferno, rezando orações e jaculatórias, segundo ele, horríveis. Pe. Eugenio comenta que essas orações inspiravam o medo. Para ele:

eram missões terríveis, onde todos iam se confessar e comungar e participavam de cerimônias e procissões. Cristo era descrito com muitos sofrimentos e chagas, sobretudo na Cruz. Era uma religião de terror. Por mais que falassem da Paixão de Cristo e de seu amor, o que ficava mesmo era o medo do inferno (MEZZOMO, 2016, p. 22).

Rodrigues (2008), ao analisar sobre as práticas e controles da Igreja sobre a morte no Rio de Janeiro setecentista, enfatizou a importância que era dada à confissão e ao convencimento de punições aos fiéis, após a morte, caso não se seguissem as diretrizes eclesiais. Baseada em Vauchez, a autora destaca que “esta pedagogia do medo se utilizaria da morte, do julgamento divino e da possibilidade de condenação transitória ou eterna como elementos de pressão sobre a consciência e o comportamento dos fiéis” (RODRIGUES, 2008, p. 261).

Para esta pedagogia do medo, Rodrigues (2008) remete a doutrina do Purgatório, em um empreendimento eclesiástico sobre a morte. Os séculos XIV e XV enfatizam as representações em torno da imagem do inferno, em que “nesta pedagogia do medo, os pregadores mendicantes tiveram lugar essencial e cada vez mais importante nos séculos seguintes” (RODRIGUES, 2008, p. 262).

Se, nas memórias da infância de Pe. Eugenio, as missões não eram muito bem-vistas; para a congregação, essa prática era descrita por um outro olhar. Em uma nota na revista *Calvário*, dirigida pelos Padres Passionistas, sobre o “Dia Universal das Missões”, eles retomam essa ação descrevendo-a da seguinte maneira:

Muitos de vocês, quando ouvem falar em MISSÕES, pensam logo em determinados dias em que a paróquia é visitada por alguns missionários, bonzinhos, que fazem procissões e lindas práticas, que todos os dias convidam as crianças para um catecismo muito divertido, com cineminha de graça, etc. (CALVÁRIO, outubro de 1955, p. 586).

É discrepante a descrição de Pe. Eugênio Mezzomo sobre a experiência das missões em sua infância e a descrição dos Padres Passionistas, em sua revista mensal. Nesse mar que distancia as percepções da infância e dos religiosos, há as diferenças entre as práticas e os discursos.

Entretanto, mesmo com o suposto medo por parte das crianças, Pe. Eugênio ressalta que:

apesar de descrever negativamente as Missões, elas me atraíram e me senti chamado a ser missionário. E acabei entrando no Seminário Passionista de Pinto Bandeira, que pertencia ao município de Bento Gonçalves. Eu tinha acabado de completar 11 anos no dia 20 de dezembro e entrei no Seminário no dia 21 de janeiro de 1953 (MEZZOMO, 2016, p. 22).

Os relatos do Pe. Eugênio sobre a sua infância dão indícios de como essas missões adentravam as comunidades e tinham a participação desse público, mesmo que tivessem medo. Possivelmente a representação da Igreja, em algumas localidades, impulsionava a participação da comunidade e as crianças acompanhavam os pais nessas atividades.

Na busca sobre como a congregação tratava essa prática e pensava também no atendimento à infância que, conseqüentemente, participavam com suas famílias, encontrei as “Atas do Primeiro Congresso Missionário Passionista” da Província do Calvário, que ocorreu de 22 a 28 de abril de 1953. Por demarcar como o primeiro

congresso, talvez a congregação começasse a registrar e a refletir sobre algumas de suas ações desde a chegada ao Brasil. Interessante que, no dia 27 de abril, no período da tarde, aconteceu a conferência “O Missionário e as crianças”, ministrada por Pe. Gregório, que descreveu as crianças como importantes para as missões, porém, “[...] visto não constar relativamente ao assunto referência alguma em o diretório até há pouco em uso entre nós” (PASSIONISTAS, 1953, p. 103).

Nesse documento as missões são descritas como uma forma de catequizar, ressaltando a importância de que “Sabemos outrossim ser a catequese o meio mais fácil de nos achegarmos aos pais” (PASSIONISTAS, 1953, p. 104). Para isso, o documento alega que eles devem seguir “os princípios elementares da psicologia infantil e algo da pedagogia”, mas não os descreve, citando apenas que “o exemplo de Cristo é o mais precioso em psicologia no assunto” (PASSIONISTAS, 1953, p. 104).

Sobre as virtudes que o missionário precisa ter para atender ao público infantil, o documento destaca principalmente o amor, pois “psicologicamente falando, é o amor quem gera a confiança, chave de ouro para as conquistas espirituais do missionário” (PASSIONISTAS, 1953, p. 104). Ainda sobre o sacerdote que iria atender às crianças, é ressaltado que:

seria, pois, psicológica a escolha dos catequistas das crianças, possivelmente, quando para esse ônus enviassem indivíduos prendados, além dos dotes intelectuais e morais que se exigem de todo o sacerdote, os que amam verdadeiramente as crianças e isso para se evitar fracassos, humilhações, sacrifício inútil em ambas as partes (PASSIONISTAS, 1953, p. 105).

Em diversas passagens, Pe. Gregório cita Monsenhor Thot⁵⁵. O documento traz também que outra virtude para o trabalho com as crianças é a paciência e a autoridade. Ao final ele deixou alguns comentários:

⁵⁵ Tihamér Tóth, húngaro, nasceu em 14 de janeiro de 1889. Foi bispo de Veszprém e se dedicou na escrita de diversas obras de orientação à juventude. Faleceu em 05 de maio de 1939.

b) Quanto ao estilo e alcance intelectual dos Congressistas é muito elevado para que eu pretenda convence-los de que deve ser infantil: ou seja ao alcance do auditório incapaz de seguir arrazoados muito elevados ou formas oratórias acima do seu alcance. Como norma para o estilo diga-se antes de tudo que se exige técnica ou se refere 1) À escolha dos argumentos. 2) Maneira ou aspecto de apresenta-los. 3) Desenvolvimento dos mesmos. 4) Forma de exposição. 5) Tom de voz. 6) Duração. (PASSIONISTAS, 1953, p. 106-107).

Nos tópicos elencados sobre como conduzir as missões junto às crianças, chama a atenção a ressalva de que era preciso tomar cuidado com o “auditório incapaz” de seguir algumas formas de oratório. Pe. Gregório ainda complementa que na explanação deve haver:

lógica porque as crianças poderão ser pouco inteligentes [...]. Há ocasiões em que estamos a sós com um grupo selecionado. Nesse caso o catequista levará em conta o grau de instrução do seu auditório. – não pensemos que o grito resolva nossos embaraços diante de certas crianças irrequietas. Também uma reserva de voz ao mínimo volume, desinteressa porque não percebida (PASSIONISTAS, 1953, p. 107).

Além das impressões sobre como consideravam as crianças e a forma como as práticas da oratória deveriam ser feitas, o documento também traz algumas estratégias para conseguir aumentar o número de participantes infantis. Faz sentido ter essas instruções em um documento que registrou e arquivou todas as discussões do Primeiro Congresso Missionário Passionista já que:

as estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem (CERTEAU, 2014, p. 96).

Na articulação de ações para angariar crianças em lugares físicos, Pe. Gregório comenta sobre dois pontos. Primeiramente sobre as procissões:

as passeatas são um “saero foot-ball” que o missionário poderá organizar para desentocar nos primeiros dias as crianças mais tímidas, pois, o contacto direto e alegre do missionário com as crianças reanima os pequenos e inspira confiança dos pais (PASSIONISTAS, 1953, p. 107).

Além de ressaltar a oportunidade de aproveitar os ambientes escolares: “Os grupos e escolas, colégios e orfanatos especialmente nas cidades dispensariam

essas passeatas, pois, as crianças em idade de aproveitarem as instruções ali se encontram” (PASSIONISTAS, 1953, p. 108).

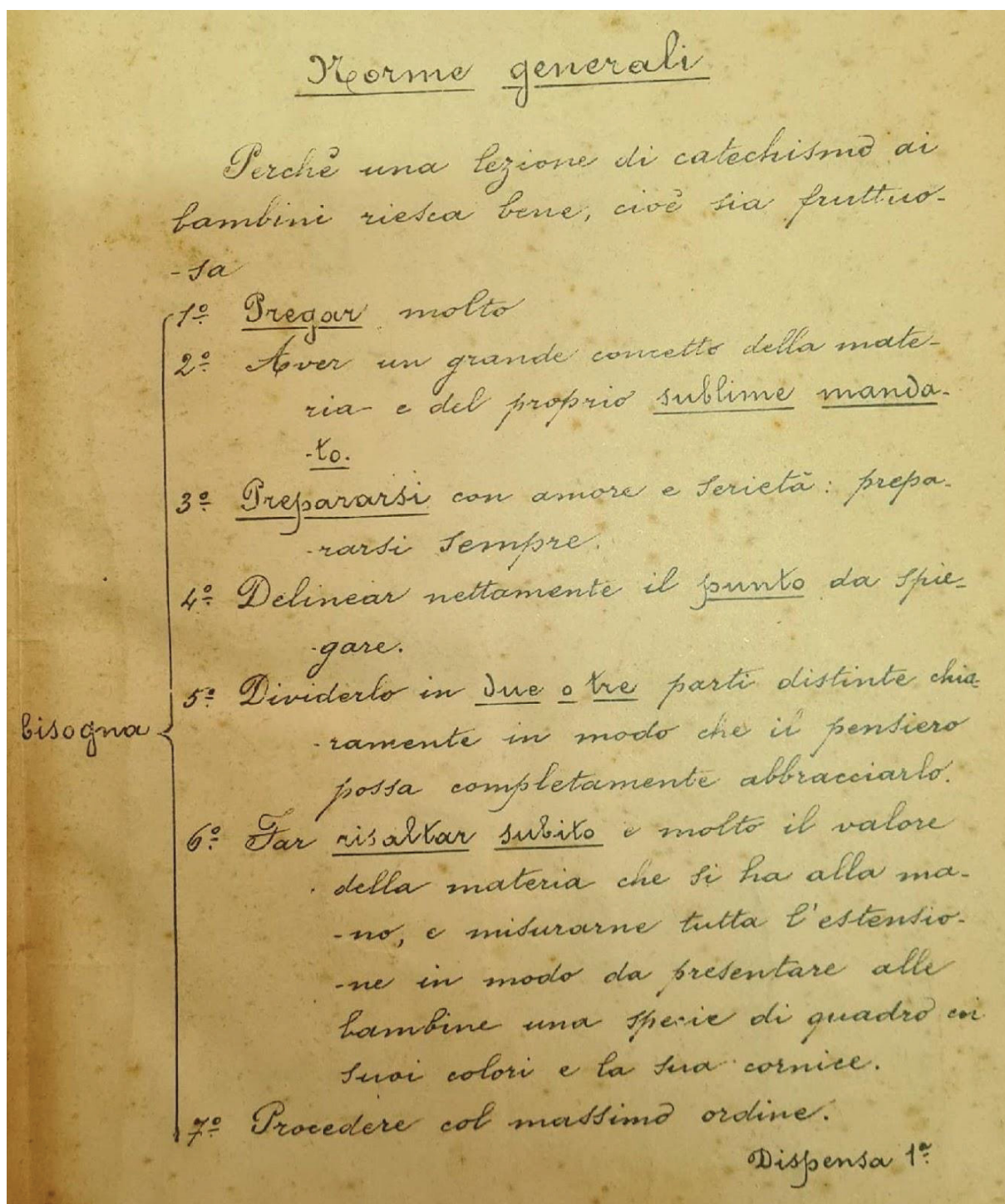
Esses escritos lançam estratégias de como conduzir as missões Passionistas para abarcar o atendimento das crianças e dos jovens, desde a forma de comunicação com esses sujeitos, como também os locais onde os encontrar para ampliar o alcance da ação. Era um material produzido pelos religiosos, para os próprios religiosos. Além disso, pude levantar também um outro material escrito de religiosos para religiosos, tendo como sujeito primordial, nas ações propostas, as crianças por meio da catequese.

1.3.2 Lezioni di catechismo alle bambine⁵⁶

Para além das discussões do Primeiro Congresso Missionário Passionista, de 1953, há indícios de que os padres também escreviam para as crianças. Encontrei no arquivo da Congregação Passionista, em São Paulo, um livro que trazia a indicação em sua capa, com uma etiqueta digitada, de que era do Pe. Candido. É um material escrito à mão, em italiano, que traz o título “Aulas de catecismo para meninas de até dez anos”. Nas folhas manuscritas não existe a indicação se era de autoria de Pe. Candido (mas a caligrafia se aproxima bastante ao estilo presente nos diários/memórias desse religioso) ou baseado em outra obra. Mas, na parte superior, têm as seguintes anotações: Escola de Ensino Catequético e Escola de Aplicação. Também não consta a data de escrita do material. A seguir, na Figura 19, trago um exemplo de parte da primeira página, com algumas das orientações de como se deveria dar a catequese para as crianças. A princípio, no seu título, esse era um escrito voltado para “as meninas”, mas, em alguns momentos, o material se refere também “aos meninos”.

⁵⁶ Aulas de catecismo para meninas de até dez anos.

FIGURA 19 – PÁGINA DO LIVRO “LEZIONI DI CATECHISMO ALLE BAMBINE FINO AI DIECI ANNI”



Fonte: Ghiandoni, s.d.

O material é dividido em duas partes e basicamente trata dos 10 mandamentos e dos sacramentos da Igreja, conforme se pode observar no Quadro 7 a seguir.

QUADRO 7 – LIÇÕES DO LIVRO DE CATEQUESE

Lição	Título	Livro	Páginas	Temas Discutidos
	Norme generali	Parte 1	1 – 4	Orientações sobre o modo de conduzir a catequese para as crianças
Lezione 1ª	I comandamenti	Parte 1	4 – 12	Destaca sobre a importância dos 10 mandamentos. Segundo o documento os 10 mandamentos representam a sua lei e “quem não escuta, Deus o pune” (GHIANDONI, s.d., p. 10).
Lezione 2ª		Parte 1	12 – 23	Retoma sobre os mandamentos e o papel de Moisés, na escrita destes mandamentos em pedra. Destaca que Jesus crucificado é o novo livro dos mandamentos, uma outra tábua de pedra.
Lezione 3ª		Parte 1	23 – 31	Ainda sobre os 10 mandamentos, reforça que Deus não poupa nada para aqueles que respeitam a sua vontade.
Lezione 4ª		Parte 1	31 – 41	Direciona as discussões para o 1º mandamento. Ressalta sobre a presença de Deus, não pelos olhos, mas pelo sentido. Segundo a lição Deus não é material.
Lezione 4ª		Parte 1	41 – 51	Trata da existência de Deus, em que este é a vida, não fica velho, é imutável, devendo temê-lo, sempre. Cita o caso de Garcia Moreno, presidente do Equador, católico, morto em 1875 em uma praça, que faleceu dizendo “Deus não morre!”.
Lezione 5ª		Parte 1	51 – 60	Nesta lição é enfatizado que Deus é o patrão, chefe. E que na terra alguns são chefes sem mérito ou pela violência
Lezione 6ª		Parte 1	60 – 71	Ressalta que não existe outro Deus e somos primeiramente filhos de Deus e depois de nossos pais. É preciso escolher primeiro Deus, depois o divertimento.
Lezione 7ª	Santificare la festa	Parte 1	72 – 87	Cita algumas rotinas do dia de festa. Não condena o divertimento, mas sim a folia. Se divertir sim, mas não abusar. Santificar o dia de festa significa ir à missa, ressaltando ainda que primeiro é preciso ir à missa e depois às outras ocupações. Destaca que não se deve trabalhar aos domingos, pois isso é um pecado mortal.
Lezione 8ª	Onara il Padre e la Madre	Parte 1	87 – 106	Deve-se honrar o pai e a mãe. Não se deve julgar e considerar apenas os defeitos dos pais, mas sim suas virtudes.
Lezione 9ª	Ancora il 4º Comand.	Parte 1	106 – 116	Comenta sobre o dever dos filhos em dar assistência aos pais e não terceirizá-la. Também lembra sobre o respeito aos sacerdotes, posto que são a ressonância de Deus. É preciso honrar os pais, os padres e os superiores civis (autoridades).
Lezione 10ª	Il quinto comandamento Non ammazzare	Parte 1	116 – 128	Destaca que não matar é uma proibição absoluta que dura todo tempo, e por qualquer razão. A vida é um dom de Deus, assim, assassino pode se ocultar da justiça dos homens, mas não da justiça de Deus.
	L'Ottavo Comandamento Non dire testimonio falso	Parte 2	1 – 10	Nesta lição é ressaltado que a figura do falso testemunho é pior que a do demônio. É importante a verdade para não condenar inocentes pela justiça dos homens.

Lição	Título	Livro	Páginas	Temas Discutidos
Lezione 2ª	Ottavo Comandamento La Calunnia	Parte 2	10 – 19	Define o termo caluniador: quem atribui malignamente ao próximo um defeito que não há.
Lezione 3ª	La Mormorazione	Parte 2	19 – 27	Define o termo murmuração: é falar de alguém, sem necessidade, sobre suas faltas e defeitos, sem a presença deste. Faz comparações entre os murmúrios e os animais (grilo, rã etc.).
Lezione 4ª	8º Comandamento La susurracione e l'Adulazione	Parte 2	28 – 39	Define o termo sussurrador: Que são problemas em falar sobre todos, sem pensar. Define o termo adulator: como aquele que engana o próximo, adulando falsamente, dizendo para alguém ser o que não é.
Lezione 5ª	La Bugia	Parte 2	39 – 54	Usa um exemplo próximo as crianças para explicar a mentira. No texto é descrito que para a mentira bastam duas letras: “Estudou a lição?”, e responde: “Sì”, porém, a resposta verdadeira era não.
Lezione 6ª	Che cosa ci ordina l'8º comandam.	Parte 2	55 – 65	Ele retoma que mesmo orientando a não dizer mentiras, as vezes é preciso não dizer a verdade. Não no sentido de mentir, mas como prudência. Nem sempre é necessário dizer tudo.
Lezione 7ª	Il Nono Comand. Non desiderare la donna d'altri	Parte 2	65 - 77	Este não é um mandamento somente aos homens, é para qualquer pessoa com desejos ruins. É preciso ser puro internamente também, na mente, no coração e na alma.
	Il Xº Comandamento Non desiderare la roba d'altri	Parte 2	78 – 90	A explicação dada ao décimo mandamento no manuscrito é de que este proíbe o desejo de privar os outros das suas coisas, bem como proíbe o desejo de conquistar alguma coisa por meios injustos.
Lezione 9ª	I Sacramenti in Genere	Parte 2	93 – 102	Sobre os sacramentos, o material ressalta que quem conhece os mandamentos de Deus, conhece o caminho para chegar ao céu. Deus deixou um grande presente para viver e chegar no céu, os sacramentos. Além disso, a lição comenta sobre o Batismo, a Crisma, a Santa Eucaristia, a Penitência, a Extrema Unção etc.
Lezione 10ª	I Sacramenti in Genere	Parte 2	103 – 115	Continua a discussão sobre os sacramentos, como um sinal sensível de Jesus, para santificar as nossas almas.
Lezione 11ª	I sacramenti segni efficaci istituiti da Gesù Cristo	Parte 2	115 – 128	Para Deus, dizer é fazer, com isso seus sacramentos são superiores aos sinais humanos. Os sacramentos são para a santificação.
Lezione 12ª	I sacramenti e la grazia	Parte 2	128 – 152	Nesta lição o manuscrito explana sobre a graça ser um presente sobrenatural de Deus. O sacramento do Batismo é a chave para todos os outros. Os sacramentos são os tesouros da Igreja.
Lezione XIV		Parte 2	161 – 171	Continua percorrendo sobre a importância dos sacramentos na vida das pessoas.
Lezione XV	Ancora i Sacramenti in genere	Parte 2	171 – 176 169 – 175	Na última reflexão do material, é ressaltado que no batismo as pessoas se tornam filhos do senhor. Com a crisma se tornam um soldado. Já com a ordenação, tem-se um promotor de Deus na Terra.

No trabalho com materiais dessa categoria, Orlando (2015) destaca que a destinação pedagógica dos catecismos impressos católicos tem como propósito a propagação e a conservação da fé e da doutrina da Igreja. No panorama apresentado no Quadro 7, mesmo o material sendo um manuscrito, sem ser possível determinar sua origem e mensurar seu alcance, as discussões propostas por ele reforçam princípios da doutrina da Igreja, sugerindo a propagação desses por intermédio da catequese para as crianças.

A partir da coleção de Monsenhor Álvaro Negromonte, Orlando (2008) trouxe um cenário sobre os catecismos e a educação brasileira. Com as mudanças nas orientações da Igreja, principalmente a partir da segunda metade do século XIX,

[...] foram publicados uma variedade de textos de catecismo, inspirados no Catecismo Romano, que se constituíram importantes meios para reformar os princípios da fé cristã e acabaram, dessa forma, substituindo o Catecismo Histórico e o Catecismo de Montepellier (ORLANDO, 2008, p. 65).

A partir das colocações de Lustosa, a dissertação aponta que “[...] foram publicadas cartilhas mais simples, sobretudo para servirem de auxiliares de ensino aos catequistas, muitas vezes com pouca habilitação. Essas cartilhas eram dosadas em nível de conteúdo e de acordo com as idades” (ORLANDO, 2008, p. 65). Os manuais de catecismos tiveram um crescimento exponencial entre os séculos XIX e XX, mas, conforme aponta o levantamento de Orlando (2008), o ensino do catecismo no Brasil não acompanhava as orientações do movimento catequético europeu. O nacional irá ganhar fôlego com o Primeiro Congresso de Catequese, realizado em Belo Horizonte, em 1928.

Mesmo não sendo possível identificar a data de produção do livro de catequese e a sua origem, se era nacional ou europeu, o material (produzido ou reproduzido) do Pe. Candido abarca parte da discussão posta por Orlando (2008). Nessa direção, nas suas páginas iniciais, além de reforçar a importância da oração, do preparo, de delinear o ponto de explicação e dividi-lo em duas ou três partes, destacando os valores da matéria com ordem, Pe. Candido complementa com outras orientações, dentre essas a importância da simplicidade. Contudo, o modo como é destacado essa ordem vai ao encontro também das colocações que foram ressaltadas anteriormente, por Pe. Gregório, sobre o atendimento às crianças nas missões, o qual precisava ser feito de maneira simples, pois elas poderiam ser “pouco inteligentes”. No livro de

catequese, reforçando novamente a simplicidade na condução das práticas e prédicas com as crianças, essa ideia foi posta com as seguintes palavras: “se não és simples, aquelas cabeças pequenas não entendem, rapidamente se entendiam e se distraem” (GHIANDONI, s.d., p. 2, tradução minha).

Para se aproximar do mundo infantil, outra sugestão posta como estratégia para essa ação no manuscrito é a dramatização de alguns episódios, e para isso “[...] é preciso 1º Recorrer as frequentes semelhanças levantadas desde a infância” (GHIANDONI, s.d., p. 2, tradução minha). A explicação para o uso dessa estratégia passa por defender que:

a criança ama perdidamente o conto, assim, a professora deverá ter o cuidado de ter uma espécie de mina.
Quanto mais os contos conseguirem colori-los e também representá-los, sem exagero, mais verá sua escola surpreendida em silêncio e atenção (GHIANDONI, s.d., p. 3, tradução minha).

A menção da professora na orientação coloca esse material não somente entre texto de conteúdo, voltados especificamente para as crianças, mas também a descrição de como trabalhá-lo, direcionando o diálogo para o/a catequista. Logo após as normas gerais, o livro avança para as lições. Exemplificando parte do material e procurando indícios das orientações para formação da infância, a lição 1 traz como título “Os mandamentos”.

Então, meninas, cuidem para que hoje tenham mesmo que ser sérias, sérias.
Por quê?
Porque ... porque eu tenho algo muito, muito sério para falar. Você entende?
E você sabe o que é? – Os Dez Mandamentos. Você ouviu essa palavra longa?
Mas claro. É uma palavra longa, grave, solene, séria: uma palavra que só de ouvi-la, faz sentido.
Você está certa, porque indica claramente que é a vontade de Deus.
(GHIANDONI, s.d., p. 5, tradução minha).

Essa primeira parte da lição demonstra o modo como se deu a escrita do material. As lições são desenvolvidas com as temáticas, contudo, utilizando como estratégia um método de perguntas e respostas. Em uma reflexão sobre o modo de conduzir a escrita, remonto a assertiva de Orlando (2015, p. 174), de que “os textos modernos de catecismos interrompem a tradição oral de um discurso contínuo e adotam o diálogo, em forma de perguntas e respostas, como novo procedimento metodológico”. Se realmente o discurso contínuo do padre e/ou catequista, ao utilizar

esse material manuscrito, era interrompido pelo diálogo das questões, não é possível afirmar, mas as perguntas, mesmo com as respostas na sequência, poderiam ser uma forma de reflexão do grupo que estava ouvindo a aula de catecismo.

Ao final de boa parte das lições, essa é concluída com uma frase de impacto ou um resumo do que foi discutido. No exemplo da primeira lição, a finalização se dá com a seguinte frase: “Estudar a palavra de Deus e temê-lo, tanto, tanto, porque com Ele não se brinca” (GHIANDONI, s.d., p. 12, tradução minha).

A última frase é reveladora do que seria possivelmente uma das direções das práticas dos Passionistas: ensinar pelo medo. As memórias de Pe. Eugênio sobre as missões, destacadas anteriormente, trouxeram alguns desses indícios. Em quase todas as lições existem perguntas e respostas e temor a Deus. Seguindo para mais um exemplo, na lição 8, sobre o mandamento “honrar pai e mãe”, novamente o medo se faz presente: “Você sabe o que o Espírito Santo diz? << Quem proferir maldição contra seu pai e sua mãe será condenado à morte. >>” (GHIANDONI, s.d., p. 92, tradução minha).

Ao todo o livro foi composto por 10 lições, na primeira parte da paginação, numerando 128 páginas. A segunda parte, que está em conjunto com o mesmo material, iniciou uma nova contagem, possuindo 90 páginas e 8 lições.

A forma como esse material era trabalhado não é explicitado, porém, mais do que notas para explicações e diálogo, em alguns momentos, o texto se dirigia diretamente às meninas:

Querida criança, pare. Você conhece o Decálogo da mesma forma. O Senhor escreveu no coração de todos, até no seu. Não é necessário que o Decálogo escrito e impresso saiba que você não deve mentir, que não deve ser insolente com seus pais, que não deve matar, roubar, etc. (GHIANDONI, s.d., p. 30, tradução minha).

Em alguns momentos, o material utilizava com bastante ênfase a proposta do jogo de perguntas e respostas para abordar a temática proposta:

Então: em todo caso, você sabe por que as pessoas não assistem aos sacramentos lá? Porque eles não os estimam. E por que não os estimam? Porque eles não os conhecem. E por que eles não os conhecem? Por que eles não os estudam? E por que não os estudam? Porque eles não os querem. E por que eles não os querem? Oh que fila de por quês? É o dia dos 'por quês, hoje? Claro. Você sabe por que eles não querem? Por que eles não acomodam. E por que não acomodam? Porque as pessoas têm vícios e com os sacramentos os vícios devem ser deixados para trás (GHIANDONI, s.d., p. 101-102, tradução minha).

Possivelmente este livro de catequese foi um material escrito e pensado para que fosse utilizado diretamente pelos padres ou professoras de catecismo em contato com as crianças. Era um material produzido que tinha como sujeito as crianças, porém, direcionado para adultos. Agora adentro em outros escritos desses religiosos, desta vez impressos, materialidade que possivelmente permitiu maior propagação, organizado também por adultos e para adultos, mas buscando questões e discussões direcionadas ao uso dos pais na educação dos seus filhos, além de páginas voltadas para o consumo direto das crianças.

1.3.3 Revista *Calvário*

Além desses escritos diretos para as crianças, possivelmente do Pe. Candido, a congregação também se utilizou de um impresso para se aproximar da infância e da juventude, direta ou indiretamente, chamado *Calvário*. Essa revista foi produzida pelos Padres Passionistas aqui no Brasil, sendo que a primeira publicação data de janeiro de 1922. Segundo consta no livro *Subsídios para a história*, a responsabilidade dos primeiros exemplares foi de Pe. Lourenço di Serafino. A primeira edição contou com uma tiragem de 500 unidades e tinha por objetivo propagar a devoção à Sagrada Paixão e tornar sempre mais conhecida a congregação (PASSIONISTAS, 1983, p. 61). Infelizmente, ao longo dos outros anos, não consegui encontrar a tiragem da revista.

Uma estratégia para a distribuição do material, com a projeção de ter um alcance nacional, deu-se pela utilização de pessoas da comunidade para auxiliar e promover esse impresso:

em cada lugar onde ia procurava alguma pessoa de confiança e dotada de zelo apostólico, a quem constituía “Agente”. Desta maneira a publicação foi-se estendendo aos poucos mesmo em outros Estados da Federação. Após alguns anos já contava assinantes e agentes nas mais diversas localidades do País (PASSIONISTAS, 1983, p. 62).

Essa estratégia católica foi ressaltada por Bittencourt (2014, p. 122-123):

enquanto Monteiro Lobato usava sua criatividade para colocar seus livros à venda em farmácias, empório e armazéns de secos e molhados, as editoras católicas dispunham das sacristias e dos colégios espalhados pelo País, das redes de livrarias especializadas em produtos católicos e ainda usavam o sistema de porta em porta.

Existem indícios da circulação da revista *Calvário* em Colombo, quando nela se traz algumas notícias da cidade, principalmente pela figura de Pe. Alberto e suas ações, na época em que ele era vigário da Paróquia. Outro indício para crer na circulação desse impresso na cidade foi que, na seção obituário, existiram notas dos falecimentos de pessoas de Colombo, como foi o caso da notícia da morte de Pedro Fiorese, em 1936.

O impresso teve circulação até fevereiro de 1964, quando precisou parar a produção “devido à inflação galopante” (PASSIONISTAS, 1983, p. 62). Nesses mais de quarenta anos de circulação, a revista trouxe diversas páginas de orações, história de santos e da congregação, notícias da Igreja nacional e internacional, algumas orientações aos pais e à busca por novas vocações. Era uma escrita voltada majoritariamente para os adultos, mas que também se preocupou em alguns números em oferecer um material para o público infantil e jovem.

O movimento de escrita não foi algo exclusivo dos Passionistas, como lembra Bittencourt (2014, p. 123): “O trabalho de edição de jornais, folhetos e revistas fazia parte da pauta das congregações que chegavam de uma Europa letrada e das novas dioceses criadas após a República, encarregadas do projeto global contra a modernidade liberal e laica”.

É importante ressaltar que um material impresso pode ser uma forma de se colocar estrategicamente na propagação de ideias, já que “a presença multiplicada ou monumental dos escritos é sempre, em si mesma, a marca de uma dominação para todos tornada visível” (CHARTIER, 1990, p. 218). Dentre essas estratégias de escrita, que também visavam às crianças, encontrei alguns indícios na revista *Calvário*. Principalmente, a partir da década de 1940, foi possível observar um espaço destinado ao consumo das crianças, geralmente identificado como “Página Infantil”, Conforme Figura 20 a seguir.

FIGURA 20 – ABERTURA DA PÁGINA INFANTIL, REVISTA CALVÁRIO



Fonte: Calvário (janeiro de 1942, n.p.).

Geralmente essa seção da revista trazia algumas histórias com uma lição de moral ao final. Por exemplo, na edição de janeiro de 1942, a história “Pedrinho e a maçã”, ao final tem a seguinte mensagem: “— Não devei, ó meninos, esperar tanto como Pedrinho a lição de um sonho para vos comportardes bem. Deveis sê-lo sempre...” (CALVÁRIO, janeiro de 1942, n.p.). Essas lições tinham um sentido educacional de moralização das crianças pelos princípios cristãos.

O final da página infantil citada, de 1942, trouxe a assinatura de Francisco Schleder Negrão, possivelmente o responsável pela redação do texto. Como veremos no próximo capítulo, a família Schleder Negrão teve um envolvimento muito grande com a congregação Passionista, sendo que quase todos os filhos frequentaram o seminário e o convento. Francisco não chegou a se tornar padre, no entanto, pelo visto continuou atuando na congregação, auxiliando na escrita de algumas páginas, mesmo estando em Curitiba e a tipografia do *Calvário* em São Paulo. Indícios dão conta disso, quando em um poema publicado em outubro de 1943, Francisco S. Negrão coloca após o seu nome a cidade de Curitiba, escrita entre parênteses.

Todavia, não foram em todas as edições publicadas dessa seção infantil que se teve a assinatura de Francisco Negrão. Na verdade, em boa parte do impresso não havia a identificação de que estava escrevendo os textos. Mesmo não sendo possível afirmar quem eram os autores da “Página Infantil”, é plausível elencar algumas das estratégias que os religiosos se utilizaram com a seção para atingir o público desejado. Em diversos números haviam histórias em quadrinhos, que traziam como título “Picolé na Lua”. Para prender o leitor ao material, em cada número tinham seis quadrinhos, porém, sem finalizar a história que seria continuada na próxima edição da revista.

O espaço das crianças no impresso foi reformulado em 1944, destacando alguns objetivos:

Aqui estou, segundo o prometido, para dar a todos vocês uma boa notícia: A NOVA FASE DA PÁGINA INFANTIL.

Será esta página bem variada e interessante. Esta coluna pertencerá à secção de Contos que terá a duração de, o máximo, três capítulos, para não enfadar.

Na outra coluna, além dos quebra-cabeças originais, algum passa tempo, piadas, essencial: - os ensinamentos de Jesus quer por Ele mesmo, quer por escritos de seus apóstolos, bem ilustrados. E uma vez ou outra, uma historieta completa em quadrinhos... Que tal? Espero que isso satisfaça a todos (CALVÁRIO, fevereiro de 1944, n.p.).

Infelizmente nessa escrita não houve a assinatura de quem estava à frente da nova fase da página infantil, isto é, se essa era uma produção de apenas um sujeito e se Francisco Negrão continuava contribuindo de alguma maneira. No entanto, a estratégia da história em quadrinhos – que começou em 1943 e durou várias edições – passou por modificações em 1944. Possivelmente não era tarefa fácil para uma criança acompanhar mensalmente durante várias edições, apenas seis quadrinhos para a continuação de uma história. Provavelmente, no final das histórias, nem era possível lembrar do que se tratava as primeiras falas da edição.

As atividades propostas nessa nova fase se desdobraram em alguns passatempos e desenhos associados a textos bíblicos ou com lições de moral. É possível perceber essa estratégia nos recortes a seguir (Figura 21).

FIGURA 21 – ATIVIDADES DA PÁGINA INFANTIL



Fonte: Calvário (fevereiro de 1944, n.p.).

Em 1952 adveio uma nova reformulação para a página infantil que passou a se chamar “Mesa redonda”. A seção ainda tinha como público as crianças. No mês de abril, os responsáveis pela página se utilizaram das fotos de uma “assinante mirim”, ressaltando um diálogo entre a criança e sua mãe, possivelmente fictício, para trazer uma lição de moral às crianças. Junto com a sequência de imagens (Figura 22) que reproduzo a seguir, estava escrito as seguintes frases: “Agora, de mãozinhas no queixo, propõe alguma coisa à mamãe: E as crianças boas, vão para o céu? — Sim, respondeu a mãe. E lá é bonito, não? Há muito anjinho e a gente pode brincar com eles não é?” (CALVÁRIO, abril de 1952, p. 23).

FIGURA 22 – PÁGINA “MESA REDONDA”



Fonte: Calvário (abril de 1952, n.p.).

Possivelmente a educação das crianças pelo viés católico não passava apenas por indicar condutas, temor a Deus e mandamentos da Bíblia, mas também pela proibição de novos materiais que estavam sendo produzidos para esse público. No mesmo ano de 1952, a página “Mesa Redonda” condenou algumas leituras infantis, como: *Os três Valentes*, *O Gurí*, *Biriba*, *Gibi*, *Aí Mocinho!*, *Superman*. Para a conscientização dos seus leitores, os padres e/ou responsáveis pela página escreveram que

depois que o nosso amiguinho começou a ler estas revistas, começou a faltar ao catecismo, nos domingos, e a gostar demais de ir ao cinema. Até se esqueceu da Primeira Comunhão, que acabou não fazendo, por falta de preparação. Como não terá ficado triste o Menino Jesus. Assim é que começa uma carreira perigosa (CALVÁRIO, julho de 1952, p. 19).

Esse movimento de criar uma seção específica para o consumo das crianças na revista *Calvário* foi mais enfático a partir da década de 1940. Entretanto, antes desse período, os padres já escreviam pensando nesse público, com páginas voltadas

para a moralização. No ano de 1924, houve um texto com o título “Regras de vida Christã para um jovem”, um regulamento escrito por um antigo sacerdote Passionista, que na época da publicação na revista era considerado venerável, chamado Vicente Maria Strambi. O interessante de tal regulamento é a menção de S. Luiz Gonzaga, santo que estava presente na Igreja de Colombo e de certa forma relacionado a uma italianidade e à juventude. O material recomendava às crianças e aos jovens para: “procura estar sempre unido ao teu Deus, verdadeiro e summo bem, como fazia o jovem verdadeiramente angelico S. Luiz de Gonzaga” (CALVÁRIO, março de 1924, n.p.).

Na continuação do texto do regulamento, escrito dois meses depois da edição de março de 1924, percebo uma linha comum dos Passionistas, que é a orientação associada ao medo, ao inferno: “guarda-te do ócio, sobretudo nas horas que seguem a comida porque então é quando com mais força acomete o demônio” (CALVÁRIO, maio de 1924, n.p.).

Os Passionistas traziam na revista textos e publicações visando a formação educacional católica dessas crianças, na maior parte das vezes apelando para o medo. Mas isso não era constante, as representações eram construídas a todo momento, em que, muitas vezes, havia o apelo positivo ao ser criança e jovem. Mesmo a revista não sendo específica para o público infantil, essa foi uma forma de fazer circular uma educação impressa para a infância e a juventude. Ao longo dos anos, as crianças foram aparecendo nas edições do *Calvário* de diversas formas. Desde o primeiro ano, os padres se utilizaram de estratégias para esse público. Na edição de dezembro de 1922, a página “Jesus Crucificado e os meninos” trouxe cartas de meninos que comentavam sobre a revista, possivelmente para demonstrar que era um material lido por crianças. Mesmo mencionando que as cartas eram produzidas pelos meninos, o modo como elas foram transcritas na página levam a crer que tiveram uma correção da direção da revista. Essa página também reforça os indícios de que a revista circulava em Colombo, desde o seu primeiro ano de produção. Isso se deu pelo texto de Anselmo Canale:

Colombo – Graças a Deus sinto-me bastante corregido de certos defeitos que tinha, entre os quaes muita teimosidade, e bastante preguiça que sentia no cumprimento de certos deveres que incluíam um pouco de sacrifício e trabalho. Esse meu melhoramento o devo á consideração de Jesus Crucificado, que sacudiu a minha indolência. Anselmo Canale (CALVÁRIO, dezembro de 1922, n.p.).

Além de escritos para o consumo desse público da infância e da juventude, a revista *Calvário* se colocou em discussões que abarcavam as crianças e os jovens por outras frentes, como a educação. Com a separação oficial entre Estado e Igreja, na República, a laicização da esfera pública, excluindo o ensino religioso das escolas, fez com que a Igreja se mobilizasse contra essas rogativas. A revista dos Padres Passionistas, inserida nesse contexto nacional, colocou-se nas discussões sobre a importância da educação católica nas escolas.

Como destaca Nóvoa (2002, p. 31), a imprensa tem algumas características próprias como “a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade”; e essas características “lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia”. A revista *Calvário* tinha como finalidade principal a orientação religiosa e a propagação das ações dos Padres Passionistas. No entanto, justamente por estarem próximas da realidade, essas orientações perpassavam outros campos, abarcando orientações para a infância e a juventude e a educação desses grupos, permitindo assim o status de fonte para as pesquisas em História da Educação.

Dentro desse contexto, em uma época em que sob a égide do ensino laico, excluir a cruz e o ensino confessional das escolas públicas estava em voga, os Passionistas se posicionaram e fizeram seus ideais circularem entre as comunidades que liam suas páginas.

Nesse período, a Igreja reivindicava:

em nome dos valores cristão-católicos enraizados na cultura brasileira, a continuidade da oferta do ER⁵⁷ nos colégios públicos, tendo por base outra noção de laicidade, que defendia a separação entre os poderes, mas sem o caráter antirreligioso (CECCHETTI; SANTOS, 2016, p. 136).

E nesse percurso de disputas, o discurso da Igreja, para ganhar força, deveria estar presente entre a comunidade. Em partes, a revista *Calvário* se colocou nesse contexto, trazendo essa preocupação com a educação católica nas escolas. No segundo ano de circulação da revista, os padres já trouxeram para o debate o uso do crucifixo nas escolas, atacando a maçonaria e trazendo como exemplo,

⁵⁷ Ensino religioso.

possivelmente, não de maneira aleatória, a Itália, talvez sendo já indícios da política fascista naquele país, com a aproximação da Igreja Católica a esses ideais:

A Italia, pois que, não por si mesma, mas porque escravizada pela maçonaria a encontramos não a ultima atrevida a perpetrar o sacrilégio atentado contra o Crucifixo – Hoje a Italia, sacudindo suas costas do infame jugo da seita maçônica a encontremos a primeira em reparar ao seu erro, mandando com ordem suprema fosse a Imagem do Crucifixo restituída ao seu lugar de honra de onde tinha sido tirada, iniciando das escolas, esse acto de solene reparação ao Crucifixo (CALVÁRIO, abril de 1923, n.p.).

A maçonaria continuava a ser atacada pelo impresso Passionista, assim como o ensino laico. E o que vem à tona na defesa do grupo católico era ressaltar que o problema não era a não obrigatoriedade do ensino religioso, mas sim a exclusão dele:

O que tem sido a Republica nestes anos em que o nome de Deus foi banido da Constituição? O que reconheceram depois, os que para isto trabalharam. Ensinar a religião nas escolas não é querer implantar obrigatoriamente a todos, mas, só aos que a quizerem, pois o próprio nome – facultativo assim o exprime. (CALVÁRIO, outubro de 1933, n.p.).

Sobre religião e educação, no ano de 1931, escreveram na revista reproduções de falas de personalidades europeias sobre os prejuízos de não se ter o ensino religioso nas escolas. Os nomes contemplaram personalidades como: Vitor Hugo, com trechos de um discurso na Assembleia Nacional Francesa; Diderot, filósofo francês; Girardin, francês; Disraeli, estadista inglês; Guizot, francês; Jouffroy, filósofo francês; Legouvé, membro da Academia Francesa; Julian Simon; Portalis, jurista francês; Guilherme, ex-imperador da Alemanha; e, Thiers, que possivelmente se referia ao ex-presidente, estadista e historiador francês. Deste último foi descrito as seguintes palavras:

... Eu peço formalmente outra cousa: que se eliminem esses professores leigos em grande numero detestáveis. Quero Irmãos (professores de Congregações Religiosas, como os Maristas), ainda que em outro tempo haja podido desconfiar deles. Quero fazer onipotente a influencia do clero. Quero que a acção do parocho seja forte, muito mais forte do que hoje em dia; porque conto com ele para propagar a bôa filosofia, que ensina ao homem que está na terra para sofrer... Sim nunca o repetirei bastante: o ensino primario não produzirá bons resultados senão quando o Clero exercer nelle grandissima influencia (CALVÁRIO, novembro de 1931, n.p.).

Infelizmente a matéria veio assinada somente com as seguintes iniciais: L. E. Não posso afirmar se era um religioso Passionista, um colaborador da revista ou se a

matéria foi transposta de outro veículo de comunicação católica. Mas mesmo com essas dúvidas, as páginas são um indicativo de algumas das leituras dos religiosos Passionistas e da sua posição em relação à educação da infância e da juventude, colocando-se num campo de discussão política, tendo como horizonte o catolicismo. O poder do impresso, mesmo em outros moldes e contextos, vai ao encontro da reflexão de Luca (2011, p. 53), na discussão sobre a *Revista do Brasil*, na sua primeira e segunda fase, junto a periódicos modernistas:

As revistas, polos em torno dos quais se reuniam e disciplinavam forças e instrumentos de combate e de intervenção no espaço público, oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de questões artístico-literárias que, longe de se esgotarem em si mesmas, dialogavam intensamente com projetos políticos (LUCA, 2011, p. 53).

Em outro escrito do *Calvário* de 1934, os religiosos mostraram novamente a preocupação da formação que o ensino laico traria, embora desta vez não citem personalidades e intelectuais, mas sim em uma linguagem próxima da comunidade, como uma conversa entre dois conhecidos. Para a condução do diálogo, um era defensor do ensino laico e o outro defensor do ensino religioso:

— Estás redondamente enganado. Fulgencio, inteiramente enganado. Tudo conseguiremos sem instrução religiosa.
 — Conseguem, conseguem... Parabéns ao Diabo. [...] Quando nossos filhos sahem da escola, estão uns vadios perfeitos; e não é destes que precisa a família e a sociedade, entendeu?
 — Vejo que ignoras o que disse um philosopho: “Abrir uma escola, equivale a fechar uma prisão”.
 — Escura o que eu lhe digo, sem aspirações a philosopho de barréla: Abrir uma escola laica, é abrir milhares de prisões. [...] Diffundir a escola laica é semear ventos para mais tarde, num futuro bem próximo, colher tempestades (CALVÁRIO, abril de 1934, n.p.).

A escrita desses textos pelos Passionistas, que circulavam em diversos lugares do Brasil, marcando posições e defendendo ideias, denotam um poder sobre a exterioridade e uma eficácia social. Esses textos, analisados pela ótica de Certeau (2014), como documentos escriturísticos, demarcam a passagem de discursos da Igreja, de modo geral, para intervenções e reescrita dos Passionistas, trazendo uma transformação da palavra falada na época aos leitores do *Calvário*.

Quando a Igreja começou a avançar na oferta do ensino católico nas escolas, eles noticiaram na revista e responsabilizaram os pais pela educação dos seus filhos:

Conseguimos, posto que com ingentes esforços, uma conquista brilhante para os nossos alevantados ideaes: a facultação do ensino religioso nas escolas publicas do paiz, medida que, além de vir atender aos justos e legítimos anseios da quase totalidade do povo brasileiro, veio também reparar, embora tardiamente, a grande injustiça de que vínhamos sendo victimas desde o advento republicano. Resta agora, nesta época de acentuado indiferentismo religioso, que os paes brasileiros, numa alta compreensão e compenetrção de seus sagrados deveres, ensinem nos lares, com a maior dedicação e assiduidade possíveis, a doutrina catholica aos filhos, mandando-os igualmente assistir ás aulas de Catecismo, quando ministradas, quer nos templos, quer nas escolas. (CALVÁRIO, dezembro de 1932, n.p.).

Voltando ao debate sobre o Ensino Religioso, esse não ficou restrito ao campo da Igreja, também foi uma discussão do governo. Na Primeira República houve um afastamento entre Igreja e Estado. Com isso, a nova constituição:

[...] estabeleceu parâmetros de diminuição da relevância social e cultural da religião enquanto quadro normativo orientador das condutas e da vida moral do conjunto da sociedade, tornando a vida pública mais autônoma em relação às autoridades religiosas. (CECCHETTI; SANTOS, 2016, p. 135).

Algumas articulações foram feitas no decorrer dos anos, com a Igreja buscando retomar a amplitude dos espaços na sociedade, tanto para a educação das crianças como, de modo geral, com toda a sociedade e poderes:

Na década de 1930, a Igreja buscou consolidar uma unidade no plano nacional. Esta união deu-se em torno de uma devoção: o Papa Pio XI, a pedido do episcopado brasileiro, declarou Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil. Em torno deste evento, arquitetaram-se as grandes mobilizações de massas, verdadeiras demonstrações de força, visando influenciar o governo provisório, para que reivindicações fossem atendidas (MENDONÇA; PEREIRA; RODRIGUES; LOSS, 2011, p. 280).

Na Era Vargas iniciam debates e mudanças visando colocar o Brasil na industrialização, tendo então a criação do Ministério da Educação e da Saúde sob as ordens de Francisco Campos. Nesse período a Igreja ganha força em suas discussões sobre o ensino religioso no campo político.

Em troca de apoio, Vargas estreitou as relações com a Igreja, causando a indignação de grupos que defendiam a bandeira do ensino laico, tais como os intelectuais adeptos da Escola Nova. Inspirado na “solução mineira”, Campos atendeu o chamamento dos católicos e acabou regulamentando a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal, através do Decreto n.º 19.941, de 30 de abril de 1931 (Brasil, 1931) (CECCHETTI; SANTOS, 2016, p. 138).

Para a Igreja era fundamental ter uma presença junto às várias classes populares do Brasil, e a via escolar, tendo como privilégio um público jovem, não podia ser ignorada. A oficialização do Ensino Religioso nas escolas, mesmo com uma roupagem de facultativo, possibilitou à Igreja a alternativa de elaborar os programas de ensino “[...] o que não representou somente uma concessão, mas uma afronta ao caráter laico do Estado” (CECCHETTI; SANTOS, 2016, p. 138). Entre idas e vindas, com disputas, o ensino religioso apareceu de maneira facultativa nas legislações de toda a década de 1930. Durante todo esse processo, os Padres Passionistas contribuíram com a discussão nacional se posicionando por meio da revista.

Além de discussões que envolveram o campo político e escolar, o *Calvário* também abarcou orientações aos pais para além dos muros das escolas. Durante o ano de 1934, por exemplo, circulou uma página que trazia como título “A criança” e era assinada por Côra Benita, com textos de duas páginas descrevendo os malefícios de uma educação não cristã e que abandonava as crianças. Em uma das páginas, ela descreveu que “os ensinamentos recebidos na infância são os mais efficientes e duradouros” (CALVÁRIO, agosto de 1934, n.p.).

A educação no lar, dada pelos pais e tutelada pela Igreja Católica, também foi um movimento da Ação Católica:

Se a freqüência ao catecismo e à Primeira Comunhão, seguidos do ingresso na Cruzada Eucarística se firmaram como ritos necessários para o ingresso na Ação Católica, esta se compunha de outros tantos ritos e instâncias, construindo uma estrutura sólida e abrangente, abarcando toda a sociedade católica e se propondo a abarcar toda a humanidade. (MANOEL, 1999, p. 213).

Além do escopo de escrever seções para o consumo das próprias crianças, junto com orientações aos pais e discussões sobre uma educação católica, a revista se colocou em outras frentes, mantendo-se entre o seu público-alvo – as crianças e os jovens.

Adentro agora em outras ações dos religiosos Passionistas e práticas que reverberaram em Colombo e que compunham a educação da infância e da juventude, porém, direcionando para a formação e a convocação de novas vocações para a congregação. Mesmo enviando religiosos da Itália para o Brasil, era preciso desenvolver os institutos com pessoas do novo país. Para a criação do novo contingente de padres e freiras, era preciso angariar novos sujeitos e, para isso,

algumas das estratégias nessa direção ganharam o apoio da revista *Calvário*, além, é claro, das práticas dos religiosos nas comunidades.

2 VOCAÇÕES, UM EXÉRCITO DE MINICATÓLICOS?

A minha vocação despertou muito cedo, na infância. Influência e fruto do testemunho vivencial eminentemente cristão de meus pais e depois “o jeito de ser”, o testemunho alegre e silencioso de minha tia irmã Crucifixa Lovato. Apesar de tê-la visto apenas duas vezes antes de entrar no juvenato, no dia 2 de fevereiro de 1950, no educandário Nossa Senhora Menina em Curitiba/PR.
(LOVATO apud AZEVEDO; D'AGOSTIN; FIORESE, 2006, p. 164).

A citação que abre este capítulo traz o registro das memórias de uma religiosa Passionista que entrou para o juvenato aos 12 anos de idade. Interessante que, nas suas palavras, ela demarca a “influência” da família e o “jeito de ser” de uma tia que era irmã. Estas instituições, família e Igreja, são importantes porta-vozes neste projeto das vocações. Nos estudos antropológicos de Grossi (1990), sobre o “jeito de freira”, em conventos do Sul do Brasil, a pesquisadora, por meio de observação e entrevistas com mulheres de 25 a 80 anos, demarca a construção da vocação feminina por três vertentes: das famílias camponesas, das freiras e da Igreja, as quais, em parte, aparecerão neste capítulo sobre a infância e a juventude vocacionada para a vida religiosa.

Pelas ações da Igreja e congregações, trago novamente a revista *Calvário*, que mais do que páginas infantis, textos com orientações aos pais e discussões sobre uma educação católica, como tratado no capítulo anterior, foi também um meio estratégico para pedir ajuda na preparação das futuras vocações, bem como para pontuar o que se considerava bons exemplos da infância nesses locais, incentivando as crianças e os jovens a aderirem à vida religiosa.

Com a revista *Calvário*, entram em cena, também neste capítulo, indícios de um conjunto de práticas dos padres e freiras e como elas reverberaram na comunidade colombense. Para isso, levanto essas práticas a partir das memórias de religiosos nascidos em Colombo e em outras localidades. Pelas memórias também será possível adentrar seminários e conventos para buscar resquícios de como era a vida nesses lugares e a relação dessas crianças e jovens com as suas famílias, na época.

Logicamente é preciso levar em conta que:

a memória não é um espelho, mas um filtro, e o que sai, através do filtro, nunca é a própria realidade, mas uma realidade sempre recriada, reinterpretada e às vezes até consciente ou inconscientemente imaginada a tal ponto que pode chegar, na mente de quem lembra, para substituir, com vantagem, o que realmente aconteceu⁵⁸ (VIÑAO, 2000, p. 2, tradução minha).

Nesse filtro, com reinterpretações do passado, os sujeitos trazem partes da infância e da juventude, muitas vezes passagem obrigatória de autobiografias com ênfase nas escolas. Todavia, quando os processos educativos da vida de um sujeito passam também pelos conventos e seminários, alguns fatos desses locais surgem nessas memórias.

2.1 AÇÕES PARA CONVOCAR

As congregações estrangeiras buscavam seu desenvolvimento nas novas terras ⇔ pelas vocações de crianças e jovens. Na lógica matemática, o símbolo de equivalência material “⇔” significa “se e somente se”. Penso, nessa lógica proposicional, que sem as vocações nas terras estrangeiras, sem o trabalho dos padres e freiras em cercear principalmente as crianças, para angariá-las aos seus institutos, esses não teriam se desenvolvido da mesma forma no Brasil.

As desconfianças iniciais nas novas terras existiam, porém, expandindo as congregações para novos continentes, o contingente de religiosos precisava aumentar. Sobre o início dos Passionistas no Brasil, um livro histórico da congregação descreveu que:

Apesar das insistências do Superior Geral no sentido de se procurarem e receberem candidatos à vida passionista e muito embora já se tivesse iniciado a construção do novo convento, todavia alguns religiosos tinham ainda suas dúvidas.

— Será que brasileiro dá para passionista?

Foi a pergunta de um dos padres da comunidade, quando o Superior, certo dia, falava de um coroinha que manifestara o desejo de entrar na congregação (PASSIONISTAS, 1983, p. 19).

⁵⁸ *La memoria no es un espejo, sino un filtro, y lo que sale, a través del filtro, no es nunca la realidad misma, sino una realidad siempre recreada, reinterpretada y a veces, incluso, consciente o inconscientemente imaginada hasta tal punto que puede llegar, en la mente del que recuerda, a sustituir, con ventaja, a lo realmente acaecido.*

No prosseguimento dessa discussão no livro histórico, encontro indícios de que esse menino foi a primeira vocação em terras brasileiras, da congregação dos Padres Passionistas. Primeiramente ele foi enviado para a Casa Paroquial de Colombo a fim de ter aulas com o Pe. Dionísio Panfili. Depois de 8 meses foi enviado ao alunato em São Paulo. Esse fato marcou o início de uma trajetória que incluiu várias crianças e jovens na formação de novos religiosos e religiosas no Brasil, onde têm sua origem ou passaram pelas terras colombenses.

Retornando às discussões sobre a entrada de ordens e congregações e a formação de vocações, houve um pronunciamento de Dom Manuel D'Elboux, no Círculo de Estudos Bandeirantes, em 1953, em razão do Centenário da Emancipação Política do Estado do Paraná, no qual ele foi responsável pela conferência “Influência da Religião no Paraná”. No pronunciamento, publicado na revista do Círculo de Estudo dos Bandeirantes e no livro comemorativo da Arquidiocese, Dom Manuel alertou sobre a falta de sacerdotes no Paraná e completou que:

no Paraná, é inestimável, outrossim, a contribuição destes abnegados padres estrangeiros. Não nos referimos, já, aos sacerdotes Poloneses, nem aludimos aos Italianos e aos do rito ucraniano que, do século XVIII até inícios do atual, mourejavam nas colônias, por manter a fé intacta entre os seus patrícios. Reportamo-nos, sim, ao trabalho indefeso de franciscanos, de padres do Verbo Divino, de S. Carlos, e Capuchinhos, Josefinos, Lazaristas, Passionistas e tantos outros que, nestes 50 anos, conservaram e preservaram a fé cristã em nossa terra (ARQUIDIOCESE, 1958, p. 191).

O pronunciamento colocou os estrangeiros como importantes para a religião no Paraná, pela voz do bispo, e mais do que conservarem e preservarem “a fé cristã em nossa terra”, esses religiosos a desenvolveram. A vinda da congregação italiana das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus para o Brasil, por exemplo, não foi só um pedido dos Scalabrinianos, nem um desejo dessas religiosas apenas para abertura de escolas. Segundo uma carta de 1895, escrita para Scalabrini⁵⁹, o bispo de Curitiba já pedia o auxílio de religiosas para formar um convento, comprometendo-se inclusive a assumir parte dos encargos (AZZI, 1987).

⁵⁹ João Batista Scalabrini (imagem – anexo 7) nasceu no ano de 1839, em Fino Mornasco (Como), Itália. Foi bispo de Piacenza e é considerado pai dos emigrantes. Fundou em 28 de novembro de 1887 a Congregação dos Missionários de São Carlos, além de uma sociedade laica de assistência aos emigrantes, chamada São Rafael. Segundo os Padres Geremia e Vivian (2004), no livro “Santa Felicidade – Curitiba: o início de uma bela história”, Scalabrini esteve em Curitiba, do dia 18 de agosto de 1904 até próximo o dia 7 de setembro de 1904, quando chegou ao Rio Grande do Sul. Scalabrini faleceu no ano seguinte, em Piacenza.

As Irmãs do Sagrado Coração de Jesus se organizaram primeiro às voltas da escola de Santa Felicidade e contaram com diversas vocações femininas de Colombo no decorrer da primeira metade do século XX, porém, o caminho para abrir um convento, aqui, não foi muito simples. Encontrei a indicação de uma divergência entre o padre de Santa Felicidade, Brescianini⁶⁰, e a fundadora das Apóstolas, Merloni⁶¹. A divergência passava pela dicotomia de um atendimento no Brasil, mas a formação de novas freiras acontecer na Itália. Na esfera local, em 1903, Padre Brescianini pedia o aceite de uma jovem para adentrar na congregação das Irmãs do Sagrado Coração e escrevia com perplexidade sobre a pouca ação destas, principalmente pela figura de Madre Merloni:

Já faz tempo que escrevi à madre geral a respeito desta postulante, e ela respondeu-me ser necessário que vá para aí, na casa-mãe. Se tivesse atravessado os mares e vivido nestas regiões, e por assim dizer, florestas selvagens, modificaria alguma coisa (BRESCIANINI apud AZZI, 1987, p. 281).

Já era uma premissa utilizar a base brasileira para a formação das vocações, conforme consta nos direcionamentos de Scalabrini, pois, dentre os postulados do estatuto para atendimento aos imigrantes, está o objetivo de preservar nesses sujeitos a fé católica e, dentre as práticas que envolvem também a infância, tem-se a seguinte orientação:

⁶⁰ Segundo as informações que constam em livros da congregação, Pe. Francesco Brescianini (fotografia – anexo 8) chegou em Santa Felicidade no dia 16 de julho de 1895, permitindo uma redistribuição no trabalho das colônias que constituíam a capelania italiana, redefinida em 1º de novembro de 1895, por um decreto do bispo de Curitiba (BRAIDO, 1978). Brescianini participou, em conjunto com outro religioso, da abertura da casa das irmãs e escolas, deixando a colônia em 30 de abril de 1906 (GEREMIA; VIVIAN, 2004).

⁶¹ Madre Clelia Merloni (imagem – anexo 9) nasceu em Forlì, no dia 10 de março de 1861. Inicialmente entrou para a congregação das Filhas de Maria da Divina Providência, porém, ao contrair tuberculose, precisou deixar a instituição. Um livro comemorativo da congregação (PRATI; MELO, 1999) traz que ao ser curada, como parte de sua promessa, ela fundou o Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, em 1894. Em 1900, Scalabrini aprovou as constituições elaboradas por Merloni (ad experimentum), abrindo o instituto para atendimentos além-mar, chegando ao Brasil em 1900 e aos Estados Unidos em 1902. Merloni faleceu no dia 21 de novembro de 1930.

3º – Tal objetivo, a Sociedade o persegue: a) enviando missionários e professores a qualquer lugar onde a necessidade exigir; [...] c) abrindo escolas para ministrar aos filhos dos colonos, junto com os primeiros rudimentos da fé, o ensino da nossa língua, do cálculo e da história pátria; [...] e) encaminhamento aos estudos preparatórios do sacerdócio os filhos de colonos que ofereçam indícios de serem chamados ao estado eclesiástico (SCALABRINI, 1979, p. 118-119).

Uma das ações pensadas para o Brasil, nos tópicos propostos por Scalabrini, não é somente buscar o incentivo e a colaboração por meio de ofertas, mas também a fundação de seminários para a formação do clero. Mesmo sendo no início da fundação do instituto, é interessante a ressalva do fundador: “não parece difícil descobrir vocações quando sabemos que em 1885, como já vimos, emigraram 15.642 crianças italianas” (SCALABRINI, 1979, p. 33); ou seja, para ele, nas crianças imigrantes se encontrava uma grande fonte de vocações. Para além da orientação da Diocese/Arquidiocese entre a caridade e a Igreja Católica e das orientações de Scalabrini, as congregações estrangeiras no Paraná possivelmente viam nesses sujeitos, as crianças e os jovens, um caminho de crescimento dos seus institutos.

No início dos anos 1900, havia, em Curitiba e região, italianos e descendentes, conduzidos por religiosos da mesma etnia, adaptando-se às novas condições e ao momento. Mesmo com toda a ligação com a Itália, era inviável mandar todos os candidatos a padres e freiras para formação nesse país, na casa geral. Possivelmente a crítica de Brescianini à madre Merloni foi contornada com o tempo, e a reclamação feita em 1903 pelo padre surtiu efeito, pois, em 1907, foi aberta uma casa para formação religiosa das Irmãs, em Curitiba.

Entretanto, essa resistência em abrir casas de formação religiosa no Brasil não foi algo exclusivo de Merloni. Em outras localidades também é possível perceber a mesma situação, conforme Leonardi (2011, p. 119) apontou no estudo da Congregação da Sagrada Família de Bordeaux:

ao que tudo indica, as meninas tinham dificuldade de engajar-se em sua vocação diante de um horizonte tão assustador: deixar o Brasil para realizar sua formação na França. Por sua vez, a Congregação pretendia formar religiosas dentro dos moldes franceses e não autorizava a fundação de um noviciado no Brasil.

Em Colombo só houve a concretização física de um seminário, na década de 1940, e um juvenato na década de 1950. No entanto, antes mesmo dessas décadas, muitas vocações colombenses já haviam sido formadas em outros locais, como

Curitiba e São Paulo. Para isso, diversas frentes e estratégias foram desenvolvidas por representantes da Igreja e das congregações, procurando estrategicamente nas crianças e nos jovens os sujeitos para a formação religiosa.

Longe de padrões e regras pré-estabelecidas, na seara da história da infância, a respeito das fontes para a sua escrita, Maria Cristina Gouvêa (2008, p. 105) disserta:

assim é que, ao contrário dos demais sujeitos históricos investigados pela Nova História que, através de suportes variados, deixaram um registro de sua experiência coletiva, a criança não se fez propriamente autora da própria história, mas destinatária de discursos e práticas destinados à sua formação para a vida adulta. Tal questão singulariza o campo e impõe uma reflexão diferenciada na análise das fontes na escrita da história da infância e da criança.

Trabalhar com a história da infância é adentrar em fontes que muitas vezes não foram produzidas pelos sujeitos que estamos estudando. Este terreno pode apontar para um caminho de incertezas, dependendo do outro para falar de si, procurando as propostas para uma infância, diluídas em documentos de experiências adultas.

Dentro dessas experiências e estratégias adultas, encontrei na revista *Calvário*, ao longo das décadas que compõe o recorte temporal desta pesquisa, diversos discursos, de representantes dos Passionistas, destinados à formação e à captação de sujeitos ainda na infância para a vida religiosa. Valia até representar uma criança como um mini missionário Passionista, conforme a representação na Figura 23 a seguir.

FIGURA 23 – CRIANÇA REPRESENTADA COMO MISSIONÁRIO PASSIONISTA NA REVISTA “CALVÁRIO”



Fonte: Calvário (março de 1952, n.p.).

Junto a esta imagem, a revista apresentou algumas notas históricas da congregação, suas casas no Brasil e lançou o projeto “Obra das Vocações Passionistas do Brasil”, fazendo um apelo à comunidade em geral para contribuir financeiramente com essa frente, já que, segundo os editores:

as dificuldades aumentam progressivamente e as fontes de renda são sempre as mesmas impostas pela Regra, espórtulas de missas e o que é oferecido espontâneamente pelos ministérios. Acresce serem pobres a maioria de nossos seminaristas, exíguos os auxílios por parte das respectivas famílias e alto o padrão de vida (CALVÁRIO, março de 1952, n.p.).

Assim como Tania Regina de Luca (2004, p. 144) pontuou, a *Revista do Brasil* “ocupou posição estratégica na rede gerida por Lobato, funcionando como excelente vitrine para seus livros, idéias e campanhas”, penso que a revista *Calvário* também foi uma vitrine dos Padres Passionistas nas suas representações da infância e da juventude, pois fazia circular ideais de uma educação católica, bem como uma forma de convocar as vocações e buscar apoio financeiro para as suas obras.

Essa vitrine possibilitava entrar em contato com a comunidade todos os meses do ano. Como pude notar, o apelo no mês de abril de 1952 seguiu tendo a imagem das crianças e o símbolo Passionista, com enfoque não nas doações para as obras, mas nas crianças como alvo para se tornarem missionárias, conforme representado na Figura 24 a seguir.

FIGURA 24 – CRIANÇAS COM O SÍMBOLO PASSIONISTA NA REVISTA CALVÁRIO



Fonte: Calvário (abril de 1952, n.p.).

Ao explicar a imagem, a redação da revista a descreveu da seguinte maneira:

como se sentiram felizes, quando, naquele dia iluminado, viram os passionistas. Aquele distintivo atraiu-as. A princípio a natural reserva de crianças bem educadas. Depois, dada a confiança e ilaridade dos teólogos, arriscaram-se a dirigir perguntas. Por fim, avançando e erguendo-se na ponta dos pés, suplicaram: — Tire, quero ver! E quando acedendo aos pedidos insistentes, se viraram de posse do emblema, olharam, examinaram e acabaram instintivamente por colocá-lo sobre o peito e correndo para junto da mamãe: — Não ficou bonita, mamãe? — Os olhos da mãe brilharam. Quem sabe que pensamento a assaltou então. Voltaram felizes. — Vamos tirar um retrato? E elas posaram e ao gracejo do missionário, esboçaram esse sorriso angelical (CALVÁRIO, abril de 1952, n.p.).

No restante da chamada, a redação da revista se dirigiu às crianças, ressaltando algumas das qualidades dessa fase da vida, como simplicidade e inocência, demonstrando a importância de que elas expressem o desejo pelas vocações.

Os Passionistas percorriam uma representação de infância ambivalente, ora marcando os perigos de pecar, possivelmente com receio de que elas não seguissem os princípios católicos, ora uma representação mais otimista, como a citada anteriormente. Percebo que a revista e os padres traziam essa representação fluida sobre infância, conforme as necessidades, pendendo em alguns momentos para o medo e, em outros, ressaltando as qualidades do ser criança.

É possível perceber a ambivalência na mesma página em que, na sequência do relato das crianças felizes e angelicais que portavam o distintivo passionista, eles dirigiram a palavra também aos pais, indicando que a estes cabe o papel de incentivar as vocações, caso contrário serão castigados: “Diante de Deus, quantas contas hão de prestar esses pais e essas mães que destruíram os celestes pendores de seus filhos, não os deixando seguir o caminho da verdade e do bem” (CALVÁRIO, abril de 1952, n.p.).

Os escritos da década de 1950 não foram os únicos na direção de apontar para as vocações. Desde os primórdios da revista, na década de 1920, circularam em suas páginas ideias para a convocação e a formação das vocações. Em 1928 foi vinculada uma imagem de um grupo de alunos que se preparava para ser admitido no noviciado (Figura 25).

FIGURA 25 – GRUPO DE ALUNOS DO SEMINÁRIO PASSIONISTA



Fonte: Calvário (abril de 1928, n.p.).

Com essa imagem estampada acredito que procurava chamar a atenção da caridade dos leitores e pessoas interessadas em auxiliar no projeto:

- Quem tiver conhecimento de algum menino na idade de 12 annos, com vocação religiosa e com dotes sufficientes para se formar missionário de Jesus Crucificado, muito gratos lhe seríamos, dirigindo-o ou participando-o à esta Redacção d'O Calvário”.
- Quem nos remeter um auxilio qualquer ainda em roupa ou mantimentos em favor do nosso Collegio Apostolico, participará a todas as boas obras e bens espirituaes da Congregação dos Passionistas.
- Quem se promptificar de manter, com a quantia mensal de Rs. 25\$000, um menino pobre com vocação religiosa, neste nosso Collegio Apostolico, será considerado como insigne bemfeitor dos Passionistas, participando dos seguintes, Favores Espirituaes Reservados para os nossos Bemfeitores. (CALVÁRIO, abril de 1928, n.p.).

Dentre as benesses, os padres ofereciam aos benfeitores uma missa no primeiro dia do mês, entre outras datas importantes, além de uma missa cantada aos contribuintes finados. Os Padres utilizavam estratégias ao materializar a religião, oferecendo missas aos contribuintes, para conseguir recursos financeiros e apoio para a formação de novas vocações no Brasil.

Com o decorrer dos anos e possível aumento das ofertas, no ano de 1930, na foto, os alunos do Colégio já estavam vestindo outro traje. Interessante ressaltar que a mudança trouxe um ar militar à organização das crianças, como representado na Figura 26 a seguir.

FIGURA 26 – GRUPO DE ALUNOS DO SEMINÁRIO PASSIONISTA



Fonte: Calvário (agosto de 1930, n.p.).

A revista era um meio de angariar vocações e trazer essa responsabilidade aos pais. Em uma história contada na edição de maio de 1931, com o título “Vocações Religiosas e Sacerdotes – Sacerdote?!... Prefiro que morra!!!”, os padres discorrem sobre uma senhora que, em julho de 1884, se encontrou com o Beato Dom Bosco⁶². O beato, segundo a descrição, pediu sobre a família e sobre os filhos e quando perguntou sobre o filho mais novo, ele disse: “muito me conta, minha senhora. E este anjinho, — acrescentou Dom Bosco, indicando o petiz que viera em companhia da mamãe — que rumo ha de seguir? Haveremos de fazer dele um santo sacerdote?!...” (CALVARIO, maio de 1931, n.p.). A revista descreveu a senhora furiosa com a

⁶² Dom Bosco, sacerdote católico italiano, viveu entre os anos 1815 e 1888. Foi proclamado santo no ano de 1934. É considerado fundador da Pia Sociedade São Francisco de Sales.

pergunta, respondendo: “Sacerdote?!... Nunca!... prefiro mil vezes vê-lo morto aos meus pés!...” (CALVARIO, maio de 1931, n.p.). Na continuidade da história, conta-se que oito dias depois o menino ficou doente e veio a óbito, porém, não sem antes relembrar a mãe sobre suas palavras: “Ouça o que lhe digo, minha querida mamãe: sei eu muito bem porque estou morrendo; o que me mata são as suas palavras de há poucos dias...” (CALVARIO, maio de 1931, n.p.). A partir desse conto, os padres se utilizaram, embasados na característica já descrita anteriormente, da pedagogia do medo para trazer alguns ensinamentos sobre as vocações e o papel dos pais:

Este facto lança luz pavorosa sobre a questão da responsabilidade dos paes em matéria de vocação religiosa ou sacerdotal: excusa qualquer commentario. Infelizmente ha por ahi muitas familias, que nos poderiam contar como Deus não poupa dolorosas e tremendas lições, a proposito de vocações cruelmente contrariadas e até guerreadas, lições divinas e cruciantes, que não rara vezes têm perpetuadas na vida atribuladora de filhos transviados, lições de que são testemunhas povoações inteiras, pesadelo e tormento para o coração de paes cegos, egoístas e culpados. (CALVARIO, maio de 1931, n.p.).

A prática de abordar as crianças era comum não apenas nas revistas, por histórias de beatos para passar uma lição de moral ao final, mas também, como veremos adiante, em práticas dos padres e freiras nas comunidades.

Seidl (2012) traz em perspectiva o papel de agentes religiosos na inculcação de uma ética familiar católica baseada em princípios estratégicos para a reprodução institucional da Igreja, elaborando um projeto social para alguns membros das famílias por meio da carreira religiosa: “O longo trabalho de divulgação da ‘vida religiosa’ realizado em situações diversas pelos agentes mencionados ocupa espaço determinante entre os mecanismos de recrutamento sacerdotal” (SEIDL, 2012, p. 248).

A revista se mostrava como uma dessas estratégias, contudo, não era algo exclusivo dos Passionistas. Noronha (2015), tratando da revista *Voz de Santa Teresa* (1957-1967), da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, destaca essa como um instrumento pedagógico, mas que trazia junto a insistência às vocações religiosas, principalmente pelo ramo feminino.

Mas nem só pelo medo os Passionistas se dirigiam aos pais para angariar vocações. Em setembro de 1933, eles publicaram uma matéria que se dizia assinada pela mãe de um padre, que comenta sobre como ela estava feliz por essa graça:

Vês? sou muito feliz, não me lamente. Esse foi o mais bello dentre os bellos dias de minha vida, pois não o maculou nenhum pensamento terrestre. Adeus; não me é possível escrever mais, as lagrimas inundam o papel. São lagrimas de felicidades. Annette (CALVARIO, setembro de 1933, n.p.).

Mas mesmo com a ofensiva em convocar as crianças e os jovens para as vocações, não era em quaisquer delas que os padres estavam interessados. Na edição de junho de 1931, foram pontuados alguns quesitos:

CONDIÇÕES PARA UM MENINO SER ADMITTIDO

- 1.º – Indícios certos e declarados pelo postulante de vocações religiosa e vontade sincera de permanecer por toda a vida no Instituto.
- 2.º – Boa índole, inteligência e memória suficiente para os estudos de alguma instrução do ensino primário: ler e escrever bem.
- 3.º – Boa formação physica, sem defeitos notáveis, sadio e não infecto de germes contagiosos, por doenças tidas ou hereditárias dos paes.
- 4.º – Idade de 11 annos completos a 13; acima da qual, só sendo bastante instruido e com os diplomas das classes gymnasiaes.
- 5.º – Que os paes ou tutores do postulante se obriguem a contribuir para o seu sustento no Collegio, possivelmente em Rs. 25\$000 mensaes, até o seu ingresso no Noviciado.
- 6.º – As despesas de viagem, de roupa, tratamento de dentes e mais curativos importantes correrão por conta dos paes ou tutores do postulante.
- 7.º – Para as outras despesas e lavagem de roupa, livros, cadernos e mais objectos necessários, se prontificará o Instituto.
- 8.º – O postulante que for admitido, deverá trazer no seu ingresso os documentos exigidos e o necessário enxoval conforme indicação annexa (CALVARIO, junho de 1931, n.p.).

As condições para um menino ser admitido trazem indicativos do que a congregação procurava nas vocações: crianças e jovens com capacidade para um bom desenvolvimento intelectual. Além disso, os pais ou os tutores precisavam garantir um aporte financeiro para manter o aluno no colégio, além de comprar o enxoval exigido.

A respeito do enxoval exigido para o ingresso, constavam itens conforme é apresentado na Figura 27 a seguir.

FIGURA 27 – ENXOVAL PARA INGRESSO NO COLÉGIO

ENXOVAL A SER LEVADO AO INGRESSO NO COLLEGIO			
Terno novo	1	Chapeu bom	1
Ternos usados	2	Chapeu de uso	1
Ceroulas	4	Camisas	4
Casaco	1	Pares de meias	8
Par de botinas	1	Lenços	6
Par de sapatos	1	Toalhas de rosto	3
Thesourinha	1	Lenções	6
Canivete	1	Fronhas	6
Escova de roupa	1	Guardanapos	3
Escova de sapatos	1	Toalha de banho	1
Escova de dentes	1	Pentes	2

Para o fardamento do Collegio Rs. 50\$000

N. B. — No caso em que o alumno desista da vida collegial, o uniforme ficará para o Instituto.

O DIRECTOR DO COLLEGIO.

Fonte: Calvário (junho de 1931, n.p.).

Buscando comparar os valores exigidos para adentrar o seminário, procurei sobre o salário-mínimo da época. Todavia, descobri que ele só foi estabelecido a partir do Decreto-Lei Nº 2.162, de 1º de maio de 1940 (BRASIL, 1940), tendo diferentes valores de referência, a depender da região que o Brasil era subdividido. Mesmo sendo um período posterior à publicação da revista, ainda assim busquei sobre alguns dos valores postos para fazer uma comparação. Na capital paulista, onde ficava uma das sedes da Congregação dos Padres Passionistas e a editora da revista, o salário-mínimo era de 220\$000 (mil réis). Em uma relação com o preço pago pelo fardamento do colégio, os pais ou os responsáveis deveriam despende uma quantia correspondente a mais de 20% do salário da capital paulista, sem contar todos os outros itens da lista. Já no Paraná, na região de Curitiba, o salário-mínimo estava fixado em 180\$000, o fardamento representava quase 30% dessa quantia. No entanto, em outras regiões do Brasil onde o salário-mínimo chegava a ser 90\$000, a compra do fardamento representava aproximadamente 55% do valor.

Mas, além da contribuição dos pais e dos responsáveis, também existiam as doações para manter essa formação religiosa. Na década de 1940, os padres organizaram níveis de valores de doação para manter as vocações. A revista *Calvário* descreveu que dez mil cruzeiros na Caixa Econômica renderão juros para manter na escola “um menino pobre que aspira a ser Missionário”. O impresso era usado como estratégia para promover a convocação de vocações e incentivar as doações, citando

o nome dos benfeitores. Além dos nomes, a revista trouxe uma ilustração apelando para a imagem infantil, a cruz e a hóstia (Figura 28).

FIGURA 28 – FIGURA QUE APARECEU JUNTO AO APELO DA REVISTA PARA AS VOCAÇÕES



Fonte: Calvário (março de 1943, n.p.).

A imagem traz a criança circundada por vários elementos importantes da Igreja Católica. Como as doações serviriam para manter um “menino pobre”, a imagem traz a figura masculina, provavelmente segurando a bíblia. No alto, em destaque, o cálice, possivelmente representando o corpo e o sangue de Jesus, que traz como referência o sacrifício, aquele que morreu na cruz para a salvação de todos. A criança olha para esse elemento (seria pensando nos seus sacrifícios para a formação?). À frente, no primeiro plano, temos a cruz, o Santíssimo, a estola que compõe a veste de um padre, um livro que provavelmente representa a bíblia e um ramalhete de flores. Talvez as flores representassem a coroação, um presente para os meninos que escolhem o

caminho da formação missionária chegando ao seu final, para o encontro com todos os objetos do primeiro plano.

Junto com as condições e os pedidos de envio do enxoval, eram exigidos documentos para receber os candidatos. Além dos atestados de boa saúde física e documentos que comprovassem a feitura de alguns dos ritos da Igreja Católica, era pedido uma carta de recomendação do pároco. Provavelmente essa já era uma forma dos religiosos fazerem uma pré-seleção das crianças que estariam aptas para se formar e desenvolver a congregação. Os documentos exigidos eram:

ATTESTADOS A SEREM APRESENTADOS PARA O INGRESSO NO COLLEGIO

- 1.º – Certidão de Baptismo e de Chrisma, bem como de primeira Comunhão, lavrada pelo respectivo Parocho.
- 2.º – Certidão de bom comportamento moral e religioso pelo mesmo respectivo Parocho.
- 3.º – Attestado medico de bôa saude, physico forte e sadio, isento de doenças contagiosas.
- 4.º – Attestado medico de vacinação feito entre o periodo de dois annos.
- 5.º – Declaração, por escripto, dos paes ou tutores pela qual conste consentirem ao postulante de dedicar-se á vida religiosa e nella permanecer por toda a vida (CALVARIO, junho de 1931, n.p.).

As exigências da congregação eram comuns, também aconteciam em outros institutos religiosos, conforme ressalta Bencostta (2000, p. 96):

Segundo o Prospecto do Seminário de Campinas, o futuro seminarista era obrigado a apresentar no ato da matrícula certificados que comprovassem ter cursado as disciplinas: Doutrina Cristã, História Bíblica, Gramática expositiva (curso elementar), Aritmética elementar, História da pátria e Geografia geral (elementar), junto com uma certidão médica de que não sofria de nenhuma moléstia crônica ou contagiosa e de que havia sido vacinado (Prospecto e..., p. 2), além da documentação religiosa descrita anteriormente.

Além dos Padres Passionistas e suas exigências para admitir os meninos para a vida religiosa, encontrei também em documentos das Irmãs Passionistas alguns indícios nessa direção. Desde os seus primórdios, os documentos do instituto trazem que, para o recrutamento de vocações, a elas não interessavam quaisquer crianças, mas aquelas que seriam hábeis para tal papel. Essa orientação foi escrita pela fundadora das Passionistas, Frescobaldi⁶³, em 1830.

⁶³ Maria Maddalena Frescobaldi (imagem – anexo 10) nasceu no ano de 1771, em Florença. No início dos anos de 1800, participou de um grupo que frequentava um hospital daquela cidade. Lá começou a ter contato com mulheres prostitutas. Com isso criou uma escola para estas pessoas, fundou a

Minhas caríssimas filhas, a felicidade e o desenvolvimento do vosso Instituto dependerá sempre da boa escolha das jovens que devem constituir-lo, especialmente das que servirão de guia, e do cuidado que tiverdes ao educá-las bem e formá-las na verdadeira virtude. Em nome de Deus, portanto, tende constantemente esta atenção e não tenhais receio de dispensá-las, se percebeis que, segundo o vosso juízo, não são idôneas... (CONSTITUIÇÃO, 1830 apud PASSIONISTAS, 1992, p. 54).

Pelos indícios dos critérios que se esperavam das vocações, penso que muitos religiosos se envolviam diretamente com a comunidade, as crianças e os jovens, para recebê-los e fazer a sua convocação, adentrando as casas e convencendo os pais. Afinal, para levar a cabo um projeto católico pela voz de um instituto, a seleção dos “melhores” era considerada necessária. E, para fazer a seleção dos melhores, era preciso estar em contato com os futuros candidatos da comunidade por meio de práticas e ações diversas. Mais à frente trago as memórias de alguns religiosos de Colombo, em que algumas apontam para as práticas que Pe. Alberto, um dos párocos da cidade, realizou para essa convocação⁶⁴.

A ação junto à comunidade foi rememorada no diário de Pe. Candido. Nas passagens dos fatos de 1916, ele comentou o trabalho dos padres em Colombo para promover a formação de vocações.

Nós, os Passionistas, trabalhamos seriamente em Colombo: P. Ignazio, Dionísio, Alberto que lá permaneceu 24 anos, todos deram um bom exemplo e por isso agora, em 1952, estão a colher os frutos consoladores das Vocações e há o Juvenato e Noviciato Passionista. Assim, nossas boas Irmãs Passionistas floresceram o Juvenato por suas meninas que mostram inclinação para a vida religiosa⁶⁵ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 161, tradução minha).

A Igreja Católica tinha uma representação perante a comunidade, em especial àquela de origem italiana, como era o caso de Colombo, que reverberou, como

Confraria “As Ancilas da Caridade” e abriu o “Ritiro Santa Maria Maddalena Penitente”, que, em 1815, recebeu a autorização do Papa Pio VII para que quatro jovens que frequentavam o local tomassem o hábito religioso. Poucos anos depois, Frescobaldi pediu que a comunidade fosse agregada aos Padres Passionistas, sendo então considerada a fundadora dessa congregação feminina. Maria Maddalena faleceu em 8 de abril de 1839 (MOTIN; ORLANDO, 2015).

⁶⁴ Logicamente, esta não era uma estratégia local. Ações com esse horizonte envolviam toda a congregação, espalhada por vários lugares do Brasil, e muitos dos institutos religiosos que chegaram para este país. Algumas das práticas e realidades de outros locais são destacadas pelos trabalhos de Seidl (2012), Grossi (1990) e Mocellin e Mincato (2007).

⁶⁵ *Noi Passionisti si è lavorato con serietà a Colombo: P. Ignazio, Dionisio, Alberto che vi rimase 24 anni, tutti diedero buon esempio e per questo adesso, 1952, si raccolgono frutti consolanti di Vocazioni e vi è l'Alunnato e Noviciato Passionista. Così le nostre buone Suore Passioniste vi hanno fiorente Alunnato per le loro Bambine che dimostrano inclinazione alla vita religiosa.*

indicado por Pe. Candido, em “frutos consoladores das Vocações”. Entretanto, para a representação com base em interesses em produzir novos braços para trabalhar em prol das congregações, era preciso uma formação educacional, em um sentido amplo, envolvendo tanto a oferta do estudo escolar quanto uma educação católica em outros locais, como nas ruas, na Igreja e na família.

A revista foi um dos caminhos utilizados para se aproximar da infância e demarcar aos pais que as crianças e os jovens eram necessários para as vocações religiosas. Entretanto, mais do que representações impressas, essas precisaram ser articuladas com as práticas nas comunidades:

As novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social são, pois, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados (CHARTIER, 2002, p. 67).

Tendo ciência de que ações para a formação de vocações religiosas ocorriam em diversos locais, tanto no contexto nacional quanto no internacional, porém, observando pela perspectiva dos fatos levantados em Colombo, penso em algumas questões: como esses códigos para formação das vocações foram compartilhados pelos padres e freiras na cidade, produzindo significados para estas representações de uma infância para as vocações e produzindo práticas para contribuir com esta ideia? Como isso reverberou na história de Colombo e das congregações? Essas questões me levam agora a procurar indícios das práticas locais, nas articulações que os religiosos fizeram entre as obras e ideias postas em circulação pela revista *Calvário* e outros documentos e orientações da congregação e as práticas com a comunidade para angariar crianças e jovens.

2.2 COLOMBO E SUAS (CON)VOCAÇÕES

Como já destacado, algumas das ideias dos fundadores e recomendações da casa geral para o desenvolvimento dos seus institutos, em terras estrangeiras, tinham como via a formação das vocações. Em Curitiba e região, não foi diferente. A Figura 29 a seguir é um exemplo dessa ação com as crianças e os Padres Passionistas, em Colombo, na década de 1950.

FIGURA 29⁶⁶ – SEMINARISTAS NA CIDADE DE COLOMBO, DÉCADA DE 1950

Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Segundo consta no Livro Tombo da Igreja Matriz de Colombo, o juvenato masculino teve sua licença concedida pelo arcebispo da Arquidiocese de Curitiba, Dom Attico Eusébio da Rocha, no dia 21 de novembro de 1947. No dia 8 de dezembro do mesmo ano aconteceu a abertura oficial por Pe. Angelo e Pe. Fausto, recebendo inicialmente cinco meninos e funcionando na casa paroquial (LIVRO TOMBO, 1947, p. 53). Em 1955 tem-se a inauguração de um prédio próprio para o funcionamento do Juvenato (LIVRO TOMBO, 1955, p. 59).

Antes da abertura do seminário, uma carta foi enviada pelos Passionistas a Dom Attico, em 19 de outubro de 1947, com o pedido e a seguinte justificativa:

⁶⁶ A imagem do Cristo que aparece atrás dos seminaristas ainda hoje se encontra na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, na parte interna.

[...] considerando haver em Curitiba e seus arredores muitos candidatos que pedem para ingressar para o nosso seminário, considerando ser inconveniente, por causa da distância, que êsses candidatos sejam imediatamente mandados para São Paulo, sem fazerem antes um estágio em que deem provas de sua vocação, considerando ser para isso necessário um seminário preparatório nas proximidades de Curitiba, considerando prestar-se otimamente para essa finalidade a paróquia de Colombo, onde já trabalham dois padres da Congregação, resolve pedir respeitosamente a Vossa Excia. 1) a necessária licença para estabelecer em Colombo uma casa religiosa com seminário preparatório, [...] (PASSIONISTAS, 1947, n.p.).

Interessante uma colocação no pedido de que o seminário preparatório era um estágio para que os candidatos dessem provas da sua vocação. Também poderia ser uma forma de selecionar melhor os candidatos, talvez, seguindo aquelas orientações e determinações que a revista *Calvário* destacava.

Segundo uma notícia da inauguração do seminário, vinculada ao jornal *Diário do Paraná*, no dia 27 de maio de 1955, a inauguração contou com a presença de Dom Manoel da Silveira D'Elboux, e o esforço da construção deste local se deu pelo vigário, Pe. Angelo. A obra custou aproximadamente 4 milhões de cruzeiros, contando com doações de Munhoz da Rocha, Moyses Lupion e outras pessoas locais, dentre elas o prefeito municipal e filho do fotógrafo Francheschi. Em comparativo com o salário-mínimo de 1954, de Curitiba e região, a construção do Seminário custou aproximadamente 2.667 salários (BRASIL, 1954). Dentre os objetivos de formação de vocações para o Paraná e o Brasil, o jornal destacou principalmente o atendimento às crianças:

No meio social moderno tão assaltado hoje pelas tentações do materialismo e tão impregnado já de paganismo, a existência de um Juvenato é a grande esperança de redenção e salvação social: – crianças que rezam e estudam, crianças que trabalham e que brincam, crianças inocentes que se oferecem a Deus em troca da mais sublime de todas as carreiras, o sacerdócio, – crianças sadias, crianças risonhas, crianças abençoadas por Deus e pelos homens, eis o que representa o Juvenato Jesus Crucificado (DIÁRIO DO PARANÁ, maio de 1955, p. 4).

Retornando à Figura 29, é possível observar a construção do novo seminário aos fundos da Igreja, ao lado esquerdo. Possivelmente o registro tenha se dado no ano de 1955, talvez até mesmo na inauguração desse novo espaço, porém, é estranho pensar que a fotografia não foque essa construção se fosse para registrar a sua inauguração. Outra suposição que leva a crer que o registro é de 1955, dá-se pelo

fato de ser o último ano em que o Pe. Angelo⁶⁷, que está na primeira fila, ao lado direito, ficou como vigário da Paróquia de Colombo. Os outros religiosos na imagem são: primeira fila de baixo, ao lado esquerdo, Pe. Anselmo; ao fundo, ao lado esquerdo, Pe. Clemente; e, ao lado direito, Ir. Ildefonso Ferrarini.

Corro o risco ao tentar traduzir o que vejo dessa imagem, pois como alerta Burke (2004, p. 18): “Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho”. Contudo, ao analisar a disposição dos seminaristas, os uniformes, os braços cruzados e os cabelos raspados, imagino a apresentação de uma turma do exército, porém, com a particularidade de serem crianças e com os padres às voltas. Talvez fosse um exército de minicatólicos em formação; e, pelo registro da quantidade de participantes do juvenato em sua abertura, no ano de 1947, quando se compara com a fotografia, a turma estava aumentando.

É importante lembrar também o papel do fotógrafo na ação. Ao observar o enquadramento e a organização nas imagens anteriores penso que essas foram feitas por um profissional. Como Kossoy (2014) ressalta, o testemunho fotográfico não é isento, a sua materialização se deu por um processo de criação do fotógrafo, repleto de subjetividades. Infelizmente não encontrei a indicação de quem fez o registro para seguir o fio do nome e levantar algumas questões, por exemplo, se esse fotógrafo era católico, qual o contexto de produção da imagem e onde foi divulgada, se foi contratado e pago para o serviço, se tinha alguma relação com a Igreja da cidade e

⁶⁷ Pe. Angelo veio de Roma para Colombo, no dia 11 de maio de 1947 (LIVRO TOMBO, 1947, p. 51). Foi este pároco quem reformou o colégio, que possibilitou o retorno das Irmãs Passionistas a Colombo, além de outras obras. Pelo modo como deixou registrado algumas dessas ações, ele não pareceu ser tão articulado com a política local, como quando fez a instalação hidráulica para o juvenato, em 1949: “Foi executada contra o parecer de muitos que a julgavam impossível. [...] A Prefeitura não quis concorrer... antes por [...] obstáculos... e o Vig teve-se que defender contra três intimações movidas pela inveja etc...” (LIVRO TOMBO, 1949, p. 54). Estas intimações implicaram em ameaças para a sua prisão. Em 1950, Pe. Angelo publicou uma nota no jornal “O Dia”: “<<Pelo que diz respeito ao artigo publicado pelo <<Diário da Tarde>>, de Curitiba, no qual se relata que o Partido Social Democrático procurou, por duas vezes, mandar prender o vigário de Colombo, não corresponde à verdade. Não foi o Partido Social Democrático quem procurou prender o Vigário de Colombo, mas o falecido delegado, instigado e atizado por pessoas malévolas. Em relação aos Cr\$20.000,00 que recebeu do Governo do Estado, declara tê-los recebido em resposta a um seu requerimento com o qual pedia, mais uma vez, um auxílio para a construção do Colégio Paroquial para vocações sacerdotais nesta paróquia. O Vigário da paróquia não pertence a algum partido político, por ser pai espiritual de todos os fiéis que lhe foram confiados por Deus Nosso Senhor. Péde, portanto, não usarem de sua pessoa para propaganda política>>” (O DIA, 1950, s.p.). Não consegui localizar o artigo que é citado na nota, porém, para que o padre viesse publicamente declarar o seu não envolvimento com um partido político, possivelmente sua imagem foi associada a este; e por quais motivos?

se foi responsável por outras fotografias que envolvessem não somente os seminaristas, mas também as outras crianças e jovens colombenses.

Mas pensando em quem produziu as imagens, na Figura 30 a seguir, percebemos um modo diferente de operar o enquadramento e as disposições na fotografia. Algumas imagens da Igreja e dos seminaristas, em Colombo, do final de década de 1940 e durante a década de 1950, trazem uma outra característica. Possivelmente, alguns registros foram feitos pelos próprios padres, sem mais a presença de um fotógrafo profissional.

Mas mesmo não sendo feita por um fotógrafo, a apresentação dos meninos continua fazendo referências à formalidade, pelas vestes e disposições arranjadas. Tudo para exteriorizar uma ordenação que muitas vezes, por de trás das lentes da máquina, podia ser algo complexo de se conseguir. Um jogo de poder que se utilizava das representações privilegiadas que a Igreja tinha com imigrantes e descendentes, o papel do padre na comunidade e o transparecer nas fotos de que uma boa educação e a ordem eram constantes nos seminários. Não se faziam fotos de qualquer coisa. As escolhas para o ato de fazer uma foto perpassam pelo lugar onde foi produzida, o olhar de quem a produziu e as experiências sociais da localidade, de modo geral. A fotografia “é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido [...]” (MAUAD, 2008, p. 31).

FIGURA 30 – SEMINARISTAS EM COLOMBO, 1948



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Na imagem as crianças estão uniformizadas. Essa era uma prática comum adotada por outras congregações e pelas escolas em geral. Corazza (2002, p. 54) traz a seguinte definição para este tipo de vestimenta:

uniforme é definido como aquilo que só tem uma forma. Uniforme também é dito de farda ou fardamento, como um vestuário padronizado de uso regulamentar em uma corporação, classe ou instituição, criado para tornar os seus integrantes iguais, idênticos, semelhantes.

Sobre o ambiente escolar, Scholl e Jacques (2013) demarcam essa vestimenta como um pertencimento a uma instituição:

O uso do uniforme escolar está fortemente vinculado à ideia de pertencimento. A experiência educativa na escola promove uma experiência de socialização precoce com uma cultura estética singular, revelada nos ritos, práticas, usos e ordens próprias do ambiente escolar [...]. (SCHOLL; JACQUES, 2013, p. 340).

A noção de pertencimento não era apenas uma identificação com a instituição que esses sujeitos pertenciam, mas também a fase da sua formação. É possível

observar na Figura 31 a seguir jovens estudantes, usando o hábito passionista – possivelmente já haviam feito os primeiros votos religiosos. Conforme eles avançavam na carreira dentro da Igreja, as roupas mudavam e o símbolo da congregação era agregado nas vestes.

FIGURA 31⁶⁸ – ESTUDANTES PASSIONISTAS, DÉCADA DE 1960



Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

A Igreja também cobria parte das despesas dos uniformes dos meninos, os sapatos, as sandálias e os passeios que eram feitos com essas crianças e jovens, conforme são apresentadas as anotações dessas despesas na Figura 32 a seguir.

⁶⁸ O fundo da sala traz a seguinte mensagem: “O evangelho é um livro divino que erradia múltiplasforças. Quando acolhidas e difundidas por inumeráveis almas entrecruzam-se unindo-se e assoreando os espaços finitos na eternidade da cruz de Cristo, fonte de luz e força”. Possivelmente eles fizeram relação com esse lugar de estudo e o livro do evangelho.

FIGURA 32 – DESPESAS IGREJA DE COLOMBO, 1950

Jan.	Despesas do hospital para o Pe Afonso	5 000,00
Fev.	Calças (Brette)	1 910,00
Março	Camas, colchões e travesseiros	9 70,00
1950	Sandálias dos Meninos	500,00
Σ	Sapatos dos Meninos	400,00
	Medicinas e remédios	998,00
	Operários e trabalhos diversos	2 850,00
	Passeios dos Meninos	703,00
	Pano das uniformes dos meninos	4 667,00
	Cavalo	1 721,00
	Placa do Motociclo	112,00
	Ferramentas diversas	450,00
	Grinestre para a curia arciepisfal	687,00
	Total Cr\$	20 903,80

Fonte: Passionistas, 1922-1954, p. 176.

Analisando as memórias das vocações Passionistas, para além da romantização de um chamado divino, percebo que os padres e freiras buscavam muitos caminhos na busca de novos integrantes para seus institutos e isso envolvia muitos aspectos sociais e econômicos para manter essas crianças e jovens nos seminários.

Como Ginzburg (2007) chama a atenção para os fios e rastros da configuração social de incontáveis estratégias individuais, perseguindo-os por personagens das congregações na localidade desta tese, esbarro novamente em uma figura emblemática para os Passionistas, Pe. Alberto. Na memória de uma religiosa da mesma congregação me deparei com algumas das práticas desse sacerdote para com as crianças da comunidade no que tange ao recrutamento de vocações:

Padre Alberto sempre me falava sobre a vocação passionista. Certo dia foi a minha casa. Só estava eu e meu irmãozinho. Ele queria falar com mamãe. Pedi ao meu irmão para chamá-la, ela tinha ido levar almoço para o papai na roça. Quando mamãe chegou o padre Alberto falou sobre o assunto da vocação religiosa. Mamãe disse que precisava do consentimento do pai. O pai chegou e o padre Alberto falou sobre a vocação de Maria Isabel e ficou combinado o dia de minha entrada no juvenato. Dia 15 de agosto de 1931 meus pais me levaram para Colombo, na casa das irmãs Passionistas. A irmã Madalena Mariotto me recebeu e apresentou à comunidade. As irmãs ficaram contentes e abriram o juvenato (BONTORIN apud AZEVEDO; D'AGOSTIN; FIORESE; 2006, p. 184).

Os relatos e suas memórias, nas linhas citadas anteriormente, mostram o papel importante dos religiosos, em talvez seguir as orientações italianas, traduzi-las e adentrar às casas da comunidade, convencendo os pais a enviar seus filhos para o seminário ou o convento. Interessante que no relato a religiosa não destacou que a escolha fosse um desejo seu, demarcando apenas que os pais e o padre conversaram e combinaram sobre o dia da sua entrada no juvenato.

Penso nas ações desses padres e freiras como uma estratégia, que se equivale de “[...] ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem” (CERTEAU, 2014, p. 96).

Mas para ter esse postulado num lugar de poder, as instituições precisam alimentar com ações que a mantenham em visibilidade e que as chancelem. Nas reflexões de Grossi (1990, p. 51):

a vocação religiosa feminina, além de se configurar como o projeto individual de algumas mulheres destinadas ao celibato e uma solução social para a reprodução do campesinato sem terras, é também uma opção construída pela Igreja, enquanto instituição que precisa se reproduzir material e simbolicamente.

O cerceamento acontecia por meio das famílias das crianças ou diretamente com elas. São várias as memórias que contam sobre a abordagem dos padres, principalmente do Pe. Alberto, para angariar vocações. Irmã Cândida Fiorese comentou que, quando tinha 12 anos de idade, ou seja, no ano de 1928, a caminho da catequese encontrou Pe. Alberto que perguntou: “Quer ir para São Paulo com a madre Anunciata que se encontra em Curitiba? Sem refletir e entender, respondi: “quero”” (FIORESE apud AZEVEDO; D'AGOSTIN; FIORESE, 2006, p. 60).

Pe. Alberto, como um representante da Igreja e com seu status perante a comunidade, intervinha também nas decisões das famílias, conforme relata Angélica Fiorese sobre a Irmã Catarina Busato, em um fato de 1929:

Aos nove anos, contrariando a vontade de meu pai, quis morar com as irmãs passionistas. Fugi de casa, sem dizer nada a ninguém. Meus pais, muito preocupados foram a minha procura. Encontraram-me no colégio. Papai, apesar da minha resistência, levou-me para casa. Mas, eu queria morar com as irmãs. O padre Alberto tomando conhecimento do acontecido, aconselhou meu pai que me deixasse e assim voltei para o colégio (FIORESE apud AZEVEDO; D'AGOSTIN; FIORESE, 2006, p. 62).

Interessante que as missões também eram uma forma de cativar as crianças para as vocações. Ir. Lúcia Cezinira Mottin conta sobre um desses momentos:

Um dos fatos marcantes pelo surgimento da minha vocação religiosa foi a missão pregada pelos missionários passionistas. Os padres Marcos e Basílio. Quando o missionário padre Marcos, no púlpito, falava sobre os sofrimentos de Jesus crucificado e seguidamente apresentava um dos pregos de Jesus dizendo, "Foi este prego maldito, foram teus pecados, irmão, que pregaram o inocente Jesus...", e lançava o prego no meio da igreja. Fiquei emocionada e chorei muito. Quando cheguei em casa dizia, "eu também quero fazer como o missionário, quando crescer". Mamãe me incentivava muito, mesmo porque eu tinha duas irmãs religiosas passionistas. Não as conheci porque quando elas ingressaram no convento eu ainda não tinha nascido. Somente após um longo tempo vieram visitar a família e isto foi um ponto alto da minha decisão, embora, ainda muito criança para ser freira (MOTTIN apud AZEVEDO; D'AGOSTIN; FIORESE, 2006, p. 145).

Todas essas relações, demarcadas entre família e religiosos, vão ao encontro das assertiva de Grossi (1990, p. 52) de que:

as representações religiosas são construídas socialmente pelos representantes institucionais da Igreja aliados a condições reais das famílias e das comunidades. As vocações não surgem espontaneamente, são fruto de necessidades materiais e simbólicas, tanto individuais quanto coletivas (a família e a Igreja).

Mas, concordo com Seidl (2012, p. 255) de que "a nomeação de um 'verdadeiro' fator de decisão de ida ao seminário em oposição a um fator 'aparente' não põe em xeque o fundamento da vocação".

Retornando à memória de Ir. Lúcia Cezinira Mottin, um fato interessante a ressaltar é que além das missões e dos religiosos em volta dos possíveis candidatos, quando um membro da família aderiu a vida religiosa, também se tornava recrutador dentro de casa.

Sobre os dados das vocações na cidade, encontrei apenas um registro de uma menina que entrou para a Congregação de São José, em 1908, quando Pe. Bonato estava em Colombo. Foi a partir da “era” Passionista, que os números começaram a crescer. Em 1918, Pe. Candido escreveu um relato contando sobre a vestidura religiosa da primeira freira da cidade, segundo ele. Sobre o dia 10 de janeiro de 1918, Pe. Candido escreveu:

10 Quinta-feira [...]

Neste dia, em Santa Felicidade, aconteceu a Vestição Religiosa da 1ª Freira de Colombo, Marietta Lovato, filha do Srº João Batista Lovato e Srª Joana Carlesso. Foi a primeira de uma numerosa variedade de almas generosas.⁶⁹ (GHIANDONI, 1953-1955, p. 9, tradução minha).

Ainda nesse ano, o diário de Pe. Candido é revelador de outro fato relacionado as vocações colombenses. No dia 25 de abril de 1918, ele contou que celebrou o casamento de Girolomo Cavallari e Anna Milani. Como suas memórias foram transcritas na década de 1950, ele complementou o fato lembrando que, poucos anos depois do casamento, Girolomo faleceu em um acidente. Depois de quase trinta anos, Anna foi visitá-lo no Cabral, pedindo para que, quando estivesse no Rio de Janeiro, fosse visitar sua filha, irmã de São José. Aparentemente pelo relato, o padre parece ter atendido ao pedido daquela mãe e descreveu sua alegria ao ver a freira. Em seguida, ainda nos complementos sobre o casamento e a família de Anna Milani, Pe. Candido transcreveu a memória de uma menina sobre um dia em que ela estava na catequese com ele:

Padre, eu sou aquela menina que levantou a mão no Capivary na hora do Catecismo. Então me lembrei que também pediu às menininhas quem queria ser somente do Senhor, fazendo-se Freira.. Levanta a mão uma menina, em meio às risadas de suas companheiras. Com o passar do tempo não tinha pensado naquela menina de Capivary, Irmã de São José no Rio.⁷⁰ (GHIANDONI, 1953-1955, p. 45, tradução minha).

⁶⁹ 10 Giovedì – [...]

In questo giorno in S. Felicità ebbe luogo la Vestizione Religiosa della 1ª Suora di Colombo, Marietta Lovato, figlia del Sig. Giovanni Battista e Sig.ª Giovanna Carlesso. Fu la prima di una numerosa schiera di anime generose.

⁷⁰ *Padre, io sono quella bambina che alzo la mano a Capivary nell'ora del Catechismo. Allora mi ricordai che anca domandato alle Bambine chi volesse essere sola del Signore, facendosi Suora.. alzo la mano una bambina, fra le rise della compagne. Io non vi avevo più pensato col tempo quella bambina di Capivary, Suora di S. Giuseppe a Rio.*

Possivelmente trata-se da memória de Anna, já que, após o ano de 1919, Pe. Candido não atuou mais efetivamente em Colombo. Todavia, pelo que pude constatar, Anna não se tornou religiosa de São José, somente sua filha⁷¹. Mas mesmo com as dúvidas sobre quem era a menina do relato de Pe. Candido, a memória é reveladora de algumas das práticas dos religiosos em Colombo para convocar às vocações. A catequese parecia ser um bom momento para esse contato com as crianças.

Pe. Candido já havia dado indícios, no seu diário, de algumas meninas colombenses que adentraram a vida religiosa nos institutos das Irmãs de São José e do Sagrado Coração de Jesus. No entanto, com a chegada das Irmãs Passionistas no Brasil, em 1919, provavelmente as ofensivas dos padres em Colombo foram voltadas a recrutar as meninas para essa congregação. No final desse mesmo ano já houve o pedido de entrada de cinco meninas de Colombo. Essas são consideradas as primeiras vocações em solo brasileiro e que deram início ao processo de formação de freiras Passionistas fora da Itália. As meninas oriundas de Colombo foram Jacomina Lovato, Maria Bordignon, Maria Lovato, Catarina Fiorese e Mariana Busato. Em carta endereçada a Mariana Busato, Ir. Boaventura (uma das três religiosas italianas que iniciaram o trabalho da congregação no Brasil) se dirigiu às primeiras candidatas de Colombo, em 19 de maio de 1920:

Recebemos sua carta na qual você manifesta o desejo de ser religiosa Passionista.

Nós seremos felizes em recebê-la e, quando você tiver combinado com seus familiares pode vir. Em mim encontrará uma mãe, nas duas Irmãs terá duas irmãs. Venha com boa vontade para trabalhar para o Senhor. Lembre-se que ser Irmã Passionista quer dizer seguir mais de perto que se pode Jesus Crucificado.

Que estas palavras não a assustem, porque quando Jesus quer uma pessoa para fazer-lhe companhia na sua agonia, nas suas dores, dá a força necessária de segui-lo.

A vocação ao estado religioso é a graça mais bela que o bom Jesus concede a uma pessoa e, ai daquela que a despreza! Ai daquela que não escuta a sua voz! Venha, portanto, o mais breve possível; corresponda fielmente à voz de Deus e provará muita paz neste mundo e muita alegria no outro.

Peça a Jesus que lhe dê muita força, muita coragem em dar generosamente este passo e venha trabalhar conosco.

Você não vai encontrar um Instituto muito organizado porque seremos nós que faremos isso, mas com a graça de Deus, multiplicar-nos-emos logo e veremos o fruto dos nossos sacrifícios.

Recomendações à sua família. Receba o meu abraço afetuoso que, no Coração Apaixonado me apresento.

⁷¹ Irmã Ângela Olibra Costa nasceu na cidade de Bocaiúva do Sul, Paraná, em 20 de fevereiro de 1926, filha de Hipólito Margarida Costa e Anna Millani Costa. Ela foi filha de um segundo casamento de Anna Millani.

(D) Afeioadíssima em Jesus Crista) Superiora Suor Boaventura.
(PASSIONISTAS, 1991, n.p.).

Em pouco tempo as meninas no instituto se multiplicaram. Isso é possível observar em um registro fotográfico (Figura 33) de algumas juvenistas com as religiosas que estavam na cidade.

FIGURA 33 – JUVENISTAS NA CIDADE DE COLOMBO, ENTRE 1927 E 1933



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

No ramo feminino, mesmo em outra formatação, têm-se também registros das futuras vocações reunidas com as religiosas em imagens. A fotografia da Figura 33 foi tirada durante o primeiro momento de atuação das Irmãs Passionistas em Colombo, entre 1927 e 1933. Na observação da imagem, novamente percebo que essa foi uma foto posada, de autoria de Luiz Franceschi, imigrante, católico e o principal fotógrafo da cidade até a primeira metade do século XX. Pela imagem é possível observar que as juvenistas são meninas/crianças. Não encontrei outras informações do motivo pelo qual aconteceu o registro, se seria apenas um material para ser arquivado na memória da congregação ou uma propaganda do trabalho que estava sendo feito em Colombo. Possivelmente após um período em formação

religiosa na cidade de Colombo, essas meninas eram enviadas para Curitiba e São Paulo para continuação dos estudos. Mas a imagem traz novamente o uso do uniforme junto com o símbolo Passionista.

A partir de 1951, quando as Irmãs Passionistas retornaram a Colombo, no Livro Tombo da Igreja Matriz consta que houve a abertura do juvenato feminino, no dia 28 de abril de 1951, tendo inicialmente quinze alunas (LIVRO TOMBO, 1951, p. 56).

Em outro contexto, mas da mesma forma importante para as reflexões desta tese, destaco uma publicação italiana, *Ricordi e Richiami del capitolo Scalabriniano*, que enfatizou as palavras de Scalabrini, mesmo na década de 1950, destacando que era preciso continuar marcando o avivamento do sacerdócio nos filhos dos imigrantes:

Foi para obedecer a esse comando que mais tarde foram abertos Colégios no além-mar, e agora que estes podem nos fornecer sacerdotes, revela-se com a possibilidade de alcançar de maneira mais fácil e conveniente o objetivo da Sociedade Piedosa de preservar a fé nos emigrantes e seus descendentes⁷² (SCALABRINIANOS, 1957, p. 13, tradução minha).

A facilidade em conseguir religiosos entre os imigrantes eu atestei durante a minha pesquisa de mestrado, estudando especificamente as Irmãs Passionistas em Colombo. Entre o início da década de 1920 até o ano de 1933, quando elas deixaram Colombo pela primeira vez, foram 21 vocações colombenses em um total de 63 do instituto todo. Isso ressalta que Colombo representava exatamente um terço do montante formado no Brasil (MOTIN, 2016). Acho importante ressaltar que, nesse período, era Pe. Alberto que estava em Colombo, o mesmo que foi citado anteriormente, que ia na casa das famílias para falar das vocações dos filhos – ou seria (con)vocações? Aprofundando essa temática, em Colombo, o livro *Do Berço ao Mundo sob o Olhar de Maria*, de Azevedo, D'Agostin e Fiorese (2006), contabiliza 18 padres e 82 freiras ao longo da história do município, sendo praticamente todos os descendentes de italianos.

Em Santa Felicidade encontrei um registro (infelizmente sem data) em que se cita nomes de padres e freiras e os institutos religiosos em que foram formados. Acredito que sejam todos de Santa Felicidade, pois o documento foi dividido por

⁷² *Fu per obbedire a questo comando che si aprirono in seguito Collegi oltre Oceano, e ora che questi sono in grado di fornirci dei sacerdoti si rivela con piacere che ci è aperta la possibilità di conseguire più facilmente e più convenientemente il fine della Pia Società di preservare la fede negli emigranti e nei loro discendenti.*

famílias, com os sobrenomes italianos da comunidade (Esmaniotto, Boscardin, Mazzarotto, Túlio, Gulin, Maestrelli, Stival, Vendramin, entre tantos outros), fechando a conta com 33 religiosas e 28 padres (SCALABRINIANOS, s.d., n.p.). Mesmo não compondo o recorte dessa pesquisa, os números de Santa Felicidade vão ao encontro dos achados em Colombo, e esses são reveladores no indicativo de como as colônias italianas incentivavam (ou eram induzidas a incentivar?) a vida religiosa para a sua infância e juventude.

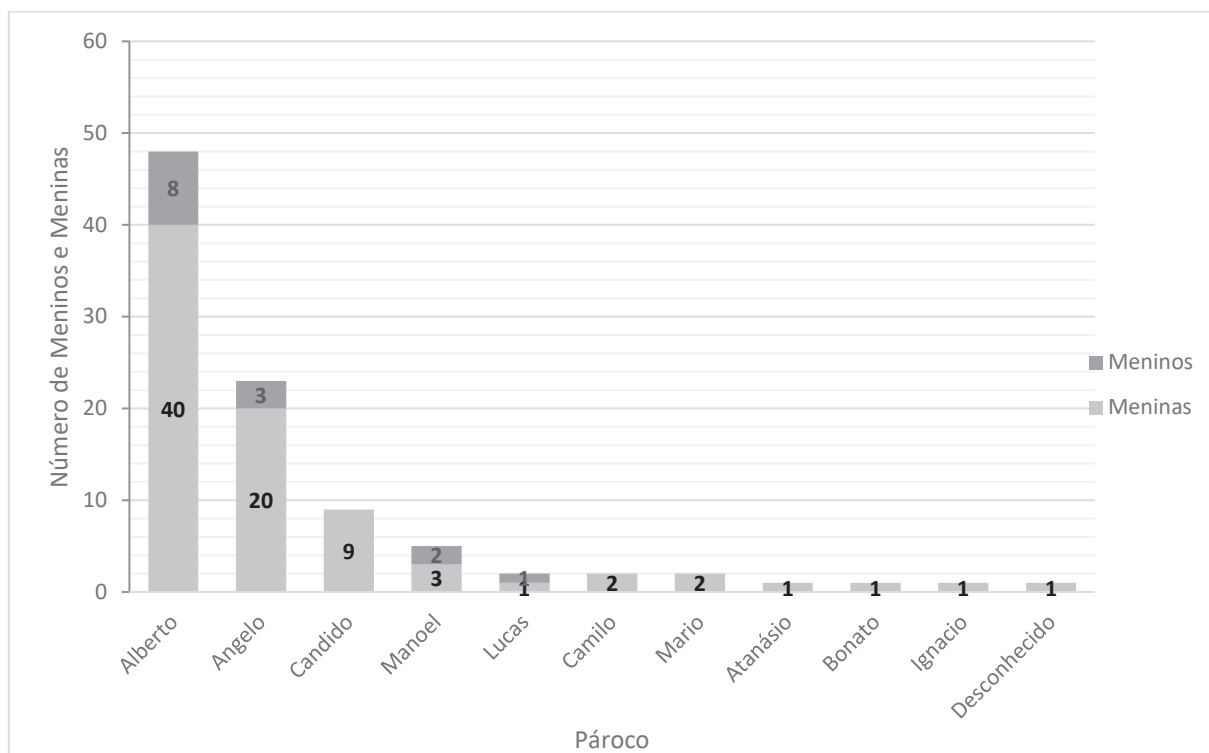
As condições para a formação das vocações em Colombo (fato também observado em Santa Felicidade) vão ao encontro das pesquisas de Seidl (2012, p. 245) no Rio Grande do Sul.

A se destacar, em primeiro plano, está a configuração de uma estrutura social fundamentalmente agrária, centrada na pequena propriedade agrícola, cujas elevadas taxas de fecundidade produzem famílias com grande número de filhos. De par com esses dados, dois outros aspectos são cruciais para a explicação do recrutamento sacerdotal: de um lado, a baixa probabilidade de acesso à escolarização além do ensino fundamental devido às deficiências de cobertura do sistema escolar secundário público e à impossibilidade de optar pelo ensino privado; e, de outro, uma alta valorização social da religião católica, de práticas religiosas e das profissões relacionadas à Igreja.

A respeito da realidade feminina, Grossi (1990) marca que deixar a filha ir para o convento, mesmo que fosse uma solução aos problemas de herança, também implicava em algumas perdas para a família, como o não aumento da rede de parentescos por aliança para trocas sociais. Entretanto, “na entrada de uma filha no convento, há perda do capital social, mas um aumento do capital simbólico da família” (GROSSI, 1990, p. 51).

Busquei organizar graficamente os dados sobre Colombo, das vocações que trazem como origem as famílias italianas, desde as primeiras até as atuais. Após à tabulação e à análise dos dados, percebo que o pároco que mais teve influência na convocação de vocações foi o Pe. Alberto, seguido pelo Pe. Angelo, conforme descrevo no Gráfico 2 a seguir.

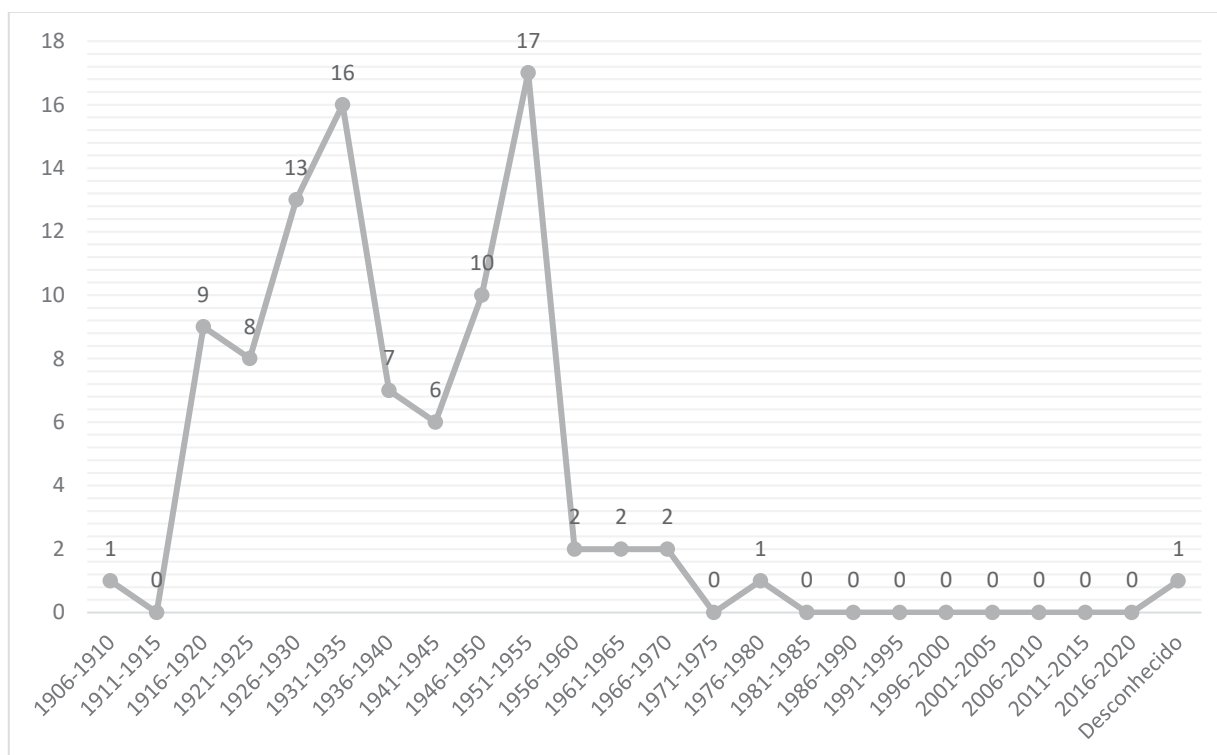
GRÁFICO 2 – QUANTITATIVO DA ENTRADA DAS VOCAÇÕES NO PERÍODO DE CADA PÁROCO EM COLOMBO



Fonte: Dados organizados pela autora com base em Azevedo, D'Agostin e Fiorese (2006).

Reorganizando esses dados com destaque para o ano de entrada das crianças e dos jovens para a vida religiosa, é possível perceber no Gráfico 3 a ênfase dessas entradas em uma linha temporal.

GRÁFICO 3 – ANO DE ENTRADA DAS VOCAÇÕES COLOMBENSES



Fonte: Dados organizados pela autora com base em Azevedo, D'Agostin e Fiorese (2006).

A princípio o recorte temporal desta pesquisa se deu no ano de 1955, por ser o último ano em que a comunidade contou com a presença de um padre italiano dirigindo a Paróquia. Mas, ao adentrar nas discussões sobre a entrada das vocações, o gráfico também ressalta o recorte temporal escolhido, que era o período de direção dos Padres Passionistas Italianos na cidade, entre 1915 e 1955. Será que a italianidade dos padres interferia na convocação das vocações? Será que a formação desses religiosos italianos, na península, envolvia como estratégia buscar novas vocações nos países que estavam emigrando e isso foi se perdendo com as novas formações (ou seja, os padres brasileiros)?

O contexto colombiano das vocações terem diminuído drasticamente a partir da década de 1960 também estava relacionado ao contexto nacional e internacional:

Durante o século XX, a história das vocações no Brasil passou por três momentos distintos. O primeiro momento compreende a primeira metade do século, e se caracteriza pela crítica da Igreja Católica aos “erros modernos” (racionalismo, comunismo, socialismo, separação entre Igreja e Estado), bem como pelo fortalecimento institucional da Igreja Católica no campo religioso, cultural e ideológico. Uma segunda fase, compreendida entre os anos de 1960 a 1980, é representada como os anos da “crise das vocações”. E, por fim, uma última fase iniciada nos anos de 1990 e que se estende até os dias atuais (Della Cava, 1975; Grossi, 1995), e é considerada como a “superação da crise”, pois representa um aumento no número de ordenações masculinas (Serbin, 2008) (SPIESS, 2016, p. 43).

Após o concílio, Spiess (2016) ressalta que houve disputas entre os “romanizadores” e os Teólogos da Libertação, reverberando em várias desistências da vida religiosa e diminuição na entrada dos seminários. “Além da interpretação libertadora do concílio, sua influência na sociedade passou a acontecer de um modo complexo, considerando que novas instâncias de adaptação se mesclavam com as antigas atitudes clericais baseadas no controle e autoridade” (SPIESS, 2016, p. 49). Nessa mesma direção, Serbin (2008, p. 163) coloca que,

Para o clero, porém, a reforma teve resultados mistos. O Vaticano II produziu nos católicos uma combinação de alegria, júbilo, decepção, confusão, raiva e insegurança. [...] Tanto o novo potencial como a tremenda incerteza quanto aos papéis do clero mergulharam os padres católicos de todas as partes em uma das mais profundas crises da história da religião.

Em Colombo, pelos números significativos até a década de 1950, percebo que a infância e a juventude estavam num emaranhado que reforçava a formação de vocações, em uma rede de projeções institucionalizadas da congregação, além de ações de padres e freiras locais, permeadas também pelos aspectos étnicos italianos.

Todavia, outra questão interessante que os gráficos e toda história levantada até o momento revelam é que mesmo com a abertura do juvenato masculino na cidade, em 1955, e a vinda das Irmãs Passionistas, em 1951, também com sua casa de formação, os dois lugares não foram impulsionadores para chamar a atenção de mais crianças para entrar na vida religiosa, na cidade de Colombo. Ou seja, mesmo aproximando os locais de formação da comunidade, houve uma quebra bastante abrupta de novas vocações.

Retornando para o período das grandes entradas de crianças e jovens para a vida religiosa, também pude constatar que, além das ações dos padres e freiras diretamente com elas, por meio das missões e da catequese, a influência nas famílias por parte desses religiosos também foi peça fundamental para esse processo. Ney

Costa, que atuava de maneira constante na Igreja colombense e que recebeu o cartão de Pe. Alberto, em sua visita à Itália, teve em sua família seis filhos que se tornaram religiosos Passionistas. Inclusive, uma de suas filhas, Angelina, ao vestir o hábito religioso e mudar de nome, escolheu se chamar Ir. Alberta. Seria essa uma homenagem a Pe. Alberto? Interessante demarcar que todos os seis religiosos adentraram para o seminário e o convento no período que Pe. Alberto era pároco de Colombo.

A relação de pais atuantes na Igreja, tendo filhos que se tornam depois padres e freiras, foi destacada também na realidade gaúcha:

Muitos dos pais, por exemplo, executavam serviços como sacristão junto à paróquia e doavam parte de seu tempo a atividades subalternas de gestão dessas pequenas unidades institucionais da Igreja, situando toda família num comprometimento explícito com a religião. Igualmente, vê-se frequência importante de religiosos cujos pais ou avós exerceram atividades destacadas na organização da vida comunitária e tiveram alguma proeminência em meio ao colonato na condição de “líderes comunitários” ligado à constituição de cooperativas e sindicatos vinculados à Igreja (SEIDL, 2012, p. 260).

O registro a seguir (Figura 34) é do dia 29 de junho de 1945 e traz como autoria o fotógrafo Augusto Weiss. Esse fotógrafo, assim como Luiz Francheschi, tem origem austríaca e chegou ao Brasil em 1890. Aprendeu o ofício de fotógrafo com Adolpho Volk e em 1894 já estava trabalhando de maneira solo com seu irmão. Augusto Weiss faleceu em 1950, na cidade de Curitiba (AZEVEDO, 2017).

FIGURA 34 – NEY COSTA E MADALENA BONATO JUNTO COM OS SEUS FILHOS



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Sobre a família fotografada, o casal teve ao total 14 filhos, sendo que uma menina pequena faleceu. Na foto constam 12 filhos, pois o filho Pedro Antonio Costa tinha falecido em 29 de novembro de 1941. É possível perceber que metade dos filhos que aparecem na foto, de Ney Costa e Madalena Bonato, foram religiosos Passionistas e metade não. Detalhe que todas as filhas mulheres vivas se tornaram freiras, nenhuma se casou.

Essa família também consta nos diários de Pe. Candido que, ao contar uma saída que fez com Ney Costa, em 3 de dezembro de 1918, revela sobre as vocações da família:

Partida com Nei (Giovanni Costa, Pai do nosso P. Lucas Costa, 1955) e 5 filhas Irmãs Passionistas, todas as suas Filhas foram ofertadas ao Senhor. Belo exemplo de generosidade com Deus! Vive o bom Nei, como o chamam os seus conterrâneos Vênetos, com a sua boa Maddalena Bonato Costa, quando relembro estas memórias (3-8-55), com seus belos 80 anos e os incômodos inseparáveis da idade⁷³ (GHIANDONI, 1953 – 1955, p. 111, tradução minha).

O caso da família Costa e Bonato é significativo, porém, ceder os filhos à fé católica fazia parte das tradições dessas famílias. Mocellin e Mincato (2007, p. 212), em pesquisa sobre a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, destacam que:

quanto às estratégias de reprodução da família camponesa, a literatura mostra que o destino de cada filho dentro da família não passava por uma escolha individual, mas por uma decisão familiar. Era costume das famílias mandarem um ou dois filhos para o seminário. Um padre na família representava uma graça de Deus, uma forma de continuar os estudos, e uma das alternativas dentre as estratégias de reprodução social.

Talvez a comunhão de congregações, comunidade, características culturais e orientações além-mar remonte a uma troca transcultural de uma forma de ser e educar:

Caracteristicamente, a difusão transcultural do conhecimento, dos modelos organizacionais, dos padrões de resolver problemas ou políticas, é enfrentada pelos grupos culturais receptores com procedimentos de reinterpretação e adaptação. Conseqüentemente, os modelos oferecidos transculturalmente são, neste novo ambiente, selecionados de acordo com os interesses maiores, adaptados às específicas situações e necessidades, reinterpretadas através das linhas culturais e — em graus historicamente variados — transmutadas em novas formações estruturais (SCHRIEVER, 1995, p. 272).

Retomando novamente a realidade das vocações religiosas no Vale do Itajaí, Silva (2001) também ressalta as relações familiares:

⁷³ *Partenza con Nei (Giovanni Costa, Papà del nostro P. Luca Costa, 1955) e 5 figlie Suore Passioniste, tutte le sue Figlie offerte al'Signore. Bell'esempio di generosità con Dio! Vive il buon Nei, così lo chiamano i suoi paesani Veneti, colla sua buona Maddalena Bonato Costa, quando riporto queste memorie (3-8-55), coi suoi bei 80 anni e gl'incomodi inseparabili dell'età.*

Em pouco tempo, com a formação das vocações dentro da própria família, ganhava-se mais um aliado, com um poder ainda maior de influência: afinal, tratava-se de um dos seus membros. Não é sem razão que, nas trajetórias dos informantes que entrevistamos, as vocações se sucedem de uma geração para outra, graças à influência de um tio ou outro parente. Por outro lado, a vocação religiosa passou a representar para a família, além de ser motivo de prestígio e status, uma estratégia possível de reprodução do campesinato, devido a necessidades estruturais da pequena propriedade (SILVA, 2001, p. 103).

A respeito dessas relações familiares, em Colombo, por ser um local pequeno, os parentescos entre os religiosos eram comuns, porém, é possível observar no quadro a seguir que algumas famílias se destacavam na “oferta” de filhos para as vocações.

QUADRO 8 – QUANTIDADE DE VOCAÇÕES POR SOBRENOME, EM COLOMBO

Sobrenome	Quantidade
Bedin	1
Benato	1
Bonato	2
Bontorin	6
Bordignon	1
Brotto	1
Busato	7
Canestraro	1
Cavassin	11
Chemin	1
Coradin	3
Cost'	9
D'Agostin	1
Fanchin	1
Ferrarine	1
Ferrarini	1
Fiorese	4
Fioreze	1
Gasparin	6
Guidolin	1
Juliani	5
Lovato	8
Milani	1
Mocelin	2
Mottin	3
Nodari	1
Pavin	1
Perin	3

Sobrenome	Quantidade
Poli	1
Simioni	2
Toniolo	1
Tosin	6
Vidolin	1

Fonte: Azevedo, D'agostin e Fiorese (2006).

Sobre o contexto de pesquisa até então detalhado, sabe-se que o catolicismo era uma marca cultural; a infância e a juventude eram uma realidade nas colônias; e as congregações também trabalhavam por interesses próprios, documentados por normas dos seus fundadores e representantes para se utilizarem de algumas estratégias para formar as vocações. Estando esses institutos religiosos em uma posição e, em “[...] um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 2014, p. 45), o trabalho com as crianças e os jovens e a seleção e a formação de alguns para as vocações podem ser pensadas como bases para manter e desenvolver as congregações no Brasil. Esse trabalho se deu por sujeitos com relações de força, com objetivos próprios, contudo, amparados por discursos da Igreja que, desde a encíclica *Quanta Cura*, conforme já assinalado, procurou combater os erros da sociedade. Talvez uma das vias fosse pela formação de um exército de vocações, aumentando o contingente católico no mundo, aliado, no caso de Colombo, às congregações estrangeiras, em uma sociedade marcada por características étnicas que favoreciam o florescimento em seguir as doutrinas católicas. Como Certeau (2014, p. 93) reforça: “o lugar do poder e do querer próprios” que toda racionalização estratégica procura, é “circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro”.

Todavia, para esse poder, embora invisível, as ações eram visíveis, pois era preciso se mostrar. Na Figura 35 a seguir, não se tem a data e o local, no entanto, pela observação da fisionomia de Pe. Alberto, no comparativo com outras fotografias, acredito que seja entre o final da década de 1920 e início da década de 1930. A legenda traz que os religiosos presentes no registro eram: Pe. Alberto, Pe. Camillo

Borgna⁷⁴, Visitador, Pe. Cirilo⁷⁵ e o último Benfeitor do Cabral. Mas analisando o álbum de fotos da congregação, acredito que sejam os padres: Alberto Casavecchia, Atanasio Miccoli, Visitador e Cirilo Marotta.

FIGURA 35 – SEMINARISTAS JUNTO AOS RELIGIOSOS, 1925



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

No estudo sobre práticas sociais relacionadas à documentação do mundo das famílias, pelas fotografias, Leite (1998, p. 39-40) ressalta que

⁷⁴ Pe. Camilo Borgna era italiano, de Caprarola, Civitacastellana. Foi um dos primeiros Passionistas no Brasil, chegando inicialmente em São Paulo, depois teve períodos de atuação no Paraná, em Curitiba. Foi um dos primeiros mestres de noviços da congregação no Brasil. Faleceu dia 29 de agosto de 1945 (MAZZAROTTO; BASSANI, 2000).

⁷⁵ Pe. Cirilo Marotta era natural de San Vitaliano, Itália. Chegou ao Brasil em 1919 e se dirigiu para o Rio Grande do Sul. Já em 1920 promoveu um projeto para abrir uma Escola para arrebatar vocações. Também trabalhou no seminário de Osasco como professor de latim e grego. Faleceu em fevereiro de 1966, com 82 anos de idade (MAZZAROTTO; BASSANI, 2000).

essa situação na organização das imagens de um grupo social reduzido sugere as dificuldades de uma leitura direta das fotos. Uma análise de sua forma de produção e das finalidades para as quais deve ser utilizada devem acompanhar de perto o contexto em que será feita essa utilização, o que revela e desdobra os indícios fornecidos pela imagem.

Mesmo não sendo na esfera familiar, as fotografias também compuseram as práticas da congregação Passionista, principalmente nos registros de eventos. Infelizmente, sobre a Figura 35 não encontrei os dados ressaltados por Leite (1998) sobre a sua forma de produção e finalidade, restando-me fazer algumas conjecturas: i) possivelmente, por ter um benfeitor do Cabral, o registro tenha acontecido nesse bairro de Curitiba; ii) seria o visitador um Padre Passionista italiano?; iii) A placa que um seminarista segura, em que está escrito “Brazil”, demarca o país como um todo onde a congregação estava; seria para envio para fora (talvez para a Itália?), demonstrando o trabalho que estava sendo feito aqui?

Da fotografia que traz a representação da infância e da juventude em formação para a vida religiosa, dos dados estatísticos, da construção e das estratégias que os padres e freiras se utilizaram para a convocação de vocações, no próximo tópico adentro os seminários, pelo olhar e representações das crianças e dos jovens que vivenciaram essa realidade.

2.3 POR DENTRO DO SEMINÁRIO E DO CONVENTO

Como é possível denotar até o momento, a ida ao seminário e ao convento era uma prática comum nas famílias colombenses e, pelo grande número de vocações, diversas foram as famílias que viveram isso. Mas como era a realidade das crianças e dos jovens dentro desses espaços? Na busca por indícios me deparei com um livro de memórias de Pe. Eugênio Mezzomo, religioso Passionista, nascido em 20 de dezembro de 1941, na cidade de Farroupilha/RS. Ele também é descendente de imigrantes do Norte da Itália. Mesmo não sendo natural de Colombo, nas suas memórias é possível ler detalhes do cotidiano dos seminários e os motivos que o levaram a escolher essa vida, fatos que, indiretamente, se relacionam com a infância e a juventude colombense que adentrou também na vida religiosa.

Uma de suas colocações que me chamou a atenção foi os motivos dessa entrada no seminário, remetendo também à realidade da sua família:

Os homens, com exceção do Hugo, todos estudaram em seminários de Congregações religiosas. Ser padre ou freira constituía uma grande honra para as famílias, que tinham muitos filhos. Mesmo porque os filhos, que não entravam nos conventos, não estudavam mais do que 4 anos na escola local, quando conseguiam (MEZZOMO, 2016, p. 11-12).

Ou seja, entrar em um convento, nem sempre significava se tornar religioso. Em alguns casos era a oportunidade que esses sujeitos viam em poder estudar mais que os pares da comunidade. Em outros modos e palavras, essa foi uma colocação em que Amado Luiz Cervo, em entrevista para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, coordenado pela FGV, em junho de 2017, descreve a sua infância:

Também, quando meu pai ficou... ficou, assim, meio inabilitado para o trabalho pesado da roça, e os filhos fugiam de casa, iam estudar, iam para cá e para lá, iam para colégios, internatos ou seminários, e coisas assim. E era realmente, nos anos 1940, 1950, era a maneira de você ter uma boa educação. Uma boa educação. Os internatos, os colégios (CERVO, 2017, n.p.).

Cervo, que também é gaúcho, descreveu parte da sua trajetória de estudo:

Quando eu cheguei a Frederico Westphalen, tinha um colégio muito bonito perto da minha casa. Era um seminário – de crianças. “Ah. Eu quero estudar lá”. Eu fui estudar lá. [riso] Eu achei bom. Foi muito bom. Então, eu estive em internato durante todo o meu curso de segundo grau, que era o ginásio, que chamavam, na época; depois o científico. Quando eu terminei isso, eu fui para... para a França (CERVO, 2017, n.p.).

A oportunidade de estudar, utilizando-se de seminários e conventos, foi uma das primeiras questões que pude analisar nessas memórias/entrevistas. Inclusive Viñao (2000, p. 11, tradução minha) destaca que, nas autobiografias e nas memórias, a infância e a adolescência irão aparecer de maneira enfática na perspectiva educativa:

As autobiografias e memórias específicas da infância, adolescência e juventude, como tais, são de maior interesse do ponto de vista histórico-educacional. Principalmente quando, como em alguns casos, as questões educacionais são um de seus aspectos centrais⁷⁶

⁷⁶ *Las autobiografías y memorias de infancia, adolescencia y juventud específicas, propiamente tales, revisten, desde la perspectiva histórico-educativa, un mayor interés. Sobre todo cuando, como sucede en algunos casos, los temas educativos constituyen uno de los aspectos centrales de las mismas.*

Todavia, não se pode esquecer, como assevera Neves e Galvão (2016), de que

os adultos, ao demarcarem suas vidas como crianças, o fazem segundo a sua individualidade, mas também e, principalmente, segundo representações partilhadas por grupos identitários com os quais se identificam em virtude, por exemplo, de sua classe social, gênero, raça/etnia, origem geográfica, escolarização e relação com culturas do escrito [...]. (NEVES; GALVÃO, 2016, p. 263).

Essas crianças que passaram por seminários e conventos, a perspectiva educativa abarca consequentemente suas práticas dentro desses locais, que irão adentrar também a um viés de formação da vocação religiosa.

Estando em um local com padres e freiras italianos, no caso de congregações dessa origem, acredito que muitas práticas passavam também pelo viés da etnicidade. Inclusive a congregação dos Padres Scalabrinianos previa para esses sujeitos em formação, segundo o documento *Ricordi e Richiami del capitolo Scalabriniano*, que eles deviam manter uma regra “étnica” intacta, em que:

é obrigatório a todos os aspirantes a scalabrinianos no exterior o estudo da língua italiana, como a língua oficial da Congregação e como meio de apostolado, e aos religiosos treinados nas Faculdades da Itália que estudem a língua do lugar onde serão destinados da mesma maneira, para estarem a altura do apostolado deles⁷⁷ (SCALABRINIANOS, 1957, p. 15).

Se as futuras vocações iriam assumir as comunidades no Brasil, mas a casa geral continuava na Itália, mandando normas e recomendações na língua do instituto, era necessário aprender italiano para se fazer a tradução dos escritos e assim os transforma em práticas. Vejo também essa recomendação do estudo do italiano como uma forma de manter uma ligação cultural, mesmo que esta língua, o italiano standard, não fosse aquela falada pela maioria dos antepassados que emigraram para Curitiba e região, porém, cujo aprendizado, o religioso Scalabrini (1979), desde as recomendações iniciais dos trabalhos no Brasil, defendia como ideal.

Todavia, nem todas as congregações seguiam essa regra. Pe. Eugenio, em suas memórias sobre a formação com os Passionistas, comenta que foi proibido de falar em italiano no seminário, ainda que nesses locais os padres fossem da mesma

⁷⁷ *Sai obbligatorio per tutti gli aspirante scalabriniani all'estero lo studio della lingua italiana, come lingua ufficiale della Congregazione e mezzo di apostolato e i religiosi formati nei Collegi d'Italia studino allo stesso modo la lingua del luogo ove saranno destinati, per esse all'altezza del loro apostolato.*

etnia: “éramos uns 90 seminaristas no seminário de Osasco. Havia rivalidade e grupos. Os paulistas não gostavam dos gaúchos e vice-versa. Para eliminar os grupos, foi proibido falar em italiano” (MEZZOMO, 2016, p. 26).

Além das oportunidades de estudos em seminários e conventos, essas crianças e jovens tinham outras oportunidades e práticas sociais, como o brincar. Na revista *Calvário*, em uma das propagandas para convocar as crianças para a vida religiosa, é reproduzida uma fotografia (Figura 36) do seminário de Osasco com elas em um momento de recreação.

FIGURA 36 – SEMINÁRIO EM OSASCO/SP⁷⁸



Fonte: *Calvário* (fevereiro de 1953, n.p.).

Essa representação dos conventos e seminários como locais em que era possível brincar e ser criança também foi apontado:

⁷⁸ Interessante destacar que o padre fundador da revista *Calvário*, Pe. Lourenço, foi também um dos articuladores do seminário de Osasco: “A ele se deve a presença de nossos padres em Osasco, SP. Durante seu mandato de superior provincial empreendeu e levou a bom termo a construção da primitiva igreja de Santo Antônio, inaugurada em 29 de março de 1931, bem como o seminário, inaugurado no mesmo ano, em 1º de dezembro, dia que os seminaristas menores do Calvário, SP, foram para lá transferidos” (MAZZAROTTO; BASSANI, 2000, p. 27-28).

Por sua vez, os missionários encarregados especificamente do trabalho de ir aos lares e às escolas para “descobrir vocações” valiam-se de maneira privilegiada do expediente de visitas regulares às comunidades rurais. Seus instrumentos básicos consistiam em falar da “beleza” da carreira religiosa e dar testemunhos contundentes nesse sentido, explicar o valor do estudo ao qual os jovens teriam acesso, sem excluir, no entanto, uma vida em grupo repleta de diversões próprias à idade, especialmente o futebol. (SEIDL, 2012, p. 249).

Na busca por esses momentos de recreação, também encontrei indícios de que a cultura italiana estava presente nos divertimentos dos estudantes. A Figura 37 a seguir traz estudantes Passionistas, jogando bocha⁷⁹, um jogo típico italiano. O registro é do ano de 1930, na cidade de Curitiba, provavelmente no Cabral.

FIGURA 37 – SEMINARISTAS JOGANDO BOCHA, EM CURITIBA, 1930



Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

A relação entre estudos, obrigações e diversões foi destacada por Bencostta (2000, p. 97) ao discutir sobre o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919).

⁷⁹ Para Steiger (1987, p. 15) não há dúvidas de que a bocha tem origem italiana, com surgimento no tempo do Império Romano, sendo praticada com o nome “boccie”. “Trazido para a América pelos imigrantes, foi introduzido primeiro na Argentina e posteriormente em outros países do nosso continente” (STEIGER, 1987, p. 15).

D. Nery defendia que, dentre os segredos da disciplina de uma casa de instrução, a diversão saudável era um instrumento que se devia empregar para que os seminaristas não se entediassem com sua vida regulamentada (Anuario..., 1º Anno, 1915, p. 27).

E atendendo a esse ponto, o Seminário de Campinas instituiu diversões como passeios, jogos de futebol, exibição de fitas cinematográficas instrutivas e pequenas representações teatrais feitas pelos próprios alunos (idem, p. 28).

Às vezes esse mundo infantil – das brincadeiras e dos brinquedos – poderia até ajudar a criança a prosseguir na vida religiosa, lidando com a distância da família. Ir. Angélica contou que a Ir. Regina Coradin, ao adentrar no juvenato, para amenizar a saudade da família, no caso de uma irmã, apegou-se a uma boneca: “Ingressou no juvenato de Colombo, ainda criança com nove anos, levou consigo a boneca para brincar, gostava muito de uma irmã, era como se fossem gêmeas e assim a boneca ajudaria a não sentir tanta falta desta irmã” (FIORESE apud AZEVEDO; D’AGOSTIN; FIORESE, 2006, p. 204).

Além da oportunidade de estudos e brincadeiras, seminários e conventos traziam ainda a oportunidade de participar de festas e passeios. Pe. Eugenio comentou que

o primeiro passeio foi a ida a Forqueta, quando foi lançada a primeira pedra do futuro seminário São Paulo da Cruz. O churrasco que nos foi servido estava já deteriorado e só comemos pão com verdura. Depois das cerimônias, o diretor nos levou ao armazém do Gobatto para beber um refrigerante (MEZZOMO, 2016, p. 25).

As notas sobre os passeios também eram registradas nos jornais, como o exemplo do dia 27 de setembro de 1939, no jornal *O Dia*: “Excursionaram, ontem a Paranaguá, os estudantes passionistas, acompanhando-os também o Pe. Gabriel, que se encontra entre nós a passeio, partindo segunda-feira para São Paulo e daí seguindo para o Rio de Janeiro” (O DIA, 1939, p. 3). Práticas assim seriam possivelmente também uma estratégia de divulgação para angariar mais vocações.

Aparentemente, pelos registros que encontrei (Figura 38), era comum os alunos dos seminários e juvenatos comparecerem para as comemorações religiosas dos padres e freiras, que culminavam em festas após as celebrações. Um exemplo foi a notícia que circulou na revista *Calvário* sobre as bodas de ouro de Pe. Alberto, em 31 de outubro de 1950, na qual o padre viajou de Forqueta para Curitiba. Segundo a revista, “a parte do canto esteve a cargo dos nossos pequenos seminaristas de Colombo” (CALVÁRIO, janeiro de 1951, n.p.).

FIGURA 38 – BODAS DE OURO DE PE. ALBERTO, CURITIBA, 1950

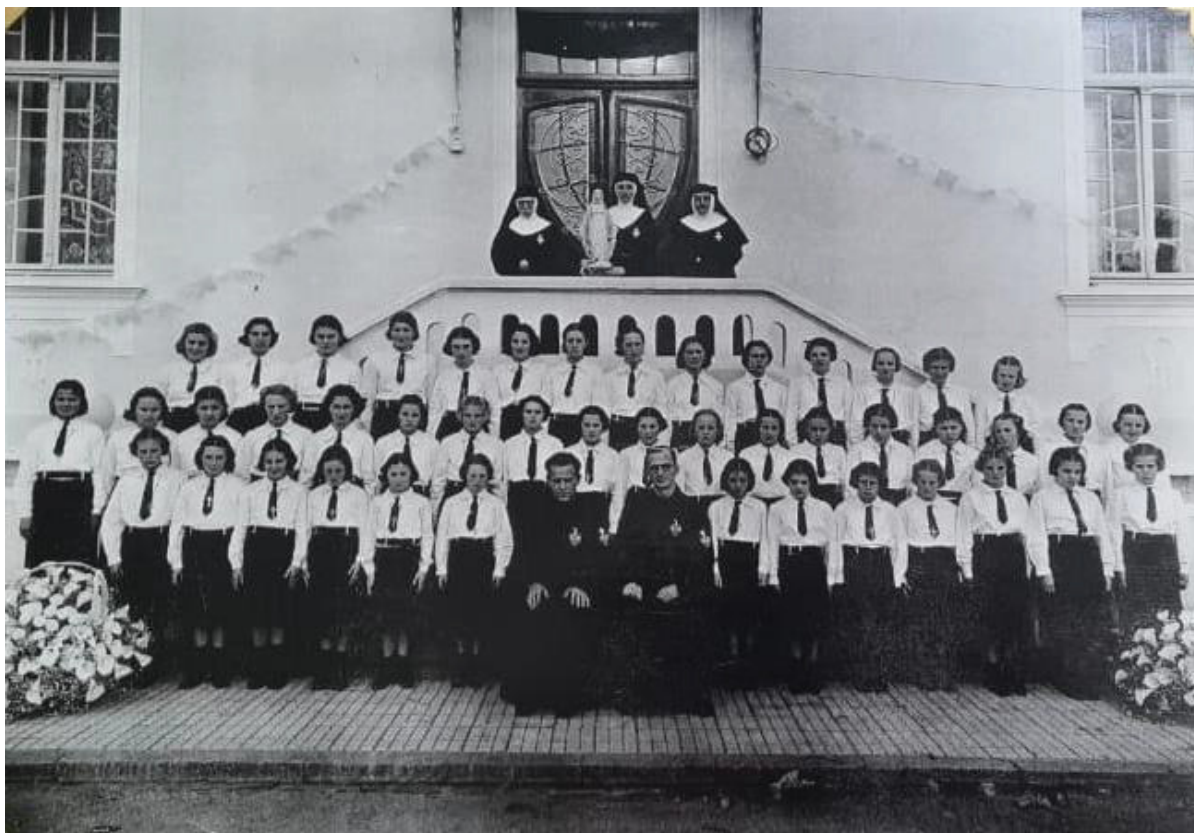


Fonte: Calvário (janeiro de 1951, n.p.).

Um fato interessante é que em 1950 o seminário em Colombo tinha poucos anos de existência. Possivelmente as crianças presentes na imagem anterior representassem os primeiros candidatos que estudaram nessa casa, mas com um número já bastante significativo.

No ramo feminino também havia as comemorações em que as crianças e os jovens participavam junto com os padres e as freiras, conforme representado na Figura 39 a seguir.

FIGURA 39 – COMEMORAÇÃO DO JUBILEU DE PRATA DAS IR. HELENA MARIOTTO, IR. ANTONIETTA FARANI E IR. LUIZA GRASSI, CURITIBA, DÉCADA DE 1950



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

A imagem registrou a comemoração do Jubileu de Prata das Ir. Helena Mariotto, Ir. Antonietta Farani e Ir. Luiza Grassi, no Asilo São Vicente, em Curitiba, na década de 1950, junto com as noviças.

Nas comemorações da comunidade, também encontrei registros da participação das crianças que estavam estudando nos juvenatos. Por exemplo, as bodas de ouro de Ney Costa e Madalena Bonato, em 1950, contaram com a presença de religiosos Passionistas, incluindo Pe. Candido, Pe. Alberto, os filhos do casal que já haviam se tornado religiosos da congregação, além de outros padres e freiras, conforme a Figura 40 a seguir.

FIGURA 40 – BODAS DE OURO DE GIOVANNI (NEY) COSTA E MADALENA BONATO, 1950



Fonte: Acervo pessoal do Pe. Alberto.

A Figura 41 a seguir chama a atenção, pois nessa comemoração, os seminaristas, possivelmente de Colombo, foram também convidados. Vale ressaltar que as bodas de Ney Costa e Madalena Bonato não eram de qualquer pessoa da comunidade perante a Congregação Passionista. Esse era um casal em que praticamente a metade dos filhos entraram para o juvenato e o seminário e se tornaram religiosos. Possivelmente a ligação com a congregação e com a vida religiosa dos filhos fez com que outras crianças que estavam estudando na época, candidatos às vocações, fossem convidadas a participar desse evento na comunidade.

FIGURA 41 – BODAS DE OURO DE GIOVANNI (NEY) COSTA E MADALENA BONATO, 1950



Fonte: Acervo pessoal do Pe. Alberto.

A respeito de conhecer lugares diferentes, Pe. Eugenio comentou sobre uma viagem a São Paulo:

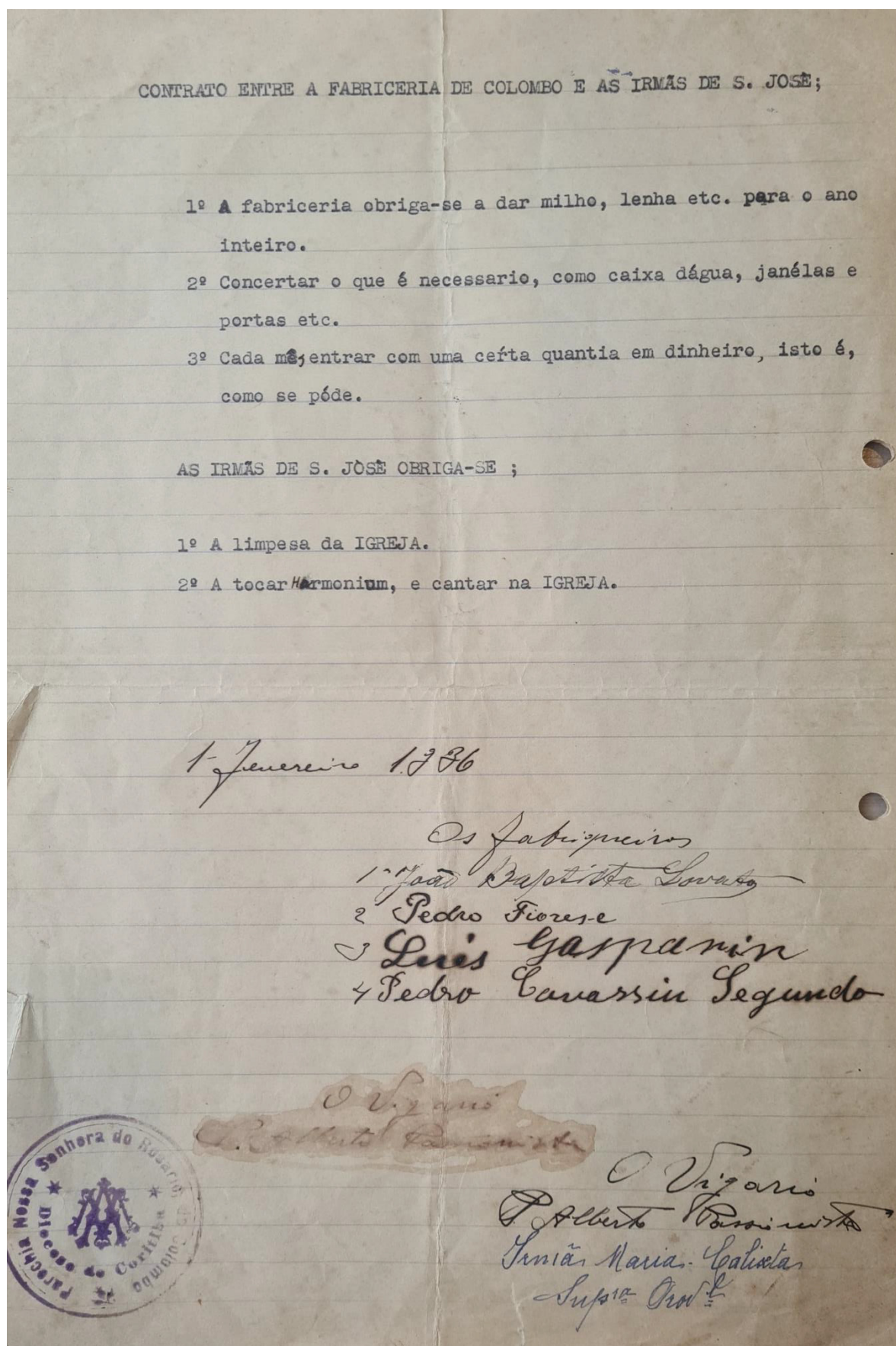
Quem nos acompanhou na viagem para São Paulo foi o padre Durval Secchi, muito brincalhão e contador de histórias. Contava muitas piadas engraçadas, das quais ainda lembro algumas. Antes de voltar para Pinto Bandeira, ele nos levou à praia de Santos, no mesmo velho ônibus. Voltamos no mesmo dia. Foi a primeira vez que vi o mar. A viagem para Osasco foi a primeira saída de nossa pequena região serrana do Rio Grande do Sul. Ao passar por Curitiba, lanchamos na casa das irmãs passionistas do asilo São Vicente, onde devo ter conhecido a irmã Antonieta Farani, que está em processo de canonização. Passamos a noite na nossa casa do Cabral e dormimos no chão da sala de recreio dos estudantes. A viagem foi uma aventura. As novidades foram muitas (MEZZOMO, 2016, p. 26).

As vocações giravam em torno de oportunidades para essas crianças: oportunidades de estudar, viajar, brincar e participar de festas. Mas possivelmente elas também tinham outras responsabilidades envolvendo a disciplina e o trabalho, por exemplo. Na discussão sobre o “jeito freira”, mesmo não se referindo especificamente às crianças, Grossi (1990) demarca algumas situações ligadas ao trabalho e às mulheres religiosas:

O trabalho doméstico para o clero masculino é o exemplo maior da subordinação das religiosas aos homens da Igreja, pois reproduz a subordinação da mulher casada e dona de casa. Mas diferentemente da relação conjugal, onde há reciprocidade, mesmo que desigual, a relação freira/padre assume um caráter de total submissão sem grande recompensa material ou afetiva (GROSSI, 1990, p. 54).

A relação com o trabalho doméstico pode ser observada na cidade de Colombo, quando as Irmãs de São José, ao chegarem na cidade, assinam um contrato com os fabriqueiros (Figura 42). Uma das suas obrigações era a limpeza da igreja.

FIGURA 42 – CONTRATO ENTRE A FABRICERIA DE COLOMBO E AS IRMÃS DE S. JOSÉ



Fonte: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

No entanto, no seminário, talvez a entrada das mulheres não fosse permitida, nem para a limpeza. Em entrevista, uma moradora da cidade de Colombo relembra a relação entre Pe. Alberto e as mulheres, destacando que, para serem reconhecidas por esse sujeito, era preciso que algum filho tivesse seguido a vocação religiosa:

Pe. Alberto não queria que mulher entrasse no seminário. Se vinha uma mulher que vinha rezar missa, ele pegava o dinheiro assim [sem olhar]. Se vinha a Rosinha Fiorese rezar missa, ficava proseando. Por quê? Porque ela tinha duas freiras. Então ela era bem-vista (GASPARIN MOTIN, 2019).

Ao analisar as assertivas de Grossi (1990) e encontrar o contrato assinado com as Irmãs de São José, ficam algumas questões sobre os modos de viver da infância e da juventude nesses locais. A realidade das crianças nas famílias camponesas de Colombo é marcada muito cedo com o auxílio às atividades na roça pelos meninos, e com a ajuda em casa e o cuidado das crianças menores pelas meninas. Possivelmente nas casas onde essas crianças estavam sendo formadas para a vida religiosa, as suas ações não se resumiam somente nos estudos. A realidade camponesa acompanhava também as atividades dessas crianças em seminários e conventos? O trabalho era uma exigência nesses locais? Existiam diferenças nas atribuições postas aos meninos e às meninas?

Mas, para além dos descendentes de italianos nos seminários e nos conventos e sua realidade camponesa, encontrei o caso de uma outra família da cidade de Curitiba, a Negrão, em que três de seus filhos foram religiosos Passionistas, como a Figura 43 a seguir comprova.

FIGURA 43 – FAMÍLIA NEGRÃO, DÉCADA DE 1940



Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

A imagem da década de 1940 traz como legenda que os presentes no registro eram a mãe Aurora Schleder com seus filhos Padres, Gabriel (Osmar) e Carlos (Antonio), e sua filha freira, Irmã Maria Bernadete (Maria Aparecida), e seus outros irmãos. Entretanto, acredito que os outros dois meninos da foto não eram outros irmãos, pela grande diferença de idade entre eles e os religiosos e pelo uso do uniforme, que aparenta ser de seminaristas.

Em consulta ao livro *Genealogia Paranaense*, de Francisco Negrão⁸⁰, no volume 6, encontrei que a família Schleder Negrão era composta por:

⁸⁰ Francisco de Paula Dias Negrão foi o 1º ocupante da cadeira 10 da Academia Paranaense de Letras. Natural de São João da Graciosa, Morretes/PR, nasceu no dia 13 de agosto de 1871. Participou do Instituto Histórico e Geográfico, do Centro de Letras do Paraná e foi diretor por mais de duas décadas do Arquivo Municipal de Curitiba. Além da coleção “Genealogia Paranaense”, escreveu outras obras, como: *Conjura Separatista*; *O Guarda-Mor Francisco Marins Lustosa* (1917); *As Minas de Ouro da Capitania de Paranaguá* (1920); *Memórias da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba* (1933); *Memória Histórica Paranaense* (1934); além de outros textos e artigos. Faleceu em Curitiba, no dia 11 de setembro de 1937 (ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS, 2021).

2.1 Aurora Schleder Negrão casada com o segundo tenente Manoel de Souza Dias Negrão, oficial reformado do exército, filho do Major Manoel de Souza Dias Negrão e de sua mulher Augusta Candida Munhoz Negrão, 6-6 da página 241 do segundo volume.

Filhos:

- 3-1 Auroel Schleder Negrão
- 3-2 Maria de Lourdes Schleder Negrão
- 3-3 Antonio Schleder Negrão
- 3-4 Francisco falecido em criança
- 3-5 Francisco Schleder Negrão
- 3-6 Maria Aparecida Schleder Negrão
- 3-7 Gabriel Schleder Negrão
- 3-8 Osmar Schleder Negrão (NEGRÃO, 1950, p. 396).

Da relação posta, possivelmente os filhos indicados por Gabriel e Osmar, sejam as mesmas pessoas, já que Pe. Gabriel foi o nome que Osmar adotou após a vestidura religiosa.

A família é em parte um contraste com a infância tratada nesta tese. Não eram descendentes de italianos, nem tinham os hábitos campestres, vinham de uma família urbana e talvez até com condições sociais diferentes das crianças descendentes que entravam na vida religiosa para terem mais oportunidades. Todavia, encontrei no arquivo dos Padres Passionistas, em São Paulo, diversas cartas dos religiosos Passionistas da família Schleder Negrão aos seus familiares, incluindo os filhos Gabriel (Osmar), Carlos (Antonio) e Maria Bernadete (Maria Aparecida), além de outros que possivelmente entraram no convento e no seminário, mas desistiram no processo. Mesmo não sendo cartas de pessoas de Colombo, essas trazem indícios da vida dentro do seminário, onde muitas das crianças colonas dessa cidade estiveram presentes.

Analisando esses registros, um dos relatos vai ao encontro do que Pe. Eugenio já comentou sobre os passeios enquanto se estudava para ser padre e freira. Francisco, em carta aos pais, no dia 18 de janeiro de 1929, descreveu que:

No exame que foi no dia 18 de dezembro, eu e Osmar passamos. Nestes dias fomos passear em Santo Amaro e Ypiranga. Gostei de ver o lago com suas águas e algumas ilhas, do Ypiranga ao ver o grande monumento da Independência. Éramos também para ir o passeio em Santos, por causa do calor não fomos (NEGRÃO, 1929, n.p.).

A escrita de si para seus familiares remonta as individualidades de cada um, contudo, são indícios para compreender as práticas ordinárias dentro dos seminários

e algumas das estratégias utilizadas pelos padres para se aproximar da infância e mantê-las nesses locais.

Além das investidas dos padres e freiras, pela ação nas comunidades e nas publicações da revista, possivelmente eles faziam também esse cerceamento com as crianças que já estavam no seminário e seus familiares. Francisco, na mesma carta de 1929, pede para que os seus irmãos também entrem para a vida religiosa:

Agora queridos paes estou esperando a notícia do Auroel e do Antonio. Já tem lugar e pode mandar o Auroel e Antonio. Desde que cheguei aqui no collegio de Jesus Christo, nunca me esqueci de rezar um Padre Nosso todas as noites para todos, e para o Antonio e Auroel, que um dia possa estarmos todos juntos, no collegio de Jesus Christo (NEGRÃO, 1929, n.p.).

Acredito que a investida tenha dado certo e um ano depois, o filho Antonio, na época com 13 anos de idade, mandou uma carta aos pais, no dia 17 de novembro de 1930: “Sinto-me feliz por servir melhor a Deus mais perto D’elle. Só tenho a dizer-vos é que eu estou bem acostumado e muito contente e satisfeito. Peço que rezeis por mim para que um dia seja um santo padre, e eu não me esquecerei de rezar por vós” (NEGRÃO, 1930, n.p.).

Curioso é o fato de que, mesmo Francisco Negrão insistindo para os irmãos entrarem no seminário, ele não levou adiante tal formação. Embora não sendo padre, ele contribuiu com a revista *Calvário*, como destaquei no capítulo anterior, na página infantil do impresso.

Em outra carta, de 19 de março de 1931, Antonio lembrou novamente os passeios que eles faziam com os padres: “[...] nós aqui sempre vamos a passeio pois é quase todas as quintas-feiras e domingos, nestes dias nos divertimos bastante” (NEGRÃO, 1931, n.p.).

Entretanto, o que mais me chamou a atenção em tal registro é que havia um controle sobre o que se enviava aos pais. Na carta de Antonio, consta um escrito com uma caligrafia diferente, dizendo: “Muitas boas festas a todos do P. Dionysio. Depois da Paschoa deixo ser Director e irei para o Rio de Janeiro. Rezae para mim”. Possivelmente os padres liam todas as cartas antes dessas serem enviadas e em algumas ainda colocavam notas para as famílias.

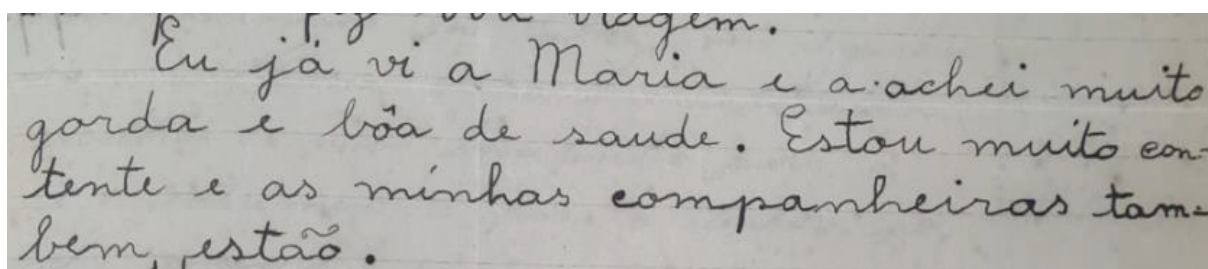
Em 28 de maio de 1932, Antonio comentou sobre o novo diretor do seminário, um velho conhecido nesta tese, Pe. Candido. Enquanto ele esteve em Colombo, diversas foram as passagens pelo diário comentando sobre suas idas à Curitiba, na

Igreja do Cabral. Possivelmente já conhecia a família Schleder-Negrão, talvez, até mesmo tivesse feito algumas de suas abordagens à infância, convocando-os para as vocações. Ao final da carta de Antonio, Pe. Candido interveio na mesma escrevendo: “Aos bons Amigos muitas lembranças e saudações. Vosso vae muito bem: permita que sempre assim continue. P. Candido CP”.

Na mesma carta, Antonio comenta sobre suas irmãs, que provavelmente estavam no convento das Irmãs Passionistas, próximo ao seminário dos padres, em São Paulo. O garoto escreveu: “as minhas irmãs vieram diversas vezes visitar-me” (NEGRÃO, 1932, n.p.). Talvez esse intercâmbio de visitas, quando se tinham familiares no seminário e no convento, era comum, pois no dia 15 de março de 1932, Maria Aparecida comentou sobre as visitas aos irmãos que estavam no seminário: “no dia 27 de Fevereiro festa do nosso Protetor São Gabriel eu e Maria fomos visitar o Antonio e o Francisco” (NEGRÃO, 1932, n.p.).

Essas cartas trazem também que as filhas mulheres dos Schleder-Negrão também estiveram estudando em São Paulo. Aos dez anos de idade, Maria Aparecida escreveu uma carta ao pai, no dia de Natal, em 1931 (Figura 44). Pela caligrafia, percebe-se que era uma criança.

FIGURA 44 – TRECHO DE UMA CARTA DE MARIA APARECIDA SCHLEDER NEGRÃO, 1931



Fonte: Negrão (1931).

Possivelmente a Maria ao qual Maria Aparecida se refere à sua irmã. Era comum nas cartas dos Schleder-Negrão a escrita de que era para os pais rezarem para que eles continuassem perseverantes na vocação. Talvez essas cartas tivessem não só a fiscalização dos padres e freiras, como também a ajuda em suas escritas, incentivando as crianças a pedirem para que os pais ajudassem a manter as escolas.

Além dos pedidos de ajuda financeira que circulavam na revista *Calvário*, as cartas também pediam esse apoio. Em 5 de julho de 1932, Antonio descreveu aos pais como haviam ocorrido os exames e finalizou a carta com o seguinte pedido:

vos sabeis que é próxima a minha ida para o noviciado e por isso rogo-vos que se não pagastes alguma mensalidade, pagae-a.
 Além disso ajudae-me com um pouco de dinheiro para os preparativos da próxima viagem.
 Lembrai-vos queridos Paes que se assim fizerdes, fareis um grande beneficio para este juvenato que começa a florescer (NEGRÃO, 1932, n.p.).

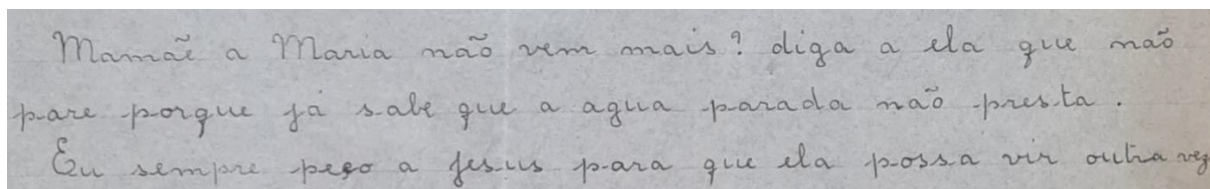
Pelas cartas, encontrei indícios de que ao menos cinco filhos dos Schleder-Negrão frequentaram o seminário e o convento, sendo eles Osmar, Francisco, Antonio e as duas filhas mulheres, Maria de Lourdes e Maria Aparecida. Dos cinco, três se tornaram religiosos. Osmar virou o Pe. Gabriel; Antonio, o Pe. Carlos; Maria Apparecida, a Ir. Maria Bernadete.

Essas cartas trouxeram novos olhares e descobertas para a vida dentro do seminário e convento. São produções de crianças e jovens, mesmo que esses escritos tivessem a supervisão dos padres e freiras:

trocar cartas, corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, de se construírem elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta, como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela algo sobre quem a recebe [...] (CUNHA, 2019, p. 148).

No processo de quem escreve, os filhos, revelando algo de quem recebe, a família Negrão, as cartas demonstram que as crianças que estavam no seminário e no convento chamavam pela volta dos irmãos à vida religiosa. Em 10 de dezembro de 1934, Apparecida escreveu para os pais desejando boas festas e questionou sobre a irmã (Figura 45).

FIGURA 45 – TRECHO DE UMA CARTA DE MARIA APARECIDA SCHLEDER NEGRÃO, 1934

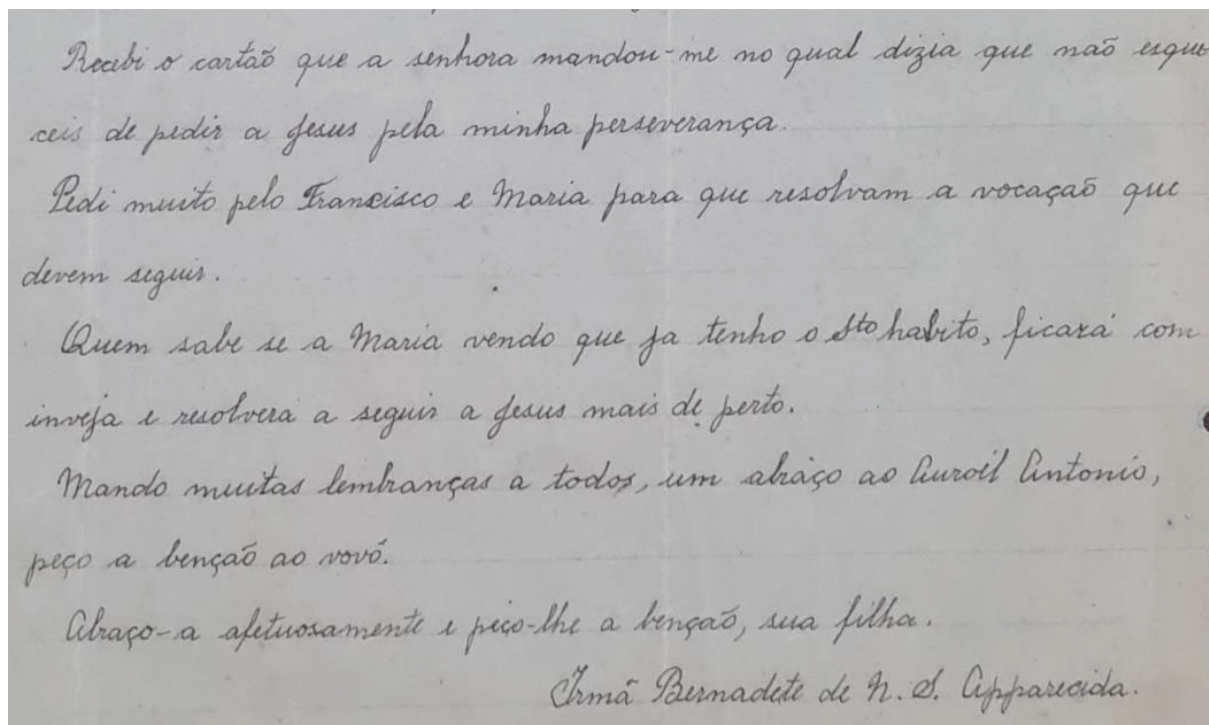


Fonte: Negrão (1934).

Finalmente, em 1938, Maria Apparecida descreveu sobre a cerimônia que tomou o hábito religioso. A menina de letra trêmula, que escreveu a primeira carta que tive acesso, aos 10 anos, agora com quase 17 anos, no dia 21 de setembro de 1938, mudou bastante a caligrafia (Figura 46), porém, ainda fazia o pedido sobre os irmãos que não prosseguiram com a vocação religiosa, Francisco e Maria. Principalmente a

Maria, que provavelmente iniciou junto com ela os estudos para se tornarem freiras, mas desistiu no processo.

FIGURA 46 – TRECHO DE UMA CARTA DE MARIA APARECIDA SCHLEDER NEGRÃO, 1938



Fonte: Negrão (1938).

Essas fontes me mostram não apenas os indícios do crescimento das crianças nos conventos e nos seminários, pelas mudanças de caligrafia, mas também os seus laços afetivos, relações familiares e práticas dentro desses locais, como os passeios para aproximar-se da vida de criança. Neste sentido:

[...] as cartas abrem espaço tanto para o historiador conhecer as condições de produção que conformam o território de uma história social da cultura escrita como para apreender fatos e redes de laços afetivos múltiplos, ou seja, traduzir o mundo em sentimentos (CUNHA, 2013, p. 123).

Cunha (2013) destaca que os documentos pessoais também trazem fatos comuns do cotidiano. Nas memórias que encontrei, há temas delicados sobre as práticas de alguns padres na condução das crianças, que os documentos oficiais que tive acesso nem mencionam:

Documentos dessa espécie apontam para outras estratégias de visibilidade de uma época e permitem observar que, enquanto os arquivos públicos calavam, os documentos privados, agora publicizados, podem fornecer informações e indícios sobre o cotidiano, formas de ver o mundo através de fatos comuns da experiência humana, hábitos, costumes (CUNHA, 2013, p. 139).

Nessa direção, Pe. Eugenio demarcou que o seminário representava uma oportunidade de ascensão nos estudos, também em aprender o novo, muitas vezes em questões até ligadas sobre à sexualidade:

Meus pais nada tinham me explicado sobre sexo e o nascimento das crianças. Quem me orientou sabiamente foi o padre José Cavassin. Ensinou-me com paciência até como fazer a higiene dos órgãos genitais e as demais coisas que eu deveria saber sobre afetividade e sexo. Era uma pessoa madura e séria nestes assuntos e não era tão repressivo como outros padres que conheci. O sexo era um tabu enorme. E acabei me mantendo adequadamente nesse campo (MEZZOMO, 2016, p. 25).

Nas memórias é possível perceber alguns dogmas e proibições da Igreja, mantidos pelos padres na condução das vocações, como a homossexualidade:

Qualquer manifestação de homossexualidade era imediatamente punida com a expulsão do seminário. Foi nesse tempo que eu descobri que havia homossexuais, pois eu imaginava que todos fossem iguais a mim e gostassem somente de mulheres (MEZZOMO, 2016, p. 27).

Questões sobre homossexualidade e sexualidade de modo geral eram reprimidas por parte dos padres. Pe. Eugenio lembrou sua experiência com Pe. Angelo, o religioso que fundou o Seminário em Colombo, em 1947, e teve também atuação contundente no cerceamento da infância da cidade para a condução aos seminários e conventos. Sobre um fato, ele comenta que:

Em 1957, o padre Angelo Alegrini passou a ser nosso diretor e tinha ideia fixa em sexo. Sendo diretor, não poderia nos confessar. Mas, fazia questão de nos confessar. As perguntas eram quase sempre relativas aos problemas sexuais. Por medo do inferno, não me masturbava, mas sentia-me reprimido pelas perguntas (MEZZOMO, 2016, p. 27).

Mas entre infância e religiosidade, um dos relatos de Pe. Eugenio sobre o início do seminário foi a respeito da pedofilia, um tema que é um tabu dentro da Igreja Católica e que dificilmente aparece em escritos oficiais, mas que as memórias e os documentos pessoais trazem à tona:

Encontrei uns 35 meninos ou adolescentes neste seminário, com os quais não tive problemas de adaptação. Ficamos logo amigos. A primeira professora foi a irmã Sidoni, da Congregação das irmãs de São José de Chambéry. Ao apresentar minha primeira carta para a família, para que ela corrigisse, ela chorou. Perguntei-lhe qual era o motivo do choro e ela disse: Tira esta frase da carta. A frase era: “O diretor gosta muito de mim”. Mais tarde vim saber que o tal diretor era pedófilo e deve ter aproveitado de alguns meninos. Felizmente escapei ileso. Naquele tempo só estranhei que ele me deu um beijo na boca e me bateu com chicote nas nádegas, com a calça abaixada. Graças a Deus, nada mais que isso. Esse diretor foi tirado do seminário e acabou deixando a Congregação. Em seu lugar, veio o padre Galileu Martins, que era vaidoso, limpo e muito bem organizado. O anterior era sujo e relaxado (MEZZOMO, 2016, p. 24).

Além da denúncia grave sobre um fato que ocorreu no seminário, Pe. Eugenio confirma que as cartas deles eram “corrigidas” pelos religiosos antes de serem enviadas às famílias. Provavelmente a correção era também uma forma de repressão sobre o que era passado de informação ao mundo fora do seminário.

Já adulto, as memórias, com o filtro do tempo e de toda uma experiência de vida, dão oportunidade de relembrar e recitar outros fatos que na época, por cartas à família, seria difícil. É nessa direção que Gullestad (2005, p. 524) traz a seguinte reflexão:

As experiências ulteriores e as preocupações do autor no seu presente dão outras cores às lembranças de infância, tornando as narrativas de vida inerentemente instáveis. As memórias de infância costumam ser continuamente reinterpretadas e retrabalhadas (e num certo sentido até repetidas) segundo o tipo de vida que uma pessoa leva.

Mas mesmo entre cartas e memórias, percebi que a infância foi um aspecto bastante lembrado por esses religiosos. Viñao (2000, p. 9, tradução minha) ressalta que:

a história da família, junto com os anos da infância, adolescência e juventude, são frequentemente o tema central dos primeiros capítulos de um bom número de autobiografias e memórias. As referências mais comuns nestas páginas, segundo Bruno Vercier, são, mais ou menos nesta ordem, as relativas ao nascimento, aos pais, ao lar, ao resto da família, à primeira memória, à linguagem, ao mundo exterior, aos animais, livros, vocação, escola, despertar sexual e o fim da infância⁸¹.

⁸¹ *Los antecedentes familiares, junto con los años de infancia, adolescencia y juventud, suelen ser el tema central de los primeros capítulos de un buen número de autobiografías y memorias. Las referencias más habituales en estas páginas, según Bruno Vercier, son, más o menos por este orden, las relativas al nacimiento, los padres, la casa, el resto de la familia, el primer recuerdo, el lenguaje,*

A infância e a juventude são uma experiência bastante significativa, tanto para quem tem interesse nelas, como para quem as vive. As congregações ditaram regras e produziram práticas para recrutar crianças para as vocações religiosas a fim de fortalecer os próprios institutos. Em Colombo, os números foram significativos, incluindo nessa soma as características étnicas da comunidade. As cartas que encontrei trouxeram relatos da época, escritos por uma criança, sem o filtro do tempo de uma memória passada, mas com os filtros da época, de uma supervisão dos religiosos que cuidavam dessas crianças nos seminários. Já as memórias escritas posteriormente, como as de Pe. Eugênio, trouxeram os relatos com o filtro do tempo; contudo, abarcaram de maneira enfática a infância e até trouxeram denúncias que possivelmente não seriam possíveis de serem feitas na época em que viveu o fato.

Nesse conjunto de informações levantadas anteriormente e neste capítulo, percebo que a infância e a juventude foram incluídas pelas congregações em suas ações, principalmente por se utilizarem delas para o seu próprio desenvolvimento.

Quando penso no local, em Colombo, essas ações têm o detalhe de estarem relacionadas com identidades étnicas e culturais. Dentro do contexto cultural, no próximo tópico adentro em outros espaços onde a infância de descendentes de italianos se fez presente nas instruções e nas ações das congregações para além dos conventos e seminários.

3 SPAZI ALLARGATI PER L'INFANZIA E LA GIOVENTÙ⁸²

Sou de uma família católica praticante e meus pais foram “mestres de vida” neste sentido. Rezar o terço a noite, participar da missa aos domingos e dias santos, da catequese, do mês de maio. Terço e missa com o povo da igreja faziam parte da nossa vida. Particularmente, pertenci a cruzada Eucarística por vários anos e cumpria até com certa fidelidade o lema: “reza, comunga, sacrifica-te, sê apóstola”. No final do dia fazia meu exame de consciência e marcava no folhetinho os atos positivos e os negativos também.
(LOVATO apud AZEVEDO, D'AGOSTIN, FIORESE, 2006, p. 67)

As famílias de descendentes de italianos sempre tiveram alguma participação na condução da educação dos seus filhos pelos princípios católicos. Irmã Cecília Rosa Lovato, pelo depoimento em epígrafe, relembra algumas ações que se realizavam no interior de sua casa, com sua família, ou também fora, na Igreja. Outra questão apontada é a sua participação em atividades da Igreja, que objetivavam a educação das crianças para além dos muros escolares, como a Cruzada Eucarística. Neste terceiro capítulo, procuro demarcar que nem só de orientações, produção de impressos e recrutamento de vocações se ocupavam padres e freiras com crianças e jovens das antigas colônias. Percebo que algumas ações foram pensadas para desenvolver um exército católico infantil por outras frentes.

Becchi (1998, p. 345, tradução minha), na reflexão sobre a história da infância em *O nosso século*⁸³, que, na época da escrita, se referia ao século XX, coloca que “ao lado do quarto individual, também são permitidos espaços domésticos ampliados para os não adultos⁸⁴”, ou, como está descrito em italiano, os “spazi domestici allargati”. Para além, a autora complementa que, nas festas de carnaval e de aniversário, para todas as idades, são

⁸² ESPAÇOS AMPLIADOS PARA A INFÂNCIA E A JUVENTUDE.

⁸³ “*Il nostro secolo*”.

⁸⁴ “*Accanto alla stanza personale, al non adulto vengono consentiti anche spazi domestici allargati*”.

[...] ocasiões de encontros nas quais a preocupação é divertir as crianças, entretê-las de modo adequado, feitas sob medida para criança que é a protagonista e que aqui continua, reforça, detalha sua socialização com colegas, oficialmente se diverte, aprende a ser o hóspede ou o anfitrião⁸⁵ (BECCHI, 1998, p. 345, tradução minha).

Perceber esses espaços ampliados e as práticas específicas das crianças e dos jovens, faz-me pensar também a respeito dos espaços que a Igreja tinha como foco ao atender esses vários sujeitos, como os vários trabalhos já feitos sobre a educação nas escolas, alguns destacados na introdução desta tese, mas principalmente perceber esses espaços para além, como na rua, na catequese, nas festas, entre outros.

Pe. Candido trouxe diversas passagens em seu diário/memórias sobre as práticas do antigo padre da comunidade, Bonato, principalmente em relação à catequese das crianças. Além do que acontecia na comunidade antes da chegada dos Passionistas, para a transmissão e a “reprodução” das práticas, existem as interferências do novo momento e dos novos sujeitos que pensam a infância e a juventude da comunidade e atuam com ela:

No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma “autêntica” transfusão memorial, ela “não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança”, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento (CANDAU, 2011, p. 106).

Com o passar dos anos, os novos párocos Passionistas seguiram algumas práticas já conhecidas da comunidade, como a catequese, porém, além dessas trouxeram novas ações para a infância, algumas baseadas em uma italianidade construída entre os antigos vênetsos, os filhos e os netos brasileiros e os padres italianos (de diversas regiões). Adentro agora nesse complexo jogo de reprodução e reinvenção, em outras práticas para a infância e a juventude desses grupos católicos, calcadas no contexto em que a comunidade estava inserida.

⁸⁵ [...] occasioni di incontro in cui ci si preoccupa di divertire i bambini, di intrattenerli in modo pertinente, fatte su misura del bimbo che ne è il protagonista e che qui continua, accentua, dettaglia la sua socializzazione con i pari, si diverte ufficialmente, impara a fare l'ospite o l'anfitrione.

3.1 FAMÍLIA, FESTAS E MOVIMENTOS VOLTADOS À INFÂNCIA

No cotidiano das famílias, muitas tradições foram trazidas do Vêneto, envolvendo ações com as crianças. Dessas culturas populares, algumas se confundem com elementos católicos. Por exemplo, na Epifania, Pe. Candido descreveu em seu diário que, em 6 de janeiro de 1918, distribuiu doces para as crianças:

6 dº Domingo. Epifania. [...] Tarde – Doutrina e registro dos nomes das Crianças que a frequentam. Vespri Cantati e a bênção com o Santíssimo Sacramento. Presentes e doces as mesmas crianças da Doutrina. É inútil dizer novamente a satisfação das famílias vendo o interesse que seus filhos tinham e que queriam ver crescer no temor a Deus⁸⁶ (GHIANDONI, 1953-1955, p. 7, tradução minha).

Os registros de entrega de doces às crianças nessa data também ocorreram em 1917 e 1919, pelo religioso. Importante ressaltar que 6 de janeiro é uma data ligada ao dia da “befana” ou, como se diz nos dialetos de imigração do Norte da Itália, a “vècia striga”. Sobre essa tradição, conta-se que, na noite do dia 5 para 6 de janeiro, uma velha senhora entra nas casas e deixa nas meias, preparadas para ela, doces para as crianças que se comportaram bem, ou carvão para as que se comportaram mal⁸⁷.

Pe. Candido, mesmo sem fazer qualquer referência no diário à tradição popular italiana, seguia a ordem de entregar doces para as crianças no dia da Epifania, unindo o reforço de tradições italianas com estratégias de aproximação da infância.

Nos escritos desse religioso, encontrei também indícios de outras ações que ele se envolveu, que procuravam ampliar os espaços das crianças e dos jovens dentro da Igreja e comunidade. Um exemplo disso é o fato narrado sobre o dia 5 de outubro de 1918, no qual descreveu: “Assembleia, na qual se depositam 200.00 reis para o

⁸⁶ 6 dº Domenica. Epifania. [...] Sera – Dottrina e registrare i nomi dei Bambini che la frequentano. Vespri Cantati e la Benedizione col Ssmo. Sacramento. Regali e dolci agli stessi Bambini della Dottrina. È inutile ridire la soddisfazione delle Famiglie vedendo l'interesse che si avea dei loro figli che volevano vedere crescere nel timor di Dio.

⁸⁷ Esta tradição trazida da Itália é lembrada por muitos moradores da cidade, até hoje, para saber mais, pela literatura italiana, tem-se a obra escrita por Claudia Manciocco e Luigi Manciocco (2006), em uma dimensão antropológica, denominada “*L’Incanto e L’arcano. Per una antropologia della Befana*”.

Círculo Juventude Católica de Colombo⁸⁸” (GHIANDONI, 1953 – 1955, p. 93, tradução minha).

Além de ações direcionadas somente para a infância, essa parcela da população também participava de outros rituais da Igreja, em conjunto com os adultos. Na discussão e apanhado histórico sobre “A participação das crianças nas festividades brasileiras”, Schueler, Delgado e Müller (2007, p. 137), baseadas em um estudo etnográfico na Barra da Aroeira, Tocantins, destacaram alguns dados sobre rituais católicos que contavam com a participação da infância:

Nesta, adultos e crianças ou sentam no chão ou ficam agachados, com uma distribuição bem aleatória no interior da igreja. Há pequenos grupos em todas as partes, até mesmo de costas para o altar, de frente uns para os outros, e isso ocorre em ocasiões especiais, como na semana de Nossa Senhora das Dores, semana anterior à Semana Santa. Adultos e crianças participam do ritual. Às vezes, são as crianças que tomam a dianteira das orações e seguem o terço.

Na realidade colombense, encontrei o registro de diversos momentos de adultos e crianças participando juntos de rituais da Igreja, em conjunto. No entanto, mesmo estando juntos, a infância e a juventude têm alguns destaques especiais. A Figura 47 a seguir traz a representação da recepção ao bispo de Curitiba, com Pe. Alberto, em 1938. Além da saudação escrita, outros elementos ganham notoriedade na fotografia: as crianças em primeiro plano e os estandartes de São Gabriel, patrono da juventude passionista, e das Filhas de Maria. Imagino que os dois estandartes evidenciavam para o bispo que a infância e a juventude no local estavam sendo zeladas.

⁸⁸ “*Assemblea, in cui si votano 200.00 reis per il Circolo Gioventú Cattolica di Colombo*”.

FIGURA 47 – CELEBRAÇÃO COM O BISPO DOM ATTICO, EM COLOMBO, 1938



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Uma observação interessante – que também pode ser destacada pela imagem – é que todas as crianças estavam calçadas, e, como será possível analisar por meio de outras fotografias mais adiante, o uso não era comum. Parece-me que o uso dos sapatos era uma possibilidade para a infância apenas nos eventos religiosos, na Igreja.

Em outro ritual católico, na visita de Nossa Senhora do Rosário à Casa de Dona Rosa Fiorese, no início da década de 1940, temos novamente adultos e crianças juntos, mas com os últimos posicionados à frente da imagem. Na montagem da fotografia (Figura 48) a seguir, elas aparecem fazendo o sinal de oração com as mãos unidas. E aqui destaco que diferente da fotografia com o padre e o bispo, nesta, em casa, as crianças estão todas descalças, como possivelmente era o costume.

Logicamente o ser católico não era exclusivo dos imigrantes e descendentes de italianos, em Colombo. Todavia, a prática representada na imagem remonta a uma materialização desse catolicismo e a uma ligação com as características étnicas que esses sujeitos trouxeram da Itália, pois:

a presença marcante das origens na memória social migrante que, para facilitar a construção de uma identidade de grupo, “pende para os símbolos possíveis da reificação e por aqueles que acentuam a permanência da origem”: cozinha, indumentária, expressões e perfis corporais, gestualidades, ritos religiosos (CANDAU, 2011, p. 97).

FIGURA 48 – VISITA DE NOSSA SENHORA A CASA DE ROSA FIORESE



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Um fato nessa organização que me chama a atenção é que, junto às crianças, está a *nona*, trazendo o contraste de gerações. A nona e a família eram uma das marcas culturais dos imigrantes italianos que chegaram em Colombo. O pai tinha a autoridade, no entanto, a mãe era a principal responsável pela educação das crianças. Maschio (2013, p. 65) destaca que:

a representação dos adultos quanto à formação das meninas estava atrelada ao papel social que estas desempenhariam no futuro: a de mãe de família. A maternidade era a missão essencial da mulher. A mulher, considerada “a pedra angular” da família, deveria ser a principal responsável pela educação dos filhos, principalmente no que tange a formação religiosa e moral dos pequenos. Perpetuar essa função da mulher-mãe era fundamental para a manutenção da estrutura familiar campesina.

A figura feminina pela imagem da nona também é destaque na realidade do Vale do Itajaí, na discussão sobre o trabalho familiar, em que Silva (2001, p. 140) assevera que:

Na ausência de uma irmã mais velha ou quando os filhos eram menores, a mãe os levava junto ou os deixava aos cuidados das avós, que, mesmo idosas, participavam da divisão do trabalho do núcleo doméstico, tendo um papel importante tanto na educação dos netos quanto na formação dos valores familiares, morais e religiosos.

Essa manutenção da estrutura familiar campesina, pela vertente feminina, passava pela figura da “noneta⁸⁹”, para cuidar dos filhos, ensinar as orações e até mesmo transmitir o que sabiam da Itália, como a língua, os dialetos que acompanharam os primeiros imigrantes na passagem do Vêneto para o Brasil, entre outras práticas. Em uma entrevista sociolinguística⁹⁰, ao ser questionada sobre com quem aprendeu os dialetos de imigração, que hoje se denomina Talian, Leonidia Toniolo reforça o papel da avó na sua educação e no conhecimento dessa cultura, além das práticas de oração:

E: E como é que você aprendeu o Talian?

T: Com meu pai e minha mãe, certo! A avózinha, a avozinha estava sempre conosco, em casa conosco, sempre, sempre estava, era, bem dizer, era a minha mãe que bem dizer só nos gerava e ela era bem dizer a nossa mãe, porque a mamãe ia para a roça trabalhar e a avózinha que estava em casa conosco. De manhã quando levantava, ela fazia todos se ajoelharem, fazer as orações para depois me dar uma tigela de polenta e café com leite.

E: E só falavam em Talian com os nonos, mãe, pai?

T: Todos, a avozinha não sabia falar outra coisa. Ela morreu falando Talian⁹¹ (TONIOLO, 2019, tradução minha).

⁸⁹ No Talian, noneta se refere a avózinha.

⁹⁰ Sobre o objeto de estudo da sociolinguística, Labov (2007) em uma entrevista para a *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, registra que o foco é a língua, em que alguns ramos abarcam o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial, consequências das ações de fala, estrutura da linguagem, entre outros. Dentro da última ótica, Labov (2007, p. 2) ressalta: “os estudos da linguagem usada no dia-a-dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos”. As entrevistas sociolinguísticas são feitas em Talian, buscando em muitos momentos a memória dos entrevistados. Para o meu uso nesta tese, as entrevistas em Talian, a língua, foi um instrumento para o meu objeto de análise que é sobre a infância e a juventude em Colombo.

⁹¹ E: *E comoe zeo che te ghe imparà el Talian?*

T: *Con me pare e me mare, ve! A noneta, a noneta ze sempre stata insieme con noantri casa con noantri, sempre, sempre stata, a gera, a ben dir, a gera a me mare a ben dir soeo a gerava noantri e ea gera ben dir a nostra mare, parché a mama nava pa rossa laorar e a noneta che a stava casa con noantri. A matina quando che evávino su, a me fava tuti se indanociarse do, dir e orassion par dopo darne a scoéa de poenta e café co ate.*

E: *E só parlava in Talian coi nuni, mare, pare?*

Nessa direção, é possível perceber a importância da formação do feminino para reverberar na educação da família, tanto nos aspectos do catolicismo quanto, de maneira ampla, nos culturais. Diante da importância de tal papel, a revista *Calvário* procurou trazer escritos sobre a função da mãe na educação dos filhos. Na nota “A primeira mestra na Escola da educação”, os padres descrevem que “o entendam as maes que desejarem uma boa e sã educação para os seus filhos! E que além disso, deverão dar rigorosas contas a Deus se não cuidarem de cumprir com esse tão importante e sagrado dever!!” (CALVÁRIO, maio de 1923, n.p.). A marca Passionista de educar pelo medo aparecia até mesmo nas recomendações para as famílias.

Eles também lembravam da importância da mulher para uma educação acima até mesmo da que era dada na escola: “a casa é uma escola, e a mãe da família é a mestra; não deve fiar-se somente nos professores: deve educar, aconselhar, ensinar!” (CALVÁRIO, maio de 1931, n.p.).

Dada a estima do ramo feminino para a educação católica, algumas propostas da Igreja já abarcavam a formação da infância e da juventude feminina. No diário de Pe. Candido, ele contou que, no dia 22 de julho de 1917, aconteceu a inauguração do Colégio Santo Antonio, com as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Mas, no Livro Tombo da Igreja Matriz está registrado que esse também foi o dia da instituição das Filhas de Maria na cidade. A nota no Livro Tombo descreveu que “No mesmo dia da tarde o Exmo e Rmo Sr. Bispo institui a Congregação das Filhas de Maria benzendo as medalhas e impondo-as ele mesmo as 82 aspirantes e Filhas de Marias” (LIVRO TOMBO, 1917, p. 11).

Tem-se um registro fotográfico (Figura 49) dessa organização em Colombo, no ano de 1917, junto ao Pe. Candido e às Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Como o fazer fotográfico da época muitas vezes estava atrelado ao registro de marcos históricos e eventos importantes da comunidade, a fotografia a seguir pode até mesmo ter sido realizada no dia em que se instituiu essa ação na comunidade.

FIGURA 49 – PE. CANDIDO, IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E FILHAS DE MARIA, COLÉGIO SANTO ANTONIO, 1917



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Encontrei um documento na Igreja de Colombo que registrou o nome das primeiras “Filhas de Maria” na cidade, ao qual transcrevo no Quadro 9. Importante destacar que mais de vinte das integrantes desta lista se tornaram religiosas. Fato interessante é que os nomes dessas meninas que se tornaram freiras estavam escritos por primeiro na lista das integrantes, o que leva a crer que esse documento foi passado a limpo, dando destaque para as meninas que seguiram na vida religiosa.

QUADRO 9 – PRIMEIRAS FILHAS DE MARIA EM COLOMBO

Nº	Nome	Nº	Nome
1	Maria Lovato	31	Emilia Mottin
2	Pellegrina Cavassin	32	Angelina Mottin
3	Rosa Busato	33	Angelina Cavassin
4	Herminia Nodari	34	Josephina Marangon
5	Escolastica Cavassin	35	Magdalena Mottin
6	Angela Lovato	36	Joanna Ceccon
7	Luiza Cavassin	37	Aurora Cavassin
8	Rosa Tosin	38	Orsolina Gasparin
9	Ida Bertolin	39	Herminia Toniolo
10	Maria Lovato	40	Emma Perin
11	Giacomina Lovato	41	Orsolina Gasparin
12	Mariana Busato	42	Maria Cavassin
13	Maria Bordignon	43	Rosa Cavassin

Nº	Nome	Nº	Nome
14	Rosa Cavassin	44	Josephina Lovato
15	Orsolina Costa	45	Magdalena Mocellin
16	Maria Pavin	46	Maria Fiorese
17	Maria Perin	47	Angelina Lazzarotto
18	Maria Busato	48	Guerina Pavin
19	Maria Costa	49	Orsolina Mottin
20	Ignez Giuliani	50	Magdalena Fiorese
21	Judith Giuliani	51	Lucia Busato
22	Joanna Fiorese	52	Joanna Gasparin
23	Ignez Busato	53	Libera Gasparin
24	Aurora Costa	54	Maria Guarise
25	Anastacia Cavassin	55	Maria Mottin
26	Maria Magdalena Busato	56	Concetta Toniolo
27	Gemma Fiorese	57	Luiza Tosin
28	Pia Bontorin	58	Appolonia Cavassin
29	Margarida Lovato	59	Angelina Guarise
30	Pierina Strapasson	60	Ida Busato
Maria Catarina Pavin			

Fonte: Passionistas (1918-1967).

Um fato curioso é que no mesmo livro que trouxe os nomes das participantes das “Filhas de Maria”, em Colombo, Pe. Manoel, no ano de 1940, relatou que:

[...] não estando o dito termo assinado pelo Sur. Vigário d'aquella época, julgando pelos fatos que a “Pia União” estava ilegalmente instituída, pedi licença com requerimento ao DD. E Exmo Sur. Arcebispo, para fundar a antedita associação religiosa paroquial (PASSIONISTAS, 1918-1967, n.p.).

Mas, como já descrito anteriormente, o Livro Tombo da Igreja descreveu que em 1917 o bispo, na época, havia iniciado essa organização na cidade. Mas nesse outro documento, padre Manoel descreveu que as Filhas de Maria foram instituídas no dia 19 de fevereiro de 1940 e que antes elas funcionavam de maneira “ilegal”.

Entretanto, uma coisa é bastante relevante, com ou sem a autorização, essa foi uma organização que marcou presença no cotidiano da infância e da juventude, não só colombense, como de vários outros locais. Scarpim (2014, p. 154) ressalta que as associações marianas têm origem no século XII, na Itália, porém, seus desenvolvimentos ocorrem a partir de 1864:

A efetivação da criação da confraria acontece em um contexto em que a Igreja Católica buscava reconquistar seu poder social frente as transformações do mundo moderno, especialmente diante do processo de racionalização dos Estados Liberais e de desclericalização da sociedade. Nessa direção, as ações eclesiais vinham no sentido de firmar suas posições frente ao ataque de seus inimigos como o socialismo, o liberalismo, o protestantismo entre outros.

No caso das Filhas de Maria, a organização tinha como propósito moldar o comportamento feminino “em uma fase da vida marcada pela instabilidade, pela descoberta e pelo afloramento dos desejos: a juventude” (SCARPIM, 2014, p. 156).

No levantamento dessa atividade em antigas colônias italianas do Paraná, em Campo Largo, Scarpim (2014, p. 159) demarca que:

o cotidiano de uma Filha de Maria deveria se amparar no tripé: castidade, obediência e humildade/devoção, considerado pela Igreja como as mais belas virtudes femininas. Nessa direção, podemos destacar basicamente três pontos que são reiterados nesse processo de vigilância e controle: as vestimentas, a frequência nas atividades da Confraria e o comportamento das moças dentro e fora da Igreja.

Nessa direção e voltando para a realidade Passionista, que também seguia esse movimento mundial, a revista *Calvário*, em 1926, vinculava já informações e “conselhos” às Filhas de Maria, como o escrito que teve como título *Alguns Conselhos As Filhas da Maria*. Além de alguns preceitos básicos da doutrina católica, como participar das missas e o cumprimento dos sacramentos da comunhão, era aconselhado:

[...] assistir com a maior regularidade possível as reuniões da Congregação a quem pertence. Há de ter muito zelo pela boa fama da Congregação com pureza de bons costumes, com muita fidelidade no cumprimento dos deveres do próprio estado, evitando ter amizades com pessoas más, tendo o máximo cuidado de não commetter pecados mortaes (CALVÁRIO, maio de 1926, n.p.).

A organização evocava as virtudes femininas defendidas pela Igreja, geralmente um discurso moralizador entoado pela voz masculina através da figura dos padres, que se dirigiam às meninas. Os escritos na revista sobre essa organização da Igreja abarcando o ramo feminino passavam também pela moralização das meninas da época. Na matéria “Vida da verdadeira filha de Maria” foi descrito: “Terrível, pois, será o juízo contra aquellas mulheres que usam vestidos imodestos, dando deste modo causa a tantos escândalos e pecados. Malditos também sobretudo os paes e mães, amos e senhoras, que escandalizam os filhos ou os famulos.” (CALVÁRIO, junho de 1926, n.p.).

A vestimenta das meninas era muito parecida com a roupa da primeira comunhão. E esta deveria ser composta pelo “vestido branco de mangas longas e sem decotes e o uso do véu eram aparatos indispensáveis do vestuário de uma Filha

de Maria e constantemente reiterados pelo olhar vigilante do padre diretor e da própria comunidade” (SCARPIM, 2014, p. 159).

Ampliando o olhar para fora de Colombo sobre as associações religiosas e o atendimento da infância e da juventude, o apanhado histórico da Província do Calvário traz algumas datas de fundação das organizações entre os Passionistas na cidade de São Paulo:

ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS. Com a finalidade de dar maior assistência religiosa à juventude masculina, fundou-se, em 1932, a Congregação Mariana. As moças já tinham sua Associação “Filhas da Cruz”, secção jovem da Confraria da Paixão. Esta, no entanto, por volta de 1938, transformou-se na “Pia União das Filhas de Maria”. Para as crianças existia, havia tempo, a Associação dos “Gabrielinos”, que, a 23 de junho de 1938, passou a constituir a “Cruzada Eucarística Infantil”. Em 1940 aparece a Associação de “São José” (PASSIONISTAS, 1983, p. 72).

Além das Filhas de Maria, os Marianos também apareceram na revista *Calvário*, conforme indica a Figura 50 a seguir.

FIGURA 50 – EVENTO MARIANO EM SÃO PAULO, 1937



Fonte: *Calvário* (fevereiro-março de 1937, n.p.).

Abaixo da imagem foi possível constatar que o evento representava o retiro dos Marianos, que havia acontecido durante os três dias de Carnaval do ano de 1937, no estado de São Paulo. Interessante observar que a imagem traz em sua maioria homens adultos.

Silva (2001, p. 207), dissertando sobre a realidade de Rodeio/SC, ressalta que as associações religiosas cobriam todas as faixas etárias: “O cotidiano do indivíduo, desde o dia em que nascia até a morte, era marcado pelos rituais que definiam o seu ingresso e participação na comunidade religiosa”.

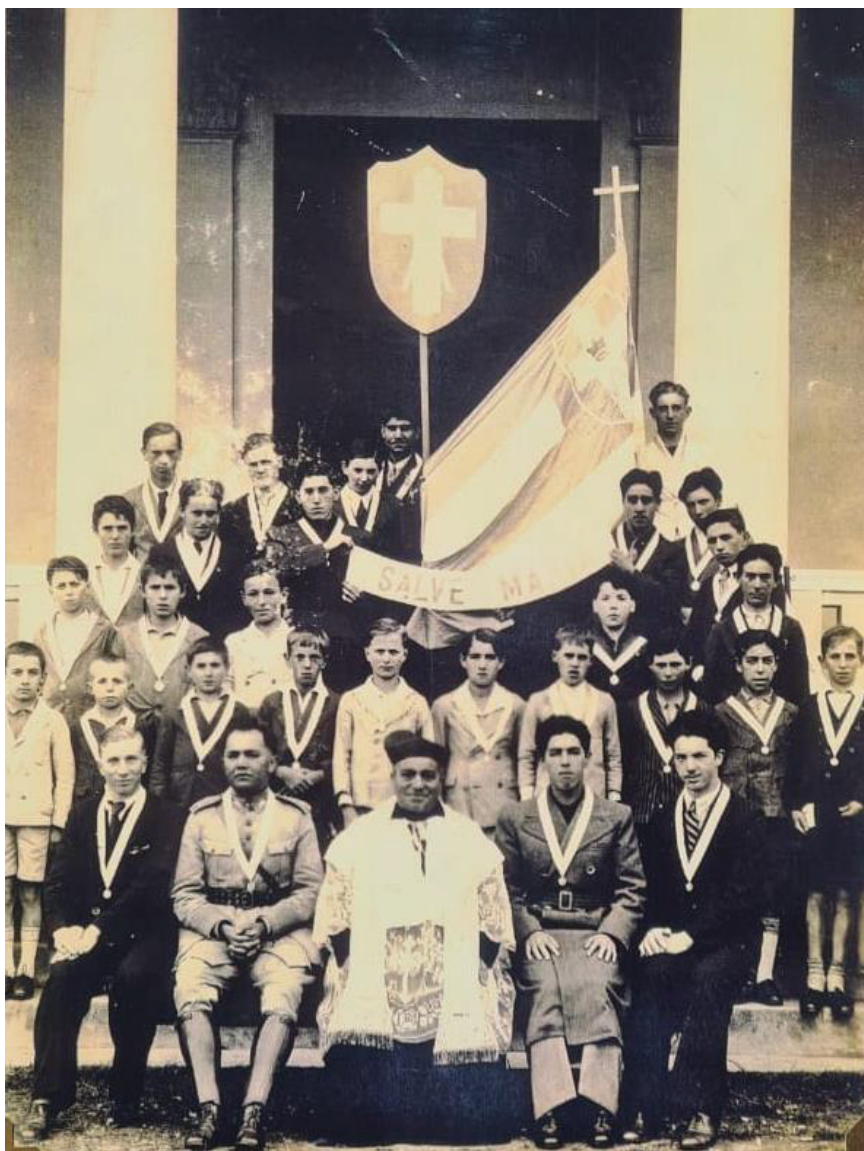
Na busca por indícios para saber se, além das Filhas de Maria, havia alguma organização que abarcasse a infância e a juventude masculina, encontrei que, no mesmo ano que a revista *Calvário* noticiou o evento em São Paulo, também trouxe a nota de que a Congregação dos Marianos foi fundada em Colombo, por intermédio de Pe. Alberto:

Mais uma vez a população católica de Colombo assistiu, com enorme entusiasmo, a realização de um dos seus sonhos dourados, enchendo de contentamento o coração do virtuoso e amado Vigário desta Paróquia, padre Alberto, Passionista.

No 3º domingo de julho, dia 18, realizou-se com grande solenidade a fundação da Congregação Mariana de Nossa Senhora do Rosário, padroeira desta Vila, e de São Gabriel da Virgem das Dores. (CALVÁRIO, setembro de 1937, n.p.).

No registro fotográfico de Colombo (Figura 51), possivelmente do mesmo ano, temos uma mudança de perspectiva. Enquanto em São Paulo a maioria eram homens adultos, em Colombo o destaque para as ações da organização passava também pela infância. Talvez por isso a Congregação Mariana de Colombo, além de Nossa Senhora do Rosário, também se referia a São Gabriel, um santo da infância e da juventude.

FIGURA 51 – CONGREGAÇÃO MARIANA, COLOMBO



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Na busca por outras ações propostas pelos religiosos em Colombo, buscando contemplar espaços ampliados para a infância e a juventude, deparei-me com um registro que ocorreu no mesmo dia da Epifania, em 1917. Pe. Candido destacou no seu diário que nesse dia a prédica teve como tema a Santa Infância e a educação cristã: “6dº Sábado. A Epifania. [...] S. Missa Catada – Homilia hora 9-10’12. Tema. S. Infância. Salvar a nossa Juventude com a educação Cristã”⁹² (GHIANDONI, 1952-1953, p. 205, tradução minha).

⁹² “6dº Sabbato. L’Epifania. [...] S. Messa Cantata – Predica or. 9-10’12. Tema. S. Infanzia. Salvare la nostra Gioventù coll’educazione Cristiana”

Não sei se a Santa Infância se referia apenas a temática da prédica no dia ou a um movimento da Igreja Católica na época. Interessante que, nos arquivos consultados, em Santa Felicidade, no relatório manuscrito da paróquia, de 1926, encontrei uma citação de algumas das práticas do local como a “Obra da Santa Infância” (SCALABRINIANOS, 1926, n.p.). Esse mesmo programa aparecerá no relatório preenchido em papel timbrado da Arquidiocese de Curitiba, no ano de 1936, novamente com a citação da “Santa Infância”. No controle financeiro manuscrito no verso do documento, a Santa Infância representou no ano o terceiro maior montante da Paróquia de Santa Felicidade, totalizando 84#600 (SCALABRINIANOS, 1936, n.p.).

A Santa Infância é um movimento mundial, segundo consta no site “Pontifícias Obras Missionárias⁹³” e teve origem na França, em 1843, como forma de crianças ajudarem outras crianças (de modo especial, as chinesas), com orações e doações. Mas o movimento se expandiu e chegou ao Brasil, em 1858, traçando objetivos mundiais maiores como o de explorar um espírito missionário universal entre as crianças. A Arquidiocese de Curitiba publicou em seu boletim a respeito do movimento em dois momentos distintos: primeiro em 1900, no Boletim n. 7, p. 75, “Relatório da Obra da Santa Infância de 1899 (18/06/1900)”; depois no boletim de 1957, n. 34, p. 90, “Pontifícia obra da santa infância”.

A imprensa em Curitiba também se referiu ao movimento, quando o jornal *A Republica*, de 15 de maio de 1929, noticiou que, no jubileu sacerdotal do Papa Pio XI, ele recebeu em Roma uma audiência com 10 mil crianças da Santa Infância (A REPUBLICA, 1929, p. 3).

A origem do movimento é marcada por uma ajuda de crianças para crianças, mas, em uma matéria de um jornal paulista, de 1969, é transcrito que, “Na América do Sul, a Pontifícia Obra de Santa Infância ajuda 4.997 escolas (com 600.932 alunos); 209 orfanatos (com 74.251 alunos); 165 asilos (com 20.187 asilados); 405 maternidades e hospitais; e 57 escolas catequéticas” (A TRIBUNA, 1969, p. 8). Parece-me que, com o decorrer dos anos, esse foi um movimento que ampliou os seus horizontes, estando inclusive relacionado à educação. Infelizmente não encontrei

⁹³ <http://www.pom.org.br/conheca-a-iam/>

outros indícios da sua presença em Colombo, a não ser a suposta citação no diário de Pe. Candido.

Do atendimento direto às crianças imigrantes e aos descendentes, no histórico das Irmãs do Sagrado Coração, tem-se também a citação de outra ação delas, pelo Oratório Festivo. Mesmo não indicando acontecer exatamente em Colombo, essa ação pode ter sido uma das práticas dessas religiosas enquanto estiveram à frente do Colégio na cidade. Sobre essa prática, as irmãs descrevem que:

Oratório Festivo era um dos meios mais eficazes para reunir a juventude feminina. Era aberto aos domingos e dias festivos, exceto no Natal e na Páscoa. As crianças eram organizadas em grupos: o das pequenas, médias e maiores. Para cada grupo a Irmã tinha uma pedagogia própria. Consistia essencialmente de atividades recreativas e instrução religiosa (WERNET; SBRÍSSIA; SIMÕES, 1999, p. 104).

Em outra edição do apanhado histórico das Irmãs do Sagrado Coração, tem-se a citação do Oratório em outra obra das religiosas:

Além da Escola Paroquial de Santa Felicidade, uma das atividades que ganhou destaque na missão das Apóstolas foi a organização do Oratório Festivo, frequentado aos domingos por muitos jovens e crianças. O oratório era um meio utilizado pelas Irmãs para reunir a juventude. Cada grupo tinha uma atividade própria. A finalidade do Oratório Festivo era a de promover atividades recreativas e instrução religiosa (WERNET et al., 2002, p. 189).

Como Becchi e Júlia (1997, p. XII, tradução minha) ressaltam que “na história da criança conseguimos colher algumas migalhas [...]”⁹⁴, na busca “delle briciole” da infância pelo prisma de instituições católicas, na Arquidiocese de Curitiba tem-se a indicação da Cruzada Eucarística Infantil, um movimento com origem na década de 1910, relacionado a um decreto do Papa São Pio X sobre a comunhão das crianças, que foi sendo desenvolvido para um movimento maior. Esse movimento apareceu com destaque no Boletim da Arquidiocese de 1953 e em uma matéria no jornal *Voz do Paraná*, intitulada “A Cruzada Eucarística na Arquidiocese de Curitiba”, de 1956, que trouxe alguns panoramas da ação de toda a Igreja mundial, traduzida pela Arquidiocese em determinadas práticas para a região. Segundo o relato posto no jornal, a Cruzada Eucarística Infantil era um convite “[...] para uma colaboração

⁹⁴ “*nella storia del bambino riusciamo a cogliere delle briciole [...]*”.

fraternal no campo apostólico junto à criança” (VOZ DO PARANA, 1956, p. 3). Na matéria é posto que:

a criança se deixa levar com facilidade, basta alguém colocar-se à frente. Que todos compreendessem cada vez melhor a ação beneficente da Cruzada Eucarística que procura ser, antes de tudo, escola de formação! Queremos atingir o coração da criança e aproximá-la do Coração de Jesus – formar-lhe a inteligência nas reuniões periódicas – robustecer-lhe a vontade, criar convicções fortes para que seja, mais tarde, membro útil da sociedade e militante destemido da Santa Igreja (VOZ DO PARANÁ, 1956, p. 3).

Propunha-se praticamente a criação de um exército infantil a fim de preparar futuros combatentes na defesa do catolicismo, em que, num debate nacional, o jornal *A Cruz*, do Rio de Janeiro, faz essa analogia ao explicar a pergunta: “qual é o fim da nossa Crusada?”, colocando que mais de três milhões de crianças responderam a um chamado do Papa e que, “[...] essas crianças para se reconhecerem, puzeram sobre o peito um belo distintivo: A Hostia Sobre a Cruz; é por isso que são chamados: Cruzados da Eucaristia e esse exercito tem o nome de Cruzada Eucarística” (A CRUZ, 1937, n.p.).

O interessante é que tal publicação, ao final, traz a referência “Cruzada Eucarística Infantil – Coleção ‘Fides Intrepida’”. Em uma discussão sobre como a Igreja Católica participou de um processo de circulação de ideias e modelos pedagógicos, que contribuíram para a reconfiguração do campo educacional, Orlando (2014) apontou para essa coleção. A citação da Coleção “Fides Intrepida” se deu no levantamento de prescrições de leituras para professoras e catequistas, pela Biblioteca da Catequista, que compunha uma das seções do Boletim Catequético, impresso produzido a partir de 1936, em Belo Horizonte, pelo Departamento Arquidiocesano de Ensino Religioso, logo após o 1º Congresso Católico de Educação. Tal impresso “[...] tinha como objetivo contribuir com a formação das catequistas, preparando-as para sua atuação no espaço escolar” (ORLANDO, 2014, p. 213). No levantamento feito pela pesquisadora, percebemos um debate nacional, contudo, com ênfase nas ideias internacionais por autores estrangeiros, e a Cruzada Eucarística estava inserida nessa mescla, mas principalmente no horizonte de formação educacional da infância pelas orientações postas para aqueles que a colocariam em prática, as catequistas. Na Biblioteca da Catequista, a Cruzada Eucarística apareceu

nos anos de 1937 e 1941, sempre indicando como autor a Coleção “Fides Intrepida”⁹⁵ (12 folhetos).

O mapeamento pelo fio do nome da Coleção me levou a constatar a discussão sobre a Cruzada Eucarística Infantil, em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Caxias do Sul.

Ainda no debate nacional, tem-se a indicação da utilização das crianças em prol de ideais e trabalhos da Igreja Católica, como a sugestão de um jornal gaúcho de que na Cruzada “[...] estão voltadas todas as esperanças do amanhã” (O MOMENTO, 1940, p. 376). Já um jornal cearense indicou que a cruzada eucarística infantil “[...] desperta a consciência da criança para a vocação eucarística” (O SACERDOTE, 1942, p. 3), não somente para essa vocação, como também para as vocações de padres e freiras, em que o periódico mineiro ressalta que:

o Padre que é vigário, terá infinitas oportunidades de falar sobre a vocação, de entusiasmar pais e filhos, a um tão nobre ideal. Saberá recrutar entre os alunos do Catecismo, da Escola Paroquial ou da Cruzada Eucarística Infantil, os seus Acólitos muito bem denominados coroinhas, isto é, aqueles que terão, um dia, a grande corôa de sacerdote (LAR CATÓLICO, 1956, p. 4).

Em Colombo, encontrei indícios da prática da Cruzada Eucarística Infantil em um registro no Livro Tombo, no ano de 1940:

A Cruzada Eucarística está em formação – por agora tem poucos membros que trazem a fita branca-amarela; e se reúnem com os Congregadinhos menores em todos os domingos no Salão Paroquial depois do Catecismo; as meninas porém com as Filhas de Maria (LIVRO TOMBO, 1940, p. 41).

No campo das práticas das prescrições da Igreja, o que jornais e discussões me mostram é que esse era um movimento de grandes proporções. Em Iomerê, Santa

⁹⁵ É possível que o nome “Fides Intrepida” faça alusão às profecias de São Malaquias, sobre os papas que iriam dirigir a Igreja até os fins dos tempos. Esse texto é bastante contestado, pois veio a público em 1595, em que “são, ao todo, 112 dísticos, claramente divididos em duas partes: os 74 primeiros, que se encerram com Urbano VII, morto em 1590, referem-se a cada papa aludindo ou à localidade de proveniência, ou ao nome de batismo, ou ao sobrenome, ou à linhagem, ou a cargo anterior à eleição, ou às armas da família. Os demais 38 dísticos são genéricos” (BONI, 2005, p. 331). Para além das discussões da veracidade de que o documento foi escrito por São Malaquias ou não, o dístico 105 traz o nome Fides intrepida (Fé intrépida), que se refere ao Papa Pio XI (1922-1939). Já a coleção “Fides intrepida” é classificada como um livro, no levantamento das obras do Museu dos Capuchinhos, de Caxias do Sul-RS, feita por Boff (2015), que indica no livro 23, as seguintes informações: “Formação Preliminar dos Nossos Cruzados. – Cruzada Eucarística Infantil – Coleção ‘Fides Intrepida’. Padre Antonio de Castro Mayer – Censor Diocesano e Pe. Ernesto de Paula. Editora: Apostolado da Oração – Nov. 1938” (BOFF, 2015, p. 100).

Catarina, na Paróquia de São Luiz Gonzaga, o lema da Cruzada Infantil era “Puros e Fortes com Jesus”, com a congregação dos Camilianos (ABATI, 2007, p. 5). Nas antigas colônias italianas, hoje Campo Largo/PR, Scarpim (2016) fez o mapeamento de algumas práticas culturais partilhadas pelo grupo, tendo a infância também como objeto, e enfatizou que essa fase da vida não era negligenciada pelos *contadini*. Em um momento em que a Igreja Católica passava por um processo de reestruturação, pelos vários ataques que recebia, educar as futuras gerações era uma estratégia profícua. Assim,

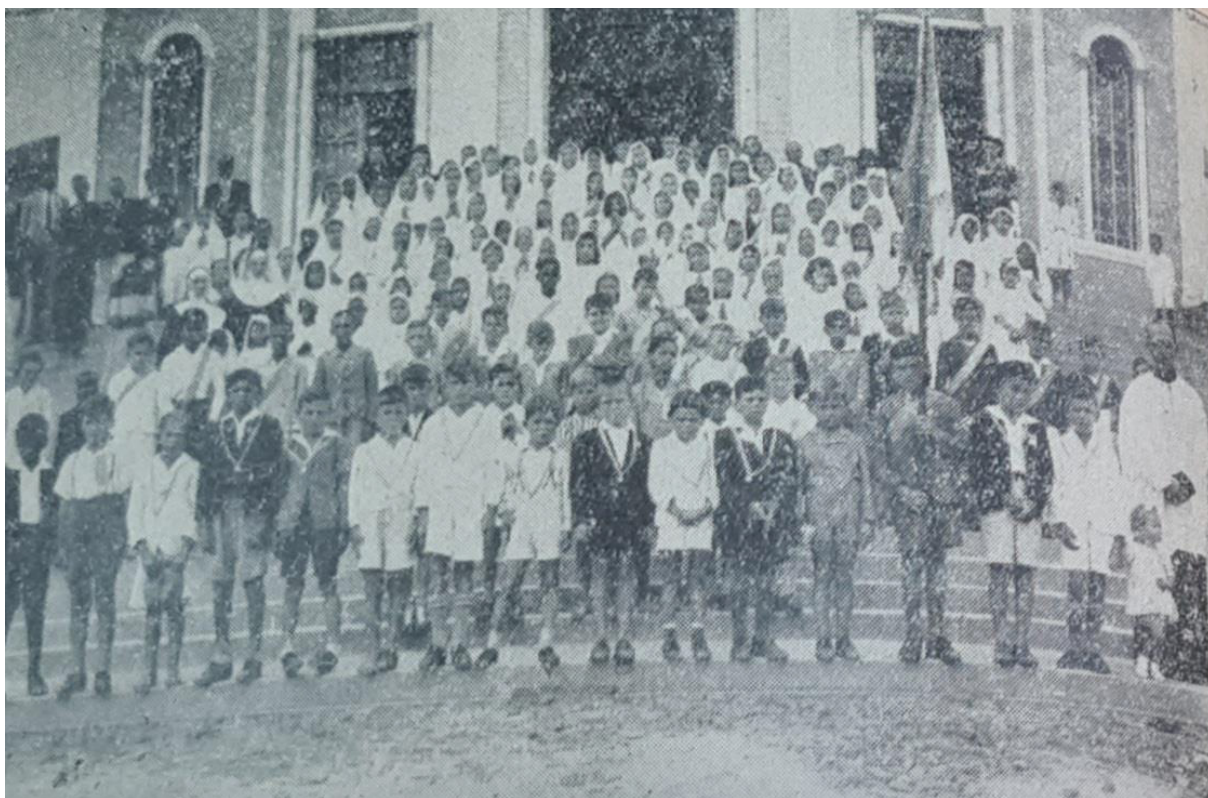
no que toca a infância, a situação não foi diferente: a catequese, as associações mirins, como os marianinhos, a cruzada eucarística e as filhas de Maria, o ensino religioso na escola e o controle nos espaços paroquiais foram estratégias usadas para formar corpos e mentes cumpridores de seus papéis na hierarquia social (SCARPIM, 2016, p. 42).

Em Campo Largo, a Cruzada Eucarística contava com participantes de ambos os gêneros e “os pequenos congregados eram estimulados a contar o número de jejuns, as missas assistidas, as orações feitas, as comunhões e os terços participados” (SCARPIM, 2016, p. 43).

Em Colombo, o movimento tem início com as ações de Pe. Manoel, que segundo consta num jornal de 1942, fundou em Colombo duas novas associações: o Apostolado da Oração e a Cruzada Eucarística Infantil. Na matéria assinada pelos envolvidos nos festejos da Igreja, eles colocam essas práticas como um “[...] progresso artístico, intelectual e espiritual de nossa santa religião Católica, Apostólica e Romana” (CORREIO DO PARANÁ, 1942, p. 2).

Essa foi uma época em que a Congregação dos Padres Passionistas se envolveu com a atividade voltada à infância, até mesmo em outras localidades, como noticiado na revista *Calvário*. Em janeiro de 1944, em Osasco, local onde os Passionistas estavam, houve a fundação da Liga Eucarística (Pró-Cruzada) e a agregação da mesma Cruzada ao Secretariado Arquidiocesano, como representado na Figura 52 a seguir.

FIGURA 52 – CRUZADA EUCARÍSTICA INFANTIL, OSASCO, 1944



Fonte: Calvário (março de 1944, n.p.).

A formação dos soldadinhos da Igreja foi destacada na revista: “Esperamos que estes intrépidos soldadinhos que tem por Diretor o Revdo Pe. José da I. Conceição, com suas orações, comunhões e sacrifícios, sejam verdadeiros apóstolos de Jesus Sacramentado” (CALVÁRIO, março de 1944, n.p.).

Alguns anos antes, o *Calvário* trouxe a descrição sobre o dia em que as crianças entravam na cruzada eucarística, geralmente após a primeira comunhão:

Com toda a solenidade e brilho fundou-se na Igreja matriz de Pinheiros a Cruzada Eucarística Infantil.

Desde a tomada de posse da paróquia, o novo Vigário, pe. Justino, passionista, acalentou a nobre idéia de se dedicar à cultura dos bons paroquianos não só entre os adultos, mas também entre as crianças. [...]

Foi no dia 16 de julho p. p.. Eram 7 ½ da noite. Uma revoada de meninos e meninas muitos dos quais ainda com seu traje da 1.a Comunhão, se reuniram na sede social. [...]

Oficiou o pe. Vigário, que, satisfeito e feliz impôs a faixa amarela, a tiracolo, e o distintivo aos cruzadinhos. Uma fervorosa alocução ao pequeno exército de Cristo-Rei, seguida da bênção com o Santíssimo, veio pôr fêcho aquele ato solene. (CALVÁRIO, outubro de 1939, n.p.).

Guariza (2009) coloca que, na defesa do catolicismo, nas primeiras décadas do século XX, os leigos assumiram um papel importante, por meio de algumas

associações, como a Cruzada Eucarística, as Filhas de Maria e os Marianos, sendo que:

após a Primeira Comunhão a criança poderia ingressar na Cruzada Eucarística. Nesta associação ainda não havia diferenciação por gênero, porque tanto meninas quanto meninos poderiam participar. Na Cruzada Eucarística os associados mirins aprendiam o significado da abnegação cristã oferecendo mensalmente a Deus o Ramallete Espiritual, contabilizando o número de comunhões, jejuns, confissões e missas assistidas (GUARIZA, 2009, p. 46)

Da década de 1940 para a década de 1950, a prática conseguiu envolver um número significativo na cidade de Colombo, conforme registros no Livro Tombo. Na Figura 53 a seguir, tem-se a imagem do final da década de 1950.

FIGURA 53 – CRUZADA EUCARÍSTICA INFANTIL, DÉCADA DE 1950



Fonte: Acervo pessoal do Pe. Alberto.

A pesquisadora (GUARIZA, 2009) pontua que as associações eram uma forma de controle da juventude. Mas cada local dava o seu tom ao projeto maior da Igreja Católica. Segundo Leonardi (2017):

para a Igreja, a modernização dos padrões de comportamento para a vida na cidade deveria ser acompanhada de elementos que estimulassem a coesão social e cuidassem de manter os cidadãos afastados dos perigos do protestantismo, do espiritismo, do liberalismo, do anarquismo e do socialismo. Não só o tempo de estudo e de trabalho deveria ser regulado, mas todo o dia do aluno. Nesse projeto, as associações jogavam um papel central. (LEONARDI, 2017, p. 96).

Mesmo sendo em outra localidade é importante ressaltar que a Cruzada Eucarística Infantil foi fundada em 1940, em São Paulo, sob a jurisdição dos Salesianos, e contava apenas com meninas. Inclusive, citando uma ata sobre o projeto, Leonardi (2017) comenta sobre os objetivos da Cruzada para o gênero feminino, em que foi dito às meninas que elas

[...] devem tornar-se verdadeiras Apóstolas levando sempre uma vida mui ativa assemelhando-se aos canais que recebem a água e a distribuem, assim também é que deve ser uma Cruzada, receber os ensinamentos e espalhá-los não os guardando só para si (SSCJ, 1940, f. 10, verso apud Leonardi, 2017, p. 103).

Voltando para o Paraná, outra estratégia utilizada pela Arquidiocese para promover a Cruzada Eucarística Infantil foi um impresso:

O órgão oficial da Cruzada do Paraná é a revista infantil, <<Soldadinhos>>, que conta com a colaboração de ótimos elementos: sacerdotes, professores e dirigentes da Capital, goza de boa aceitação por parte das crianças. Fartamente ilustrada, nela encontram sadia leitura informativa e recreativa (VOZ DO PARANÁ, 1956, p. 3).

Não encontrei nenhum outro indício sobre a revista, mas esse escrito me fez refletir que a colaboração entre sacerdotes e professores pode ser vista também para além dos impressos, em que, nas antigas colônias italianas de Colombo, com as congregações, tinha-se essa relação entre Igreja e educação, no sentido amplo, não apenas nas escolas, buscando a formação das crianças em diversos locais.

Na seara das ações que a Igreja e as congregações indicavam para as crianças e os jovens, no capítulo 1 apresento a discussão de que os Padres Passionistas registraram suas missões, deixando indicativos de como atender à infância. Para além das discussões entre esses sujeitos, o Livro Tombo da Igreja de Colombo trouxe o registro de que, entre 1º e 25 de março de 1956, aconteceram as missões Passionistas em Colombo. Mesmo não pertencendo ao recorte desta pesquisa, trago os dados apontados pelo registro como uma leitura das práticas que os padres

propunham no local. Não se tem especificado o assunto, só se sabe que houve a visita da imagem de Nossa Senhora do Rosário e dois missionários Passionistas em três dias. Mas o interessante é que nesse mês, passando pelas capelas do Capivari, Ribeirão das Onças, Poço Negro, Boixininga, Campestre, Santa Gema, Roseira e Colônia Faria, eles registraram nesses locais 58 instruções catequéticas para as crianças, entre outras atividades, com a presença de 270 moças, 528 senhoras, 388 rapazes, 526 homens e 749 crianças (LIVRO TOMBO, 1956, p. 61-63). Os números são reveladores da expressividade de crianças e jovens participando das ações da congregação na comunidade. É possível também observar a grande participação infantil e jovem na Figura 54 a seguir, do ano de 1935.

FIGURA 54 – MISSÕES EM COLOMBO, 1935



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

A legenda da imagem indica que era o encerramento das Missões, pregadas pelo Pe. Damião e Pe. Alfredo, juntos com Pe. Alberto, em 1935.

As Missões e todos esses espaços e organizações indicadas neste tópico, como as Filhas de Maria, Marianos e Cruzada Eucarística, foram formas de colocar em contato os padres e as freiras com as crianças e os jovens, além de iniciar uma catequese e uma formação com esses sujeitos. Mas quando não aconteciam essas ações em específico, como os padres e freiras se aproximavam dessa infância e juventude? Adentro agora nas características de uma prática trivial na Igreja Católica: a catequese.

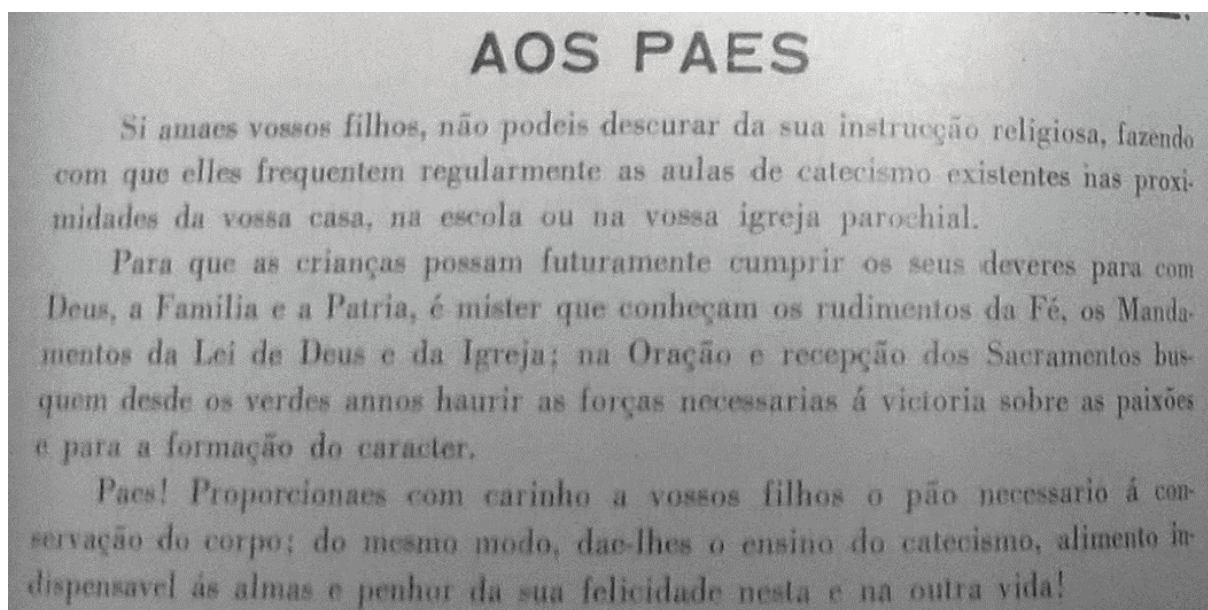
3.2 A CATEQUESE E A PRIMEIRA COMUNHÃO

A catequese, como demarcada em capítulos anteriores, foi uma causa abraçada pelos religiosos que passaram por Colombo, produzindo possivelmente materiais escritos para o público infantil e tendo normativas para este trabalho. A revista *Calvário* se aproximava a todo momento dessa temática e defendia a mesma como essencial para a formação da infância:

Não resta a menor duvida de que o Cathecismo, compendio admirável de Fé, livro por excellencia, é a fonte preciosa e crystallina, donde as familias poderão colher, para os filhos, ensinamentos sublimes e nobres, ensinamentos que, na formação do character e na instrucção da creança, são de um valor extraordinário, de uma utilidade innegavel (CALVÁRIO, dezembro de 1932, n.p.).

Mas, para essa ação, não bastava apenas a Igreja. A comunidade e especificamente os pais eram peças fundamentais para a promoção dos ideais do catolicismo. Inclusive, a revista *Calvário* chamou a atenção para esse papel, conforme a publicação (Figura 55) a seguir.

FIGURA 55 – RECADO DA REVISTA CALVÁRIO AOS PAIS



Fonte: Calvário (setembro de 1933, n.p.).

Na realidade gaúcha, Pe. Eugenio contou em seu livro de memórias que as famílias se envolviam com a formação catequética:

a Primeira Comunhão era um acontecimento para a comunidade. O tempo de preparação era curto, mas, todas as famílias sabiam ensinar em casa tanto as orações como o catecismo. [...] O padre examinava as crianças uma por uma e praticamente todas eram aprovadas (MEZZOMO, 2016, p. 19).

Seguindo outros fios e rastros na busca por formas de catecismo organizadas pelos religiosos, transformadas em práticas que envolvessem as crianças e os jovens, encontrei, por meio de um relato de 1940 do Padre Manoel Passionista⁹⁶, a descrição de algumas estratégias desses sujeitos para aumentar os fiéis na Paróquia, pelas crianças. A primeira situação relatada pelo padre foi sobre a prática de rezar o terço todos os dias na Igreja, uma hora e meia antes do anoitecer. Para as crianças ele conta que,

⁹⁶ Pe. Manoel (fotografia – anexo 11), Onorato Sparagana, italiano, nascido em Ponte Corvo, em 20 de outubro de 1889, esteve em Colombo em dois momentos, primeiramente entre 1939 e 1941, quando foi pároco, depois em 1950. Faleceu no ano de 1968, na cidade de Curitiba, porém, no livro da congregação é dito que “[...] foi sepultado no cemitério de Colombo, PR, onde gozava de grande reputação e popularidade” (MAZZAROTTO; BASSANI, 2000, p. 74).

Aos domingos, catecismo para as crianças, às 2 horas da tarde, acabando as 3 para dar início a reza do terço e bênção com o SS^o Sacramento. Faço nota aos meus sucessores que nunca se deve desanimar, pois eu entrando na paróquia encontrei aos domingos apenas 15 à 20 crianças que frequentavam o Catecismo. Agora, graças a Deus, a seis meses de distancia posso contar com a media de 170 à 180 crianças.

Eu mesmo procuro ensinar o catecismo, pois neste modo, aproveitam também os adultos, que, se vêem por curiosidade foram depois gostando aprendendo a rezar.

Os meios dos quaes uso para atrair as crianças ao catecismo são: os sinos que começam a tocar a 1 hora depois de meio dia, até a hora de começar o catecismo, os dôces que distribuo depois da reza; e a procissão com Jesus Menino que se realiza com somente a participação das crianças que por turno carregam o andor (LIVRO TOMBO, 1940, p. 42).

Inclusive, a partir do ano de 1940, começou a constar a compra de doces ou balas para os “meninos do catecismo”, por vários meses no livro de despesas da Igreja, como se pode observar no fragmento do documento (Figura 56) a seguir.

FIGURA 56 – DESPESAS IGREJA DE COLOMBO, 1940

Despesas 1940			P. Y. Guisio Passionista 87	
5	Mai	balas (doces) aos membros do Catecismo	15	000
10	" "	Lenço para o Colégio S. Antonio	23	000
13	" "	Óleo de lâmpada, tinta etc.	14	000
18	" "	Carne e linguiça para o Colégio S. Antonio	34	000
21	" "	Para um machadinho	7	500
25	" "	Impressão e compra de folhetinhos	23	000
" "	" "	por compra de garrafas	60	000
			176	500

Fonte: Passionistas (1922-1954, p. 87).

Pe. Candido, como ressaltado anteriormente, também dava doces às crianças na Epifania. Mas encontrei uma outra menção no seu diário sobre essa prática, além de outras estratégias para atrair as crianças nas atividades da Igreja. Em primeiro de maio de 1918, ele descreveu o que fez na sua manhã: “mês de Maio e S. Missa, 7-8 hora. Presenteio doce as crianças do Colégio”⁹⁷ (GHIANDONI, 1953-1955, p. 48,

⁹⁷ “Mese di Maggio e S. Messa, 7-8 ore. Regalo dolci ai bambini del Collegio”.

tradução minha). Outra estratégia foi uma competição entre as crianças na catequese, como a que ocorreu no dia 4 de março de 1917: “tarde – Bom recurso de tempo. Competição de meninos e meninas do Catecismo e Distribuição de Prêmios”⁹⁸ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 225, tradução minha).

Mesmo em outros tempos, Duarte (1939, p. 136) coloca uma reflexão entre o meio público, as famílias e a esfera católica, mostrando resquícios de uma ordem privada familiar que gerenciavam as estruturas do estado e que “onde quer que toda seita ou Igreja tenha o direito de ter a criança em suas mãos para educa-la e imprimir-lhe a continuidade da sua crença, não haverá conflitos. E nisso essa ordem privada foi magnânima com a Igreja”.

Em 13 de janeiro de 1918, Pe. Candido comentou sobre outra prática para se aproveitar dos adultos por intermédio das crianças:

13 dº Domingo – Bocaiuva e Pedra Negra. Levantar rotineiro. Conf. E S. Comunhão 20. S. Missa: Evangelho – 9’12 – 10’12. Doutrina as Crianças. Batizado – Refeição 12 horas.

Nota.- Sobre o exemplo do meu antecessor, P. Fº Bonato, primeiro fazia a Doutrina as Crianças, de modo a aproveitar dos Adultos – depois os Batismos.⁹⁹ (GHIANDONI, 1953 – 1955, p. 11, tradução minha).

Os meios utilizados pelos padres passaram por estratégias para manter as crianças na Igreja ou até mesmo para mudar uma realidade, conforme Pe. Manoel citou em 1940: antes dessas ações tinha-se uma frequência baixa de crianças na Paróquia de Colombo. Entre a teoria, as orientações e a prática, os padres precisaram contornar certas situações para manter a frequência das crianças e relataram conscientemente que essas ações poderiam reverberar também nos adultos. Eles tinham em mente se utilizar das crianças para conseguir manter os pais nas atividades propostas. Pela reflexão de Chartier (1991):

⁹⁸ “Sera – Funzione per il buon tempo. Disputa dei Bambini e Bambine del Catechismo e Distribuzioni di Premi”.

⁹⁹ 13 dº Domenica – Bocayuva e Pedra Nera. Levata solita. Conf. e S. Comunioni 20. S. Messa: Vangelo – 9’12 – 10’12. Dottrina ai Bambini – Battezzare – Refezione or. 12.

Nota.- Sull’esempio del mio antecessore P. Fº Bonato, prima faceva la Dottrina ai Bambini, affinche gli Adulti se ne approfissaro – poi i Battesimi.

por um lado, os dispositivos formais — textuais ou materiais — inscrevem em suas próprias estruturas as expectativas e as competências do público a que visam organizando-se portanto a partir de uma representação da diferenciação social. Por outro lado, as obras e os objetos produzem sua área social de recepção, muito mais do que as divisões cristalizadas ou prévias o fazem (CHARTIER, 1991, p. 186).

Talvez a Igreja não tivesse toda a hegemonia que se acredita nas representações para esses sujeitos; os escritos e as orientações eram importantes, mas era necessário dispor constantemente de práticas para alcançar as crianças, nem que fosse com o uso do doce ou deixando-as carregar o andor em procissões como recompensa. A partir do relato sobre as procissões com o andor, a Figura 57 a seguir me chamou a atenção por ser uma representação da fala do Pe. Manoel, porém, a fotografia é de um período posterior à descrição no Livro Tombo, trazendo, nesse registro, o Pe. Anselmo, na rua em frente ao Colégio, na década de 1950, o que me leva a pensar que aparentemente a Igreja deu continuidade nas estratégias postas pelo pároco anterior.

FIGURA 57 – PROCISSÃO COM O ANDOR, COLOMBO, DÉCADA DE 1950



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Além disso, nos indícios, com os fios e os rastros dos sujeitos e suas relações e práticas para a infância, a fotografia pode ser uma grande aliada, pois “está relacionado à necessidade dos iconografistas de prestar atenção aos detalhes, não apenas para identificar artistas, como argumentado por Morelli [...], mas também para identificar significados culturais” (BURKE, 2004, p. 47). A imagem deu a dimensão que supomos inicialmente nesta tese, a de que os ramos femininos e masculinos das congregações trabalharam em conjunto nas antigas colônias e estiveram às voltas propondo práticas educacionais, para dentro e para fora dos muros escolares, às crianças e aos jovens, chegando às ruas e a outros locais, articulando as normas da congregação e da Igreja Católica e suas adaptações à realidade, utilizando-se de estratégias para obter mais seguidores infantis e desenvolver seus próprios institutos.

Teixeira e Otto (2021) trazem narrativas memorialísticas sobre a infância, no caminho percorrido entre a casa e as escolas de Florianópolis-SC, na primeira metade do século XX. Nesse trabalho, elas demonstram as táticas de uso desse espaço nas suas artes de fazer:

A escola é o espaço de deslocamento da casa, rompe o contínuo socializador da família para com a infância. A rua, por seu turno, o intervalo desgarrado das instituições (família e escola), que é tanto a saída da casa quanto da escola, podia gerar um universo de regras resultante de outras mediações, para além das influências da família e da escola (TEIXEIRA; OTTO, 2021, p. 6).

Mas a rua não era somente um lugar produzido pelas ações das crianças. Era também um lugar utilizado como estratégia dos religiosos para colocar as crianças sob suas supervisões e até mesmo para dar visibilidade aos ritos do catolicismo para a sociedade.

A figura do andor com o menino Jesus também era emblemática e presente em momentos representativos da Igreja na vida da infância da cidade. Além das procissões, estava nas fotos das lembranças da Primeira Comunhão, como a Figura 58 a seguir que traz Raul Puppi, no dia 28 de outubro de 1951.

FIGURA 58 – LEMBRANÇA DA 1ª COMUNHÃO, 1951



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Inclusive, consta no livro de entradas e despesas que no dia 20 de março de 1940 foi comprada uma imagem do menino Jesus para a catequese pelo valor de 110.000 (PASSIONISTAS, 1922-1954, p. 83).

Além das estratégias, utilizando-se de doces e procissões, os diários de Pe. Candido dão indícios de como era o cotidiano das práticas do catecismo. A catequese durava, entre adultos e crianças, cerca de 2 horas. Pe. Candido, que sempre lembrava de Pe. Bonato, em 6 de julho de 1919, fez a seguinte anotação:

tarde Doutrina as Crianças hora 1'12. Entrada do Povo a Função. 2'12. S. Rosário, Adulto depois a Salve Rainha. Terminado o Catecismo Litanie e Bênção com o Santíssimo Sacramento hora 3'14.
Nota.

Procurai conservar o método horário do + P. Francesco Bonato que dirigiu por uns 20 anos nas Colônias, Colombo, Faria, Capivary e tinha administrado várias vezes Bocaiuva. Formou-se no Seminário de Vicenza e aprendeu bem a ser Pároco. Aqueles que queriam fazer o contrário não sabiam como funcionam as Paróquias¹⁰⁰ (GHIANDONI, 1953 – 1955, p. 195, tradução minha).

Além da revista *Calvário*, o diário de Pe. Candido trouxe indícios de que houve impressos que circularam na comunidade, muito tempo antes do início da revista, na década de 1920. É possível que os impressos tenham chegado por intermédio desses religiosos, voltados para o atendimento da catequese. Ele descreveu em primeiro de janeiro de 1919, o uso do seguinte impresso: “tarde – Catecismo, Crianças. Aos Adultos termino de explicar o 2º Volume de Mr. Goume¹⁰¹” (GHIANDONI, 1953 – 1955, p. 124, tradução minha).

Os indícios revelam também algumas de suas práticas na organização do catecismo. No dia 2 de janeiro de 1916, ele fez questão de descrever em cinco páginas suas ações. Primeiramente ele lembrou sobre Pe. Bonato, marcando que seguia muito do que ele fazia na cidade e novamente lembrando a péssima experiência da comunidade com o Pe. Angelo Macagnan, que gerou a carta de repúdio escrita por João Batista Lovato (e que possivelmente culminou na saída desse sacerdote e a vinda da Congregação Passionista à cidade):

O Rev.mo. P. Francesco Bonato da Diocese de Vicenza – Itália – tinha bem organizado o Catecismo as Crianças e aos Adultos como se fazia em Vicenza e como ordena a Pastoral Coletiva do Exmo.s Senhores Bispos do Brasil, por isso foi necessário dar continuidade ao que se praticava com excelentes resultados que se vinha praticando na Paróquia. Afinal era esta a maior preocupação daqueles bons Colonos Italianos, a instrução religiosa das suas numerosas crianças.

¹⁰⁰ *Sera Dottrina ai Bambini or 1'12. Entrata del Popolo alla Funzione. 2'12. S Rosario, Adulti dopo la Salve Regina. Terminato il Catechismo Litanie e Benedizione col SS. Sacramento or. 3'14.*

Nota.

Procurai di conservare il metodo orario del + P. Francesco Bonato che aveva retto per un 20 anni le Colonie, Colombo, Faria, Capivary ed avea amministrato varie volte Bocayuva. Si era formato al Seminario di Vicenza ed avea imparato bene a fare il Parroco. Quelli che vollero fare altrimenti non conoscevano come si reggono le Parrocchie.

¹⁰¹ “Sera – Catechismo, Bambini. Agli Adulti termino di spiegare il 2º Volume di Mr., Goume”.

E foi esta a principal causa da discórdia da colônia com o Pároco, P. Angelo Macagnan, a negligência que ele fez deste seu importante dever. Por isso os apelos contínuos e insistentes ao Bispo de Curitiba D. João F. Braga, o qual foi obrigado a retirar o referido P. Angelo Macagnan de Colombo¹⁰² (GHIANDONI, 1952-1953, p. 5-6, tradução minha).

Possivelmente a ligação entre o que Pe. Bonato fez na cidade e o que Pe. Candido citou em seu diário se deu pela proximidade deste último religioso com João Batista Lovato. Em diversas passagens, Pe. Candido citou a presença de Lovato junto a ele, comentando inclusive, conforme já foi citado neste trabalho, que ele fez seu curso universitário em Colombo.

Um fato interessante são as relações entre João Batista Lovato e Pe. Francisco Bonato. Existem indícios de que a família Bonato é uma ramificação da família Lovato. Antonio Bonato (2008), da Comune di Campolongo sul Brenta, no seu livro “Toponomastica e Onomastica Storica”, fez um levantamento sobre vários sobrenomes da região. Ele trouxe que depois de Bonato Lovato, nascido em 21/1/1572, houve a ramificação para Valentino Lovato/Bonato, nascido em 25/4/1664. A partir de então, seguem-se por ramos diferentes as famílias Lovato e Bonato.

Além disso, Gabardo e Machioski (2013) comentam que Pe. Bonato¹⁰³ nasceu em Olheiro, na cidade de Valstagna, Província de Vicenza, Vêneto – Itália, em 25 de novembro de 1853, tendo como padrinho Bernardino Lovato e Oliva Orlando.

Na análise das árvores genealógicas¹⁰⁴ dos dois personagens, João Batista Lovato era parente de Pe. Francisco Bonato. João Batista Lovato (Giovanni Baptista Lovato), nascido em 1867, era filho de Giacomo Lovato (1844), neto de Maria Madalena Bonato (1823) e bisneto de Antonio Bonato e Elisabetta Lovato. Padre Francisco Bonato era filho de Nicola Bonato (1818) e neto de Antonio Bonato e

¹⁰² *Il Rmo P. Francesco Bonato della Diocesi di Vicenza – Italia – avea bene organizzato il Catechismo ai Bambini ed agli Adulti come si faceva a Vicenza e come ordina la Pastorale Collettiva degli Eccmi Sig. Vescovi del Brasile, quindi si doveva continuare ciò che con ottimo risultato si veniva praticando nella Parrocchia.*

Del resto era questa la maggior preoccupazione dei quei buoni Coloni Italiani, l'istruzione religiosa dei loro numerosi figliuoli.

E fu questa la principale causa della discordia della colonia col Parroco, P. Angelo Macagnani, il trascurare che egli faceva di questo suo importante dovere. Perciò ricorsi continui ed insistenti al Vescovo di Curitiba D. Giovanni F. Braga, il quale fu costretto a ritirare il detto P. Angelo Macagnani da Colombo.

¹⁰³ Fotografia – anexo 12.

¹⁰⁴ A Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia mantém um projeto de genealogia que já registrou mais de 57 mil nomes, com a maior parte interligada por um laço de parentesco. O projeto é coordenado por Edilson Maschio.

Elisabetta Lovato. Ou seja, Pe. Francisco Bonato era primo de Giacomo Lovato, pai de João Batista – um elo de parentesco muito próximo. Talvez por isso Pe. Bonato aparecia a todo momento nas memórias da comunidade e provavelmente João Batista Lovato fazia questão de mantê-las.

Na Figura 59 a seguir, é possível observar Pe. Bonato no bairro Capivari. É o menor entre os adultos da imagem, pois era corcunda. Do seu lado direito, temos o Pe. Natal Pigato, de Santa Felicidade; do lado esquerdo, um pouco mais atrás, João Batista Lovato.

FIGURA 59 – PE. BONATO NO BAIRRO DO CAPIVARI, COLOMBO, ENTRE 1900 E 1913



Fonte: Museu Paranaense, registro MP171.

Continuando com a descrição feita por Pe. Candido, em seu diário, que fez questão de dar destaque ao Pe. Bonato, ele comenta sobre a prática cotidiana do catecismo e cita o apoio importante que recebia da comunidade para atender às crianças.

Vários Senhores e Senhoras ajudavam o Pároco nesta obra básica de instrução religiosa, e centenas de crianças e adultos frequentavam com interesse e entusiasmo.

O Pároco começava com orações e cantos e depois as crianças se dividiam segundo as suas classes com os respectivos professores que tinham anotado em um caderno os nomes dos alunos, a presenças deles e ausência. E assim o Pároco conhecia o andamento do Catecismo e na ocasião da explicação do Evangelho na S. Missa, fazia as retomadas, se fosse necessário.

Quando começava, passava o Pároco de classe em classe, e depois no um quarto final, enquanto se cantava, as crianças se colocavam em ordem nos bancos, e o mesmo Pároco fazia o fechamento, dirigindo a todos, apropriada alocação. E esta alocação, bem preparada, deveria estar ao alcance de todos, grandes e pequenos¹⁰⁵ (GHIANDONI, 1952 - 1953, p. 6-7, tradução minha).

Tem-se uma discussão sobre a abertura da Igreja para os leigos a partir dos trabalhos do Concílio Vaticano II. Beozzo (1993b, p. 47) destaca que “internamente, os anos 50 marcam o esforço de organização e articulação maior da Igreja no seu conjunto, assim como a ascensão de um laicato ativo tanto na Igreja como na sociedade”. Mesmo antes do anúncio do Concílio do Vaticano II, em 1959, no Brasil já havia uma expansão da ação católica, consolidando o peso e a influência do laicato na vida da Igreja, e

entre 1950 e 1961 realizaram-se, em âmbito nacional, oito semanas teológicas, quatro semanas bíblicas, dois congressos de vocações sacerdotais, muitas reuniões e cursos para reitores, superiores e professores de seminários, encontros de catequese, de diários e semanários católicos (BEOZZO, 1993b, p. 51).

A década de 1950 foi um tempo de gestação para outras orientações fundamentais da Igreja Católica. Segundo Beozzo (1993b), no Brasil essa década gestou uma consciência ético-política, com uma ação católica que passou de um cunho paroquial, para algo mais especializado, pelos ambientes e classes sociais; outro fator decisivo foi a colaboração direta do laicato, além de uma Igreja preocupada com o destino dos mais pobres.

¹⁰⁵ *Vari Signori e Signore coadiuvavano il Parroco, in quest'opera basica dell'istruzione religiosa e centinaia di bambini ed adulti la frequentavano con interesse ed entusiasmo.*

Il Parroco incominciava con preghiere e cantici e poi i bambini si dividevano secondo la loro classe coi rispettivi maestri che avevano notati in un quaderno i nomi degli alunni, la loro presenza ed assenza. E così il Parroco conosceva l'andamento del Catechismo e nell'occasione della spiegazione del Vangelo alla S. Messa, faceva i dovuti richiami qualora ve ne fosse bisogno.

Come l'aveva incominciato, passava il Parroco di classe in classe, e poi un quarto prima della fine, in quanto si cantava, i bambini si collocavano in ordine nei banchi, e lo stesso Parroco ne faceva la chiusura, dirigendo a tutti, appropriata allocuzione. E questa allocuzione, ben preparata, doveva essere alla portata di tutti, grandi e piccoli.

No apanhado de Francisco e Rodrigues (2012, p. 129), o Concílio iniciou em 11/10/1962 e, após alguns intervalos, terminou em 7/12/1965. Foi o período em que a Igreja discutiu sua relação com o mundo produzindo dezesseis documentos, dentre eles, vários que abordam as questões relacionadas aos leigos, como:

a Constituição *Lumen Gentium* (sobre a Igreja), a Constituição *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo de hoje), o Decreto *Apostolicam Actuositatem* (sobre o apostolado dos leigos), o Decreto *Ad Gentes* (sobre a atividade missionária da Igreja), o Decreto *Presbyterorum Ordinis* (sobre o ministério e a vida dos presbíteros).

Esse foi o Concílio dos leigos. Dos decretos citados anteriormente, o *Apostolicam Actuositatem* “[...] explicita que os leigos têm vários campos de atuação, entre eles, a catequese, entendida como uma das formas de condução dos homens à Igreja (AA, n. 10)” (DALSOTTO; LUCHESE, 2019, p. 33).

No entanto, percebemos no relato de Pe. Candido que essa nunca foi uma tarefa assumida de maneira solitária, ou apenas com o apoio das congregações femininas. Mesmo que, de maneira coadjuvante, no ano de 1916, com as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus ainda se estabelecendo em Colombo, ele destaca que vários “senhores” e “senhoras” assistiam o pároco no atendimento catequético das crianças.

Além disso, ele finaliza suas memórias com uma reflexão sobre a catequese, citando novamente Pe. Bonato, Colombo e até os maus exemplos no Rio de Janeiro, local onde ele estava no ano em que passou a limpo seu diário:

S. Francisco de Sales, ele estava se preparando para dar o Catecismo, isso significa que ele conhecia sua importância e dificuldades. Posso dizer com verdade e dor que vi entre o Clero poucos que deram ao Catecismo a importância devida, que o ensinaram com amor, entre estes poucos se pode registrar o P. Francesco Bonato Cura de Colombo, o P. Sigismondo, P. Ignazio Passionistas.

A ignorância do catecismo é a principal causa da indiferença religiosa e da imoralidade entre os católicos. E esta ignorância não é apenas entre a classe humilde do povo, mas também entre as pessoas que se dizem intelectuais. Provo este exemplo estando no Rio de Janeiro, convencido da ignorância do Catecismo também entre os membros da Confraternidade, eu queria apresentar o estudo do 2º Catecismo entre eles. Indo às Conferências de São Vicente, querendo persuadi-los da necessidade do Catecismo para conhecer melhor o Nosso Senhor para amá-lo mais e servi-lo nos seus pobres, mostrei que as breves formas do catecismo contêm a maior sabedoria. Eu disse, por exemplo, como o Sinal da Cruz indica os principais mistérios de N. S. Fé. Quando perguntei como indicamos a Unidade de Deus ao fazer o Sinal da Cruz, um capitão, por outro lado fervoroso, respondeu: dizendo as palavras: Pai, Filho e Espírito Santo. Outro advogado de Vicenza disse humildemente que nunca havia pensado nisso. Expliquei a pergunta e todos aceitaram o catecismo.

Nós, sacerdotes, devemos persuadir-nos de que a generalidade do povo não conhece ou esqueceu o significado do (bis) significado o significado das palavras do catecismo¹⁰⁶ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 8-9, tradução minha).

Da catequese, tem-se a coroação desse rito com a primeira comunhão, um festejo bastante marcante na vida da infância católica, dentro do recorte desta tese, e que foi mencionado e registrado em publicações impressas pelos Passionistas e por imagens.

Sobre a catequese paroquial e a comunhão solene, Anjos traz que:

essa catequese paroquial, aliás, teria um objetivo em especial: preparar mais intensamente as crianças para a recepção da primeira comunhão solene, outra inovação ultramontana que aos poucos – mas dependente da catequese para realizar-se a contento – foi sendo implantada no Império para o incremento da espiritualidade sacramental e devocional que o catolicismo reformado trazia consigo. (Anjos, 2019, p. 89).

¹⁰⁶ S. Francesco di Sale, si preparava per dare il Catechismo, vuol dire che ne conosceva l'importanza e le difficoltà.

Posso dire con verità e dolore che ho visto fra il Clero pochi, che davano al Catechismo l'importanza dovuta, che lo insegnassero con amore, fra questi pochi si possono registrare il P. Francesco Bonato Curato di Colombo, il P. Sigismondo, P. Ignazio Passionisti.

L'ignoranza del Catechismo è la causa principale dell'indifferenza religiosa e dell'immoralità fra i cattolici. E questa ignoranza non è solo fra la classe umile del popolo, ma anche fra le persone, che si dicono intellettuali. Lo provi quest'esempio Stando in Rio di Janeiro, convinto dell'ignoranza del Catechismo anche fra i membri delle Confraternite, volli introdurre lo studio del 2º Catechismo fra le medesime. Venendo alle Conferenze di S. Vincenzo, volendo persuaderle della necessità del Catechismo per meglio conoscere Nostro Signore per quindi amarlo di più e servirlo nei suoi poveri, feci vedere che le brevi formale del catechismo racchiudano la più elevata sapienza.

Dissi per esempio, come il Segno della Croce indica i principali misteri di N. S. Fede. Quando domandai come indicavamo l'Unità di Dio facendo il Segno della Croce un Capitano, d'altra parte fervoroso, rispose: dicendo la parole: Padre, Figlio e Spirito Santo. Altro vicentino, avvocato disse umilmente, di non averci mai riflettuto. Spiegai la domanda, e tutti accettarono il catechismo.

Noi sacerdoti dobbiamo persuaderci che la generalità del popolo, non conosce o ha dimenticato il significato il (bis) significato il senso delle parole del catechismo.

Amparado em Wernet, Leva (2014) destaca que a Igreja em São Paulo, com os capuchinhos, teve uma série de mudanças e inovações típicas do ultramontanismo, dentre elas as devoções marianas, as Filhas de Maria e a solene primeira comunhão.

No contexto internacional, Martin-Fugier (2009, p. 252) ressalta que a solenidade da comunhão coletiva tem suas raízes na França.

A comunhão coletiva e solene foi introduzida na França em meados do século XVIII, inicialmente em algumas instituições religiosas, em particular as jesuíticas, e depois, logo a seguir, nas paróquias. Ainda não era muito difundida em 1789, e foi adotada de maneira geral apenas depois da Concordata.

A pesquisadora ainda destaca em sua reflexão sobre a primeira comunhão que essa solenidade disputa, com o dia do casamento, o status de “mais belo dia da vida”. Sobre a idade para esse sacramento da Igreja, durante o século XIII, com o Concílio de Latrão, a criança poderia comungar com a idade em que pudesse distinguir entre o bem e o mal; porém, no século XVI, o Concílio de Trento traz como idade para este “discernimento” entre os nove e os quatorze anos, em que, com o passar do tempo, isso foi tendendo a uma idade superior ao período estabelecido (MARTIN-FUGIER, 2009). No século XIX, retoma-se as discussões para que as crianças comunhem cedo. Segundo Martin-Fugier (2009), o papa Pio IX condenou a primeira comunhão em idade tardia, com a *Quam singulari Christus amore*. No decreto lançado pelo papa Pio X, ordenou-se que as crianças recebessem a comunhão assim que tivessem rudimentos da religião, ou seja, por volta dos sete anos de idade.

A idade do recebimento da primeira comunhão, a preparação com a catequese para esse dia, o ritual da cerimônia, entre outros, são todas ações para materializar a religião. E essa materialidade contribui para marcar a memória daqueles que vivenciaram esse momento, para a escrita de impressos produzidos pelos religiosos e para a produção de fotografias da solenidade, além de se constituir em um artefato para a posterioridade, como as lembranças entregues como um “certificado” de uma etapa cumprida dentro dos ritos previstos pela Igreja Católica.

Os rituais do batismo, da primeira comunhão, da crisma e do casamento, na classe dominante brasileira, acompanham a tendência, inaugurada na Europa do século XIX, de solenidade mundana. O aparato cerimonial na igreja é feito para deixar, para cada um destes ritos, uma lembrança indelével, devidamente preservada pela imagem fotográfica. Desde os anjinhos das cidades do interior dos anos 1920 até o aparato suntuário que acompanha a jovem na sua primeira comunhão, nos anos 1940, foi se dando um entrelaçamento de imagens que posiciona a infância como o momento inaugural da sensibilidade religiosa católica (MAUAD, 2008, p. 135).

Geertz (2019), no livro *A interpretação das culturas*, há um capítulo que marca “A Religião como Sistema Cultural”. É interessante a discussão do autor de que a ação religiosa pode remeter a um ponto de vista analítico, imbuído de certo complexo específico de símbolos, além claro, de uma autoridade persuasiva. O autor complementa que isso pode chegar ao ritual: “é no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas” (GEERTZ, 2019, p. 82). Nesse ritual da primeira comunhão, como a infância está sendo representada? Passamos do miniexército das vocações, com uniforme e cabelos raspados, para minissantos, com asas, véus e mãos formando um gesto de oração?

Na realidade do Colégio Farroupilha, pelas análises de imagens da primeira comunhão, o trabalho de Scholl e Grimaldi (2013, p. 361) demarca que essa solenidade também era acompanhada de uma série de significações que fortaleciam o simbolismo do rito, como:

as velas decoradas que os comungantes carregavam, as braçadeiras de cetim branco que os meninos ostentavam, o terço, o missal, os véus das meninas, os retratos dos comungantes e os “santinhos” – registros impressos nos quais figuravam imagens sacras, de caráter piedoso ou simbólico, alusivas à eucaristia, que eram distribuídos como uma lembrança do evento aos participantes, familiares e amigos dos comungantes.

Esses símbolos, além de compor o grande dia, também faziam parte das lembranças/certificados entregues às crianças, conforme se pode observar na Figura 60 a seguir.

FIGURA 60 – LEMBRANÇA DA PRIMEIRA COMUNHÃO – ELVIRA D'AGOSTIN



Fonte: Acervo da Família Motin.

Na imagem que retrata a lembrança da primeira comunhão de Elvira D'Agostin, solenidade celebrada por Pe. Alberto, no ano de 1932, pode-se observar uma criança recebendo o sacramento das mãos do padre, tendo ao lado um coroinha segurando uma vela. À volta da criança, encontram-se anjos e logo abaixo um livro apoiado em lírios, que representam inocência e pureza.

Na lembrança o destaque é para a figura masculina, a do padre, porém, essa solenidade muitas vezes provinha da união entre os padres e as irmãs locais para a preparação e atendimento das crianças. Na Figura 61 a seguir, mesmo sendo em outra localidade, mas que também era uma antiga colônia italiana do Paraná, traz essa realidade com os padres e as freiras juntos às crianças.

FIGURA 61 – PRIMEIRA COMUNHÃO, SANTA FELICIDADE, 1930



Fonte: Acervo iconográfico das Irmãs do Sagrado Coração, Curitiba.

O registro fotográfico, as vestes brancas, os festejos e algumas outras memórias do ritual são sempre lembradas em diversas outras localidades. Os Padres Passionistas faziam questão de descrever alguns desses acontecimentos que ocorriam nas diversas cidades que eles atuavam, na revista *Calvário*, que circulava

por diversos estados do Brasil. O dia da Primeira Comunhão era descrito quase como uma poesia, como é possível perceber no texto do ano de 1930, sobre a cerimônia no Santuário do Calvário, em São Paulo:

Era o dia 28 de setembro próximo passado. Uma manhã esplendida, após vários dias de chuvas e tempestades. O sol elevava-se risonho e bello no límpido horizonte, dourando com seus raios dardejantes o Santuario do Calvario, que se ergue imponente sobre uma das numerosas colinas de Villa Cerqueira Cezar, um dos mais belos arrabaldes da imensa e rica Paulicéa. (CALVÁRIO, outubro-novembro de 1930, n.p.).

E os religiosos complementaram a descrição demarcando este como sendo um dos dias mais importantes para a infância católica: “Primeira Communhão!... Como é bello e de uma alegria celeste o dia da primeira Communhão!... Entre as festas da infancia christã não há mais bela, mais agradável nem mais tocante do que a da primeira Communhão” (CALVÁRIO, outubro-novembro de 1930, n.p.).

Nessa solenidade, os religiosos e a comunidade trabalhavam para marcar a memória da infância por outros meios também, utilizando-se de algumas estratégias, como a oferta de banquetes, com doces e outras comidas, provavelmente alimentos que aquelas crianças não estavam acostumadas a ter em suas casas. Pe. Candido relembra em seu diário um desses momentos, a princípio não era na Primeira Comunhão, mas foi num momento em que as crianças frequentavam a Igreja. No dia 19 de março de 1917, ele descreveu: “as Crianças e os Genitores que acompanhavam os seus Filhos a S. Missa, tomaram café na casa do Padre e à noite voltaram felizes para casa”¹⁰⁷ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 229, tradução minha).

Na realidade gaúcha do Colégio Farroupilha, Scholl e Grimaldi (2013, p. 368) destacam que era costume após a missa da primeira comunhão, “[...] servirem um lauto café ou chocolatada no salão paroquial, na escola ou nas residências das famílias”, além disso, “[...] os ritos religiosos transmutam-se em eventos sociais, revestidos de relevante investimento simbólico” (SCHOLL; GRIMALDI, 2013, p. 368).

Na descrição da revista *Calvário* sobre a Primeira Comunhão na Igreja Calvário, em São Paulo, no dia 29 de junho de 1938, tem-se também a citação do banquete servido às crianças:

¹⁰⁷ “*I Bambini ed i Genitori che accompagnarono i loro Figliuoli alla S. Messa, presero il caffè nella casa del Padre e la sera tornarono felice alle loro casa*”

Seguiu-se o café. O salão das reuniões sob um céu de bandeiras brancas e amarelas, ostentava várias longas mēzas cobertas de doces. Foi hora de grande entusiasmo. Um pequeno comungante leu um discursinho. Foi-lhes servido um abundante e excelente chocolate e doces em profusão. (CALVÁRIO, julho de 1938, n.p.).

Pe. Eugenio fez a Primeira Comunhão com 6 anos e meio. Sobre esse dia, ele relembrou também das comidas e roupas:

No dia da festa, recebemos roupas novas e, pela primeira vez, vesti paletó e gravata. As meninas tinham uma roupa parecida com as vestes de noiva. [...] Depois da Missa, as crianças receberam um lanche com doces variados, já que muitos moravam um pouco distante da igreja (MEZZOMO, 2016, p. 20).

Uma possibilidade de relação entre a alimentação pós-missas é o fato do Código de Direito Canônico de 1917 trazer como privação para receber a comunhão, quem não havia feito o jejum da meia-noite até o seu recebimento. No documento é descrito:

857-858. Ninguém vai se comunicar duas vezes no mesmo dia. Quem não jejuou a partir da meia-noite não pode receber a Sagrada Comunhão, exceto por perigo urgente ou necessidade de impedir a irreverência do Santíssimo Sacramento. Os doentes há um mês sem esperança de recuperação, aconselhando o confessor, podem fazê-lo uma ou duas vezes por semana, mesmo que tomem algum remédio¹⁰⁸ (VATICANO, 1917, n.p., tradução minha).

Mesmo com o decorrer dos anos, a Constituição Apostólica *Christus Dominus* de 1953 mantém a regra do jejum a partir da meia-noite, mas traz algumas mudanças, como a permissão da água, desde que não interrompa o jejum, além de exceções para os enfermos e sacerdotes:

I. Aqueles que não se encontram nas condições particulares, indicaremos a seguir, devem continuar a observar o jejum eucarístico a partir da meia-noite. Damos, no entanto, como regra geral, válido, desde já, para os sacerdotes e para os fiéis, que a água natural não quebre o jejum eucarístico.
II. O doente, ainda que não hospitalizado, pode tomar, com o prudente conselho do confessor, algo como uma bebida de verdadeiro remédio, salvo bebidas alcoólicas. A mesma concessão se aplica aos sacerdotes doentes que celebram a Santa Missa.

¹⁰⁸ 857-858. Nessuno si comunicherà due volte nello stesso giorno. Chi non è digiuno dalla mezzanotte non può comunicarsi, eccetto urgente pericolo o necessità d'impedire l'irriverenza al SS.mo Sacramento. Gli infermi da un mese senza speranza di guarigione, consigliandolo il confessore, possono farla una o due volte la settimana, sebbene presa qualche medicina.

III. Os sacerdotes que celebram tarde, ou depois de um trabalho sério do sagrado ministério, ou depois de uma longa viagem, podem beber alguma coisa, exceto álcool; no entanto, devem abster-se disso pelo menos uma hora antes da celebração da Missa¹⁰⁹ (VATICANO, 1953, n.p., tradução minha).

Algumas mudanças continuam sendo esboçadas com a *Motu proprio Sacram Communionem* de 1957, com uma redução do tempo de jejum:

No início de 1953 [6 de janeiro] emitimos a Constituição Apostólica *Christus Dominus*, pela qual aliviamos o rigor da lei sobre o jejum eucarístico para que os fiéis pudessem receber a Sagrada Comunhão com mais frequência e cumprir mais facilmente o preceito de ouvir o Santo Missa nos dias santos. Para isso, concedemos aos Ordinários locais o poder de permitir a celebração da Missa e a distribuição da Sagrada Comunhão nas primeiras horas da noite, desde que sejam cumpridas certas condições. Reduzimos o tempo de jejum a ser observado antes da celebração da Missa e da recepção da Sagrada Comunhão à tarde para três horas para alimentos sólidos e para uma hora para líquidos não alcoólicos¹¹⁰ (VATICANO, 1957, n.p., tradução minha).

Mesmo que seja aliada ao contexto de quebra de um jejum pós-missas, a alimentação na solenidade da primeira comunhão ou em outras ações da Igreja para as crianças e os jovens, é viva na memória desses sujeitos, como algo que marcou essas fases da vida. Em uma entrevista sociolinguística, Toniolo (2019) foi indagada sobre a catequese, se era dada em português ou italiano na década de 1940. Na sua resposta, ela conta que era em português e relembra as comidas que as famílias faziam para as crianças e enviavam para a Igreja: “e então para incentivar as crianças a ir a catequese, elas faziam todos os domingos e tinha uma família que fazia cestos de *grostoli* [massa doce frita], de bolinhos de chuva. E então, depois do final da

¹⁰⁹ I. *Quelli che non si troveranno nelle particolari condizioni, indicheremo in appresso, dovranno continuare a osservare il digiuno eucaristico dalla mezzanotte. Diamo, però, come norma generale, valevole, d'ora innanzi, per i sacerdoti e per i fedeli, che l'acqua naturale non rompe il digiuno eucaristico.*

II. *Gli infermi, anche se non degenti, possono prendere, con prudente consiglio del confessore, qualche cosa a modo di bevanda di vera medicina, esclusi gli alcoolici. La stessa concessione vale per sacerdoti infermi, che celebrano la santa Messa.*

III. *I sacerdoti che celebrano ad ora tarda, o dopo grave lavoro del sacro ministero, o dopo lungo cammino, possono prendere qualche cosa a modo di bevanda, esclusi gli alcoolici; da ciò, tuttavia, devono astenersi almeno per lo spazio di un'ora, prima della celebrazione della Messa.*

¹¹⁰ *In the early part of 1953 [January 6] We issued the Apostolic Constitution Christus Dominus, by which We eased the rigor of the law on the Eucharistic fast so that the faithful could receive Holy Communion more frequently and more easily fulfill the precept of hearing Holy Mass on holy days. For this purpose We granted to local Ordinaries the power to allow the celebration of Mass and distribution of Holy Communion in early evening hours, provided certain conditions be fulfilled. We lessened the time of fasting to be observed before the celebration of Mass and the reception of Holy Communion in the afternoon to three hours for solid food and to one hour for non-alcoholic liquids.*

catequese, então todos em fila e iam pegar o lanche”¹¹¹ (TONIOLO, 2019, tradução minha).

Quando questionada sobre as outras ações da Igreja, ela relembra da Cruzada Eucarística e Filhas de Maria, mas marcando na memória o uso dos sapatos e novamente as comidas oferecidas nesses momentos:

Sim, sim... a cruzadinha, depois Filha de Maria. [...] Era o dia mais bonito que tinha, o domingo mais bonito do mês. Saíamos todos a pé, em bando, com os calçados em mão, porque naquele tempo não tinha estrada, tinha só barro. E com os sapatos em mão e um pedaço de trapo e que no tanque se lavava os pés, se enxugava e depois íamos na igreja. E a hora melhor que existia, era a hora do café. As freiras faziam o café. Então tínhamos o direito a um pão... um fiorin [moeda], não é um fiorin, não sei quanto e tinha uma xícara de café com pão. Não tinha margarina, nada, somente aquele pão. Mas para nós era a melhor festa¹¹² (TONIOLO, 2019, tradução minha).

Além da memória das comidas, uma questão importante que Tonilo ressaltou na sua fala foi o uso dos sapatos. Possivelmente o uso desse aparato era somente nos eventos religiosos, inclusive eles iam a pé e, quando estavam próximos da Igreja, limpavam os pés e colocavam os sapatos.

Na Figura 62 a seguir, pode-se observar as crianças e suas roupas especiais para o dia da Primeira Eucaristia.

¹¹¹ “E dora par insentivar i tosati a andar al catecismo, eore e fava tute e dimeneghe gera na famégia che fava sestai de grustui de boligni de chuva. E dora, dopo finio el catessismo, dora tuti in fia i nava ciapar el lanche”.

¹¹² Sì, sì... a cruzadigna, dopo Figlia de Maria. [...] A gera el di pi beo che ghea, a dimeniga pi bea del mese. Se partivino tuti a pie in bandi e con e scarpe in man porche chea volta non ghe gera strada ghe gera soeo paltan. E con e scarpe in man e un toco de peéssa e che sol tanche se avavino i pie se sugàvino e dopo nàvino in cesa. E a ora pi bona che ghe gera, gera a ora del caffè. E moneghe fava el caffè. Dora ghivino el dirito na pan... un fiorin, no ze un fiorin, no so quanto e gera na cicra de fé con pan. No ghe gera margarina, gnente, soeo chel pan. Ma par noantri gera a megio festa.

FIGURA 62 – 1º COMUNHÃO EM COLOMBO, INÍCIO DA DÉCADA DE 1920



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Sobre a imagem, é interessante observar que as meninas faziam uso dos sapatos e meias brancas, porém, as meninas no canto direito da imagem, estavam apenas com meias brancas e bota ou sapato escuro. Seria proposital deixar essas crianças no canto da imagem? Outra questão que chama a atenção na figura é a menina sentada no chão. Será que ela estava descalça e, por isso, foi colocada nessa posição para não aparecer essa característica? Se seriam esses os motivos, não posso afirmar, contudo, as questões podem ser levantadas. Na discussão sobre o etnólogo e suas imagens, Darbon (1998, p. 106-107) comenta que

[...] no nível do emissor, a imagem, longe de nos dar uma visão unívoca do que seria a realidade, pode, no entanto, propor múltiplas dimensões dessa realidade, eventualmente contraditórias, em função da subjetividade do fotógrafo, do contexto, de condicionamentos sociais ou técnicos etc.

E complementa que “o receptor, ele também, tem sua própria subjetividade, sua história pessoal e suas grades de leitura; ele percebe a imagem num ambiente e num contexto suscetíveis de colorir sua percepção” (DARBON, 1998, p. 106-107).

Nessa direção, Kossoy (2020, p. 138) ressalta que

das múltiplas faces da imagem fotográfica apenas uma é explícita, a iconográfica, mimesis de uma pretensa realidade, ou a realidade da imagem enquanto tal, isto é, sua *realidade exterior*. Entre o referente e a representação existe um *labirinto* cujo mapa se perdeu no passado: desapareceu com o próprio desaparecimento físico do fotógrafo, o criador da representação.

Mas entre esse labirinto cujo mapa se perdeu, observando a face explícita, é interessante notar que, para as ações da Igreja, as roupas e, principalmente, os calçados eram essenciais – nem que esses fossem pretos e ficassem no cantinho da foto. Mas para a escola, mesmo sendo católica, com as freiras, o cotidiano traz outra realidade: as crianças descalças. Esse detalhe é possível observar na imagem a seguir, do ano de 1951.

FIGURA 63 – CRIANÇAS NO COLÉGIO CATÓLICO, COLOMBO, 1951



Fonte: Acervo iconográfico do Colégio Passionista Nossa Senhora do Rosário.

Pelas imagens é possível observar uma diferença entre as vestimentas de ir à escola, com as crianças descalças e as roupas da missa, e as da solenidade da Primeira Comunhão, pois se tratava de festa marcada por uma formação católica, cujo

público era constituído pela presença da família, padres, freiras e toda a comunidade. Por ser uma solenidade, ocorriam fatos que a diferenciavam de uma missa qualquer. A diferença que chama a atenção é de sentido estético. Mesmo as missas sendo importantes, em que todos usavam roupas diferentes e até mesmo sapatos (objeto que não era rotineiro no cotidiano da infância), no dia da Primeira Comunhão, as crianças e os jovens portavam indumentárias próprias para o festejo.

No comparativo entre Brasil e Espanha, Domínguez e Vasconcelos (2021, p. 20) fazem uma reflexão nessa direção:

Além disso, em ambos os países, Brasil e Espanha, os vestidos das meninas do dia de sua primeira comunhão são marcos de memória, que não se apagam, mesmo para aquelas cujas fotografias se perderam ou que, por razões econômicas, não foram fotografadas, demonstrando que essa indumentária representava muito mais do que uma simples vestimenta naquele dia tão especial.

Em uma nota sobre esse festejo, na Igreja do Calvário, em 31 de outubro de 1943, os Padres Passionistas, a respeito das vestes, escreveram que

O Vigário, revmo. Pe. Miguel da Imaculada Conceição falou às crianças com palavras repassadas de ternura. Depois, os **Anjos**, com seus vestidos de seda, com suas azas grandes, fazendo cântico aos Anjos do Céu que assistiam invisíveis à augusta cerimônia, acompanhavam as crianças à sagrada mesa. (CALVÁRIO, dezembro de 1943, n.p.).

Magueta (2015) destaca que, ao longo dos anos, a Primeira Comunhão passou de uma celebração religiosa para um rito de passagem, às vezes, conforme demarca a bibliografia apontada pela autora, como um rito de passagem para a adolescência. Assim, a partir do século XIX, os trajes especiais foram instituídos, sendo que o traje feminino muitas vezes fazia referência ao culto da Imaculada Conceição e “[...] a roupa branca se impõe às meninas e, desta maneira, sua similaridade com pequenas noivas” (MAGUETA, 2015, p. 76). Magueta (2015) ainda coloca na literatura que aos meninos cabia o terno, geralmente o primeiro terno do “homem”.

A partir dessa reflexão, é possível observar, na Figura 64 a seguir, as meninas como pequenas noivas, os meninos portando possivelmente os seus primeiros ternos, os anjos, além dos padres, ao centro, e os catequistas nas laterais.

FIGURA 64 – PRIMEIRA COMUNHÃO, COLOMBO, ENTRE 1947 E 1955



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Pela imagem temos as crianças com roupas semelhantes, todas arrumadas. O momento da Primeira Comunhão parecia configurar um festejo bastante esperado, muitas vezes sem demonstrar a dura realidade de crianças que acompanhavam seus pais durante a semana de trabalho no campo. Mas, como Burke (2004, p. 145) alerta sobre as imagens: “da mesma forma, a imagem da escola de um povoado com sua organizada segregação dos sexos pode representar um ideal em vez da confusa realidade”.

Ainda sobre a imagem, tem-se apenas a representação da figura religiosa masculina junto às crianças em sua primeira comunhão, além de duas mulheres, também vestidas de branco, porque provavelmente haviam assumido a formação catequética das crianças.

Talvez a foto tenha sido registrada nos anos em que não houve nenhuma congregação católica feminina na cidade, na transição entre as Irmãs de São José, nos confins da década de 1940, e o retorno das Passionistas em 1951. No retorno a Colombo, é registrado no Livro Tombo que essas religiosas atuaram na formação

catequética da infância: “na festa de Sto. Rei, diligentemente preparadas pelas Irmãs Passionistas durante 2 meses, fizeram a sua Primeira Comunhão 74 crianças da paróquia” (LIVRO TOMBO, 1959, p. 73).

Todavia, quando se tem o retorno das congregações femininas, as figuras das mulheres leigas em um dos registros fotográficos desaparecem. Na Figura 65 a seguir, temos o mesmo padre no centro da imagem e duas religiosas passionistas. Teriam as mulheres leigas deixado de assumir essa função de formação da infância, com a chegada da congregação feminina? Ou apenas foram ofuscadas no registro fotográfico?

FIGURA 65 – PRIMEIRA COMUNHÃO EM COLOMBO, PRIMEIRA METADE DE DÉCADA DE 1950



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Entretanto, destaco que o papel das freiras também implicava em assumir algumas funções na sociedade. O caso da Sagrada Família de Bordeaux, tratado por Leonardi (2011), demonstra como essa congregação feminina chegou ao Brasil, em 1908, e se envolveu em diversas outras atividades até a fundação de um colégio, em 1953. Na discussão da trajetória das religiosas, Leonardi (2011) trouxe uma reflexão sobre a missão das freiras, que em parte é possível ampliar para outros contextos.

Mas a missão das freiras no Brasil era vista como civilizadora. Fosse ela na saúde ou na pensão, diante de um povo simples, cuja ignorância justificava a própria existência e presença das missionárias, sua ação seria sempre a mesma: a evangelização para civilizar, educar dentro do espírito cristão. A Igreja, por ver-se como detentora da verdade e da moral universais, também se considera instituição educadora por excelência. Qualquer congregação, por diferente que seja em sua estrutura interna, seu carisma e sua missão, terá como tarefa intrínseca a educação, dentro da moral católica (LEONARDI, 2011, p. 112).

Além disso,

o trabalho dessas mulheres ia ao encontro do plano de ação da Igreja no período, segundo a orientação ultramontana, que visava à expansão dos quadros religiosos, de frentes de trabalho pastoral (especialmente a catequese) e dos sacramentos. Para esses últimos, a figura do padre era indispensável. Entretanto, eram as freiras que, na maior parte das vezes, encaminhavam as pessoas até os padres (LEONARDI, 2011, p. 117).

Por essa reflexão, pode-se perceber o destaque dado às religiosas nos registros fotográficos da Primeira Comunhão, junto ao padre da cidade.

Diante desse contexto, percebo que a religiosidade, marcada pela Igreja e pelos Padres Passionistas, além da materialização dos ritos da Primeira Comunhão e a da catequese, desses religiosos também proporcionavam uma troca cultural com bases étnicas. A congregação se utilizou da comunidade para expandir e modelar, no entanto, também foi modelada por aqueles católicos que aqui já estavam. Todavia, os dois grupos, congregação e comunidade, em conjunto, também produziram uma nova cultura marcada pelo momento e pelo novo local, que reverberou no atendimento da infância e da juventude, de modo que essas novas gerações foram construindo o “ser ítalo-brasileiro de Colombo”.

3.3 ITALIANIDADES FORA DA ITÁLIA

Ainda pensando nas propostas e ideias para a infância de descendentes que circularam por e entre esses sujeitos, à primeira vista pensamos nas escolas e nas congregações femininas que atuaram em Colombo, que chegaram justamente para coordenar esses espaços. Claro que o ramo escolar teve seu destaque na atuação das congregações, mas não foi o único. No entanto, tal relevância é destacada no campo educacional, em que, no relatório do Boletim Diocesano, nº 3, do ano de 1900, um dos primeiros cuidados de Dom José de Camargo Barros “[...] foi o de fundar

escolas paroquiais, onde se instruísse as crianças [...]” (ARQUIDIOCESE, 1958, p. 286). A instrução, como também o acompanhamento de religiosos italianos na comunidade, trazia o desenvolvimento de uma nova cultura no lugar, que se materializava no cotidiano pelas práticas e consumos.

Cultura ordinária e cultura de massa não são equivalentes. Dependem de problemáticas diferentes. A segunda remete a uma produção em massa que simplifica os modelos propostos para ampliar sua difusão. A primeira diz respeito a um “consumo” que trata o léxico dos produtos em função de códigos particulares, muitas vezes obras dos praticantes e em vista de seus interesses próprios (CERTEAU, 2013, p. 341).

Em uma nova realidade, os consumos compõem as adaptações de cada contexto e momento histórico. A comunidade era formada majoritariamente por italianos e descendentes, com padres italianos, porém, em um novo continente. Jogos de trocas entre italianidades e brasilidade foram tomados pelos articuladores religiosos e pela comunidade, os quais reverberavam na infância e na juventude colombense.

As Irmãs do Sagrado Coração de Jesus chegaram para a função de atendimento escolar, no Paraná, ainda no ano de 1900. Elas tiveram diversas escolas nas colônias italianas (como em Colombo, entre 1916 e 1927), mas que acabaram sendo fechadas anos depois, por motivos variados, ficando em destaque com poucas instituições, como a escola de Santa Felicidade, conforme mostra a Figura 66 a seguir.

FIGURA 66 – ESCOLA EM SANTA FELICIDADE, 1900



Fonte: Acervo iconográfico das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, Curitiba.

Segundo consta na descrição da imagem presente no acervo histórico da congregação, entre 1900 e 1938, a escola paroquial de Santa Felicidade funcionou com o curso primário em turmas mistas. Depois desse período houve a ampliação do atendimento para outras séries. Assim, como demonstrava as orientações de Scalabrini, os primórdios da escola, em Santa Felicidade, segundo Azzi (1987, p. 280-281), foram marcados pelos traços da cultura italiana:

Auxiliada pelo governo da Itália, a escola manteve inicialmente o caráter de uma verdadeira escola italiana, sem nenhuma vinculação com a realidade brasileira¹¹³. Era este um dos riscos, aliás, de uma organização eclesial baseada na etnia, apesar dos esforços do prelado por diminuir esse fechamento cultural.

Quando se trabalha com a infância e a juventude descendentes italianos, a relação étnica pode ser um fator importante, principalmente quando a Igreja tinha uma representatividade, já que

¹¹³ Mesmo com o forte vínculo com a Itália, será que as escolas italianas no exterior não tinham mesmo qualquer vinculação com a realidade brasileira?

essas inter-relações são embutidas e reformuladas por redes de relações sociais mais envolventes. Desse modo, o impacto da educação, que se pode observar em diferentes países, como também as estruturas da modernidade alcançadas em cada um deles, são conseqüências das diversas condições contextuais dominantes em diferentes sociedades, que, por sua vez, influenciam essas mesmas condições contextuais de maneiras diversas (SCHRIEWER, 1995, p. 267).

A Igreja, tendo como via a educação escolar, aproximava a infância e a juventude de elementos de uma italianidade, que, muitas vezes, os antepassados delas nem haviam tido contato na península, como a língua – o italiano standard.

Nessa direção, um fato interessante sobre as relações com o país de origem, é que Pe. Candido, em Colombo, tinha contato com o consulado italiano. Em 27 de janeiro de 1916, ele escreveu que

s. Missa em casa h. 6. – Saudar o Cônsul Italiano que retornava à Itália. h. 9. Este distinto funcionário permanecera grandemente admirado e grato pela obra de nós Missionários, que ajudávamos as autoridades a conservar, primeiro a religião depois a dignidade humana e italiana entre pessoas cujos filhos teriam homenageado a grande pátria adotiva do Brasil¹¹⁴. (GHIANDONI, 1952-1953, p. 31, tradução minha).

No entanto, não só em Colombo aconteciam esses encontros entre os Padres Passionistas e o consulado italiano (ou outros representantes da Itália). Na mesma descrição do dia 27 de janeiro de 1916, Pe. Candido lembrou que em 1925 ele visitou, na Itália, o Ministero degli Esteri.

Muitas vezes esses órgãos italianos financiavam de alguma forma a educação dos imigrantes e descendentes no Brasil. As Irmãs do Sagrado Coração de Jesus foram um exemplo da união entre Igreja e Estado italiano no atendimento além-mar. Além da escola em Santa Felicidade, a congregação também assumiu uma escola católica que estava em processo de construção, em Colombo. Para esse processo acontecer, a comunidade, muitas vezes pela figura de João Batista Lovato, e os padres uniram esforços para esse projeto. Em 3 de janeiro de 1916, Pe. Candido lembrou a “vinda das Irmãs Zeladoras que aceitaram se instalar na casa do Senhor

¹¹⁴ S. Messa in casa h. 6. – Salutare il Console Italiano che ritornava in Italia. h. 9. Questo distinto funzionario, rimase grandemente ammirato e grato per l'opera di noi Missionari, che aiutavamo le autorità nel conservare, prima la religione poi la dignità umana ed italiana fra persone i cui figli avrebbero fatto onore alla grande patria di adozione il Brasile.

G. B. Lovato, enquanto se construía o Colégio¹¹⁵ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 35, tradução minha).

João Batista Lovato esteve desde o início, junto com Pe. Candido, envolvido na organização da escola católica da cidade, enquanto o prédio não ficava pronto. Em 26 de fevereiro de 1916, Pe. Candido descreveu que chegaram em Colombo as Irmãs Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus e “[...] que provisoriamente lecionam na casa de Gio Batt. Lovato que generosamente a cede”¹¹⁶ (GHIANDONI, 1910-1916, n.p., tradução minha).

Inclusive, em outro momento, dia 27 de março de 1916, ele descreveu a visita do bispo e registrou que, no período de construção do Colégio, Lovato cedeu sua casa e morou em um paiol:

Depois de ter celebrado a S. Missa às 6h, acompanhei S. E. ao Colégio Provisório das Irmãs Zeladoras do S. Coração, na casa do nunca elogiado suficientemente, por ter cedido a sua casa, e passado meses com sua família em um “paiol.. depósito” Senhor João Batista Lovato¹¹⁷ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 49, tradução minha).

Pe. Candido conta que a primeira pedra do Colégio Santo Antonio foi benzida no dia 19 de março de 1916 (GHIANDONI, 1952-1953, p. 46), mas, para a consolidação do projeto, a comunidade entrou novamente em cena com a doação de dinheiro e materiais, conforme a descrição de 31 de maio de 1916:

com o Sr. Luigi Gasparin estive em Veados, pedindo ofertas para o Colégio e obtivemos 500 mil réis, para o mesmo fomos obrigados a comer as 3 horas, satisfeitos com a caridade recebida e a paciência com o relativo jejum, já que tínhamos tomado café e leite”¹¹⁸ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 79, tradução minha).

¹¹⁵ “*Venuta delle Suore Zelatrici che accettarono volentieri d’istallarsi nella casa del Sig. G. B. Lovato, mentre si costruiva il Collegio*”.

¹¹⁶ “[...] *che provvisoriamente fanno scuola nella casa de Gio Batt. Lovato che generosamente la cede*”.

¹¹⁷ *Dopo aver celebrato la S. Messa alle or. 6, accompagno S. E. al Collegio Provvisorio delle Suore Zelatrici del S. Cuore, nella casa del non mai lodato abbastanza, per aver ceduto la sua casa, e ridottasi a passare mesi colla sua famiglia in un “paiol.. depoisto” Sig Giambattista Lovato.*

¹¹⁸ “*Con il Sig. Luigi Gasparin fui al Veado, chiedendo offerte per il Collegio ed ottenemmo 500 mil reis, per il medesimo si riducemmo a desinare alle 3 ore, soddisfatti della carità ricevuta e pazienza del digiuno relativo, giacche avevamo preso caffè e latte*”.

No dia 7 de novembro de 1916, em visita ao Bacaetava, comentou que “somente com um café tomado na casa dos Milani. Ofereceram 50.000 para o Colégio”¹¹⁹ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 156, tradução minha).

Além das doações, Pe. Candido, em uma nota no dia 6 de abril de 1916, contou que a população ajudava na construção: “montava-se o belo e grande cavalo, Bauco¹²⁰, e ia correndo de uma família para outra para convidar para trabalhar. Estas obras feitas com a ajuda do povo, custam muita paciência e feliz quando se encontra população como a de Colombo”¹²¹ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 55, tradução minha).

Em 30 de setembro de 1916, Pe. Candido demarca uma das importâncias do Colégio: “[...] naquela época se estava construindo o Colégio das Irmãs, para ajudar o Pároco na formação da juventude numerosa e forte, esperança do imenso Brasil e da Igreja”¹²² (GHIANDONI, 1952-1953, p. 133, tradução minha).

A educação escolarizada também era uma marca vista como importante pela Igreja. Otto (2012) traz a realidade de Santa Catarina por uma associação de professoras do estado, do início do século XX, enfatizando que o discurso das jovens professoras incorporava um caráter missionário na associação entre a educação e o religioso: “Com as escolas paroquiais, o sistema de ensino católico visava constituir sujeitos católicos obedientes à autoridade eclesiástica, disciplinados e afeitos à prática sacramental” (OTTO, 2012, p. 405).

No caminho em se ter um local para ampliar os discursos religiosos às crianças e aos jovens, no dia 1º de junho de 1917, João Batista Lovato ganhou sua casa novamente quando as irmãs se transferiram para o Colégio:

S. Missa, apresentar as Irmãs, na casa do Senhor João Batista Lovato. Função da 1º Sexta-Feira. Bênção na Capelinha da mesma casa. As Irmãs Zeladoras do S. Coração se transferiram ao Colégio construído para elas, transportando a imagem de S. Antonio em procissão com as crianças da escola¹²³ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 367, tradução minha).

¹¹⁹ “*col solo caffè preso dai Milani. Offrirono 50.000 per il Collegio*”.

¹²⁰ Bauco significa bobo no dialeto vêneto.

¹²¹ “*Si montava il bello e grande cavalo, Baucco, e via correndo da una all'altra famiglia per invitare al lavoro. Queste opere fatte col concorso del popolo, costano molta pazienza e felici quando s'incontrano popolazioni come Colombo*”.

¹²² “[...] allora si stava costruendo il Collegio delle Suore, perché aiutassero il Parroco nella formazione della gioventù numerosa e forte, speranza dell'immenso Brasile e della chiesa”.

¹²³ S. Messa, presenti le Suore, nella casa del Sig. Giovanni Battista Lovato. Funzione del 1º Venerdì. Benedizione nella Capellina della stessa casa. Le Suore Zelatrici del S. Cuore si trasferiscono al

O mobiliário do Colégio foi comprado no dia 4 de julho de 1917: “procuramos Alberto Fullani para os móveis para o Colégio”¹²⁴ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 381, tradução minha).

Para a inauguração do Colégio, em 1917, no dia 16 de julho, Pe. Candido descreveu que foi até o Cabral para convidar o presidente do estado para a inauguração do Colégio (GHIANDONI, 1952-1953, p. 384). Provavelmente o presidente não compareceu, pois na descrição da inauguração tem-se somente a citação da presença do bispo. O Colégio foi inaugurado no dia 22 de julho de 1917. “Assim terminou esta obra que terá um grande desenvolvimento, sendo um centro de cultura e espiritualidade”¹²⁵ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 389, tradução minha). Na Figura 67 a seguir o Colégio Santo Antônio.

FIGURA 67 – COLÉGIO SANTO ANTONIO, 1917



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Collegio costruito per loro, trasportando la statuetta di S. Antonio in processione coi bambini della scuola.

¹²⁴ “Si và da Alberto Fullani per mobili per il Collegio”.

¹²⁵ “Così ebbe termine quest’opera che prenderà un grande sviluppo, essendo un centro di cultura e di spiritualità”.

Essa imagem provavelmente representa uma das primeiras atividades na nova construção. Seriam os adultos presentes os responsáveis por auxiliarem na construção do prédio, por meio de doações e trabalho?

No livro de receitas e despesas da Igreja de Colombo, que data a partir do ano de 1922, é possível identificar que, na descrição das ofertas, valores oferecidos pelos “devotos a favor da Escola Santo Antonio” foram, por vários meses e anos, destinados para a escola ou para as irmãs que estavam em Colombo (PASSIONISTAS, 1922-1954).

Importante ressaltar que a chamada, para um centro de cultura e espiritualidade, trazia a italianidade em algumas ações e solenidades que envolviam o catolicismo e a comunidade. No mesmo ano de inauguração do novo prédio, Pe. Candido colocava a escola também como um local para as missas, conforme é representado na Figura 68 a seguir.

FIGURA 68 – MISSA REALIZADA NO COLÉGIO SANTO ANTONIO, 1917



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia

No primeiro capítulo desta tese, trouxe que boa parte das fotografias da cidade de Colombo, entre as décadas de 1920 a 1940, foram feitas por Luiz Franceschi. Entretanto, um achado importante no diário de Pe. Candido ressalta que possivelmente as fotografias anteriores à década de 1920 tenham sido feitas pelo fotógrafo Augusto Weiss, já que, no dia 31 de agosto de 1917, Pe. Candido escreveu que “sexta-feira= Vem comigo a Colombo o fotógrafo Alemão Católico, Augusto Weiss para tirar fotografias de Colombo para mandar ao Rio de Janeiro na Exposição de Arte Cristã e Movimento Católico do Brasil”¹²⁶ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 403, tradução minha). Interessante o destaque que Pe. Candido deu para o fato de Weiss ser católico.

Na imagem anterior, tem-se a presença de três bandeiras na celebração religiosa. Infelizmente não é possível identificar se alguma é a bandeira italiana, como aconteceu em outros momentos e celebrações pela cidade, como veremos adiante. Todavia, uma reflexão importante é que os padres italianos foram mediadores na construção dos comportamentos da comunidade, transformando-os e/ou mantendo-os como católicos fervorosos e como italianos e descendentes. Essa ideia é apontada por Luchese e Barausse (2021, p. 39-40) quando comentam sobre celebrações de italianidade no Rio Grande do Sul, entre 1924 e 1926.

A celebração do Cinquentenário contou com forte apoio dos muitos padres italianos que acompanhavam – na capital e no interior – os imigrantes e seus descendentes. Eles foram importantes mediadores que sensibilizaram para a construção da representação do italiano ideal, fosse colono, comerciante ou industrialista, mas católico fervoroso, que, com trabalho progredia, mantendo-se ordeiro e pacífico.

Como pontuado por Azzi (1987), sobre a escola católica de Santa Felicidade, a escola de Colombo também traz indícios de marcas étnicas italianas, mas sempre acompanhada da figura dos religiosos. Em 30 de agosto de 1917, Pe. Candido descreveu: “saio com P. Edoardo para Curitiba hora 9’14, chego ao Cabral = hora 11’12 = Tarde cidade com P. Taddei, que veio almoçar conosco, para convidar o

¹²⁶ “Venerdi= Viene con me a Colombo il fotografo Tedesco Cattolico, Augusto Weiss per prendere fotografie di Colombo per mandare a Rio de Janeiro nell’Esposizione di Arte Cristiana e Movimento Cattolico del Brasile”.

Cônsul Italiano para assistir aos exames no Colégio, hora 5”¹²⁷ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 403, tradução minha).

Poucos dias depois, ele confirmou no diário a chegada da autoridade italiana na cidade, no dia 4 de setembro de 1917, para o 1º Exame no Colégio: “chegada do Con. Italiano, Cav. Massimo Goffredo, com Padres Sigismondo e Eduardo”¹²⁸ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 404).

Na descrição desse dia, Pe. Candido ressaltou que as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus seguiam o programa brasileiro, porém, ensinavam a leitura em italiano:

Faço notar que se fez adotar no Colégio das Irmãs, o Programa do Governo Brasileiro, reservando somente o ensinamento do italiano, que se reduzia a leitura. Naquele tempo, a Itália subsidiava as escolas onde se encontravam Italianos oferecendo gratuitamente livros e um salário aos Professores¹²⁹ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 405, tradução minha).

A relação entre o aprendizado de uma nova pátria e a preservação da língua do país de origem foi tratada pela ótica da imigração italiana em São Paulo na região de Campinas, entre 1880 e 1920, por Corrêa (2000, p. 92):

Decorre então, avançar conjecturando sobre os impactos disso na construção da identidade cultural dessas gerações, uma vez que, aprender português parece indicar a necessidade de apropriação de códigos lingüísticos da nova ordem cultural e por isso distintos que, num processo de convívio social e de sua consolidação, torna-se imprescindível, ao mesmo tempo em que é necessário manter, preservar a língua materna, o italiano, tanto como referência, quanto substrato de uma nacionalidade e identidade que precisa permanecer viva na memória das gerações seguintes e distantes da pátria.

No artigo “Na escola para aprender, *a scuola* para não esquecer: a materialidade dos livros bilíngues para educar a infância ítalo-brasileira”, encontrei indícios da circulação, nas escolas de Curitiba e região, de livros bilíngues, que compunham a coleção *La scuola e la vita* com livros de leituras e silabários, escritos por Siro Corti e Pietro Cavazzutti (MOTIN; MASCHIO, 2021). Alguns dos livros que

¹²⁷ “Parto col P. Edoardo per Curitiba or. 9’14, arrivo al Cabral = ore 11’12 = Sera città col P. Taddei, venuto a pranzare con noi, per invitare il Console Italiano per assistere agli esami nel Collegio, or. 5”.

¹²⁸ “Arrivo del Con. Italiano, Cav. Massimo Goffredo, coi Padri Sigismondo ed Eduardo”.

¹²⁹ Faccio notare che feci addottare nel Collegio delle Suore, il Programma Governativo Brazileiro, riservando solo l’insegnamento d’italiano, che si riduceva alla lettura. In quei tempi, l’Italia sovvenzionava le scuole dove si trovavano Italiani offrendo gratuitamente libri ed uno stipendio ai Maestri.

compõem a coleção foram encontrados no Arquivo Histórico das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, em Curitiba, com indicação inclusive de que Il Sillabario Italo-Portoghese (CAVAZZUTTI; CORTI, s.d.) foi utilizado por Maria Mottin, junto às Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, nas aulas do curso primário. A nota no material ressalta que as crianças estudavam o italiano na escola todas as quintas-feiras, nos outros dias as aulas eram em português.

Sobre a circulação de livros didáticos italianos em escolas de imigrantes e descendentes, Corrêa (2000, p. 129) ressalta que,

neste sentido, não se trata do modo de conviver com a sociedade mais ampla, mas da tentativa de manter vivos nesta sociedade elementos considerados por eles mais significativos da terra de origem. Trata-se então, da escolarização por meio da língua materna, o que tenderá a reforçar no grupo, referências sócio-culturais de origem.

Inclusive, em seus escritos, Pe. Candido reforçou os indícios de que a comunidade recebia materiais impressos vindos da Itália. No dia 31 de maio de 1918, esse religioso descreveu: “recebo da Tipografia de Tappi Torino: 7 Volumes de Januier. 7 de Gibier; 4 Vol. Bonomelli – Evangelho. 4 Vol. Raciocínio. Vida de S. P. S. Pio X”¹³⁰ (GHIANDONI, 1953-1955, p. 55, tradução minha).

Sobre o ensino da língua italiana, além da nota já mencionada sobre o silabário utilizado em Colombo, o diário de Pe. Candido dá mais alguns detalhes de outra visita do cônsul à escola, no dia 22 de março de 1919. Nesse registro ele destaca que, nos primórdios do Colégio, antes da chegada das Irmãs italianas do Sagrado Coração de Jesus, a instituição de ensino era organizada por João Batista Lovato:

Visita de S. E. Embaixador da Itália, Conde Alessandro Bosdare às Escolas Italianas no Exterior que o Governo ITº subsidiava. A escola de Colombo, chamada S. Antonio, quase sempre foi apoiada pelo Sr. João Batista Lovato, um excelente professor em todos os aspectos. Continuou até a chegada das Irmãs Zeladoras que adotaram o Programa do Governo, acrescentando apenas o ensino do italiano. Assim, um dever para com a pátria foi cumprido com a adoção do Brasil, não esquecendo a língua da pátria de origem, a Itália¹³¹ (GHIANDONI, 1953-1955, p. 160, tradução minha).

¹³⁰ “Recevo della Tipografia di Tappi Torino: 7 Volumi di Januier. 7 del Gibier; 4 Vol. Bonomelli – Vangeli. 4 Vol. Ragionamenti. Vita del S. P. S. Pio X”.

¹³¹ *Visita di S. E. l’Ambasciatore d’Italia, Conte Alessandro Bosdare alle Scuole Italiane all’Estero che il Governo Itº sussidiava. La scuola di Colombo, chiamata di S. Antonio fu quasi sempre sostenuta dal Sig. Giovanni Battista Lovato, ottimo Maestro sotto tutti i rispetti. Continuò fino alla venuta delle Suore*

Sobre o discurso do cônsul, o Pe. Candido escreveu sobre o cotidiano da infância no Colégio, entre aprender o português e o italiano e manter o respeito e o patriotismo ao país dos antepassados, além de viver a nova realidade brasileira:

O Embaixador, no qual, entre outras coisas, disse que Colombo foi uma página de ouro para a Itália pela inteligência, moderação de costumes e laboriosidade que honrou a pátria da Itália e do Brasil. Generoso que acolheu como crianças os recém-chegados que iriam cooperar no progresso da Pátria Nova, do imenso Brasil. Após vários recitativos pelos alunos em português e italiano e o canto da bandeira das duas nações, S. E. distribuiu várias medalhas também de ouro, aos mesmos alunos¹³² (GHIANDONI, 1953-1955, 161, tradução minha).

Interessante o apontamento de Otto (2005, p. 57), o qual remonta sobre as escolas paroquiais nas colônias do Médio Vale do Itajaí-Açu, sobre a atuação do clero franciscano:

as ações que objetivavam a garantia de uma sólida formação religiosa como parte essencial do currículo escolar tornam patente que a intenção dos seus idealizadores era a formação de sujeitos fiéis às diretrizes da Igreja Católica. Nesse sentido, por meio da escola paroquial procurou-se constituir uma identidade de imigrantes italianos católicos romanizados. Pode-se inferir que simplesmente ensinar em língua italiana ou dialetal não se constituía cultivar a italianidade, o que para o cônsul Giuseppe Caruso MacDonald era a forma de manter os colonos italianos ligados aos sentimentos religiosos.

Para os religiosos alemães, o objetivo principal era a preservação do catolicismo e não da cultura italiana. No entanto, a identidade italiana remetia à preservação da fé católica. Em Colombo, a identidade católica/italiana não só remetia a continuidade do catolicismo, como também a troca e a construção do ser ítalo-brasileiro, tendo não apenas as bases da imigração, como também o contato com religiosos e cônsules, italianos de um período posterior à imigração da comunidade.

Depois do exame no Colégio Santo Antonio, o cônsul e possivelmente outras pessoas foram almoçar na casa de Alfeo Puppi. Importante destacar que esse

Zelatrice che addotarono il Programma Governativo aggiungendo appena l'insegnamento dell'Italiano. Così si giunse a compiere un dovere verso la patria adottiva il Brasile, non dimentica la lingua della patria di origine l'Italia.

¹³² *l'Ambasciatore, in cui fra l'altro disse che Colombo era per l'Italia una pagina di oro per l'intelligenza, morigeratezza di costumi e laboriosità che facevano onore alla patria di origine l'Italia ed Brasile. Generoso che accolse come figli i nuovi venuti che avrebbero cooperato al progresso della Nuova Patria, l'immenso Brasile. Dopo vari recitativi degli Alunni in portoghese ed in italiano ed il canto alla Bandiera delle due nazioni, S. E. distribui varie medaglie anche di oro agli stessi alunni.*

imigrante tinha ligação direta com o consulado, conforme descrito no dia 25 de outubro de 1917: “visita ao Senhor Alfeo Puppi, representante consular da Itália”¹³³ (GHIANDONI, 1952-1953, p. 421, tradução minha). Alfeo Puppi era pai de Antonio Puppi, quem viajou à Itália em 1927 e de quem foi mostrado seu bilhete de viagem no capítulo 1 desta tese.

A Figura 69 a seguir traz a fachada de casa de Alfeo, na década de 1920, que ficava em frente à Igreja Matriz de Colombo e trazia a bandeira italiana, conforme aponta a Figura 69 a seguir.

FIGURA 69 – CASA DE ALFEO PUPPI, DÉCADA DE 1920



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Mesmo tendo uma comunidade repleta de descendentes de italianos, congregações dessa etnia e até mesmo representantes do consulado, a construção da italianidade em Colombo gerava incômodos a outras pessoas do local. No dia 3 de setembro de 1918, Pe. Candido escreveu que o prefeito da cidade, que não era de

¹³³ “Visita al Sig. Alfeo Puppi rappresentante consolare dell’Italia”.

origem italiana, pediu para que Puppi retirasse a bandeira italiana da fachada de sua casa.

Terça. Exames no Colégio das Irmãs. Lev. Idem. - Santa Missa - 8-9 h. Chegada do Sr. Cônsul da Itália Goffredo Cavaliere Massimo. O Prefeito de Colombo, José (Juca) Fontoura mandou retirar a bandeira italiana hasteada na casa dos Vice-Cons. It. Alfeo Puppi¹³⁴ (GHIANDONI, 1953-1955, p. 86, tradução minha).

A controvérsia entre a política local da cidade, os religiosos e alguns descendentes foi possível de ser destacada por conta do registro no diário de Pe. Candido. Essas fontes, “[...] expondo representações da memória familiar e grupal de seu tempo, tornam possível a instauração de teias de sensibilidades pelo conhecimento de detalhes de acontecimentos sociais, culturais e políticos de uma época” (CUNHA, 2019, p. 139).

Mesmo tendo uma expressividade numérica na cidade, tanto os representantes da Igreja Católica quanto os italianos precisavam de táticas também para manter os seus símbolos, que se não pudesse ser hasteada a bandeira em uma casa, no meio da cidade, no Colégio ela apareceria em diferentes momentos e anos. Poderiam gerar os mesmos incômodos descritos por Pe. Candido, porém, mesmo assim, far-se-iam presentes, utilizando-se de atividades sutis e alterações de um espaço que dava indícios de também ser opressor no uso dos símbolos da Itália:

Mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nessas estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor (CERTEAU, 2014, p. 74).

Assim como as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, as Passionistas também estiveram (e estão) presentes no campo escolar. A segunda expansão delas no Brasil foi para o Paraná, chegando primeiramente em 1926, a pedido de Caetano Munhoz da Rocha, para atender a um asilo e anexo a ele, uma escola de Reforma Feminina. Entretanto, um ano depois iniciaram a coordenação do Colégio Santo Antonio em

¹³⁴ *Martedì. Esami al Collegio delle Suore. Lev. Idem. – S. Messa – 8-9 h. Venuta del Sig. Console Italiano Goffredo Cavaliere Massimo. Il Prefetto de Colombo, José (Juca) Fontoura fece ritirare la bandiera Italiana asteata nella casa del Vice Cons. It. Alfeo Puppi.*

Colombo, que até poucos anos atrás havia contado com o atendimento das italianas do Sagrado Coração de Jesus. Na antiga colônia, houve dois momentos de atuação: entre 1927 e 1933, e a partir de 1951, estando presentes até hoje.

Pelo registro da chegada das Passionistas à cidade na Figura 70 a seguir, tinha-se o destaque para o país de origem dessa congregação, em que a quarta bandeira (da esquerda para a direita) parece ser a do reino da Itália. Um detalhe é que nenhuma das religiosas que estiveram nesse momento em Colombo era italiana, sendo quatro brasileiras e uma portuguesa. Todavia, vale destacar que, antes das Passionistas chegarem ao Colégio Santo Antonio, as Irmãs do Sagrado Coração haviam passado por essa instituição. Dessa forma, a bandeira talvez fosse uma herança das antigas religiosas italianas ou da própria comunidade ou da sociedade italiana, que, em outros tempos e moldes, teve uma iniciativa escolar.

FIGURA 70 – CHEGADA DAS PASSIONISTAS EM COLOMBO, EM 1927



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Trento (1988, p. 170) marca que “no mundo fechado das colônias sulinas de povoamento, o clero conseguirá, por um bom tempo, manter intactos no imigrante a fé, a língua e um equivocado amor pela pátria: elementos várias vezes sublinhados

pelas publicações católicas”. Algumas dessas marcas étnicas serão modificadas pelo tempo, mas de alguma forma irão aparecer e serem ressaltadas em Colombo. Em discussões na sociologia e na antropologia, conforme demarcam Poutignat e Streiff-Fenart (2011), alguns pesquisadores dessas áreas já colocaram que, entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento, existiria um ajustamento entre os recém-chegados e o local, trazendo um enfraquecimento da consciência e da solidariedade étnica. A filosofia liberal e progressista da sociologia americana das décadas de 1950 e 1960 conduz alguns pesquisadores a verem na assimilação do imigrado um processo inevitável a longo prazo. Entretanto, Poutignat e Streiff-Fenart (2011) continuam as reflexões sobre o processo de assimilação e comentam a crise das teorias de modernização. Eles se apoiam em Glazer & Moyhihan e suas pesquisas sobre cinco grupos-étnicos da cidade de Nova York, de que existe a emergência de uma “nova etnicidade”, uma “[...] criação de identidade étnicas distintivas baseadas na experiência da vida nos Estados Unidos mais que na manutenção das antigas culturas étnicas” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p. 69). No entanto, no caso americano, o modelo de assimilação foi desmentido, claro que algumas especificidades culturais foram amenizadas e algumas práticas niveladas por um modo de vida moderno, em que os americanos, independentemente da sua origem étnica, compartilham alguns valores e aspirações comuns do “american way of life¹³⁵”. “Mas o imprevisível no quadro de análises das teorias da modernização era que, a despeito desse processo de uniformização cultural, as antigas distinções étnicas não somente não foram abolidas, mas tornaram-se fontes de mobilização coletiva” (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p. 70).

Em muitas fotografias a bandeira italiana e outras características da etnia se fizeram presentes entre essas congregações católicas em meio à infância e à juventude. Todavia, alguns símbolos nacionais brasileiros também terão destaques nos registros de Colombo, no “brazilian way of life”, marcado por trocas e ênfases aos símbolos italianos, em alguns momentos, e os símbolos brasileiros, em outros.

Entretanto, trago uma reflexão que Otto (2005) faz sobre esse símbolo:

¹³⁵ “modo de vida americano”.

todavia, partilhar de um conceito, de um mesmo símbolo, como, por exemplo, a bandeira italiana, não significa partilhar da mesma imagem mental, de um mesmo significado. Com isso está se querendo dizer que os cônsules viam na bandeira o símbolo do nacionalismo italiano. Para os colonos também teria tal significado? Provavelmente eles a associassem ao vilarejo natal (OTTO, 2005, p. 216).

Mesmo a bandeira estando associada ao religioso, até mesmo entre comunidade e Igreja, esse símbolo poderia ter significados diferentes. Neste sentido, concordo com Otto (2005) quando diz que, para os colonos, o símbolo estava muito mais próximo à associação do vilarejo natal e da vida que eles deixaram do outro lado do Atlântico.

Além das bandeiras e da catolicidade, um dos símbolos de uma italianidade (da mesma forma ligada aos vilarejos natais), que a infância e a juventude mantinham, possivelmente seriam ainda os dialetos da região do Vêneto, na Itália. Acredito nesse indicativo, pelas entrevistas feitas com sujeitos da região de Colombo que tiveram sua infância entre as décadas de 1940 a 1950. Pe. Eugenio, nas suas memórias, também recorda fatos da sua infância na escola e da língua dos seus antepassados.

O ensino era em português, mas, a professora devia explicar o sentido de muitas palavras, porque grande maioria não entendia português. Os alunos eram todos descendentes de italianos. Os manuais vinham com figuras e contavam-se muitas estórias na leitura, que era muitas vezes feita em voz alta. Diziam que, ao unir as letras, olhava-se para a figura. Assim se contava que: S+A=SA. P+O=PO. Unindo as duas sílabas, alguns teriam lido ROSPO, nome que corresponde ao sapo em vêneto, cuja figura estava desenhada no livro (MEZZOMO, 2016, p. 20).

Com as Passionistas, a partir de 1927, encontrei indícios de que elas só trabalhavam com livros em português, diferente do que ocorria com as Irmãs do Sagrado Coração. Irmã Faustina, Passionista, em um ofício ao Diretor de Instrução Pública do Estado do Paraná, solicitou alguns livros de leitura ao Colégio Santo Antonio, sendo esses livros da Coleção Proença e da Série Braga (PARANÁ, 1930b).

Os impressos, de autores paulistas, estavam de acordo com muitas das discussões da época para a construção de um nacionalismo:

No plano pedagógico, compreendem-se os livros de leitura como um depositário de conteúdos e veículo portador de um sistema de valores, em que os solicitados pelas Passionistas, defendiam muitos dos ideais para a construção de uma pátria, pautados no nacionalismo, ordenamento dos hábitos comportamentais e de trabalho, além dos conteúdos científicos (ORLANDO; MOTIN, 2017, p. 319).

Como exemplo dessa gangorra entre símbolos nacionais da Itália e do Brasil, tem-se um registro de 1928 (Figura 71), em que a Irmãs Passionistas aparecem somente com a bandeira brasileira entre as crianças, em uma comemoração cívica, conforme foi indicada pela legenda do acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

FIGURA 71 – IRMÃS PASSIONISTAS COM PE. ALBERTO E ALUNOS EM COMEMORAÇÃO CÍVICA – 1928



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Esse registro fotográfico traz algumas situações curiosas que, mesmo não tendo as respostas, acho importante ressaltar, como: i) somente os meninos portam chapéu; ii) uma menina, no meio da primeira fileira, aparenta ter uma idade muito menor do que as outras crianças, e não encontrei a indicação de que as Irmãs Passionistas tivessem em 1928 a oferta de turmas do jardim de infância; iii) a escola estava posta em um local formado majoritariamente por imigrantes e descendentes italianos, na imagem aparentemente tem apenas um menino negro, na primeira fileira, do lado direito; iv) a bandeira italiana não foi posta à mostra, em um evento um ano depois da chegada das Passionistas à Colombo, como verificado na Figura 70, possivelmente por essa Figura 71 ser uma comemoração cívica brasileira, conforme a legenda da foto. José Murilo de Carvalho (1990), em *A Formação das Almas*, coloca que a bandeira e o hino são símbolos que podem representar o peso da tradição e precisaram ser estabelecidos por legislação e data certa para o imaginário de uma

república. Mas até que ponto a bandeira brasileira gerava “[...] entusiasmo nas almas, por meio desses poderosos instrumentos de propaganda” (CARVALHO, 1990, p. 128)? Para onde pendia o sentimento de pertencimento daquela infância, para as raízes dos antepassados italianos ou para o seu local de nascimento e nacionalidade brasileira?; v) além disso, as crianças estavam todas uniformizadas de branco, não sei se foi somente para a foto ou se, em outras ocasiões, na escola este era o uniforme, porém, essa padronização, independentemente da situação, traz uma indicação angelical à fotografia.

Já em outras fotografias, o peso da balança entre italianidade e brasilidade recai para a primeira. Em um outro registro, percebi a presença de símbolos referentes ao governo italiano e ao fascismo, na década de 1930, mais de 50 anos depois da primeira grande imigração e até então pouco discutidos pela historiografia de Colombo.

Se a maior parte da população tinha conhecimento sobre o fascismo, é uma incógnita, porém, os padres e freiras denotavam um poder simbólico, e muitos de seus pensamentos eram aceitos e seguidos pela comunidade. Inclusive, em suas memórias, Pe. Eugenio relembra: “o rádio apareceu só depois da minha primeira comunhão. As notícias importantes eram transmitidas pelo padre, sobretudo nos tempos de eleições. Quase sempre se votava nas eleições de acordo com o parecer do padre” (MEZZOMO, 2016, p. 11).

No ano de 1935, em uma fotografia com as Irmãs de São José, congregação de origem francesa, junto com o Pe. Alberto, em Colombo, aparecem as bandeiras do Brasil e da Itália. Mesmo a congregação da época sendo de origem francesa, acredito que isso não era um elemento perturbador, já que os símbolos de uma italianidade estavam presentes com essas religiosas e Pe. Alberto sendo italiano; eles também estavam presentes nas solenidades e, talvez, até mesmo em todo o cotidiano da escola. A princípio, na Figura 72 a seguir, é possível observar que, ao lado esquerdo e direito da porta principal, existem dois quadros obliterados.

FIGURA 72 – IRMÃS DE SÃO JOSÉ, EM COLOMBO, 1935



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

No entanto, na fotografia original (Figura 73), reproduzida nas chapas de vidro e digitalizadas pelo Arquivo Público do Paraná, de autoria do fotógrafo Luigi Franceschi, os dois quadros não estão rasurados e revelam a imagem à esquerda do rei Vitor Emanuel III e à direita de Benito Mussolini. Essa rasura demonstra que em parte algumas pessoas da comunidade sabiam do fascismo, inclusive tentando alterar, depois da produção dessa fotografia, os registros que tinham em casa, escondendo os quadros que estavam na imagem.

FIGURA 73 – IRMÃS DE SÃO JOSÉ, EM COLOMBO, 1935



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

A fotografia é reveladora de ao menos quatro reflexões e questões: i) existia uma aproximação da Igreja de Colombo com os princípios do fascismo? ii) em comparativo com fotografias mais antigas que representava a Società Italiana di Mutuo Soccorso Cristòforo Colombo, a bandeira italiana é diferente, não possui a coroa acima do brasão, representando então aquela do período fascista; iii) em que momento a imagem foi alterada, buscando apagar os quadros de Vítor Emanuel III e Benito Mussolini? iv) Pe. Alberto era um sujeito bem articulado que em um ano tirava foto ao lado do quadro de Mussolini e no outro ao lado do quadro de Vargas (conforme Figura 14 presente no tópico 1.2 desta tese).

Além disso, a imagem de Pe. Alberto com o quadro de Mussolini junto às crianças não é de maneira aleatória, Malvano (1996, p. 260) refletiu sobre o mito da juventude transmitido pela imagem do fascismo, em que a “[...] a juventude eterna, de uma nação perenemente jovem que se traduz na escolha política de um regime que fez dos jovens o fulcro da própria ação e o momento central do próprio sistema organizativo”. Mais do que o apoio a um regime político, as crianças e os jovens

também eram preferências para a Igreja Católica defender outros interesses, como vocações e continuidades dos preceitos do catolicismo. Além disso, “o jovem é metáfora do fascismo ao mesmo tempo em que é instrumento dele, uma vez que serve para dar a sensação de potência e força, de fatalidade e de determinação histórica” (PASSERINI, 1996, p. 350).

Retorno a foto obliterada, nas primeiras descobertas entre as imagens do acervo da Associação e as chapas de vidro, não tinha conhecimento a quem essa pertencia. Todavia, ao ter acesso as fotos pertencentes¹³⁶ ao Pe. Alberto, pude encontrar a imagem original, conforme apresento na Figura 74 a seguir.

FIGURA 74 – PARTE DO ACERVO DO PE. ALBERTO, COM A FOTOGRAFIA DE 1935



Fonte: Acervo pessoal do Pe. Alberto.

Como a foto rasurada estava em posse de Pe. Alberto, ele pode ter sido o responsável pela obliteração da imagem. A partir da original é possível perceber que

¹³⁶ O acervo pertencente ao Padre Alberto Casavecchia está sob a cura de Rosângela Kusma Gasparin, que é a responsável pelo acervo iconográfico da Associação Italiana que leva o nome deste mesmo sacerdote. Importante ressaltar que algumas fotos originais não compõem o acervo que foi padronizado para as exposições.

a rasura foi feita por meio de uma raspagem para remover a figura dos quadros. Isso traz indícios de que o padre tinha conhecimentos políticos do contexto italiano, trazia isso para a realidade da comunidade de Colombo e buscou alterar os registros quando essa aproximação com o fascismo passou a não ser conveniente no território brasileiro. Isso demonstra, mais uma vez, a astúcia desse sujeito no campo político, mas que reverberava na educação da infância e da juventude.

Mas, para muito além de Pe. Alberto, existem relações entre a Igreja Católica e o fascismo que têm suas ressonâncias no Brasil, mais especificamente no Paraná, além de um contexto de aproximações e afastamentos entre Mussolini e Vargas.

Em 25 de abril de 1928, o cônsul italiano que estava em Curitiba, Amadeo Mammella, endereçou uma carta à Itália relatando sobre as comemorações da elevação de um monumento a Tiradentes, em Curitiba, tratava-se de uma doação realizada no ano anterior pelos italianos que viviam na cidade. Na carta, o cônsul fez questão de traduzir o pronunciamento do presidente do governo do Paraná, Afonso Camargo, que exaltava na época o Rei Vittorio Emanuele e Benito Mussolini. Segundo a tradução do cônsul, as palavras de Camargo eram:

Me permita, honorável Mammalella, saúdo em ti a mais nova e grande Itália, a Itália que, guiada pelo grande Rei Vittorio Emanuele e pela austera vontade de Benito Mussolini, chegará ao apogeu da glória e brilhará com a luz antiga para a civilização e a beleza do mundo¹³⁷ (ITÁLIA, 1928, n.p., tradução minha).

Antes da declaração de guerra oficial do Brasil com a Itália, na década de 1940, Bertonha (2001, p. 87) destaca que,

após a instauração do Estado Novo, porém, a Itália desestimulou os integralistas a lutar contra Vargas, instando-os a colaborar com o novo regime. Não é de estranhar essa mudança de atitude italiana: o novo governo era simpático a Roma; Vargas tinha, nos altos círculos fascistas, um juízo mais alto do que Plínio Salgado, e o Brasil, sob o Estado Novo varguista, parecia se fascistizar com rapidez. Razão para o afastamento do governo italiano da AIB, recusa de fornecimento de armas e cancelamento dos subsídios financeiros em 1938.

¹³⁷ *Consentite, Onor. Mammalella, che io saluti in Voi la più nuova e grande Italia, l'Italia che guidata dal grande Re Vittorio Emanuele e dalla volontà austera di Benito Mussolini raggiungerà l'apogeo della gloria e risplenderà della luce antica per la civiltà e la bellezza del Mondo.*

Havia também, pelo contexto da Igreja Católica, uma relação de padres italianos no exterior com o fascismo italiano. Segundo Bertonha (1998), pode ser equivocado pensar em uma total subordinação desses religiosos ao fascismo, porém, foi uma relação muito mais colaborativa que conflituosa. Segundo o pesquisador:

o apoio da Igreja Católica brasileira e também dos padres e missionários italianos fluiu, ainda que certamente não nos níveis desejados por Roma, no sentido de apoiar as atividades fascistas no Brasil e de difundir uma imagem pró fascista entre os católicos de origem italiana e também brasileira (BERTONHA, 1998, p. 163).

Se a relação era direta ou não, existia o fato de que esses religiosos traziam para a comunidade referências de uma italianidade e “o fato de muitos desses missionários se esforçarem por manter a cultura italiana em seus fiéis (mesmo quando não a relacionava com o fascismo) dava, obviamente, um imenso auxílio ao esforço fascista de manter a italianidade dos imigrantes” (BERTONHA, 1998, p. 165).

Mas é importante ressaltar que Mussolini buscou essa aproximação com os católicos, colocando-se como um salvador:

Depois dos acordos de Latrão de 1929, por exemplo, Mussolini procurou se apresentar aos católicos do mundo como o maior amigo da Cristandade, aquele que a havia salvo do comunismo e dos perigos do mundo moderno. Também adquiriu força, nesse discurso, a imagem de que ele havia resolvido definitivamente o conflito que havia separado, por décadas, os católicos do Estado italiano. A partir de então, era perfeitamente possível ser, ao mesmo tempo, um bom italiano e um bom católico, através do fascismo. Esse discurso, obviamente, não convenceu a todos os católicos do mundo, mas foi muito bem-sucedido, tanto que o prestígio do fascismo cresceu muito em regiões fortemente católicas de imigração italiana, como o Sul do Brasil e a Aquitânia francesa (BERTONHA, 2021, p. 158).

Outro material interessante descoberto no arquivo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, e que traz novos indícios da aproximação da Igreja colombense com Mussolini, foi o cartaz a seguir (Figura 75).

FIGURA 75 – CIDADE DO VATICANO COM AS IMAGENS DO PAPA PIO XI, CARD. GASPARRI, REI VITOR EMANUEL E MUSSOLINI – 1929



Fonte: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

O material data de 1929, período em que Pe. Alberto estava em Colombo; além disso, as informações laterais ressaltam que a ilustração tinha aprovação eclesiástica e era um material para a América do Sul.

Zanini (2006, p. 184) traz uma colocação bastante interessante, a de que “[...] a massa dos camponeses, colonos italianos, manteve vínculo com o fascismo, esses não foram tão fortes a ponto de permanecerem na memória coletiva e nem nas memórias familiares”. Nas 36 entrevistas realizadas pelo CEVEP, em nenhuma houve menção sobre o fascismo e Mussolini. Os indícios encontrados foram sempre pelo viés da Igreja, tendo a figura de Pe. Alberto. A pesquisadora complementa que

[...] poderiam ter simpatias por Mussolini e sua política. Ela, contudo, estaria restrita a homenagens de filhos batizados com o nome do líder¹³⁸ ou da torcida, no silêncio familiar, para que a Itália se saísse bem na guerra, pois muitos ainda possuíam parentes vivos lá (ZANINI, 2006, p. 184).

Ao observar os materiais (foto e cartaz), como Kossoy (2014, p. 168) ressalta, “ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam àqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram”. Mas talvez a dicotomia de Pe. Alberto fosse uma tática utilizada para a sua articulação política, já que Certeau (2014, p. 94) comenta sobre táticas como aquela que “[...] não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha”. Pe. Alberto era um sujeito com astúcia e a sua tática “consegue estar onde ninguém espera” (CERTEAU, 2014, p. 95).

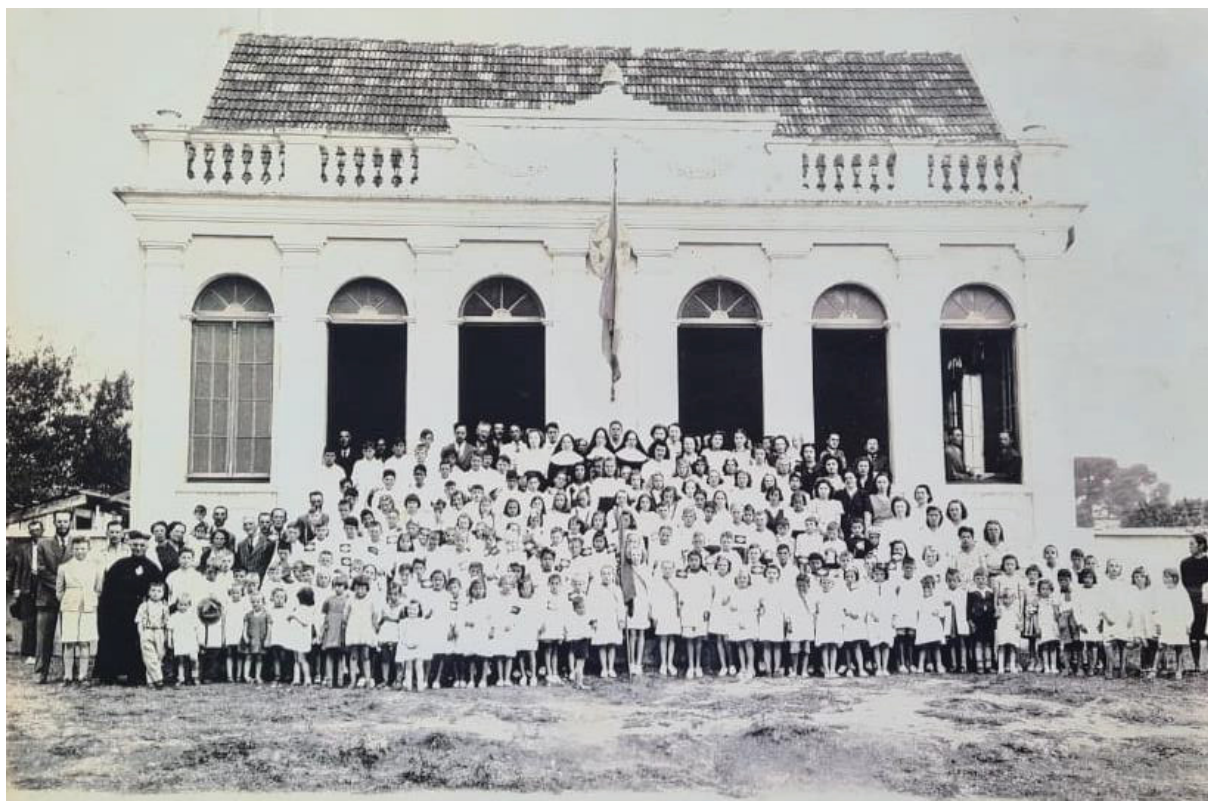
Essas astúcias, até mesmo na etnicidade, estavam em uma gangorra, e apareciam quando era conveniente aos religiosos, junto à comunidade. Como lembra Falcão (2005, p. 58):

com isto, decerto, não desapareceram as tensões e os conflitos promovidos pelo sentimento de nacionalidade, pelo fundamentalismo religioso, ou pela demarcação de uma identidade cultural postulada como símbolo de elevação e enobrecimento e, portanto, de superioridade, mas eles são atravessados por influências diversas e atenuados ou acentuados pela situação momentânea em que alguém se encontra, pela posição ocupada num certo instante, enfim, pelo grau de inclusão e de exclusão, de reciprocidade ou de rejeição, encontrado numa circunstância concreta.

Um exemplo disso, é que no dia 15 de outubro de 1945, o mesmo Pe. Alberto e as Irmãs de São José, que tiraram foto com o rei da Itália e Mussolini, estavam agora comemorando a grande vitória brasileira, incluindo na lista dos derrotados a Itália, conforme se apresenta na Figura 76 a seguir.

¹³⁸ Em pesquisa ao acervo de genealogia da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia, com os registros feitos com base em livros de batismos da igreja, livros de cartórios e fontes orais, foi encontrado, em um contingente de mais de 50 mil nomes, dois que homenageavam Mussolini.

FIGURA 76 – COMEMORAÇÃO DA GRANDE VITÓRIA, 15 DE OUTUBRO DE 1945



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Certeau ressalta que:

como o direito (que é um modelo de cultura), a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários. As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas (CERTEAU, 2014, p. 44).

Dolzan (2003), mesmo em outro período histórico, traz para a discussão um cenário de comemorações ao centenário da imigração italiana, destacando entidades que buscam (re)inventar a identidade da etnia, na localidade de Rodeio-SC. Contudo, essas colocações sempre passavam por disputas políticas entre os grupos:

Como se pode notar, as disputas políticas aparecem ao longo de todo o processo de (re)invenção da italianidade. E, portanto, o forjar de uma “identidade italiana” passa também por interesses pessoais e políticos, e é através das relações de poder estabelecidas que as ações em torno dessa edificação se modificam (DOLZAN, 2003, p. 68).

Pe. Alberto também se utilizou das táticas, por exemplo, para estar presente diretamente na educação escolar da cidade. Em uma correspondência encontrada no Arquivo Público do Paraná, destinada ao Diretor Geral do Ensino do Paraná, Benjamin Baptista Lins de Albuquerque, de 26 de novembro de 1930, Pe. Alberto¹³⁹ escreveu:

cumpro o dever de levar ao conhecimento de V. Exa., que assumi o cargo de Inspetor Escolar, deste Município, para o qual fui nomeado recentemente. Agradeço a distinção que me foi conferida, e tudo farei em prol do ensino neste Município. Reitero os protestos de estima e considerações, aguardando suas novas e apreciadas ordens (PARANÁ, 1930a).

Seguindo outros inspetores de ensino e buscando indícios da educação escolar das Passionistas, encontrei o registro de visita de um inspetor de 1951, o qual diz que

alegra, outrossim, constatar a dedicação e o idealismo dessas abnegadas Irmãs professoras à causa da educação desta infância do Município de Colombo. Sim, educação, porque aqui se faz a verdadeira educação integral da criança e não apenas a instrução, que é um galho ... da grande árvore da educação. Aqui se pratica a educação intelectual, a física, a econômica, a religiosa, a artística, a social e a educação moral, enfim, a verdadeira educação integral tão recomendada pela sociologia e pela psicologia (PASSIONISTAS, 1951 – 1987, p. 1).

No trato com as fontes, encontrei indícios de que a educação, realizada por essas congregações em destaque na pesquisa, passavam por outros galhos de árvores, da escola para outros ambientes, como: as ruas, a praça, o campo de futebol, o convento e o seminário, em *spazi allargati*. A construção de uma representação demanda ocupar-se de lugares estratégicos, desenvolvendo práticas em prol daquela imagem, já que

a problemática do “mundo como representação”, moldando através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou imagens) que dão a ver e a pensar o real (CHARTIER, 1990, p. 23-24).

No recorte temporal desta tese, que incidiu enfaticamente entre os anos de 1915 e 1955, adentrei em uma infância e juventude de segunda, terceira e quarta

¹³⁹ A princípio, em 1938, Pe. Alberto também exercia esse papel na cidade, conforme nota no Jornal *O Dia*: “Nomear – Agripino João Tosin, para o cargo de Inspetor Escolar de Colombo, ficando dispensado, a pedido, o atual, Padre Alberto Passionista” (O DIA, 1938, p. 7).

geração de descendentes de imigrantes, que, em um novo local, vão desenvolver e formar características de uma italianidade, que não será igual a de seus antepassados, já que “de forma muito convincente como o que denomina ‘a etnicidade simbólica’ da terceira e da quarta gerações tem apenas pouca coisa a ver com a realidade cotidiana da vida social étnica que era a dos primeiros imigrantes” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 76-77). Além disso, no pluralismo “o hífen que torna o indivíduo um ítalo-americano não o transforma em um meio-americano mas representa a própria essência da americanidade” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 73). Dentro do universo apresentado, entre Brasil, Itália e Colombo, as figuras religiosas tiveram a sua marca na história das crianças e dos jovens, mesmo que esse caminho não fosse uma via de mão única.

Importante ressaltar que

os títulos, de cônsul, de padre, dentre outros, são propriedades simbólicas que propiciam e dão o direito ao reconhecimento. Dessa forma, as identidades, a começar pela identidade dos porta-vozes, são simbólicas e reais ao mesmo tempo porque são histórica e socialmente construída (OTTO, 2005, p. 75).

Ser descendente de italianos, crescer com uma educação posta por religiosos dessa etnia e que reverberava nas escolas, e para além dos seus muros, como na catequese, família e em outros lugares, tudo isso não era neutro. A atuação dos Padres Passionistas e as Irmãs Passionistas (sem esquecer também das irmãs do Sagrado Coração de Jesus e de São José) mostra Colombo como um lugar para o qual se olhou para a infância, produzindo, transformando e compondo uma cultura.

Por fim, destaco que esses religiosos, principalmente os Padres Passionistas, guardaram registros sobre a infância descendente de italianos na cidade de Colombo, fontes que me permitiram ter acesso a parte das orientações e das práticas voltadas às crianças e que, na união com outros registros, contribuíram na busca por algumas reflexões às questões levantadas inicialmente nesta tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda produção de sentido reconhece um evento que aconteceu e que a permitiu.
(CERTEAU, 2017, p. 37)

Na interseção entre infância e juventude, catolicismo e italianidade, trouxe para esta tese algumas das ações dos Padres Passionistas, na cidade de Colombo-Paraná, em conjunto com outras congregações femininas, como as Irmãs do Sagrado Coração, as Irmãs de São José e as Irmãs Passionistas. Com um recorte empírico e geográfico de uma cidade, que, no período temporal desta pesquisa, chegou a pouco mais de 6 mil habitantes, as ações desses religiosos, dentro de uma realidade local, estavam relacionadas em um contexto nacional e internacional. A constituição da cidade remonta a uma transnacionalidade, envolvendo Brasil e Itália, com sujeitos nacionais e internacionais que circulavam entre esses dois países e atuavam com e para a infância e a juventude, promovendo processos de socialização e de educação.

As propostas desses religiosos reverberaram em práticas e ritos que compuseram a materialidade do catolicismo em Colombo. Mais do que uma religião vivida pela comunidade em geral, os preceitos desse catolicismo vivido e moldado para e pela comunidade, feito por constantes trocas, traziam também uma aproximação cultural daqueles descendentes ao mundo que haviam deixado no velho continente. Sabe-se que a Igreja tinha um status privilegiado perante a comunidade colombense, marcada por uma imigração vêneta, com forte ligação ao catolicismo. Entretanto, mesmo com esse simbolismo e status, pude constatar que essa comunidade não era passiva sobre as ações de alguns religiosos, representantes dessa instituição de poder. Essa constatação foi mais latente quando a comunidade, que havia pedido atendimento religioso desde a sua chegada, organizou uma carta de repúdio contra um antigo padre que não cumpria com os preceitos que os imigrantes e descendentes esperavam, dentre eles o atendimento à infância e à juventude.

Nesse contexto de conflitos, os Padres Passionistas assumiram a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, tendo sempre párocos italianos, desde a sua chegada, de 1915 a 1955. No diário de Pe. Candido, que abarcou os primórdios dos Passionistas em Colombo, tive nos ego-documentos caminhos potentes para investigar a infância

e a juventude. Com as memórias organizei um mosaico de histórias construídas, com traços do cotidiano, nomes próprios e redes de sociabilidade.

Em suas memórias, Pe. Candido descrevia como se dava a condução da comunidade, destacando também o atendimento às crianças por meio da catequese. Nessas ações pude ressaltar as representações (CHARTIER, 1990) e as construções intencionais de significados para o mundo social onde esses sujeitos estavam inseridos.

Sobre essas intencionalidades, no diário de Pe. Candido havia uma frequente menção ao Pe. Bonato e a João Batista Lovato, sacristão da paróquia, responsável pela carta de repúdio ao sacerdote que estava em Colombo antes dos Passionistas e um articulador entre a Igreja, a comunidade e até mesmo a educação católica das crianças e jovens na cidade. Pensando em todas essas relações, entre Pe. Bonato, a figura representativa de Lovato e as constantes menções de Pe. Candido sobre dois sujeitos, talvez as ações iniciais dos Padres Passionistas também fossem moldadas pelos desejos desse representante da comunidade.

Nessa via de duas mãos, entre seguir alguns dos modos já estabelecidos pela comunidade e trazer novos sujeitos para atuar nela, entre táticas e estratégias (CERTEAU, 2014), uma coisa é certa: os Passionistas ganharam muito com Colombo, para o estabelecimento e a expansão da congregação no Brasil. Possivelmente essa boa relação se deu também pela ligação de um lugar de origem, mesmo que a Itália que esses religiosos trouxessem e falassem na comunidade fosse completamente diferente daquela recém-unificada que os primeiros imigrantes deixaram em 1877. O lugar, na operação historiográfica de Certeau (2017), que me permitiu estabelecer conexões e tornar possível problemáticas, é também o lugar de produção de uma educação católica voltada às crianças e aos jovens.

É justamente por essa ligação étnica, mesmo com todas as suas diferenças, que esses religiosos construíram junto à comunidade uma identidade marcada pelo catolicismo e por uma identidade ítalo-brasileira. Diante desse contexto, a construção e identificação com uma “italianidade” é contínua, e traz tanto ligações religiosas como ligações políticas. Dentro da Igreja, diversos foram os símbolos que alegavam essa referência com o país de origem, como as figuras de São Luiz Gonzaga e São Gabriel, relacionados à infância e à juventude, sendo este último uma presença nas solenidades de Primeira Comunhão, além de Santa Inês, italiana e patrona das Filhas de Maria.

A Itália do imaginário dos imigrantes estava em constante construção. Esses sujeitos, vênéticos e camponeses, saídos de pequenas cidades como Valbrenta, Marostica, Nove, Bassano del Grappa, Castelfranco Vêneto e San Martino di Lupari, são identificados no Brasil como italianos e passam a trazer a bandeira da Itália em locais icônicos; e junto com os Passionistas, passam a ter referências de um rei e um líder político que nunca veriam pessoalmente. O fascismo, até então silenciado pela historiografia da cidade, foi vasculhado, pesquisado e desvelado. A pesquisa possibilita estes achados: Pe. Alberto obliterou uma imagem e tentou obliterar uma história e um acontecimento, contudo, ele não contava que as chapas originais daquelas fotografias seriam guardadas. Chapas de vidro, transparentes, revelaram outra visão para a mesma imagem guardada pelo religioso, mostrando os quadros do rei da Itália e Benito Mussolini. Mas tudo isso se refere a uma operação historiográfica, na qual a pesquisa não se resume a apenas encontrar fontes, mas também analisá-las atentamente.

Nessas análises e reflexões percebo que as congregações demarcaram processos de socialização e educação para a infância e a juventude, os quais ocorriam tanto dentro dos conventos e escolas quanto nas ruas, nos impressos e nas famílias. No entanto, mesmo com as várias propostas desses religiosos, a comunidade não era passiva. Os processos de socialização e educação para a infância e a juventude aconteceram, pois havia um acordo comum visando a educabilidade das crianças e dos jovens.

Os Passionistas, dentre as várias estratégias para expandir e atender à comunidade, ocuparam-se também do poder da escrita, que, conforme Certeau (2014), possui uma eficácia social. Dentre esses materiais, encontrei desde um livro de catequese até várias edições da icônica revista *Calvário*, que percorreu diversos locais do Brasil. Por meio desse impresso, que circulou durante quase todo o recorte desta pesquisa, pude perceber que as matérias eram variadas, voltadas para os católicos; porém, algumas eram bastante específicas para as crianças e para os jovens, ou para os pais, orientando a condução educacional de seus filhos. Ao longo da revista, as representações de infância e de juventude foram sendo tratadas conforme o contexto e objetivo das matérias. A infância e a juventude, entendidas neste trabalho pelas lentes de Becchi (1994) e Levi e Schmitt (1996), são construções sociais, inseridas em contextos próprios.

Remetendo aos novos padres e freiras formados no Brasil, as congregações católicas europeias, principalmente na primeira metade do século XX, ganharam um celeiro de vocações. Só na cidade de Colombo foram quase uma centena, com as crianças e os jovens imigrantes e descendentes de italianos. Todavia, mesmo com esse grande número, os Passionistas tinham como estratégia um perfil específico que os interessavam. A revista *Calvário* trouxe publicamente que, para a congregação, eram importantes para a função de futuros padres e freiras apenas aquelas crianças com boa capacidade para desenvolvimento intelectual e boa saúde física.

No trabalho de angariar crianças e jovens, os religiosos faziam diversos cerceamentos com esses sujeitos e seus familiares, desde ir pessoalmente às casas, conversando com os pais, até encontrar as crianças nas ruas e as abordar com convites para entrar nos conventos. Esse tipo de prática, pensada estrategicamente e que faz parte do ofício da Igreja, revela que as vocações estavam muito além da aura de um chamado divino. Esse era um trabalho organizado por pessoas de querer e poder, padres e freiras com grande influência na comunidade, com representações (CHARTIER, 1990) baseadas nos interesses desses grupos, mesmo aspirando a uma universalidade. Possivelmente as crianças e os jovens nem tinham o entendimento da dimensão do compromisso que estavam assumindo. Em uma das memórias foi descrito inclusive que uma menina levou um brinquedo para diminuir a saudade de sua irmã e da casa. O ser criança se misturava com essa formação que visava a criação de um exército católico para continuar as ações das congregações pelo mundo.

Mas a pressão para que essas crianças e jovens adentrassem o mundo das vocações religiosas não vinha somente dos padres e freiras; em muitos casos, havia a ação da família também. Ter uma filha freira, por exemplo, era um prestígio social diante da comunidade, além de diminuir o número de filhos para a divisão da herança. Além do trabalho dos religiosos e incentivo de algumas famílias, muitas crianças também viam neste “chamado” um mundo de oportunidades. Por dentro dos conventos e seminários, constatei as oportunidades de passeios que eles podiam ter, conhecer outras cidades, não trabalhar na roça, além de poder estudar e brincar.

Todas essas experiências eram muitas vezes uma realidade distante daquela do campesinato na comunidade. Entretanto, dentro desses conventos e seminários tinham também as tensões, que iam desde a vigília dos padres e freiras, sobre o que essas crianças escreviam para os seus pais, até a denúncia sobre pedofilia.

Mas como destacado, nem todas as crianças e os jovens estavam em formação específica para a vida religiosa, entretanto, mesmo aquelas que estavam longe dos seminários e conventos não eram ignoradas nas práticas da Igreja. Foram vários os movimentos que tinham como proposta uma formação educacional e social, pelos preceitos do catolicismo, que se instalaram estrategicamente além da escola, em outros espaços. Dentre essas organizações e práticas nacionais e internacionais, ganharam destaque na comunidade colombense a Cruzada Eucarística, as Filhas de Maria, os Marianos, a catequese e as solenidades da primeira comunhão.

Definitivamente essa fase da vida não era negligenciada pela Igreja e pelos imigrantes e descendentes italianos. Criar este exército católico, pela formação de novos padres, freiras e pela participação das crianças e jovens, principalmente em épocas que a Igreja recebia duras críticas, fez com que o educar as novas gerações se mostrasse como uma estratégia profícua.

Mas mesmo com a forte ligação cultural com o catolicismo, os padres descreveram várias práticas para convencer as crianças a participar desses outros momentos com eles, como dar doces durante a catequese, colocar essas crianças na rua e em outros espaços para dar visibilidade para a sociedade aos ritos do catolicismo. Dentre esses ritos, merece destaque a solenidade da Primeira Comunhão. Nesse dia os religiosos trabalhavam para marcar a memória das crianças, seja pelas comidas, seja pelas pompas de uma cerimônia magistral que exigia trajes próprios e registro fotográfico.

A partir de todas essas ações, uma reflexão importante é que, principalmente os Padres Passionistas, de origem italiana, foram mediadores na construção dos comportamentos da comunidade, visando a infância e a juventude nesses locais. Baseados em princípios transnacionais, transformaram-nos e/ou os mantiveram como católicos fervorosos e como italianos e descendentes. A etnicidade, como ressaltam Poutignat e Streiff-Fenart (2011), dá-se pela interação social e não por uma simples pertença adquirida no nascimento.

Na busca por elencar e discutir essas práticas educacionais, sujeitos emblemáticos, com nomes próprios ou instituições, marcaram essa trajetória, no início, com Pe. Candido que descreveu todo o cotidiano da comunidade, dos primórdios dos Passionistas em Colombo, que passou a limpo esses escritos, possivelmente para deixar para a posteridade (o que de fato aconteceu e está sendo utilizado pela primeira vez nesta tese). Passando por João Batista Lovato, que revela

uma face da comunidade não tão passiva, e Pe. Alberto, um grande articulador. Este último, um sujeito astuto que, em determinados momentos, estava com políticos brasileiros, em outros, reverenciava políticos italianos; mas sempre envolvido com a comunidade e suas crianças e jovens. Ele convocava vocações, projetava ações para a educação e ainda retornava alguns momentos para a Itália, de onde trazia artefatos religiosos que compuseram a Igreja de Colombo. O forjar de uma identidade italiana passava por interesses pessoais e políticos, em que o padre desenvolvia táticas e estratégias a depender do momento e posição que ocupava. No recorte final desta pesquisa, o último padre italiano que atuou em Colombo foi Pe. Angelo. Ele reforçou as práticas em prol das vocações e, segundo relatos, na maior parte do tempo falava somente em italiano.

Diante de todas essas ações e sujeitos que esta pesquisa trouxe para o campo da história da educação e da infância e da juventude, percebo que a atuação dos Padres Passionistas e das outras congregações femininas, em Colombo, passava pelo caminho da educação, que não se restringia a uma escolarização. As ações variadas tinham como objetivo trazer uma formação católica, o que permitiu espaços de socialização para essa infância e juventude dentro dos muros escolares e fora, como nas ruas, praças, em jogos de futebol e bocha, nos conventos e seminários, nas festas, enfim, em *spazi allargati*, remontando parte da expressão utilizada por Becchi e Julia (1997) sobre os espaços permitidos aos não adultos.

Todos esses lugares, que a tese perpassou, não foram lugares aleatórios, mas estratégicos. Junto a isso, houve a construção de uma identidade baseada na etnicidade italiana, não só pelo local de origem desses sujeitos, mas também pelas interações sociais no novo país. Ser uma criança ou ser um jovem descendente italiano, participar de uma comunidade ligada a essa etnia e com um atendimento de congregações também italianas não era neutro. O lugar para o qual essa pesquisa olhou, também produziu, transformou e compôs uma cultura. Claro que tudo dentro de um contexto nacional e internacional, entre a história da Igreja e da infância e da juventude.

A hipótese inicialmente formulada para esta tese é que houve a ação de grupos religiosos dentro de instituições de ensino e para além dos muros escolares, envolvendo a formação dessas crianças e jovens por meio de práticas educativas e sociais na comunidade; além disso, um debate mais amplo em impressos sobre a concepção de infância, juventude e sua educabilidade, não só foi confirmada, como

também ampliada. Ao final desta pesquisa foi possível perceber que essas propostas se desdobraram em diversas ações, nos mais variados espaços, proporcionando uma formação educacional, cultural e social, marcada por características étnicas italianas e católicas.

Por fim, retorno à citação que abre as considerações finais: “toda produção de sentido reconhece um evento que aconteceu e que a permitiu” (CERTEAU, 2017, p. 37). A escrita desta tese foi permitida pelas várias fontes levantadas, muitas guardadas por esses religiosos; porém, esta produção não se deu apenas pelos levantamentos de fontes. O fazer desta história teve a marca do meu lugar de produção, de uma prática e uma escrita. De um intervalo finito por recortes que são exigidos na operação historiográfica havia infinitas possibilidades. Esta foi uma e a minha versão explicativa do fenômeno histórico circunscrito.

REFERÊNCIAS

ABATI, Iolanda Canal. Camilianos no Sul do Brasil: as vias de convencimento. *In*: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, XXIV, 2007, São Leopoldo – RS. 8 p.

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS. **Francisco de Paula Dias Negrão (1871-1937)**. Disponível em: < <http://academiaparanaensedeletras.com.br/cadeira-10/cadeira-10-1o-ocupante/> >. Acesso em: 15/10/2021.

ALVIM, Zuleika Maria Forcione. O Brasil Italiano. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 383-418.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. O Ultramontanismo no Província do Paraná. *In*: PRIORI, Angelo et al. (orgs.). **A História do Paraná revisitada**. Maringá: Eduem, 2014. p. 35-64.

_____. **Pais e filhos na Província do Paraná**: uma história da educação da criança pela família. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

_____. A catequese paroquial e familiar como tática educativa ultramontana na Diocese de São Paulo (1860-1874). *In*: BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo; CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele (orgs.). **História, Catolicismo e Educação**. Teresina: EDUFPI, 2019. p. 85-112.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

AZEVEDO, Orlando. **Augusto Weiss**. Curitiba: Voar, 2017.

AZZI, Riolando. **A igreja e os migrantes**. São Paulo: Paulinas, 1987. V. 1.

_____. O Catolicismo de Imigração. *In*: DREHER, Martin N. (org.). **Imigrações e História da Igreja no Brasil**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993. p. 65-98.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 23-80.

BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade**: Um processo de assimilação. Curitiba: Tip. João Haupt & Cia LTDA., 1958.

BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Idéias em confronto**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939 – 1942): o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BECCHI, Egle. Prefazione. *In*: BECCHI, Egle. **I bambini nella storia**. Roma-Bari: Laterza, 1994. p.V-XVI.

_____. Il nostro secolo. *In*: BECCHI, Egle; JULIA, Dominique (org.). **Storia dell'infanzia: dal settecento a oggi**. Roma: Euroclub, 1998. V. 2.

BECCHI, Egle; JULIA, Dominique. Storia dell'infanzia, storia senza parole? *In*: BECCHI, Egle; JULIA, Dominique (org.). **Storia dell'infanzia: dall'antichità al seicento**. Roma: Euroclub, 1997. V. 1.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Cultura escolar e história eclesiástica: Reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919). **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 52, p. 88-103, nov. 2000.

BEOZZO, José Oscar. As Igrejas e a Imigração. *In*: DREHER, Martin N. (org.). **Imigrações e História da Igreja no Brasil**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993a. p. 9-64.

_____. A Igreja no Brasil. *In*: BEOZZO, José Oscar (org.). **A Igreja latino-americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993b.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BERTONHA, João Fábio. **Sob o signo do Fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943**. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

_____. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-105, 2001.

_____. Italianidade ou o “ser italiano”. Narrativas e disputas políticas na história da Itália, da Europa e das Américas entre os séculos XIX e XX. *In*: LUCHESE, Terciane Ângela; MALIKOSKI, Adriano (orgs.). **Italianidades, polonidades e germanidades**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2021. p. 153-177.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. O livro e o selo: editoras católicas no Brasil. **Pro-Posições**, v. 25, n. 1 (73), p. 117-137, jan./abr. 2014.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin. **Apologia da história, ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159 p.

BOFF, Rolcinéia Rodrigues. **Idosos de Veranópolis**: suas leituras do passado em narrativas do presente. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

BONI, Luis Alberto de. O próximo Papa e o fim próximo do mundo: a profecia de São Malaquias. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 35, n. 148, p. 329-343, jun. 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALLOU, Maria Lucirene. **Instituição Pia Nossa Senhora das Graças**: assistência e educação de crianças pobres, órfãs e abandonadas em Belém (1943-1975). 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CECCHETTI, Elcio; SANTOS, Ademir Valdir dos. O Ensino Religioso na escola brasileira: alianças e disputas históricas. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 38, n. 2, p. 131-141, abr./jun. 2016.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, 11(5), p. 173-191, 1991.

_____. **À beira da falésia**: a história entre incerteza e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. O paradoxo do uniforme. **Pátio**, Porto Alegre, 2002, v. 1, p. 54-56, 2002.

CORDEIRO, Andréa Bezerra. **Luz e Caminho aos Pequenos**: os primeiros Congressos Americanos da Criança e a Panamericanização dos saberes sobre a infância (1916 a 1922). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Conviver e Sobreviver**: Estratégias Educativas de Imigrantes Italianos (1880 – 1920). São Paulo, Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST – Fondazione Giovanni Agnelli, 1987. p. 363-382.

CUNHA, Karine Marielly Rocha da; MOTIN, Mara Francieli; GABARDO, Diego. Vanti de Nanetto Pipetta: aspectos culturais e linguísticos dos imigrantes italianos nas origens do Staffetta Riograndense - jornal La Libertà (1909 – 1910). **Revista de Letras Norte@mentos**, Dossiê temático: Línguas Minoritárias no Brasil, Sinop, v. 14, n. 37, p. 241-262, out. 2021.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013.

_____. **(Des)arquivar**: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. 1 ed. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

CYTRYNOWICZ, Monica Musatti; CYTRYNOWICZ, Roney. **Retratos da Infância na Imigração Japonesa ao Brasil**: imagens do Acervo do Museu História da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Narrativa, 2016.

DALSOTTO, Mariana Parise Brandalise; LUCHESE, Terciane Ângela. Catequese: um olhar para documentos da Igreja Católica que orientam esta prática. **Rev. Expr. Catól.**, v. 8, n. 2, p. 30-40, jul./dez. 2019.

DARBON, Sébastien. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 101- 111.

DE MAUSE, Lloyd. **Historia de la infancia**. Madrid: Alianza, 1982.

DOLZAN, Janiane Cinara. **A (re)invenção da italianidade em Rodeio – SC**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A primeira comunhão feminina entre dois lados do oceano (Brasil e Espanha): imagens arquivadas de educação e religião. **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. 1-22, 2021.

DUARTE, Nestor. **A Ordem Privada e a Organização Nacional** (Contribuição à Sociologia Política Brasileira). Biblioteca Pedagógica Brasileira: Companhia Editora Nacional, 1939. (Brasiliense – Vol. 172).

DUTRA NETO, Luciano. **Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas**. Uma contribuição à história das missões redentoristas, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

EIRE, Carlos M. N. A piedade católica moderna em tradução. *In*: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FAGGION, Carmen M.; LUCHESE, T. Â. Bilinguismo e escolarização na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1930 – 1960. *In*: Sidney de Souza Silva (org.). **Línguas em contato**: cenários de bilinguismo no Brasil. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. v. 2, p. 197-224.

FALCÃO, Luiz Felipe. Brasiliani e italianos: reflexões sobre a instituição de uma identidade italiana no Brasil contemporâneo. *In*: RADIN, José Carlos (org.). **Cultura e identidade italiana no Brasil**: algumas abordagens. Joaçaba: UNOESC, 2005. p. 55-74.

FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Champagnat, 1992. 617 p.

FRANCISCO, Fernando Rodrigues; RODRIGUES, Murilo Alves. Os leigos na obra conciliar do Vaticano II e nas conferências episcopais latino-americanas. **Revista de Cultura Teológica**, v. 20, n. 79, p. 127-147, jul./set. 2012.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração**: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

GABARDO, Diego; MACHIOSKI, Fábio L.. **El pretin Gobeto**: a história de Pe. Francisco Bonato, primeiro pároco de Colombo. *In*: MASCHIO, E. C. F. (org.). **Memórias de uma colônia italiana**: Colombo – Paraná (1878 – 2013). Porto Alegre: EST Edições, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

GEREMEK, Bronislaw. **A Piedade e a força**: história da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1995.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. *In*: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. São Paulo: Vozes, 2008. p. 97-118.

GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. **Cad. Pesq.**, São Paulo, p. 48-58, maio 1990.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 175-195, mar. 2001.

GUARIZA, Nadia Maria. **Incorporação e (re)criação nas margens**: trajetórias femininas no catolicismo nas décadas de 1960 e 1970. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GULLESTAD, Marianne. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 509-534, maio/ago. 2005.

KEANE, W. The evidence of the senses and the materiality of religion. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 14, n. s1, p. S110-S127, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 6. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, v. 5, n. 9, ago. 2007.

LAWN, Martin. Um conhecimento complexo: o historiador da educação e as circulações transfronteiriças. **Revista brasileira de história da educação**, Maringá-PR, v. 14, n. 1 (34), p. 127-144, jan./abr. 2014.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. *In*: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 35- 40.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**: Memórias, imagens e trabalhos de duas Congregações católicas em São Paulo. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Congregações católicas e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 11, n. 2 (26), p. 103-129, maio/ago. 2011.

_____. Educação e Catolicismo. **Pensar a Educação em Revista**, Curitiba/Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 3-23, out./dez. 2016.

_____. Associações católicas como instâncias socializadoras e de controle do tempo: o caso do Liceu e do Santuário Sagrado Coração de Jesus. **pro-posições**, v. 28, n. 3 (84), p. 83-111, set./dez. 2017.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos jovens**. Da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. 1.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n'*A barca de Gleyre*. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 139-162.

_____. Tania Regina de. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Educs, 2015.

_____; BARAUSSE, Alberto. Celebrações de italianidade: a imigração italiana no Rio Grande do Sul e a escola, entre memória e história (1924-1926). In: LUCHESE, Terciane Ângela; MALIKOSKI, Adriano (orgs.). **Italianidades, polonidades e germanidades**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2021. p. 31-69.

LEVA, José Ulisses. A Igreja e os meios para evangelizar. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 8, n. 13, p. 103-123, jan./jun., 2014.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Catequese católica no Brasil: para uma história da evangelização**. São Paulo: Paulinas, 1992. (Coleção estudos e debates latino-americanos, v. 23).

MACHIOSKI, Fábio Luiz. A presença do catolicismo e da identidade italiana na criação do município de Colombo. In: MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **Memórias de uma colônia italiana: Colombo – Paraná (1878 – 2013)**. Porto Alegre: EST Edições, 2013. cap. 2, p. 39-78.

MAGUETA, Rita de Cássia de Matos. **Salve o dia entre todos o mais belo! Educação religiosa e fotografias de primeira comunhão na década de 1940**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290.

MANCIOCCO, Claudia; MANCIOCCO, Luigi. **L'incanto e l'arcano**. Per una antropologia della Befana. Roma: Armando, 2006.

MANOEL, Ivan Aparecido. A Ação Católica Brasileira: notas para estudo. **Acta Scientiarum**, v. 21, n. 1, p. 207-215, 1999.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 4, p. 193-262.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilità (1875-1930)**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

_____. A infância *contadina* nas colônias italianas de Curitiba no Paraná. *In*: MIMESSE, Eliane (org.). **Bambini brasiliani**: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras. Jundiaí: Paco, 2013.

_____. **Escolarização Pública e Imigração Italiana**: A constituição do ensino elementar das colônias ao município (1882 – 1912). Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008.

_____; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. *In*: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 197-228.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de; PEREIRA, Maria Rita de Cássia Sales; RODRIGUES, Pablo de Andrade; LOSS, Bruno Zottele. Luz, escuridão e penumbra: o Governo Vargas e a Igreja Católica. **Dimensões**, v. 26, p. 277-291, 2011.

MESQUIDA, Peri. Educação e hegemonia católica no Brasil (1870 a 1900). **Revista Diálogo Educacional**, v. 2, n. 3, p. 1-16, jan./jun. 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

MIMESSE, Eliane. **A educação e os imigrantes italianos**: da escola de primeiras letras ao grupo escolar. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2010.

_____(org.). **Bambini brasiliani**: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras. Jundiaí: Paco, 2013.

MOCELLIN, Maria Clara; MINCATO, Ramone. Igreja Católica e formação político-cultural de elites regionais. *In*: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto. **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2007.

MOTIN, Mara Francieli. **Entre Igreja, escola e sociedade**: as Irmãs Passionistas na construção de uma representação identitária em Colombo/PR, (1927 – 1978). 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em:

<<http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/img.php?arquivo=/000060/00006043.pdf>>. Acesso em: 5/4/2020.

MOTIN, Mara Francieli Motin; MASCHIO, Elaine Falcade. Na escola para aprender, *a scuola* para não esquecer: a materialidade dos livros bilíngues para educar a infância ítalo-brasileira. In: CORDEIRO, Andréa Bezerra. **A teia das coisas**: cultura material escolar e pesquisa em rede. Curitiba :NEPIE-UFPR, 2021. p. 116-133.

MOTIN, Mara Francieli Motin; Orlando, Evelyn de Almeida. Da origem na Itália à expansão para o Brasil: a constituição da Congregação das Irmãs Passionistas, os personagens e suas trajetórias. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, Cuiabá (MT), v. 15, n. 1, p. 65-86, 2015.

NEVES, Simone Aparecida; GALVÃO, Ana Maria. Representações da Infância em Memórias e Autobiografias – Minas Gerais (1900-1960). **Hist. Educ.**, Porto Alegre, v. 20, n. 48, jan./abr., p. 259-280, 2016.

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. A revista como instrumento pedagógico: Voz de Santa Teresa (1957 – 1967). **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 24, n. Especial, p. 163-176, 2015.

NÓVOA, António. A imprensa de Educação e Ensino: concepções e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

OLIVEIRA, Michelle Araujo de. **Concepções de Infância e Educação nos Discursos do Periódico a Escola** – Revista Oficial de Ensino do Pará (1900 a 1905). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

OLIVEIRA, Rejane Santo; SANTO, Felipe Alan Souza. As contribuições dos estudos de Durkheim, Gramsci e Dewey para educação moderna. **9º Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 9, n. 1, p. 1-10, 2016.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã**: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937 – 1965). 2008, 313 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2008.

_____. A Biblioteca da Catequista: vestígios da circulação internacional de modelos pedagógicos nas leituras prescritas para as professoras católicas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 58, p. 210-229, set. 2014.

_____. Formas e sentidos do catecismo na história e sua representação na educação brasileira. **Cadernos de História da Educação** – v. 14, n. 1 – p. 169 – 185, jan./abr. 2015.

_____; MOTIN, Mara. A educação católica passionista em tempos de renovação educacional: traços dos saberes elementares da matemática nos livros de leitura

(1927 – 1933). **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 12, n. 2, p. 302-323, mai./ago. 2017.

ORTALE, Fernanda Landucci. **A formação de uma professora de italiano como Língua de Herança**: O Pós Método como caminho para uma prática docente de autoria. Tese (Livre docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades**: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí-Açu e no sul de Santa Catarina. 2005, 271 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____. Do professor paroquial às professoras catequistas: notas para a história da educação em Santa Catarina. **História Unisinos**, v. 16, n. 3, p. 403-412, set./dez. 2012.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. The Spectator, ou as metamorfoses do periódico: um estudo em tradução cultural. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora de mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 319-382.

PASSOS, Mauro. **Uma história no plural**: 500 anos do movimento catequético brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999.

PINHEIRO, Welington da Costa. **Infância nas Páginas de jornal**: discursos (re) produzidos pela imprensa paraense na primeira década do século XX. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias de etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PRATI, Ivo; MELO, Sonia. **Apóstolas do Sagrado Coração**: cem anos de presença no Brasil 1900-2000. IASCJ: Curitiba, 1999.

_____; MELO, Sonia. Província do Paraná. In: WERNET, Augustin; SIMÕES, Cleamaria. **Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus**: 100 anos a serviço do amor. Bauru, SP: EDUSC: 2002.

PROBST, Melissa. **A Neue Deutsche Schule de Blumenau**: Cultura Escolar e Identidade Étnica (1889 – 1938). 324 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2017.

RABELO, Giani; STEPHANOU, Maria. Pedagogia Missionária e construção da ideia de infância sagrada: a *Crônica do Jardim de Infância Cristo-Rei* (Santa Catarina –

1960 a 1970). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, n. 24, p. 35-54, set./dez. 2010.

RENK, Valquíria Elita. **A educação dos imigrantes alemães católicos em Curitiba**. Curitiba: Champagnat, 2004.

RODRIGUES, Cláudia. A arte de *bem morrer* no Rio de Janeiro setecentista. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 255-272, jan./jun. 2008.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG**, v. 2, n. 2, p. 24-33, ago./dez. 2010.

SANTOS, Giselle Godoy Verdi França dos. **Do Visível ao Invisível – Paralelos Através do Olhar de Luiz Franceschi**. Monografia (Especialização) – Pós-Graduação Fotografia e Imagem em Movimento, Universidade Positivo, Curitiba, 2017.

SCARPIM, Fábio Augusto. Modelos de virtude cristã: A Pia União das Filhas de Maria em uma Paróquia de origem italiana. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano VII, n. 20, p. 153-167, set. 2014.

_____. Memórias e o cotidiano da infância em colônias formadas por imigrantes italianos. **Revista Acadêmica Licenciaturas**, Ivoti, v. 4, n. 2, p. 37-49, jul./dez. 2016.

SCHOLL, Raphael Castanheira; JACQUES, Alice Rigoni. À moda da escola: o uniforme feminino (1950). In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (orgs.) **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 349-370.

_____; GRIMALDI, Lucas Costa. Lembrança em Preto e Branco: imagens de primeira comunhão (1958-1969). In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (orgs.) **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 349-370.

SCHRIEVER, Jürgen. Sistema Mundial e Inter-Relacionamento de redes: a internalização da Educação e o papel da Pesquisa Comparada. **Revista Bras. Est. Pedag. Brasília**, v. 76, n. 182/183, p. 241-304, jan./ago., 1995.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. A participação das crianças nas festividades brasileiras. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 122-148, maio/ago. 2007.

SEIDL, Ernesto. Sociologia da Vocação Religiosa: reprodução familiar e reprodução da Igreja. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 240-272, jan./abr. 2012.

SERBIN, Ken. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Josiane de Fátima Machado. **Cumpra-se e Arquive-se!** Histórias da educação de meninas e meninos desvalidos no estado do Paraná (1940 – 1969). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SILVA, Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da. **Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí**. Campinas, SP: Editora da FURB/ Editora da Unicamp/ Centro de Memória da Unicamp, 2001.

SPIESS, Marcos Alfonso. A crise das vocações pós Vaticano II: reflexões a partir da reprodução social do clero catarinense. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 41-57, jan.-jun./2016.

STEIGER, Roger Nelson. **O emocionante espetacular esporte da bocha**. Porto Alegre: AGE – Assessoria Gráfica e Editorial Ltda, 1987.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Impérios em concorrência**: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2012.

TEIXEIRA, Lisley Canola Treis; OTTO, Clarícia. “Artes de fazer” da infância: entre a casa e a escola. **Dialogia**, São Paulo, n. 37, p. 1-14, e19665, jan./abr. 2021.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1988.

VEIGA, Cynthia Greive. As crianças na história da educação. In: SOUZA, Gizele de Souza (org.). **Educar na Infância**: perspectivas histórico-sociais. São Paulo: Contexto, 2017. p. 21-39.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. **Teias**, v. 1, n. 1, p. 1-26, 2000.

_____. Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, Memória, História**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 333-373.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1987.

WERNET, Augustin; SBRÍSSIA, Fernanda; SIMÕES, Cleamaria. **Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus**: 100 anos a serviço do amor. Bauru, SP: EDUSC: 1999.

_____; SIMÕES, Cleamaria. **Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus**: 100 anos a serviço do amor. Bauru, SP: EDUSC: 2002.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. In: DALMOLIN, Cátia (org.). **Mordaça verde e amarela**: imigrantes e descendentes no Estado Novo. Santa Maria: Pallotti, 2005.

_____. **Italianidade no Brasil meridional:** a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

ZANNINI, Andrea; GAZZI, Daniele. **Contadini, emigranti, “colonos”.** Tra le Prealpi venete e il Brasile meridionale: storia e demografia, 1780 – 1910. Treviso: Edizioni Canova Treviso, 2003. tomo II.

FONTES

A CRUZ. **O Liberalismo Moderno**. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1937.

A REPUBLICA. **O Jubile Ude S. S. Pio XI**. Curitiba, 15 de maio de 1929.

A TRIBUNA. **Contribuições para as missões em 1968**. Santos, 17 de outubro de 1969.

ARQUIDIOCESE de Curitiba na sua história, A. Curitiba: [s. n.], 1958.

ARQUIDIOCESE de Curitiba. **Luz 2000**. Curitiba: Artes & Textos, 2002.

ACERVO ICONOGRÁFICO DA ASSOCIAÇÃO ITALIANA PADRE ALBERTO CASAVECCHIA. Colombo, Paraná. Parte do acervo digitalizado está disponível em: <https://associacaoitaliana.org.br/acervo-iconografico/>

AZEVEDO, Marcos Leite; D'AGOSTIN, Anadir; FIORESE, Maria Luiza. **Do berço ao mundo sob o olhar de Maria**: vocações religiosas e presbiterais em Colombo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

BASSANI, Alcides Davi. **Recordando a História**: Religiosos passionistas estrangeiros que também trabalharam na Província do Calvário. São Paulo, 1º de julho de 2001.

BONATO, Antonio. **Toponomastica e onomastica storica**. Bassano del Grappa: attiliofraccaroeditore, 2008.

BRAIDO, Jacir Francisco. **O bairro que chegou num navio**: Santa Felicidade, centenário. Editora Lítero-técnica: Curitiba, 1978.

BRASIL. **Tabela a que se refere o art. 2º do Decreto n. 2.162**, de 1 de maio de 1940. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2162-1-maio-1940-412194-anexo-pe.pdf>>. Acesso em: 14/10/2021.

_____. **Decreto nº 35.450**, de 1º de Maio de 1954. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-35450-1-maio-1954-326813-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15/10/2021.

CALVÁRIO. **Jesus Crucificado e os Meninos – Cartas**. Ano I, n. 12, dezembro 1922.

_____. **Um Iyrrio mimoso do Calvario – S. Gabriel da Virgem Dolorosa**. Ano II, n. 14, fevereiro 1923.

_____. **A volta do crucifixo nas escolas da Itália**. Ano II, n. 16, abril 1923.

_____. **A primeira mestra na Escola da educação**. Ano II, n. 17, maio 1923.

- _____. **Regras de vida Cristã para um jovem.** Ano III, n. 26, março 1924.
- _____. **Regras de vida Cristã para um jovem.** Ano III, n. 28, maio 1924.
- _____. **Alguns conselhos as Filha de Maria.** Ano V, n. 52, maio 1926.
- _____. **Vida da verdadeira filha de Maria.** Ano V, n. 53, junho 1926.
- _____. Ano VII, n. 75, abril, 1928.
- _____. **O Fascismo e o Crucifixo.** Ano IX, n. 101, junho 1930.
- _____. **Collegio Apostolico do Calvario.** Ano IX, n. 103, agosto 1930.
- _____. **A primeira comunhão.** Ano IX, n. 105-106, outubro-novembro 1930.
- _____. **Missão da mulher na família.** Ano X, n. 112, maio 1931.
- _____. **Missão da mulher na família.** Ano X, n. 112, maio 1931.
- _____. **Condições para as vocações.** Ano X, n. 113, junho 1931.
- _____. **Religião e Educação.** Ano X, n. 118, novembro 1931.
- _____. **O que cumpre aos paes brasileiros.** Ano XI, n. 130, dezembro 1932.
- _____. **A mãe de um padre.** Ano XII, n. 139, setembro 1933.
- _____. **O ensino religioso.** Ano XIII, n. 140, outubro 1933.
- _____. **A missão da Escola.** Ano XIII, n. 145, abril 1934.
- _____. **A criança.** Ano XIII, n. 149, agosto 1934.
- _____. **Retiro dos Marianos.** Ano XVI, n. 179, fevereiro-março 1937.
- _____. **Marianos.** Ano XVI, n. 185, setembro 1937.
- _____. **Cronica Passionista.** Ano XVII, n. 195, julho 1938.
- _____. **Fundação da Cruzada Eucarística.** Ano XVIII, n. 210, outubro 1939.
- _____. **Pedrinho e a maçã.** Ano XX, n. 237, janeiro 1942.
- _____. Ano XX, n. 241, maio 1942.
- _____. **Formemos nossos Missionários.** Ano XXI, n. 3, março 1943.
- _____. **1a. Comunhão.** Ano XXI, n. 12, dezembro 1943.

- _____. **Página Infantil**. Ano XXII, n. 2, fevereiro 1944.
- _____. **Cruzada Eucarística**. Ano XXII, n. 3, março 1944.
- _____. Ano XXX, n. 1, janeiro 1951.
- _____. **O Curioso**. Ano XXX, n. 1, janeiro 1951.
- _____. **Obra das Vocações Passionistas**. Ano XXXI, n. 3, março 1952.
- _____. **Mesa Redonda – Mandamentos**. Ano XXXI, n. 4, abril 1952.
- _____. **Obra das Vocações Passionistas**. Ano XXXI, n. 4, abril 1952.
- _____. **Mesa Redonda – Leituras**. Ano XXXI, n. 7, julho 1952.
- _____. Ano XXXII, n. 2, fevereiro 1953.
- _____. **Impressões de viagem**. Ano XXXIII, n. 8, agosto 1954.
- _____. **Condecoração**. Ano XXXIV, n. 7, julho 1955.
- _____. **Página Infantil**. Ano XXXIV, n. 10, outubro 1955.

CAVASSIN. Entrevista concedida aos pesquisadores do Centro de Estudos Vênets no Paraná, 2019.

CAVAZZUTI, Pietro; CORTI, Siro. **Il Sillabario Italo-Portoghese**. Milano: Antonio Vallardi, s.d.

CERVO, Amado Luiz. [depoimento]. Rio de Janeiro, 2017. CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (1h30min).

CORREIO DO PARANÁ. **Capivary**. 21-12-1932.

_____. **Vila Colombo**. 1-9-1942.

DIÁRIO DO PARANÁ, O. **Foi Inaugurado em Colombo o Juvenato Jesus Crucificado**. Sexta-feira, 27 de maio de 1955, p. 4.

DIRECTORIA GERAL DE ESTATISTICA. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação culta e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890 / Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1898.

_____. Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900. RIO DE JANEIRO: Typ. da Estatística, 1905.

FEDALTO, P. A. M. **Reminiscências**: 90 anos de idade – 50 anos de Bispo. Curitiba: Gráfica Infante, 2017.

GASPARIN MOTIN. Entrevista concedida aos pesquisadores do Centro de Estudos Vênets no Paraná, 2019.

GEREMIA, Mário; VIVIAN, Ervino. **Santa Felicidade – Curitiba: o início de uma bela história**. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

GHIANDONI, Candido. **Varie Memorie sparse**. An. 1910 – 1916. Manuscrito.

_____. **Memorie del Brasile**. Vol I – An. 1910 – 1915. Manuscrito. 1952.

_____. **Memorie del Brasile**. Vol II – An. 1916 – 1917. Manuscrito. 1952 - 1953.

_____. **Memorie del Brasile**. Vol III – An. 1918. Manuscrito. 1953 - 1955.

_____. **Lezione di catechismo alle bambine fino ai dieci anni**. Manuscrito. s. d.

IBGE. CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA SERVIÇO NACIONAL DE RECEASEAMENTO. ESTADO DO PARANA. SERIE REGIONAL Volume XXVI. RIO DE JANEIRO 1955.

ITÁLIA. **Copia di telegramma in arrivo**. Ministero della Guerra. 23 de agosto de 1918a.

_____. **Religiosi Passionisti per una missione in Rio Janeiro**. Telegramma in Partenza n. 15748. Ministero degli Affari Esteri. 05 de novembro de 1918a.

_____. **Discorso di sua eccellenza Alfonso Camargo Presidente dello Stato del Paraná**. Riservata al Gabinetto di S.E. il Ministro. 25 de abril de 1928.

_____. **Stella della Solidarietà Italiana di 3ª classe**. 1958.

LAR CATÓLICO. **Um grito de angústia devido à escassez de sacerdotes**. 15-4-1956.

LIVRO TOMBO, número II. Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, 1910 a 1966.

MAZZAROTTO, Sílvio. **A cantora do amor**. Coleção Ave Maria. Indústria Gráfica Bentivegna Editora Ltda, 1990.

_____; BASSANI, Alcides David. **Nossos antepassados: necrologia dos religiosos da província do Calvário, de 1921 a 1999**. São Paulo, 2000.

MEZZOMO, Eugenio João. **Relatos do velho Eugenio**. Pronta Grossa/PR: 2016.

MISSIONARI DI SAN CARLO SCALABRINI, 2020. Disponível em: <
<http://www.scalabriniani.org/pt/giovanni-battista-scalabrini-biografia/>>. Acesso em 19 nov. 2020.

NEGRÃO, Osmar Schleder; NEGRÃO, Francisco Schleder. [correspondência]. [s. l.], 18 de janeiro de 1929. Carta.

NEGRÃO, Antonio Schleder. [correspondência]. [s. l.], 17 de novembro de 1930. Carta.

NEGRÃO, Antonio Schleder. [correspondência]. [s. l.], 19 de março de 1931. Carta.

NEGRÃO, Maria Aparecida Schleder. [correspondência]. [s. l.], 25 de dezembro de 1931. Carta.

NEGRÃO, Antonio Schleder. [correspondência]. [s. l.], 28 de maio de 1932. Carta.

NEGRÃO, Antonio Schleder. [correspondência]. [s. l.], 05 de julho de 1932. Carta.

NEGRÃO, Maria Aparecida Schleder. [correspondência]. [s. l.], 15 de março de 1932. Carta.

NEGRÃO, Maria Aparecida Schleder. [correspondência]. [s. l.], 10 de dezembro de 1934. Carta.

NEGRÃO, Maria Aparecida Schleder. [correspondência]. [s. l.], 21 de setembro de 1938. Carta.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia Paranaense**. Curitiba, 1950. vol. 6.

O DIA. **Atos Governamentais**. 19-07-1938.

_____. **O <<Dia>> suburbano**. 27-09-1939.

_____. **Declaração do Vigário de Colombo**. 03-10-1950.

O ESTADO. **Felicitações do interventor do Paraná**. 30-11-1937.

O MOMENTO. **Vida Católica de Vacaria**. Ano VIII, n. 376. Rio Grande do Sul, Caxias, 1940.

O SACERDOTE. **As Associações Pias e o Sacerdote**. Sobral, 1-07-1942.

PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público. Ofício. Livro 2317, 1930a.

_____. Departamento Estadual de Arquivo Público. Ofício. Livro 2311, 1930b.

PASSIONISTAS. **Livro das Crônicas do Convento do Calvário (1911 – 1952)**. Acervo da Paróquia do Calvário, 1911.

_____. **Livro de Hóspedes: 1913 – 1981**. 1913 – 1981.

_____. **Chamada da Pia União das F. de Maria Colombo**. 1918 – 1967.

_____. **Livro 2.** 1922-1954.

_____. [correspondência]. Destinatário: D. Atico Eusèbio da Rocha. São Paulo, 19 de outubro de 1947. Carta.

_____. **Histórico da casa.** Colombo/PR. 1951 – 1987.

_____. **Atas do Primeiro Congresso Missionário Passionista Província do Calvário.** São Paulo: de 22 a 28 de abril de 1953.

_____. **Subsídios para a História da Província do Calvário.** São Paulo: 1983.

_____. **Subsídios para a História da Província São Gabriel da Virgem Dolorosa.** 1991.

_____. **Plano de Formação I.** 1992.

_____. **Horizontes de Pedagogia Passionistas.** 1996.

_____. **Nossa Fundadora,** 2020. Disponível em: <
<https://irmaspassionistas.org.br/nossa-fundadora/>>. Acesso em 19 nov. 2020.

_____. 2020. Disponível em <
https://santamaria.passionista.com.br/userfiles/File/Documentos2013/kit_passionista_provas_de_quinta_feira.pdf>. Acesso em 19 nov. 2020.

PESCIOLINI, Ranieri Venerosi. **Le colonie italiane nel Brasile Meridional.** Torino: Fratelli Bocca, 1914.

SANTA CRUZ, Afonso de. **A Freira do Perdão... (Maria Farani).** 5. ed., Edições Rosário: Curitiba, 1982.

SCALABRINI, João Batista. **A emigração italiana na América.** Porto Alegre: EST Edições, 1979.

SCALABRINIANOS. **Padres ou Religiosos.** [s. d.].

_____. **Relatorio.** 1926.

_____. **Relatorio.** 1936.

_____. **Ricordi e Richiami.** 1957.

TERRAGNI, Giovanni. **P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901.** Corrispondenza e scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016.

TONIOLO. Entrevista concedida aos pesquisadores do Centro de Estudos Vênetos no Paraná, 2019.

VATICANO. **Codice di Diritto Canonico**, 1917

_____. **Costituzione Apostolica *Christus Dominus***, 1953. Disponível em <
https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19530106_christus-dominus.html>. Acesso em: 09/06/2022.

_____. Motu Proprio 'Sacram Communionem', 1957. Disponível em <
<https://www.papalencyclicals.net/pius12/p12fast.htm>>. Acesso em: 09/06/2022.

VOZ DO PARANÁ. **A Cruzada Eucarística na Arquidiocese de Curitiba**. 26 de novembro de 1956.

ANEXOS

ANEXO 1 – PADRE CANDIDO GHIANDONI



Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

ANEXO 2 – TOMAZINA COSTA BONTORIN



Fonte: Vídeo vinculado a página do Facebook “Congregazione Suore Passioniste di San Paolo della Croce”. Acesso em: 7/11/2021.

ANEXO 3 – IRMÃ ANTONIETA FARANI



Fonte: MAZZAROTTO, Silvio. **A cantora do amor**. Coleção Ave Maria. Indústria Gráfica Bentivegna Editora Ltda, 1990.

ANEXO 4 – PRIMEIRAS RELIGIOSAS PASSIONISTAS QUE CHEGARAM AO BRASIL



■ Ir. Boaventura



■ Ir. Águeda



■ Ir. Anunciata

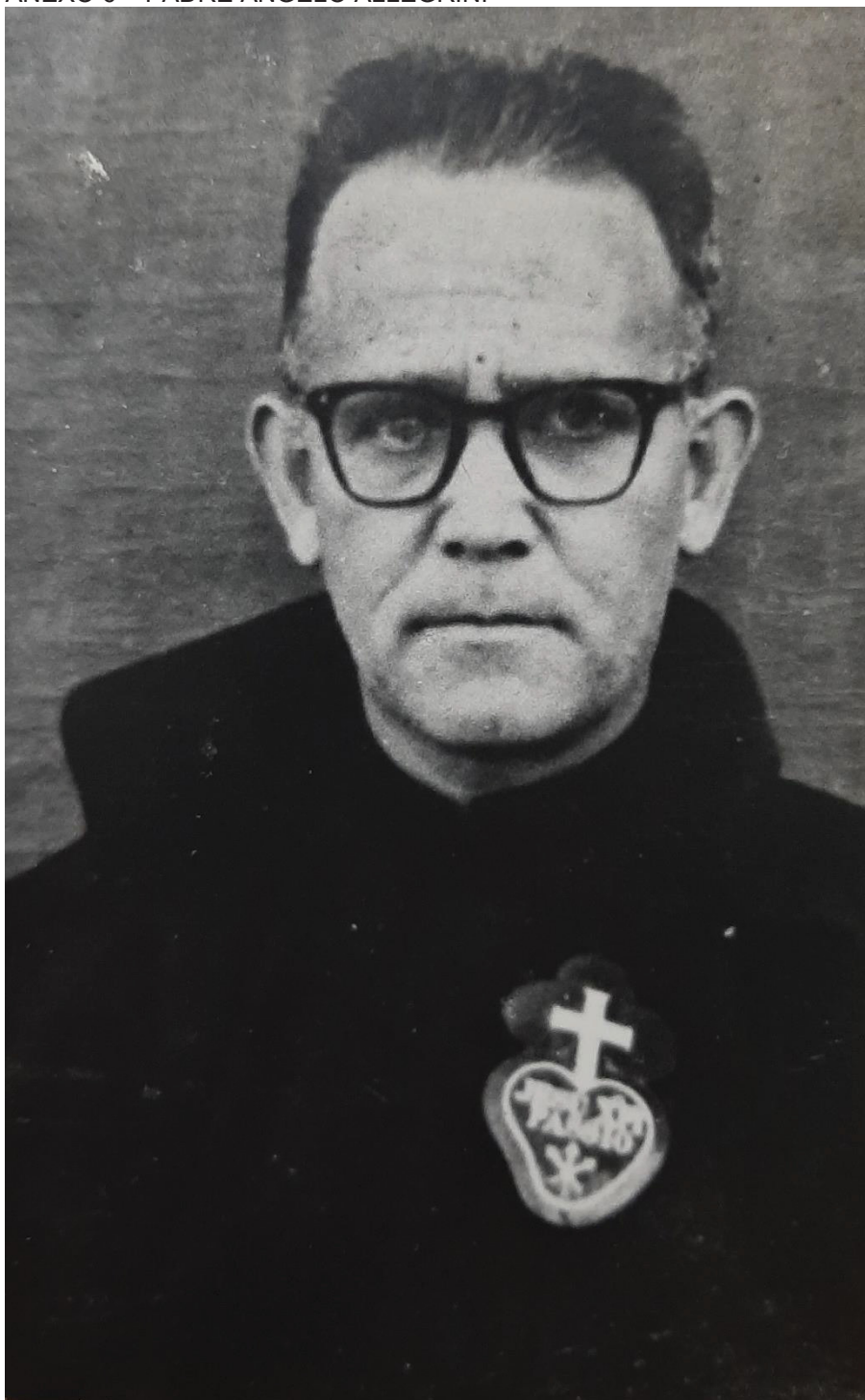
Fonte: Passionistas (2020). Disponível em < https://santamaria.passionista.com.br/userfiles/File/Documentos2013/kit_passionista_provas_de_quinta_feira.pdf>. Acesso em 19 nov. 2020.

ANEXO 5 – PADRE ALBERTO CASAVECCHIA



Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

ANEXO 6 – PADRE ANGELO ALLEGRINI



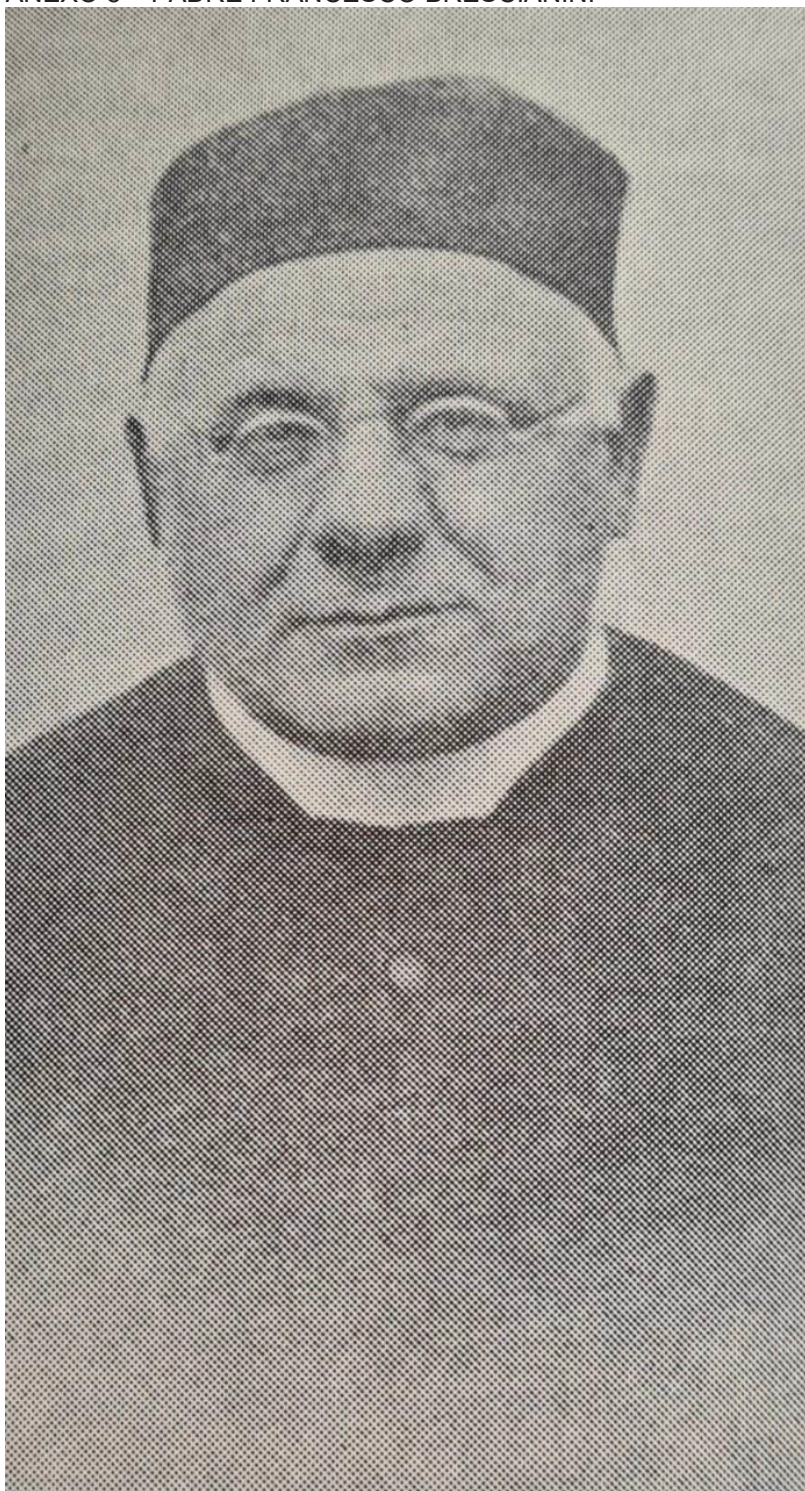
Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

ANEXO 7 – JOÃO BATISTA SCALABRINI



Fonte: Missionari Di San Carlo Scalabrini (2020). Disponível em: < <http://www.scalabriniani.org/pt/giovanni-battista-scalabrini-biografia/>>. Acesso em 19 nov. 2020.

ANEXO 8 – PADRE FRANCESCO BRESCIANINI



Fonte: BRAIDO, Jacir Francisco. **O bairro que chegou num navio**: Santa Felicidade, centenário. Editora Lítero-técnica: Curitiba, 1978.

ANEXO 9 – MADRE CLELIA MERLONI



Fonte: PRATI, Ivo; MELO, Sonia. **Apóstolas do Sagrado Coração**: cem anos de presença no Brasil 1900-2000. IASCJ: Curitiba, 1999.

ANEXO 10 – MARIA MADDALENA FRESCOBALDI



Fonte: Passionistas (2020). Disponível em: < <https://irmaspassionistas.org.br/nossa-fundadora/>>. Acesso em 19 nov. 2020.

ANEXO 11 – PADRE MANOEL SPARAGANA



Fonte: Acervo da Paróquia do Calvário.

ANEXO 12 – PADRE BONATO



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.